

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

**Ana Amélia Gimenez Dias**

**O sagrado no profano: manifestações religiosas e formação de identidade da FEB,  
durante a Segunda Guerra Mundial.**

Um estudo das trajetórias de Frei Orlando (1913-1945) e Monsenhor Francisco Eloi (1915-  
2003).

Juiz de Fora, 2024

**Ana Amélia Gimenez Dias**

**O sagrado no profano: manifestações religiosas e formação de identidade da FEB,  
durante a Segunda Guerra Mundial.**

Um estudo das trajetórias de Frei Orlando (1913-1945) e Monsenhor Francisco Eloi (1915-2003).

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto

Juiz de Fora, 2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Dias, Ana Amélia Gimenez.

O sagrado no profano: manifestações religiosas e formação de identidade da FEB, durante a Segunda Guerra Mundial : Um estudo das trajetórias de Frei Orlando (1913-1945) e Monsenhor Francisco Eloi (1915-2003). / Ana Amélia Gimenez Dias. -- 2024.

226 p.

Orientador: Odilon Caldeira Neto

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2024.

1. Segunda Guerra Mundial. 2. Serviço de Assistência Religiosa. 3. Força Expedicionária Brasileira. I. Caldeira Neto, Odilon , orient. II. Título.

**Ana Amélia Gimenez Dias**

**O sagrado no profano: manifestações religiosas e formação de identidade da FEB,  
durante a Segunda Guerra Mundial.**

Um estudo das trajetórias de Frei Orlando (1913-1945) e Monsenhor Francisco Eloi (1915-2003).

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História.

Aprovada em 08 de fevereiro de 2024

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto- Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Francisco César Alves Ferraz  
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva  
Universidade Federal de Juiz de Fora



Documento assinado eletronicamente por **Odilon Caldeira Neto, Professor(a)**, em 08/02/2024, às 18:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Francisco Cesar Alves Ferraz, Usuário Externo**, em 15/02/2024, às 11:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Francisco Carlos Teixeira da Silva, Usuário Externo**, em 19/02/2024, às 15:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1671537** e o código CRC **FC6E1499**.

*Ao meu querido pai, cujo amor ecoa "Here, There and Everywhere".*

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto, meu orientador, quero expressar minha profunda gratidão. Sua incansável dedicação e orientação comprometida foram fundamentais para a concretização desta pesquisa. Seu apoio constante e visão perspicaz trouxeram à tona novas perspectivas e caminhos. Em momentos de dúvida, suas palavras de sabedoria brilharam como pontos de referência, guiando-me com confiança.

Ao meu pai, Izaguir Dias (*In Memoriam*), cuja influência transcende as barreiras do tempo e espaço. A admiração que aprendi a ter pela História foi forjada em sua companhia. Cada página deste trabalho é uma homenagem a sua memória. Sua presença permanece vívida nas entrelinhas.

Ao meu estimado irmão, Pe. Thomas, meu profundo agradecimento por seu envolvimento ativo e apoio desde o início deste projeto. Compartilhamos horas valiosas nas visitas aos acervos, e suas orientações pacientes foram inestimáveis. Sua dedicação incansável e compromisso com o meu sucesso acadêmico desempenharam um papel fundamental na concretização desta pesquisa.

À minha querida mãe Rosane e minha amada irmã Isabella, por acreditarem em mim e me incentivarem a cada passo. Seu apoio incondicional é o alicerce sobre o qual construí minha jornada acadêmica. Vocês são minha força e inspiração.

Ao meu grande companheiro Vinicius, palavras não são suficientes para descrever a profundidade da gratidão que sinto por seu constante companheirismo. Você trouxe força nos momentos em que eu me senti fraca, e me deu a confiança para seguir adiante.

Aos amigos Lucas, Pedro, Henrique e Thassio, por compartilharem comigo os altos e baixos da jornada acadêmica. Nossas conversas, debates e risadas fizeram essa jornada significativa e memorável. Juntos, enfrentamos desafios e celebramos conquistas.

Aos amigos de sempre, Dieyce e Erik, sou grata por seus constantes incentivos a superar obstáculos.

Ao programa de bolsas de pós-graduação da UFJF e à CAPES, pela oportunidade e suporte financeiro que viabilizaram este estudo.

Ao Prof. Dr. Francisco César Alves Ferraz, agradeço por suas leituras atentas e valiosas contribuições que enriqueceram este trabalho. Seu compartilhamento de ideias e obras foi uma honra.

Ao Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva, meu reconhecimento por seus comentários instigantes durante a qualificação, que expandiram os horizontes da pesquisa.

À Dra. Michele Tavares, pela assistência essencial nos arquivos, que possibilitou o acesso a fontes primárias fundamentais para esta pesquisa.

Ao Instituto Histórico e Geográfico da Cidade de São Tiago-MG/Memorial Santiaguense, representados por Marcus Antônio Santiago e Sra. Maria de Lourdes Rezende (Cairu), por compartilharem acervos preciosos, permitindo-me mergulhar nas raízes históricas da pesquisa.

Por fim, expresso minha profunda gratidão a Deus, cujo constante amparo foi meu refúgio em meio a desafios e vitórias, não apenas nesta jornada, mas em todos os aspectos da vida. Reconheço com humildade que, sem Sua orientação e graça, nada disso teria sido possível.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a construção deste trabalho.

“Quem combateu na FEB certamente se deparou com a cena de um soldado ferido à beira da estrada ou em qualquer outro lugar e, ao seu lado, ajoelhado, dando apoio e socorro, aquele homem fardado, cuja insígnia era uma pequena cruz branca.”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Relato de Joaquim Manoel Xavier Da Silveira está disponível em MOTTA, Aricildes de Moraes. **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, v. 6, 2001a. p. 194

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo aprofundar a compreensão do cotidiano religioso das tropas brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial. Com o ingresso do Brasil no conflito em 1942 e a formação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), o Serviço de Assistência Religiosa (SAR) foi estabelecido em 1944, com a finalidade de oferecer apoio espiritual aos soldados que logo estariam envolvidos no teatro de operações italiano. Nesse contexto, 27 capelães, tanto católicos, quanto protestantes, embarcaram rumo à Europa junto com as tropas brasileiras. Por meio da análise das jornadas individuais de Frei Orlando e Monsenhor Eloi, utilizando a abordagem da micro-história, esta pesquisa busca desvendar as práticas religiosas adotadas pelos soldados brasileiros durante o conflito. Além disso, explora as interações entre o Serviço de Assistência Religiosa e o Exército em diferentes momentos: antes, durante e após a guerra.

**Palavras-chave:** Segunda Guerra Mundial; Serviço de Assistência Religiosa; Força Expedicionária Brasileira.

## ABSTRACT

This research aims to delve into the understanding of the religious daily life among Brazilian troops during World War II. With Brazil's entry into the conflict in 1942 and the establishment of the Brazilian Expeditionary Force (FEB), the Religious Assistance Service (SAR) was formed in 1944, with the purpose of providing spiritual support to soldiers who would soon be engaged in the Italian theatre of operations. In this context, a total of 27 chaplains, both Catholics and Protestants, embarked towards Europe alongside Brazilian troops. By scrutinizing the individual journeys of friar Orlando and Monsignor Eloi, using the micro-history approach, this research aims to unveil the religious practices adopted by Brazilian soldiers during the conflict. Furthermore, it explores the interactions between the Religious Assistance Service and the Army at different junctures: before, during, and after the war.

**Keywords:** World War II; Religious Assistance Service; Brazilian Expeditionary Force.

## SUMÁRIO:

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2 CAPÍTULO 1 - A INTERAÇÃO ENTRE O EXÉRCITO E A IGREJA CATÓLICA NO BRASIL NOS SÉCULOS XIX E XX.</b> .....	22
2.1 A INFLUÊNCIA DA IGREJA CATÓLICA NO BRASIL: UMA BREVE ANÁLISE NA TRANSIÇÃO DO SÉCULO XIX PARA O XX.....	23
<b>2.1.2 A vereda para o Serviço de Assistência Religiosa: a Igreja Católica na esfera política da década de 1930:</b> .....	29
2.2 O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	39
2.3 A CRIAÇÃO DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NO BRASIL DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL .....	51
<b>3 CAPÍTULO 2 - OS CAPELÃES DA FEB</b> .....	54
3.1 FREI ORLANDO E MONSENHOR ELOI: ITINERÁRIOS CRUZADOS.....	54
<b>3.1.1 Frei Orlando: O capelão militar</b> .....	56
<b>3.1.2 Francisco Eloi de Oliveira: o capelão militar</b> .....	62
3.2 ORA ET LABORA: A EXPERIÊNCIA NA CAPELANIA DA FEB.....	67
3.3. A TRAVESSIA DO ATLÂNTICO .....	95
<b>4 CAPÍTULO 3 - CRUZ DE CRISTO CONTRA A CRUZ SUÁSTICA: A ATUAÇÃO DOS CAPELÃES BRASILEIROS NOS COMBATES DO <i>FRONT</i> ITALIANO.</b> .....	114
4.1 A MARCHA PARA O FRONT .....	114
<b>4.1.2 O Natal de 1944</b> .....	125
4.2 INVERNO RIGOROSO, ESTABILIZAÇÃO EM PROGRESSO.....	131
4.3 A TOMADA DE MONTE CASTELO E A MORTE DE FREI ORLANDO: .....	141
<b>4.3.1 Sob o trovão da vitória: A continuidade do conflito após Monte Castelo</b> .....	156
4.4 PARA ALÉM DOS RITUAIS SAGRADOS: DEVOÇÕES INDIVIDUAIS NO <i>FRONT</i> .....	170
4.5 REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA DA FEB .....	182
4.6 O PÓS-GUERRA DE PE. FRANCISCO ELÓI E FREI ORLANDO: NOVAS BATALHAS NOS CAMPOS DA MEMÓRIA:.....	189
<b>4.6.1 A devoção a Frei Orlando:</b> .....	208
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS:</b> .....	216
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:</b> .....	219

## PRÓLOGO

Neste trabalho, à semelhança de muitos historiadores da Segunda Guerra Mundial, entrelaço interesses pessoais e acadêmicos. Como uma criança mineira, nascida na cidade de Ritópolis nos últimos anos do século XX, recordo-me vividamente de um personagem que marcou os meus primeiros anos de vida, ao mesmo tempo em que eu começava a descobrir a mim mesma e ao mundo ao meu redor. Nas tardes de domingo, meu tio bisavô, Geraldo José do Amaral (1921-2004), vinha à minha casa para jogar dominó. Desde muito jovem, absorvi uma miríade de detalhes sobre ele, e entre esses, destacava-se um: aquele senhor de estatura modesta, vestindo uma camisa social abotoada até o topo, havia enfrentado uma guerra. Meu olhar infantil, quase inocente, montava em minha mente um pequeno filme animado, no qual meu tio cavalgava com bravura, como nos contos infantis que tanto me fascinavam, combatendo monstros, dragões e bruxas de chapéus pontiagudos.

Com o passar dos anos e minhas crescentes indagações, o filme animado de um jovem lutando contra dragões evoluiu para uma representação mais realista. Ele havia lutado na Itália, contra os alemães. Essa ideia, embora mais concreta, permanecia tão distante de mim quanto os reinos dos contos de fadas. No momento do falecimento de meu tio, eu tinha apenas 5 anos, mas o sepultamento dele permanece pintado na parede de minha memória com tinta ainda bastante fresca. Recordo-me dos soldados, das bandeiras, das medalhas, e do som da marcha fúnebre da banda do Exército. Quando o caixão, coberto com as bandeiras do Brasil e de Ritópolis, saiu da Matriz de Santa Rita, templo da infância e juventude de meu tio, os seus sinos centenários dobravam em lamento e os acordes da banda do 11º Regimento de Infantaria perguntavam a todos os que lotavam a praça naquela tarde fria: *"Você sabe de onde eu venho?"*<sup>2</sup> Aquele, chamado de herói, prestes a ser sepultado, vinha de Ritópolis e, com maior consciência agora, posso afirmar que vinha de minha própria família.

A guerra na qual ele combatera, embora ainda permanecesse como uma idealização impalpável, gradualmente se materializava durante os poucos anos que compartilhamos. Mesmo sendo criança, consigo recordar vividamente a mudança em seu olhar quando o tema eram os meses que passara na guerra, especialmente quando a morte estava em pauta.

---

<sup>2</sup>Trecho da Canção do Expedicionário. Letra: Guilherme de Almeida Música: Spartaco Rossi, disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/>. Acesso em dezembro de 2021.

À medida que os anos avançavam, o curso de minha vida me conduziu à área da História. Os anos de faculdade trouxeram à tona essas memórias da infância. Minha monografia explorou o período pós-guerra dos ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial de minha cidade natal, levando-me a entrevistar meus primos, filhos de meu falecido tio-bisavô. Um tema recorrente em suas narrativas, bem como em nossas conversas à mesa, durante um café vespertino entre familiares, era a religiosidade. Santa Rita, padroeira de nossa cidade, emergia como a intercessora de meu tio na guerra, como a estrela-guia que o conduziu através dos mares e o trouxe são e salvo para casa. A religiosidade de meu parente soldado era equivalente à de seus familiares que permaneceram no Brasil. As entrevistas deixavam claro que muitas promessas foram feitas e terços rezados, buscando, através da intervenção divina, o retorno seguro do jovem Geraldo, filho, irmão, tio e pretendente ao lar. Estes detalhes, em meus primeiros passos no mundo acadêmico, revelaram-se fundamentais para a jornada que estava apenas começando, cuja culminação é esta dissertação.

Assim, esta pesquisa, além de complementar o panorama de historiadores que, antes de mim, dedicaram tempo e vida ao estudo da Segunda Guerra Mundial, em particular à participação brasileira no conflito, também responde às inquietações que carrego desde a minha infância

Figura 1 - O ex-combatente Geraldo José do Amaral



Fonte: Acervo pessoal da autora. (2022)

## 1 INTRODUÇÃO

“Hoje, primeira sexta-feira do mês, vou fazer uma adoração ao Santíssimo, na Igrejinha do lugar, coitada, toda arreventada pelos bombardeiros. Há quanto tempo não há, ali, adoração”<sup>3</sup>. Estas palavras foram escritas em uma carta pelo Capitão Antônio Alvares da Silva, conhecido como Frei Orlando, o qual, em conjunto com outros sacerdotes, tanto da fé católica, quanto protestante, prestou serviços à Força Expedicionária Brasileira (FEB), nas batalhas travadas na Itália durante a Segunda Guerra Mundial.

Este registro é apenas um, em meio à miríade de documentos oficiais, cartas trocadas e relatos repletos de emoções que servem como fontes fundamentais na crítica e construção de conhecimento histórico relacionado à Segunda Guerra Mundial. Trata-se de um pequeno retrato de um capelão, que, em meio à destruição desencadeada pela guerra, buscava cumprir seus compromissos sacerdotais. Era dia 2 de fevereiro de 1945. Essa data, comparada às mais famosas desse conflito global, é quase insignificante. A ação do padre, contudo, descortina alguns detalhes que a perpassam.

A igreja, cuja estrutura fora abalada pela guerra, pode ser comparada à Itália que recebeu os combatentes brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial, ou ainda aos próprios soldados. A igrejinha, em sua exterioridade, era a guerra fazendo-se visível diante dos olhos de quem a contemplasse. Suas paredes eram o reflexo do cotidiano de todos aqueles que direta, ou indiretamente, foram afetados pela Segunda Guerra Mundial. A figura do padre, que entra em uma capela destruída, em um país distante do seu, para manter a adoração ao Santíssimo Sacramento (forma de oração na qual os fiéis católicos adoram a presença de Jesus na hóstia

---

<sup>3</sup>A carta destinada à família do capelão pode ser encontrada, na íntegra, em: PALHARES, Gentil. **Frei Orlando o capelão que não voltou**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1982, p. 181-183. A respeito do ritual descrito na carta, em uma visão mística, uma monja francesa Visitandina de nome Margarida Maria de Alacoque (1647-1690) teria recebido de Jesus uma revelação na forma de um pedido: que nas primeiras sextas-feiras de cada mês se realizasse adoração eucarística em memória de sua paixão e morte. O estado de Minas Gerais, principalmente, a partir do século XIX foi palco de inúmeras missões dos padres lazaristas, também franceses, que propagaram por essas terras essa devoção oriunda de sua pátria. A ação de Frei Orlando, mesmo em um ambiente anômalo, demonstra que os valores religiosos aprendidos na sua infância e formação foram levados para o serviço de capelania. Tanto é, que quis repetir naquele altar destruído pela guerra os atos religiosos que outrora presenciou nas bucólicas igrejas mineiras, espalhadas pelos locais onde viveu e atuou como sacerdote. Fica aparente que, para o sacerdote mineiro na Itália, não importava se o ato religioso se realizou sob as pinceladas e as talhas dos mestres do barroco ou se estes se concretizaram em uma igrejinha entalhada pelas granadas: o ato religioso, basta-se por si só. Detalhes da vida, e da tradição originada por Margarida de Alacoque disponíveis em: <https://www.vaticannews.va/pt/santo-do-dia/10/16/s--margarida-maria-alacoque--virgem--da-ordem-da-visitacao.html>. Acesso em 03 de janeiro de 2022.

consagrada. Ou seja, uma manifestação pública daquilo que os católicos acreditam: na missa, a hóstia se transforma na própria carne de Cristo), é uma boa efígie para a temática central dessa pesquisa.

Esta dissertação possui como cerne a análise comparativa das trajetórias de dois capelães que atuaram na frente italiana, lado a lado com os combatentes brasileiros, entre 1944 e 1945. Estes capelães são Frei Orlando e Monsenhor Francisco Eloi. Vinculados pelo Serviço de Assistência Religiosa (SAR), suas experiências lançam luz sobre o trajeto histórico dos capelães militares brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial, proporcionando bases sólidas para a compreensão da rotina enfrentada por estes sacerdotes que atuaram como mediadores entre o tumulto diário e a espiritualidade dos soldados, constituindo um elo entre o sagrado e o profano. O entendimento desse cotidiano religioso figura como um dos principais objetivos desta pesquisa. A problemática a ser desenvolvida neste estudo também visa adentrar nas intrincadas interações entre a Igreja e o Exército. Por meio de uma análise das trajetórias destes dois capelães em destaque, a investigação pretende jogar luz sobre a maneira pela qual a fé e a espiritualidade entrelaçaram-se à vida castrense.

Uma vez delineados os objetivos primordiais desta pesquisa, a importância das trajetórias individuais dos capelães emerge com clareza. Nesse sentido, fica perceptível que esta escrita caminha sobre a vereda da micro-história, e opera nos domínios das escalas micro e macro, como propõe Jacques Revel. Partindo de uma análise em escala reduzida - a trajetória de dois capelães da Força Expedicionária Brasileira (FEB) - a pesquisa almeja compreender um fenômeno mais amplo: o cotidiano religioso da FEB no *front* italiano. Este direcionamento levanta uma pergunta relevante: Por que Frei Orlando e Monsenhor Francisco Eloi foram escolhidos dentre os 27 capelães que integraram a FEB na Segunda Guerra Mundial?

As justificativas para essa escolha são diversas: cresci em uma cidade situada entre São João Del Rei, MG, onde Frei Orlando atuou como sacerdote, e São Tiago, MG, terra natal de Monsenhor Francisco Eloi. Consequentemente, esses nomes sempre permearam minha infância, mesmo que inicialmente como vultos em minha imaginação. Logo, com o passar dos anos, estes vultos passaram a ter rostos, e pude, finalmente, entender o que estes homens haviam feito para que seus nomes fossem tão conhecidos, mesmo que em minha pequena cidade do interior mineiro.

Frei Orlando é, por muitas vezes, lembrado como o “capelão que não voltou”. Seu nome está presente em várias cidades do país, nas nomenclaturas de praças e ruas. Dentro do Exército,

a figura de Frei Orlando também é emblemática, pois desde 1946, de forma permanente, ele é o patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército. Em 13 de fevereiro, data de seu nascimento, é celebrado o dia do Serviço de Assistência Religiosa do Exército (SAREx). Seu nome estampou, por mais de uma vez, a capa e algumas matérias da Revista Verde-Oliva, na qual pode-se encontrar trechos como: “O insigne Antonio Alvares da Silva, Frei Orlando, que morreu pela Pátria e por Deus no campo de batalha italiano durante a 2ª Grande Guerra, nasceu para a eternidade e teve seu nome imortalizado como Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército.”<sup>4</sup> Além disso, sua biografia, escrita por Gentil Palhares, intitulada *Frei Orlando: O capelão que não voltou*, abarca um total de 204 páginas que narram sua jornada, dando enfoque principal ao tema deste estudo: sua atuação durante a guerra. Isto posto, fica perceptível que Frei Orlando é um dos principais nomes da FEB, e pode ser considerado como o mais proeminente capelão do Serviço de Assistência Religiosa do Exército. Diante disso, sua trajetória foi escolhida na investigação das manifestações religiosas nas tropas brasileiras nos meses do *front*, na Itália.

No tocante a Monsenhor Francisco Eloi de Oliveira, sua figura é considerada uma das personalidades mais marcantes em sua cidade natal. Nesse contexto, o Memorial da cidade de São Tiago, aliado ao Instituto Histórico e Geográfico local, zela por um acervo notável referente à sua persona e memória. Entre os elementos desse acervo destacam-se as correspondências que iluminam a vida do Monsenhor, como capelão e como pároco, bem como sua certidão da FEB e suas condecorações militares.

Destaca-se, ainda, o próprio Monsenhor como o construtor de um lugar de memória extraoficial da Segunda Guerra Mundial. Nomeado como "Santuário Deus e Pátria", e também conhecido como "Igreja do Senhor dos Montes", esta capela reverbera entre os habitantes de São Tiago. Em suas paredes externas existem detalhes referentes à Segunda Guerra Mundial, e ao SAR. Suas paredes internas são marcadas artisticamente, pela mão de um ex-combatente, no que se diz respeito a trechos relacionados à religiosidade e à bíblia. O local se encaixa perfeitamente nesta pesquisa, uma vez que suas paredes revelam a forma própria de seu

---

<sup>4</sup> A Revista Verde-Oliva é um produto de mídia impressa do Centro de Comunicação Social do Exército (CCOMSEx). Caracteriza-se como uma revista cultural e informativa, que mantém, pela publicação de notícias e artigos, o público em geral informado sobre a atuação do Exército Brasileiro (EB) e de suas organizações militares (OM) nas várias atividades inerentes à Instituição, particularmente nas áreas social, comemorativa, assistência social, esportiva e organizacional.” Texto referente ao histórico da revista está disponível em: <https://www.eb.mil.br/web/noticias-e-multimedia/revista-verde-oliva/historico>. Acesso em setembro de 2022. A edição comemorativa ao centenário do nascimento de Frei Orlando está disponível em: <https://en.calameo.com/exercito-brasileiro/read/00123820698cc1f7e0848>. Acesso em setembro de 2021.

executor compreender a história não só da guerra, como do Brasil em geral e do papel exercido pela capelania. É a transposição para a pintura, da memória de guerra deste capelão. Ademais, o legado de Monsenhor Francisco Eloi, à semelhança de Frei Orlando, foi explorado em uma obra biográfica. A imersão no acervo referente ao Monsenhor Eloi, somada à experiência de visitar o "Santuário Deus e Pátria", reforçou a escolha substancial para analisar sua trajetória no âmbito desta pesquisa.

Nesse contexto, é importante destacar o uso da metodologia de micro-história. A opção por essa abordagem historiográfica decorre das diversas orientações emergentes da análise voltada para o micro. Por exemplo, ela permite a compreensão do emaranhado de redes sociais e representações veiculadas entre os sujeitos.

O método micro-histórico, central, não apenas para esta pesquisa, mas para inúmeras obras historiográficas ao redor do mundo, surgiu na Itália, na década de 1970, como uma resposta ao método de escrita historiográfica que, continuamente, buscava pelos sistemas e pelas estabilidades em detrimento das mudanças. Este método chamando Estruturalista mantinha-se forte desde o final da Segunda Guerra Mundial, principalmente dentro da Escola dos Annales.<sup>5</sup> Os historiadores que seguiam o método estruturalista, voltavam-se essencialmente, à média e à longa duração, defendendo a ideia de que a curta duração, mais superficial e efêmera deveria ser do interesse de jornalistas, não de historiadores. Este afastamento da chamada curta-duração tirava, do campo de visão dos historiadores, por exemplo, a trajetória de um indivíduo. O que a vida de uma pessoa ordinária poderia acrescentar em uma escrita que buscava as grandes estruturas? Seria a vida de um comerciante importante na análise dos trâmites comerciais ao redor do mediterrâneo através dos séculos? No método estruturalista, a resposta é negativa, e assim, “a possibilidade de um conhecimento científico da singularidade continuava excluída”.<sup>6</sup>

É nesse contexto que a micro-história entra em cena, com o principal objetivo trazer ao palco da disciplina personagens e objetos que o paradigma estruturalista, por sua vez, havia

---

<sup>5</sup> A Escola dos Annales surgiu como uma reação à historiografia positivista do século XIX. O enfoque principal de seus fundadores, Marc Bloch e Lucien Febvre, em 1929, foi o combate à história tradicional, política, focada nos grandes homens e seus feitos. A principal herança dessa Escola para a historiografia não apenas francesa, mas também de vários países, tendo a vista a grande proporção que a influência desta escola tomou, foi a ideia de uma história menos focada nas ações individuais, tomando como ideais norteadores a noção de história-problema, e a reivindicação de uma história-total. A revista dos Annales logo se tornou um modelo exemplar, exercendo forte influência sobre os historiadores franceses, e de demais países. SCHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. *Anos 90*, v. 4, n. 6, p. 165-192, 1996, p. 169.

<sup>6</sup> GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. *In: O fio e os rastros; verdadeiro, falso e fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.253.

deixado nos bastidores. Nesta nova abordagem metodológica, a história social poderia ser realizada através de um nome, por exemplo, como fora trazido por Carlo Ginzburg e Carlo Poni em *O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico* (1979), seja este nome próprio de um indivíduo ou de um grupo destes. A seleção do elemento individual dentro de um contexto social para análise não se apresenta como uma contradição. Em vez disso, Revel argumenta que um indivíduo tem a capacidade de oferecer uma perspectiva singular do contexto no qual estava imerso. Portanto, ao examinarmos um único indivíduo, conseguimos captar com clareza a intrincada teia de relações, a multiplicidade de espaços e tempos nos quais essa pessoa está inserida.<sup>7</sup>

Isso posto, através da análise da trajetória de dois capelães, busca-se mais do que a história de vida desses homens. Na escala reduzida, são dois padres, soldados brasileiros no teatro de operações do mediterrâneo. Todavia, na escala ampliada, seus caminhos e escolhas descortinam aspectos que os transcendem, como as relações entre o Exército e a Igreja, a trajetória do Serviço de Assistência Religiosa dentro do Exército, antes e depois da guerra, tradições inventadas<sup>8</sup>, como o culto a Frei Orlando, o grau de religiosidade dos soldados brasileiros e suas práticas religiosas no *front*.

Essa pesquisa se materializa através da investigação e da análise a partir de fontes diversificadas, tais como de obras biográficas e autobiográficas de capelães da FEB, cartas enviadas por estes sacerdotes e seus relatórios de atividade de campanha, os quais contêm, detalhadamente, os números de celebrações, e de sacramentos religiosos ofertados, desde confissões, até as comunhões distribuídas. Estes documentos revelam o esforço, não apenas dos sacerdotes, como também dos próprios soldados de manterem suas práticas religiosas vivas, mesmo em um cenário tão infausto. Além desses documentos elaborados pelos próprios capelães, os aspectos religiosos que permearam a vivência no campo de batalha também são relatados em diversas ocasiões pelos veteranos brasileiros da Segunda Guerra. Esses pormenores são encontrados em registros de memórias, entrevistas, diários e cartas pessoais, embebidos de suas experiências no *front*.

Os questionamentos que permeiam este trabalho e aos quais busco responder nestas páginas são os seguintes: Como ocorreu a integração dos capelães militares que serviram na FEB? Quais foram suas rotinas e funções preponderantes, bem como os desafios que

---

<sup>7</sup> REVEL, Jaques. História ao rés-do-chão. In: LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista do Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. (1989), p. 17

<sup>8</sup> A respeito da Invenção de tradições, ver: HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (org). **A Invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

enfrentaram? Houve a manifestação de um cotidiano religioso entre as tropas brasileiras? Em resumo, como se entrelaçam os domínios do sagrado e do profano em um contexto tão complexo quanto o da Segunda Guerra Mundial?

No primeiro capítulo desta dissertação existe um diálogo com as obras historiográficas que deslindam a respeito das relações traçadas entre o Exército e Igreja desde os últimos anos do Brasil Imperial, até a Segunda Guerra Mundial. Este recorte é pertinente pois o período em questão fora marcado por inúmeras questões dentro da tríade Estado, Igreja e Exército, que foram fundamentais para que, na década de 1940, Frei Orlando e Monsenhor Francisco Eloi partissem com a Força Expedicionária Brasileira (FEB) para o *front* no teatro de operações do Mediterrâneo. Alguns pontos centrais deste recorte historiográfico são a Guerra do Paraguai, contexto em que, antes da declaração de guerra ao Eixo, soldados e sacerdotes marcharam juntos em um confronto armado; a Proclamação da República, que gerou o processo de laicização do Exército, e, finalmente, o contexto político do Estado Novo, que, somado à conjuntura internacional, levou o Brasil não apenas a declarar guerra ao Eixo, mas também a enviar tropas para lutarem na guerra que ceifou a vida de milhões. Além disso, será discutido o processo de reconstituição do Serviço de Assistência Religiosa dentro do Exército, que mantinha características laicais desde o fim do Império, o qual se deu em meio ao cenário da Segunda Guerra Mundial.

O que podem as trajetórias de dois capelães da Força Expedicionária Brasileira revelar no estudo do cotidiano religioso das tropas brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial? O segundo capítulo empreende a busca por respostas a essa indagação central. Inicialmente, introduzir-se-ão os dois protagonistas desta pesquisa: Frei Orlando e Monsenhor Eloi. Suas biografias, escritas por Gentil Palhares e Marcus Antônio Santiago, servirão como fios condutores que lançam luz sobre a interligação destes dois clérigos não somente com a FEB e o SAR, mas também com o próprio Exército. Adicionalmente, essa investigação analisará os relatórios desses capelães. Isso se dá com o intuito de compreender o processo de reestruturação do SAR e a inserção destes sacerdotes à FEB, abordando sua nomeação, treinamento e adaptação. Esses aspectos, além de proporcionarem detalhes sobre a atuação desses sacerdotes, lançam luz nas interações estabelecidas entre o Exército e a Igreja durante a Segunda Guerra Mundial.

O terceiro capítulo, para uma análise mais abrangente e aprofundada, se concentra nos detalhes da atuação direta dos capelães durante a campanha brasileira na Itália. Nesse contexto,

serão explorados suas principais obrigações e sua atuação, bem como as limitações e desafios que enfrentaram ao cumprir suas responsabilidades. Paralelamente, será realizado um balanço geral da atuação do SAR durante a Segunda Guerra Mundial, investigando suas ramificações dentro do Exército no período pós-guerra. No cenário subsequente ao desfecho da Segunda Guerra Mundial, a pesquisa também se debruçará sobre as formas pelas quais Monsenhor Francisco Eloi de Oliveira teve sua vida marcada pela sua atuação como capelão da FEB, uma vez em sua terra natal. Além disso, haverá uma exploração da evolução do culto da memória e da reverência em torno do capelão Frei Orlando nos campos da memória. Isso permitirá uma compreensão mais completa a respeito de como suas atuações, enquanto sacerdotes-soldados, ecoaram ao longo do tempo.

## 2 CAPÍTULO 1 - A INTERAÇÃO ENTRE O EXÉRCITO E A IGREJA CATÓLICA NO BRASIL NOS SÉCULOS XIX E XX.

Quando vos achegardes à guerra, o sacerdote se adiantará, e falará ao povo, e dir-lhe-á: Ouvi, ó Israel, hoje, vos achegais à peleja contra os vossos inimigos; que não desfaleça o vosso coração; não tenhais medo, não tremais, nem vos aterrorizeis diante deles, pois o Senhor, vosso Deus, é quem vai convosco a pelejar por vós contra os vossos inimigos, para vos salvar.<sup>9</sup>

Entre a fé e o medo, a dualidade divina e a violência da guerra parecem, à primeira vista, contraditórios. No entanto, uma análise mais aprofundada revela uma conexão intrincada entre esses conceitos aparentemente antagônicos. Os rastros de fé podem ser encontrados em meio às batalhas mais antigas. Desde os tempos remotos do Oriente Médio, quando peregrinações atravessavam desertos durante o êxodo por volta de 1300 a.C., até as batalhas enfrentadas por Constantino entre 439 e 450 d.C., a religião se fez presente em cada confronto. Os homens clamavam por seu Deus na luta contra inimigos implacáveis, buscando orientação e proteção divina no cenário de caos e destruição.<sup>10</sup>

No contexto da religiosidade judaico-cristã, que engloba a partilha de alguns livros sagrados, existem inúmeros trechos que expressam uma relação ou intersecção entre a noção de divindades, ou entidades sobrenaturais, e o ato de guerrear, como no trecho a seguir: “Um barulho nas montanhas, semelhante ao rumor de uma grande multidão; alvoroço de reinos, de nações reunidas: O senhor dos exércitos passa em revista o seu exército para o combate”<sup>11</sup>. A denominação de Deus como “O Senhor dos Exércitos”, ou *Sabaoth*, pode ser encontrada nos primeiros livros da bíblia cristã, denominados de Antigo Testamento, e na *Torah*, que possui as principais escrituras religiosas judaicas. Nesse sentido, pode-se afirmar que o Deus dos judeus, que na concepção cristã foi manifestado plenamente em Jesus, é dotado também da alcunha de “Senhor da guerra”. Contudo, a despeito das relações entre o divino e a guerra no antigo testamento da bíblia cristã, o cristianismo primitivo era dotado de uma concepção pacifista, a

<sup>9</sup> Livro Bíblico de Deuteronômio 20:2-4.

<sup>10</sup>A respeito de Constantino: “[...] cada vez que devia afrontar a guerra, costumava levar consigo uma tenda disposta e modo de capela, para quando viessem a encontrar-se em lugares solitários, nem ele, nem o seu exército fossem privados de um lugar sagrado onde pudessem louvar ao Senhor, rezar em comum e celebrar ritos sagrados. [...] Desde aquela época, cada uma das Legiões Romanas tinha a sua tenda-capela, assim como os seus sacerdotes e diáconos adstritos ao serviço sagrado”. MACEDO, Josué Campos. **Capelania evangélica militar no Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: [s.n], 1994, p.54.

<sup>11</sup>Livro Bíblico de Isaías, 13:4.

qual foi alterada durante o medievo, possibilitando a existência de guerras consideradas “guerras justas”.<sup>12</sup> Nesse panorama, o sistema simbólico relacionado à fé cristã formou a figura de um mediador entre o Sagrado e o profano, entre os soldados em um campo de batalha e o Senhor: o capelão militar<sup>13</sup>. Sabendo que a atividade bélica perpassa o campo político, sendo também um fenômeno cultural, de modo semelhante à religião, a interseção entre os conflitos bélicos e as crenças religiosas são muito comuns.<sup>14</sup>

## 2.1 A INFLUÊNCIA DA IGREJA CATÓLICA NO BRASIL: UMA BREVE ANÁLISE NA TRANSIÇÃO DO SÉCULO XIX PARA O XX

No que diz respeito ao Brasil, a presença marcante da religiosidade, através de um sacerdote, é verificável em variados contextos históricos. Um exemplo deste acompanhamento religioso é datado do século XVII, período marcado pelas Bandeiras paulistas. A companhia ministerial de um sacerdote configurava um dos pré-requisitos para uma expedição que rumava ao sertão. Já no século XVIII, um Aviso Régio, datado de 1741, descreve a presença de padres dentre os soldados de uma expedição militar.<sup>15</sup>

Na busca de uma compreensão mais detalhada a respeito do Serviço de Assistência Religiosa na Segunda Guerra Mundial, faz-se necessário, neste primeiro capítulo, a realização de uma breve abordagem a respeito do histórico de relações traçadas, no período compreendido

<sup>12</sup>A perspectiva de uma justificativa teológica para guerrear pode ser notada sob a ótica tomista. Santo Tomás de Aquino, teórico e teólogo do Catolicismo, em sua *Suma Teológica*, ao abordar a temática da guerra, explica que a legitimação para o conflito dependeria de três condições: (1) A guerra legítima deve partir da autoridade de um chefe, pois “Não pertence a uma pessoa privada mover a guerra” 2) A guerra deve partir de uma causa justa, ou seja: “que os atacados mereçam sê-lo por alguma culpa” e (3) Quando a intenção dos beligerantes é a promoção do bem e a evitação do mal. “Os verdadeiros adoradores de Deus consideram justas também as guerras feitas, não por cobiça, ou crueldade, mas por desejo de paz, para que os maus sejam reprimidos e os bons socorridos.” AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. p. 1999. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>. Acesso em maio de 2022.

<sup>13</sup>O termo “capelão” remete ao século IV. Um soldado romano, Martin of Tours (São Martinho de Tours) teria partido a sua capa militar e dado a metade a um mendigo que ele havia encontrado em meio ao frio. Naquela noite, Martin teria tido uma visão mística de que o mendigo seria, na verdade, Jesus Cristo. Após converter-se ao cristianismo, Martin tornou-se um devoto dessa religião. Após a sua morte, Martin foi canonizado. Os reis francos alegadamente teriam carregado a capa de São Martin (em latim, Cappa) para as batalhas, como uma relíquia sagrada. O sacerdote encarregado da capa era chamado de “cappellanus”, e, por fim, os sacerdotes que serviam às forças militares foram chamados de “cappellani”. A vida de St. Martin de Tours pode ser encontrada na Enciclopédia Católica *online* disponível em: [https://www.catholic.org/saints/saint.php?saint\\_id=81](https://www.catholic.org/saints/saint.php?saint_id=81) Acesso em junho de 2022. Para maiores informações, ver: BOYCE, Geoff. Models of Chaplaincy: Traditional, Professional, Surrogate, Multifaith. *Journal of the Tertiary Campus Ministry Association*, v. 2, n. 2, p. 38-46, 2005.

<sup>14</sup>OLIVEIRA FILHO, Sergio Willian de Castro. Entre a cruz e a esquadra: Os capelães da Armada Imperial Brasileira na Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai. *Faces de Clio*, v. 7, n. 14, p. 160-188, 2021. p. 161

<sup>15</sup>PIOVEZAN, Adriane. A Assistência Religiosa na Guerra: O serviço de capelania militar no Brasil. Anais do IV Simpósio do GT História das Religiões e das Religiosidades da Associação Nacional de História Regional. *Religiões, religiosidades e patrimônio cultural*. Joinville, 2015a, p. 3.

entre as décadas finais do Brasil Imperial e a Segunda Guerra Mundial, entre o Estado, o Exército brasileiro - grupo social que, através das Forças Armadas concentra, em suas mãos, o poder das armas, cuja função específica, por excelência, é a administração e a violência,<sup>16</sup> e a Igreja Católica, instituição central da fé no país.

No Brasil, o regime político de caráter absolutista instaurado por Portugal em 1824, adotou o catolicismo como religião oficial, o que, a rigor, tornava a Igreja Católica uma instituição subordinada ao Estado.<sup>17</sup> Nesse panorama, a Igreja e o Estado formavam uma aliança desde o período colonial,<sup>18</sup> e a oficialidade da religiosidade católica acabava por ressoar em outras instituições, e uma destas foi o Exército que, desde sua gênese, mostrava-se como um efetivo seguimento da matriz portuguesa. Em relação ao Serviço de Assistência Religiosa, Alfredo Sganzerla afirma que: “Se em todos os empreendimentos de Portugal havia a presença de um padre, necessariamente nas forças armadas o capelão militar devia acompanhar e fazer parte do comando”.<sup>19</sup> Nesse sentido, as instituições militares no Brasil contavam com um corpo eclesiástico próprio, além de manter, em seu cotidiano, ritos e cerimônias do catolicismo apostólico romano entre seus oficiais, como ressalta Frank McCann:

O Exército, como o Império, era oficialmente católico. Todo dia, na reunião das nove da noite, os soldados rezavam o terço e a litania de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. As missas eram obrigatórias aos domingos e dias santos. As necessidades espirituais dos soldados ficavam aos cuidados de um corpo eclesiástico de aproximadamente 50 padres.<sup>20</sup>

Apesar deste já conhecido quadro de suporte religioso em tramas militares, o processo de institucionalização do Serviço de Assistência Religiosa, e de regulamentação das atividades dos Capelães Militares é mais tardio, tendo ocorrido através do Decreto nº 747, de dezembro de 1850 que possibilitou a criação da Repartição Eclesiástica do Exército, a mando do governo

---

<sup>16</sup>MANCUSO, Amanda Pinheiro. A História Militar: notas sobre o desenvolvimento do campo e a contribuição da História Cultural. *Revista História em Reflexão*: Vol. 2 n. 4- UFGD, 2009, p. 2.

<sup>17</sup>PIOVEZAN, Adriane. **Morrer na guerra: instituições, ritos e devoções do Brasil (1944-1967)**. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014a, p. 51.

<sup>18</sup>HOORNAERT, Eduardo. **A Igreja no Brasil-Colônia (1550-1800)**. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 12.

<sup>19</sup>SGANZELA, Alfredo. **A história do Frei Mariano de Bagnaia: o missionário do pantanal**. Campo Grande: FUCMT, 1992, p. 12

<sup>20</sup>MCCANN, Frank D. **Soldados da pátria: História do Exército Brasileiro (1889-1937)**. Biblioteca do Exército: Rio de Janeiro, 2009, p. 42

Imperial.<sup>21</sup> Este decreto não apenas oficializava a função de capelão militar, como também especificava suas obrigações:

São considerados como verdadeiros Parochos dos Corpos em que servem, e seus deveres principaes são: dizer Missa ás Tropas, confessa-las, dirigi-las em todos os actos religiosos, bem como nos principios da boa moral, convencendo-as sobretudo com o seu exemplo; acudir com os soccorros da Religião aos enfermos e moribundos, encommendar, e acompanhar os mortos a seus jazigos, sem que por taes actos rceebão estipendio algum.<sup>22</sup>

A institucionalização do Serviço de Assistência Religiosa viabilizou o envio de um corpo de capelães durante a Guerra do Paraguai (1864-1870)<sup>23</sup>. De acordo com Maria Dourado, a presença da assistência religiosa nos campos de batalha era prevista e tornou-se, com o desenrolar da guerra, fundamental para o bom andamento e para a disciplina dos soldados, uma vez que era notável um intenso predomínio da cultura religiosa entre os combatentes brasileiros, fossem estes oficiais ou praças.<sup>24</sup>

A prestação de serviços religiosos na guerra que marcou as últimas décadas do Brasil Imperial, denominada a Guerra do Paraguai, ou ainda a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), pode ser encontrada nas memórias de alguns combatentes, como o General Dionísio Cerqueira na obra *Reminiscências da Guerra do Paraguai*. O autor tece alguns comentários a respeito de rituais religiosos, como também faz menção à atuação de alguns capelães que acompanharam os soldados durante os meses de batalhas. O número desses sacerdotes era pequeno, e esse grupo era basicamente composto por frades franciscanos e dominicanos, dos quais alguns eram de origem italiana. Dionísio Cerqueira aponta:

Se os corpos dos soldados feridos corriam grandes riscos, não ficavam as suas almas, crentes e religiosas, livres dos temores das eternas penas. Os cirurgiões, ignorantes e sem alma, tinham seus *homólogos*, nos capelães militares. No meio dos abnegados sacerdotes que se chamaram Fidelis, Salvador, Serafim e outros, verdadeiros discípulos de Cristo, pela caridade evangélica, pela bondade sem limites e pelo valor, que dá a fé profunda, apareciam alguns,

<sup>21</sup>PIOVEZAN, 2015a, *Op. Cit.*, p. 4. Tal fato foi disposto no Decreto nº 747, de dezembro de 1850. DECRETO n. 747, de 24 de dezembro de 1850. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-747-24-dezembro-1850-560178-publicacaooriginal-82804-pe.html>. Acesso em M=20 de maio de 2022

<sup>22</sup>Decreto nº 747 de 1850, *Op. Cit.*

<sup>23</sup>Para maiores informações a respeito da Guerra da Tríplice Aliança, ver: Cf. DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; RODRIGUES, Fernando da Silva; PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes (Orgs.). **Uma tragédia americana: a Guerra do Paraguai sob novos olhares**. Curitiba: Editora Prismas, 2015

<sup>24</sup>DOURADO, Maria Teresa Garritano. **A história esquecida da Guerra do Paraguai: fome, doenças e penalidades**. Campo Grande: Editora UFMS, 2014. p. 252, 264

felizmente poucos, representando o que a humanidade pode produzir de mais abjeto.<sup>25</sup>

Esta passagem explicita que, entre os capelães, havia alguns que, na percepção de Dionísio Cerqueira, se destacavam por sua bondade e valor, sendo comparados aos discípulos de Cristo. No entanto, também havia alguns poucos capelães que eram considerados abjetos, ou seja, desprezíveis e repugnantes. Essa crítica pode estar relacionada à ideia de que alguns religiosos, apesar de se apresentarem como representantes da fé, podem agir de forma hipócrita e mesquinha, em contraste com aqueles que verdadeiramente praticam a caridade e a bondade, como no trecho a seguir:

Havia um, não lhe direi o nome porque todo o exército o conheceu e dele se lembra com desgosto, que, se era chamado alta noite para dar a extrema unção a um pobre filho do sertão, cheio de amor ao seu Deus e de fé na outra vida; em vez de palavras amigas de conforto para a derradeira viagem, lançava possesso e iracundo maldições como esta: *Vai para as profundas dos infernos. Estava dormindo tão bem e este diabo agora é que se lembrou de morrer.* Esse padre, desumano e cheio de vícios, morreu depois da guerra no posto de capitão ou major, deixando memória execrada. Os soldados, rudes camaradas, sempre rodeados de perigos, passavam a vida aspérrima, sorrindo e cantando, cheios de ardor nos combates, e de fé, no seu Deus de amor e de infinita misericórdia.<sup>26</sup>

Dionísio Cerqueira ao voltar-se para a figura dos capelães militares durante a Guerra do Paraguai, os categoriza como uma maioria de capelães exemplares, e uma minoria destes como desvirtuada. Todavia, é válido ressaltar, tal categorização obscurece muitas nuances e individualidades presentes neste grupo.

Para além de Dionísio Cerqueira, Visconde de Taunay, ao escrever sobre as ordens, relatórios e detalhes do cotidiano na guerra contra o país vizinho, também expõe aspectos relevantes sobre a religiosidade dos soldados. O autor menciona que toda a Divisão participava das missas, as quais eram fundamentais para a organização das tropas. Para Taunay, as missas eram como penitências, já que, apesar de estarem exaustos e famintos, os soldados ainda respeitavam a liturgia.<sup>27</sup> A persistência desses rituais católicos em meio à guerra reflete a capacidade dos soldados de se adaptarem às adversidades externas, ou talvez a necessidade

<sup>25</sup>Grifo do autor. CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1980 p. 237.

<sup>26</sup>Grifo do autor. CERQUEIRA, *Op. Cit.*, p. 237.

<sup>27</sup>PIOVEZAN, 2015a, *Op. Cit.*, p. 5.

disso para equilibrar considerações morais, éticas e religiosas, mantendo assim uma prática religiosa constante.

No alto da coxilha do “Potreiro Pires” construiu-se, por ordem superior, uma capelinha coberta de colmo e paredes de taipa de sebe. Todos os domingos ia à missa a divisão inteira. Era digno de ver o grandioso espetáculo daquela infantaria, formada em colunas contíguas, ajoelhar no campo, de cabeça descoberta, as armas em adoração e batendo no peito, quando o sacerdote levanta a hóstia e todas as cornetas tocavam em marcha batida e todas as músicas o hino nacional e todas as bandeiras se abatiam até o chão. A ordem da divisão era para a missa às nove horas.<sup>28</sup>

Além destas narrativas de manifestações religiosas nos campos de batalha, existem alguns relatos que apontam uma relativa inadequação dos sacerdotes ao ambiente anômalo da guerra, como, por exemplo, a tentativa de persistência de regras seculares da Igreja tais como a não ingestão de carne à sexta-feira, mesmo entre os doentes, como sinal de respeito à Paixão de Cristo.<sup>29</sup>

Ao final da Guerra do Paraguai houve uma tentativa de organização da função do capelão militar, que resultou, por fim, na criação do Corpo Eclesiástico do Exército em junho de 1874. “Assim, a assistência religiosa foi ampliada e estabeleceu-se uma nova regulamentação em aperfeiçoamento àquela que anteriormente oferecera sua contribuição”<sup>30</sup> Esta nova organização surgiu nos anos finais do Brasil Imperial. Esse período fora marcado por uma intensa pregação positivista na conspiração republicana. Contudo, esta pregação não fora capaz de abalar os laços tecidos entre a instituição militar, e a religiosa.

Esse contexto sofreu uma mudança significativa quando Deodoro da Fonseca e outros oficiais decretaram a queda do governo Imperial, inaugurando a República através de um golpe de estado que refletia interesses específicos de uma minoria engajada nas ideias republicanas que circulavam no mundo. Com a promulgação da Primeira Constituição Republicana, o Estado e a Igreja foram separados, o que contrastava com a estreita relação que estes mantinham no Brasil Colonial e Imperial. Ademais, o alvorecer da República também representou a ruptura repentina das relações que eram tecidas entre o Exército e a Igreja. O Corpo Eclesiástico do Exército, recentemente instituído, foi extinto, e, com ele, também se foram os rituais religiosos, como as missas, distribuições de sacramentos e o respeito aos feriados e dias santos. Conforme

<sup>28</sup>CERQUEIRA, *Op. Cit.*, p. 181,182.

<sup>29</sup>DOURADO, 2010, *Op. Cit.*, p.181

<sup>30</sup>ALMEIDA, Marcelo Coelho. **A religião na caserna: o papel do capelão militar**. Dissertação de Mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2006. p.23.

Adriane Piovezan, em nenhuma outra instituição a disputa entre o laico e o religioso no Brasil adquiriu uma natureza tão tensa e contraditória quanto no âmbito militar durante os primeiros anos do período republicano (1889-1930).<sup>31</sup>

O que ocorreu no Exército indicava o projeto da corrente Positivista para a recém-instalada República, de promoção da laicidade. Entretanto, no Exército, esse processo ocorreu de maneira radical e imediata.<sup>32</sup> Apesar disso, muitos se opuseram ao processo de laicização das Forças Armadas. Nas palavras de Fábio Carvalho Leite, “O país não deixara de ser, por conta da Proclamação da República, uma nação esmagadoramente católica.”<sup>33</sup> Nesse sentido, fortes correntes políticas, tanto internas quanto externas ao Exército, continuaram a se esforçar para reverter essa situação. Dois exemplos ilustram essa questão de maneira marcante. Internamente no Exército, desde ao menos 1917, um grupo de oficiais defendia e promovia ativamente a restauração do elemento católico na instituição militar.<sup>34</sup> De acordo com Adam Kowalik, os sacerdotes eram ocasionalmente convocados para fornecer diversos tipos de auxílio religioso. Em conflitos de grande magnitude em que o Exército estava envolvido, os sacerdotes eram vistos trajando uniformes em hospitais militares, durante movimentações e até mesmo nas trincheiras, prestando assistência concreta. Isso se tornou evidente durante eventos como a Revolução de 1930 e o movimento constitucionalista de 1932. A reaparição dos sacerdotes nos quartéis teve uma origem indireta ligada à atuação da Conferência Vicentina na Escola Militar do Realengo. Isso se deve ao fato de que os cadetes que frequentavam a igreja local e estabeleciam conexões com a Escola Militar, mais tarde se tornaram os fundadores da União Católica dos Militares.<sup>35</sup> Além disso, por parte da Igreja e seu braço político-partidário, a Liga

<sup>31</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.51.

<sup>32</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p. 52.

<sup>33</sup>A este respeito, Fábio Carvalho Leite analisa as alterações promovidas pelo Congresso Constituinte em projeto apresentado pelo governo provisório, especialmente em relação à temática religiosa. Todas as modificações realizadas foram de caráter supressivo, ou seja, visavam eliminar dispositivos que pudessem prejudicar a Igreja Católica. Foram rejeitadas propostas que tratavam da inelegibilidade dos padres, do restabelecimento das leis de mão-morta, da expulsão dos jesuítas, da proibição de conventos, da obrigatoriedade do casamento civil e da negação do direito de voto para religiosos com voto de obediência. De acordo com o autor, essas mudanças evidenciam uma clara divergência entre o governo provisório e o Congresso Constituinte, principalmente em relação às questões que afetavam a Igreja Católica, todas elas rejeitadas na Constituição, exceto pela abolição do juramento religioso, que foi mantida. No entanto, é importante salientar que a Constituinte não buscou privilegiar a religião católica em detrimento das demais. Todas as propostas nesse sentido foram igualmente rejeitadas. Isso posto, a Constituição de 1891 estabeleceu algumas características em relação à religião. Ela proibia estados e União de instituir, financiar ou interferir no exercício de cultos religiosos. Garantia a liberdade religiosa para todos, permitindo que pudessem exercer livremente seus cultos, associar-se para esse fim e adquirir bens, desde que em conformidade com a legislação vigente. LEITE, Fábio Carvalho. O Laicismo e outros exageros sobre a Primeira República no Brasil. **Religião & Sociedade**, v. 31, p. 32-60, 2011, p. 33.

<sup>34</sup>MCCANN, 2009, *Op. Cit.*, p. 267.

<sup>35</sup>KOWALIK, Adam. Assistência religiosa nas forças armadas do Brasil. Disponível em <http://adamkowalik.tripod.com/id30.html>. Acesso em junho de 2023.

Eleitoral Católica, existia a proposta de reconstituir o corpo de capelães militares, a qual foi apresentada à Assembleia Nacional Constituinte de 1934<sup>36</sup>.

### **2.1.2 A vereda para o Serviço de Assistência Religiosa: a Igreja Católica na esfera política da década de 1930:**

É digno de apontamento o acompanhamento da administração eclesiástica à evolução político-administrativa do Estado Brasileiro. Pouco mais de cinquenta anos separam a extinção do Corpo Eclesiástico do Exército da restituição do Serviço de Assistência Religiosa do Exército (SAREx), durante a Segunda Guerra Mundial. Para compreender o que tornou possível a restituição do SAR, e o retorno de sinais religiosos na caserna, é necessário levar em consideração o contexto político da década de 1930, marcada pela presidência de Getúlio Vargas durante a Segunda Guerra Mundial, cujo governo foi responsável pela declaração de guerra ao Eixo, pela formação e envio da Força Expedicionária, e, conseqüentemente, pelo envio de um grupo de capelães ao *front* italiano, como será tratado posteriormente.<sup>37</sup>

Entre a Revolução de outubro de 1930 e o Golpe de novembro de 1937 é possível perceber as estratégias tomadas pela Igreja na tentativa de recuperação de sua posição perdida com os ideais republicanos.<sup>38</sup> Se a separação do Estado e da Igreja foi responsável pela supressão de privilégios do corpo eclesiástico, era fundamental para a reestruturação do aparelho religioso, levando em consideração a perspectiva eleitoral, o restabelecimento das relações com a opinião pública e setores amplos da sociedade, uma vez que, no regime republicano, mais do que já fora visto até então no Brasil, a opinião pública era um elemento ativo na arena política.

À vista disso, Dom Leme, nome importante na Igreja no período em questão, no que relaciona-se à questão eleitoral, dispensou a ideia do estabelecimento de uma instância político-eleitoral de cunho católico, focando-se sobretudo em uma instituição suprapartidária, a Liga Eleitoral Católica (LEC) cujo objetivo principal era “assegurar aos candidatos dos diferentes partidos a sua aprovação pela Igreja e, portanto, o voto dos fiéis, mediante a aceitação, por parte dos mesmos candidatos, dos princípios sociais católicos e do compromisso de defendê-los na

---

<sup>36</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.53.

<sup>37</sup>DINIZ, Eli. **Engenharia institucional e políticas públicas: dos conselhos técnicos às câmaras setoriais. In Repensando o estado novo.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 21.

<sup>38</sup>A respeito do Estado Novo, ver: PANDOLFI, Dulce Chaves. **Repensando o Estado Novo.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

Assembleia Constituinte”<sup>39</sup> A estratégia católica surtiu efeito, uma vez que nas eleições de 1933, a Assembleia Constituinte foi composta, em sua maioria, por candidatos recomendados pela LEC. Por conseguinte, a Carta Magna de 1934 trouxe uma ampla vitória da posição católica.<sup>40</sup>

O ano de 1934 foi marcado por uma nova Constituição que, além de eleger o então chefe provisório de governo, Getúlio Vargas, presidente da República,<sup>41</sup> foi também responsável por um novo pacto de colaboração entre a Igreja Católica e o Estado. Deste modo, na chamada Era Vargas, é possível notar uma substantiva aproximação entre o Estado e a Igreja Católica, o que acarretou à segunda “uma margem de vantagens nunca vistas em relação aos oponentes da supremacia católica”.<sup>42</sup> Assim, a partir de 1934, a Igreja foi capaz de se rearticular ao nível do Estado atuando em duas frentes: no poder, graças às suas vitórias políticas, e nas classes mais baixas da sociedade brasileira, através da mobilização popular<sup>43</sup>. Em meio a essa conjuntura, o governo Vargas passou a sentir o impacto e a força da Igreja na sociedade brasileira, o que acarretou a composição de sutis laços de aliança entre estas duas instituições.<sup>44</sup>

Além da aplicação de estratégias no âmbito político, a Igreja buscava adotar práticas religiosas populares, tomadas anteriormente como manifestações de ignorância religiosa. Tal ação foi influenciada pelo crescimento do espiritismo e do protestantismo no Brasil.<sup>45</sup> Além disso, a década de 1930 foi marcada por eventos religiosos que exerceram influência significativa no cenário político do Brasil. Um exemplo emblemático foi a proclamação de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil pelo Papa Pio XI, o que desencadeou uma mobilização em massa. Nesse período, também ocorreu a solene consagração do Brasil à Senhora Aparecida, com a participação do presidente, além do processo de inauguração do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro. A majestosa e imponente estátua do Cristo, com seus braços abertos, erguida no ponto mais alto da Capital Federal.<sup>46</sup>

<sup>39</sup>DE MENDONÇA, Carlos Vinícius Costa, et al. Luz, escuridão e penumbra: o Governo Vargas e a Igreja Católica. *Dimensões*, 2011. p 281.

<sup>40</sup>DE CASTILHO, Maria Augusta. História, identidade e memória local. *Albuquerque: revista de história*, v. 1, n. 1, p. 77-104, 2009. p. 81

<sup>41</sup>PANDOLFI, *Op. Cit.*, p. 09

<sup>42</sup>ISAIA, Artur C. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 150.

<sup>43</sup>DE MENDONÇA, *Op. Cit.*, p. 281-282.

<sup>44</sup>LUSTOSA, Oscar Figueiredo. A Igreja e o Integralismos no Brasil 1931-1939 (notas e indicações). *Revista de História*, v. 54, n. 108, p. 503-532, 1976. p. 506.

<sup>45</sup>DE CASTILHO, *Op. Cit.*, p.82.

<sup>46</sup>DE MENDONÇA, *Op. Cit.*, p 280.

À vista disso, um outro fator foi de extrema relevância na esfera em que a Igreja atuava no Estado Novo: o anticomunismo. De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta, O anticomunismo não pode ser simplificado como um bloco uniforme, pois engloba uma variedade de grupos políticos e projetos distintos, unidos essencialmente pela rejeição ao comunismo. Em resumo, a análise do autor ressalta que essa dinâmica é caracterizada pela convergência de várias manifestações de anticomunismo em direção a um inimigo comum.<sup>47</sup> Apesar da amplitude da temática do anticomunismo, sua análise aprofundada ultrapassa os limites desta pesquisa. Posto isso, o estudo abordará sucintamente como o anticomunismo influenciou a postura adotada pela Igreja Católica na arena política durante a década de 1930.<sup>48</sup>

Desde a Revolução Russa em 1917, passando pela aparição da Virgem de Fátima no mesmo ano,<sup>49</sup> e ainda pelos conflitos religiosos no México que ocorreram entre 1926 e 1936, a Igreja Católica se constituiu como a instituição não-estatal que mais se empenhou no combate aos comunistas ao longo do século XX. Segundo Sá Motta “Para as lideranças católicas o comunismo era um desafio à sobrevivência da religião ao qual só podiam responder com luta”<sup>50</sup>. O autor ainda pontua que a questão central dos responsáveis católicos no combate ao comunismo era o fato de que “a filosofia comunista se opunha aos postulados básicos do catolicismo: negava a existência de Deus e professava o materialismo ateu; propunha a luta de classes violenta em oposição ao amor e à caridade cristãs”.<sup>51</sup> Sá Motta explica que o ano de

<sup>47</sup>MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. 2000. 315 f. 2000. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História) –Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 32

<sup>48</sup>Para maiores informações, ver: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil, 1917-1964**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História) –Universidade de São Paulo, São Paulo; FERREIRA, Jorge Luiz. **Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)**. São Paulo, 1996 (Tese de Doutorado, USP). ALVES, Márcio Moreira. **Igreja e política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979; BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III, 4 vol. São Paulo: Difel, 1984. pp. 271-341 GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Editora FGV, 2020;

<sup>49</sup>13 de maio de 1917, Fátima, Portugal. A data marca uma aparição mariana para três jovens pastores, Lúcia, Jacinta e Francisco, e representa também um dos principais episódios católicos no século XX. O fenômeno religioso teria ocorrido durante vários meses do ano de 1917, tendo seu último episódio em outubro deste mesmo ano. De acordo com Magno Francisco de Jesus Santos, os anos 1930 foram marcados pela difusão da devoção à virgem de Fátima em vários locais do globo. As aparições de Fátima, segundo o autor, logo assumiram um papel de oposição à União Soviética, no plano não apenas geográfico, mas também no ideológico. O episódio logo assumiu a configuração de uma resistência ao comunismo, atuando, onde lhe era possível, como uma tentativa de desestabilização do regime soviético. Essas características anticomunistas relacionadas à aparição mariana não ficaram circunscritas apenas em solo europeu, como também chegaram ao Brasil, estando presentes em vários discursos da década de 30 do século XX. SANTOS, Magno Francisco. Entre raios de fogo e giros de sol: Videntes de aparições Marianas e os escritos de mensagens anticomunistas (Brasil e Portugal). **Revista Cultura & Religião**, v. 11, n. 2, p. 150-171, 2017, p. 153, 154.

<sup>50</sup>MOTTA, 2000, Op. Cit., p. 36.

<sup>51</sup>MOTTA, 2000, Op. Cit., p. 38.

1935 foi marcado por uma onda anticomunista, e que estabeleceu-se, no país, uma percepção maniqueísta, em um clima de guerra entre a Igreja e os comunistas, entre Roma e Moscou.<sup>52</sup>

O combate ao comunismo seria mais um elo entre a Igreja e o Governo de Getúlio Vargas, já que existiam laços sólidos entre as correntes do nacionalismo autoritário e os anticomunistas. Nesse contexto, as políticas adotadas pelo regime do Estado Novo para conter o comunismo foram bastante robustas. Iniciou-se então uma vigorosa campanha de promoção de valores patrióticos e veneração a símbolos, datas e heróis nacionais, em uma nítida intenção de esvaziamento do discurso e práticas do campo comunista e das esquerdas, em geral.<sup>53</sup> Logo, Getúlio Vargas, e a Igreja Católica, embora defendessem ideais algumas vezes antagônicos, foram confluentes no combate à penetração comunista:

Em verdade, dada sua existencial ambiguidade, não foi custoso ao Getúlio admitir/aderir ao simbolismo do discurso religioso católico. Pelo contrário, posto que a retórica da Igreja lhe conferia, frente ao comunismo, posição e movimento favoráveis no imaginário social e político do período<sup>54</sup>

Assim, a figura de Getúlio adotava caracteres ambíguos, de um lado, sua “formação positivista, pertencente à linhagem de Júlio de Castilhos e de Borges de Medeiros”<sup>55</sup>, do outro lado, sua postura que acabou por elevar a Igreja a uma instituição com considerável relevância no que se dizia respeito ao poder no início dos anos 1930:

Faltando-lhe apenas afinal o título de religião oficial, pois sem dúvida passou a ser a religião oficiosa, em um regime de concordata informal. O camaleônico político, ao lado de outros tantos papéis que representou, assumiu a *persona*, senão do católico devoto, que realmente jamais pretendeu ser, a de benfeitor da religião da maioria dos brasileiros.<sup>56</sup>

A implantação do Estado Novo através de um golpe em 1937 acarretou a eliminação das emendas católicas conquistadas nos anos anteriores. Arthur Isaia explica que “embora a Constituição outorgada em 1937 anulasse as conquistas católicas alcançadas em 1934, o Estado Novo tendeu a manter e aumentar os favores governamentais à Igreja, baseando-se em um ‘pacto moral’ garantido pela amizade entre o Cardeal Leme e Vargas”.<sup>57</sup> Estas breves análises

---

<sup>52</sup>MOTTA, 2000, *Op. Cit.*, p. 40.

<sup>53</sup>MOTTA, 2000, *Op. Cit.*, p. 58.

<sup>54</sup>DE MENDONÇA, *Op. Cit.*, p.288-289.

<sup>55</sup>DE MENDONÇA, *Op. Cit.*, p. 284

<sup>56</sup>DE MENDONÇA, *Op. Cit.*, p.284

<sup>57</sup>ISAIA, *Op. Cit.*, p. 151.

revelam que entre avanços e recuos, a Igreja aos poucos recuperou parcela da influência perdida com a Proclamação da República.

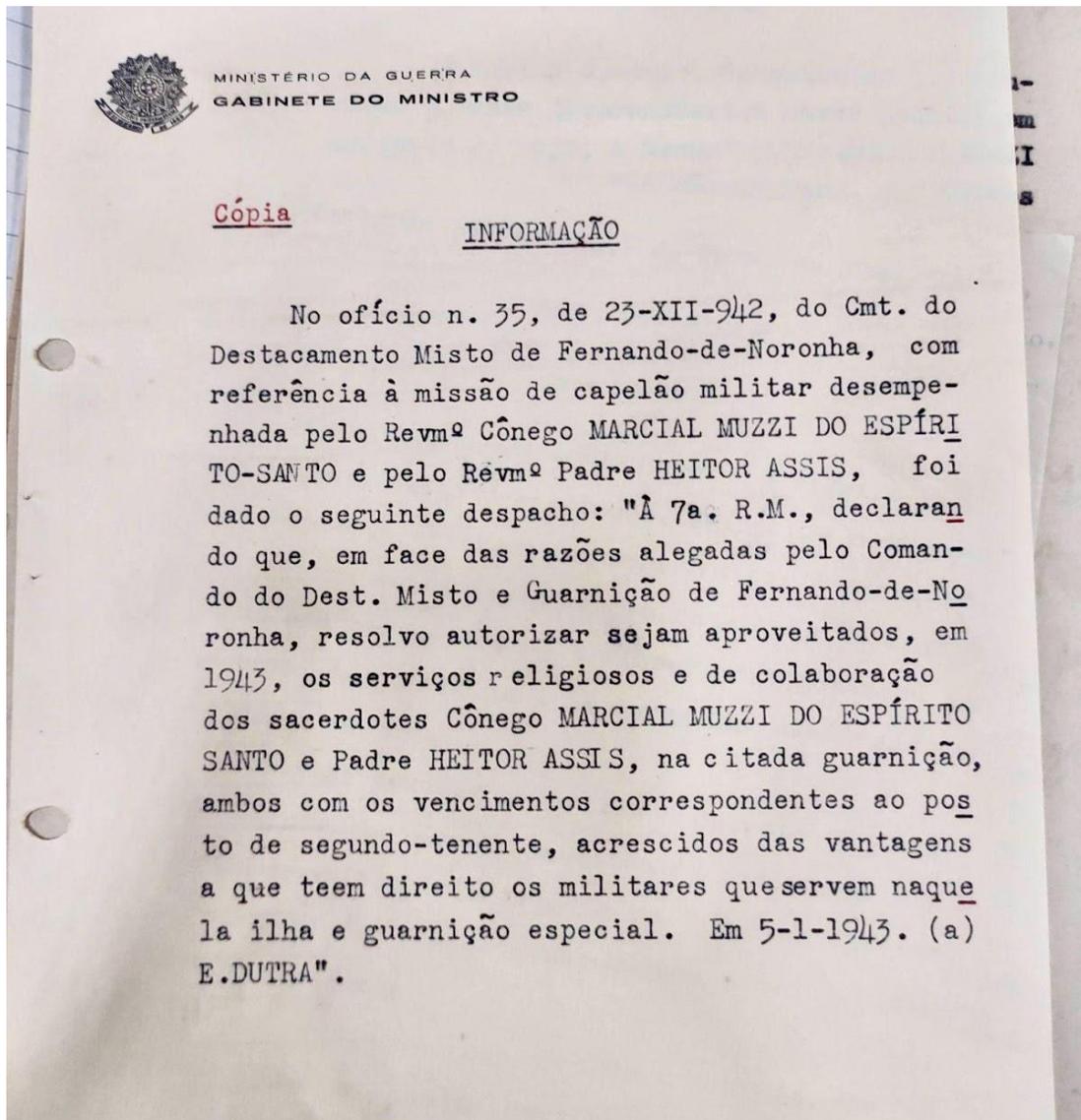
Entre a implantação do projeto de laicização da Proclamação da República, e o estreitamento de laços entre o Estado e a Igreja na década de 1930, a exclusão de um corpo oficial de capelães dentro das instalações das Forças Armadas, permaneceu intocada. Sabendo que o Brasil era um país majoritariamente católico (mais de 90% da população)<sup>58</sup>, essa situação tentou ser revertida, tanto no cenário civil, quanto no militar. Nesse sentido, em algumas guarnições do país, alguns capelães militares continuaram atuando de modo informal. Em uma visita ao Arquivo Histórico do Exército, no Rio de Janeiro, deparei-me com alguns documentos destes sacerdotes que atuavam como capelães irregulares antes da recriação do SAREx, através Decreto-Lei nº 6.535, de 26 de maio de 1944. Suas fichas estavam inadequadamente incluídas na Pasta intitulada “Capelães que foram com a FEB”. Todavia, este equívoco foi bem aceito, pois tais fichas lançam luz sobre a presença informal de elementos religiosos no Exército, instituição que possuía um compromisso institucional de laicização. Isso posto, trago, a seguir, um ofício encontrado em uma pasta intitulada “Padre Heitor Assis (Capelão Militar) Fernando de Noronha”<sup>59</sup> datado de janeiro de 1943:

---

<sup>58</sup>Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 1º de setembro de 1940. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br> Acesso em 15 de setembro de 2021.

<sup>59</sup>Ficha intitulada “Padre Heitor Assis (Capelão Militar) Fernando de Noronha” Pasta nº1 da Pasta intitulada: “AHEx DIU.História, Capelães que foram c/ a FEB. 632-7032 P-27. I-22. 6992.”, do Arquivo Histórico do Exército. Visitado em 17 de outubro de 2022.

Figura 2- Autorização dos Serviços religiosos dos capelães Marcial Muzzi do Espírito Santo e Pe. Heitor Assis



Fonte: Arquivo Histórico do Exército, AHEx.<sup>60</sup>

Este documento indica que, a despeito da laicização do Exército que se manteve até o início da Segunda Guerra Mundial, existiam algumas exceções, como a prestação de serviços religiosos dos sacerdotes Cônego Marcial Muzzi do Espírito Santo e Padre Heitor de Assis, em 1943 na Ilha de Fernando de Noronha. Além deste ofício, um outro documento datado do mês de maio do mesmo ano descortina detalhes acerca da presença informal de religiosos na caserna.

<sup>60</sup>Este ofício pode ser encontrado na Ficha "Padre Heitor Assis (Capelão Militar) Fernando de Noronha" *Op. Cit.*

Destinado ao Ministro da Guerra, o ofício carrega muitas críticas ao capelão militar Pe. Heitor de Assis por parte do General Ângelo Mendes de Moraes, comandante do Destacamento de Fernando de Noronha. De acordo com o Gal. Moraes, o Pe. Heitor de Assis teria partido para a cidade de São João Del Rei (MG) para visitar a família, mas não teria regressado ou dado alguma notícia. Além disso, alguns trechos destas correspondências demonstram ausência de uma vivência harmoniosa entre Pe. Heitor e o major honorário Capelão Marcial Muzzi, o que levou o comandante a pedir a dispensa de Pe. Heitor, enquanto sugere um novo nome para o posto, o Pe. Carlos Barros Barreto:

Figura 3 - Pedido de dispensa do Pe. Heitor Assis

*Atenciosamente*

23 MAIO 1943  
Protocolo Reservado

MINISTÉRIO DA GUERRA  
7.ª REGIÃO MILITAR  
DESTACAMENTO MIXTO DE F. DE NORONHA.

Ofício da Secção  
N. 57

RESERVADO

Em 23.V.1943

De General Comandante do Destacamento Mixto de F. de Noronha  
Ao Exm. Sr. General de Divisão Ministro da Guerra

Assunto:  
Referencia:  
Anexo:

I - Comunico à Vossência que o Padre HEITOR DE ASSIS, Capitão honorário e capelão deste Destacamento, em 8 de Abril obteve permissão para ir à Minas (S. João del Rey) em visita a sua família, não regressando até a presente data e nem feito comunicação alguma, embora soubesse não poder ultrapassar de trinta dias.

II - Sucede também que o referido padre não se faz recomendar muito por sua atividade, por suas maneiras e nem vive de boa harmonia com o major honorário Capelão MARCIAL MUZZI, razão por que venho solicitar a Vossência dignar-se de dispensar o padre HEITOR DE ASSIS do cargo que ocupa e para o qual não demonstra pendor e nem dedicação, propondo em sua substituição o padre CARLOS BARROS BARRETO, vigário da Matriz S. José, em Recife, nome ilustre, prelado de grandes qualidades morais e intelectuais e que já esteve aqui, substituindo, justamente, o padre Heitor, em sua ausência.

*Ângelo Mendes de Moraes*  
General de Brigada ANGELO MENDES DE MORAES  
Comandante do Dest. Mx. de F. Noronha

Gen. A. M. M.  
Maj. R. F. T.

*nos despachar. Guardar  
di ordem do Sr. Ministro.*

*Em 2.11.43*

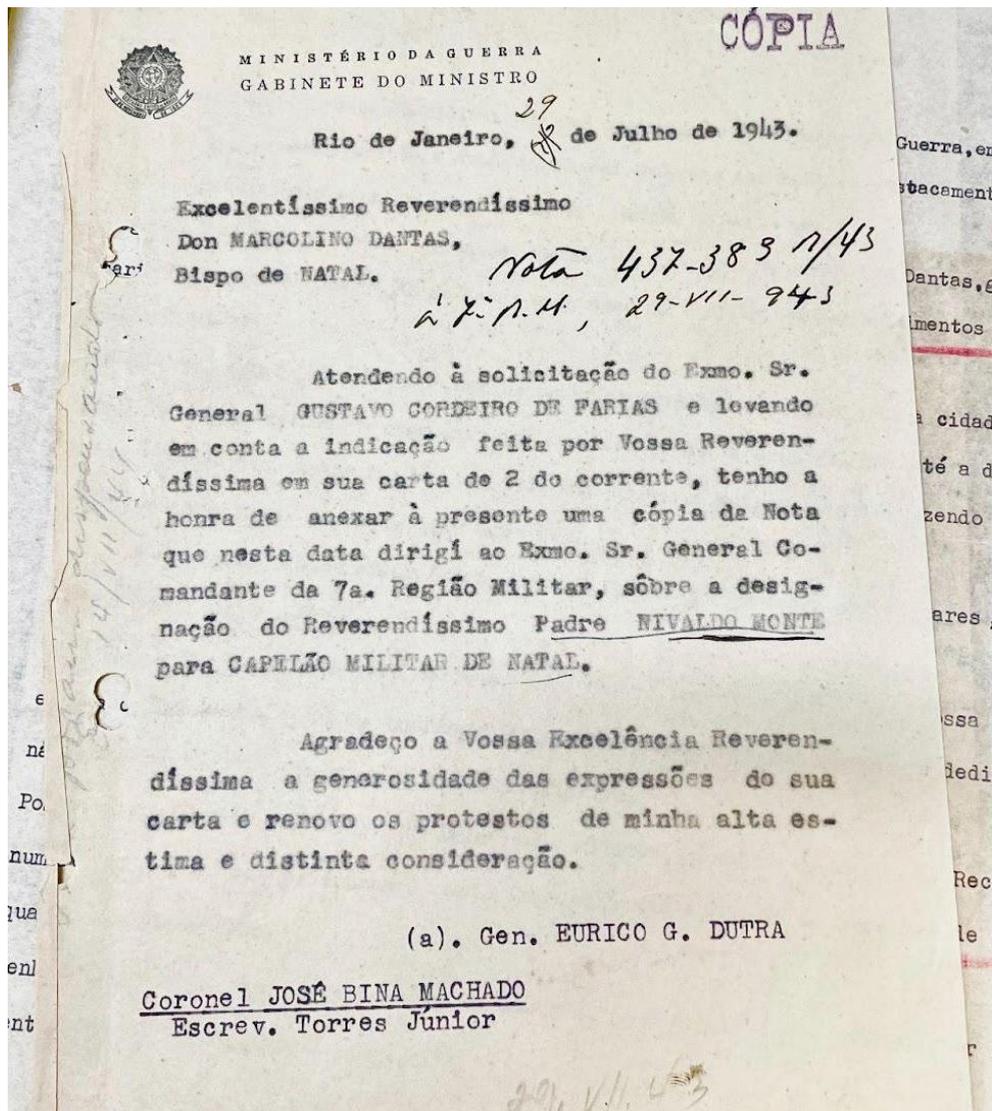
Fonte: Arquivo Histórico do Exército, AHEx.<sup>61</sup>

<sup>61</sup>Este documento pode ser encontrado na Ficha “Padre Heitor Assis (Capelão Militar) Fernando de Noronha” *Op. Cit.*

Através destes officios foi possível perceber que, apesar do caráter irregular e extraoficial, o Serviço de Capelania não era prestado às escondidas e sem conhecimento das instâncias superiores, visto que o comandante do destacamento de Fernando Noronha solicitara ao Ministro da Guerra a substituição de um dos capelães. Ou seja, o documento indica que uma das maiores autoridades do governo Vargas estava ciente da prestação de serviços religiosos que, oficialmente, eram irregulares. Também é possível argumentar que estes sacerdotes eram remunerados como Oficiais, por seus serviços, como será demonstrado a seguir.

Uma outra ficha, intitulada “Padre Nivaldo Monte (Capelão Militar), Natal” também apresenta detalhes a respeito deste tópico. Pe. Nivaldo foi nomeado Capelão Militar de Natal em julho de 1943, o que torna o seu oficialato também informal, conforme o seguinte documento:

Figura 4 - Designação do Pe. Nivaldo Monte como Capelão de Natal



Fonte: Arquivo Histórico do Exército, AHEx.<sup>62</sup>

Na ficha de Pe. Nivaldo, ainda se encontra uma carta do mesmo de sua autoria, endereçada ao Cel. Bina Machado em 1945. O conteúdo da carta diz respeito ao atraso dos vencimentos do capelão militar, e o sacerdote ainda menciona que possuía, em seu poder, uma Carteira de Identidade Militar, e que este permaneceu no serviço de capelania até 13 de setembro de 1944.<sup>63</sup> Em uma outra carta, datada de 27 de dezembro de 1943, endereçada ao

<sup>62</sup>Este documento pode ser encontrado na Ficha “Padre Nivaldo Monte (Capelão Militar), Natal”, Pasta nº1 da Pasta intitulada: “AHEx DIU.História, Capelães que foram c/ a FEB. 632-7032 P-27. I-22. 6992.”, do Arquivo Histórico do Exército. Visitado em 17 de outubro de 2022.

<sup>63</sup>Carta endereçada ao Céu. Bina Machado datada de 22 de março de 1945, disponível na Ficha “Padre Nivaldo Monte (Capelão Militar), Natal”, *Op. Cit.*

mesmo coronel, escrita pelo Bispo de Natal, Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas fica perceptível o grau de proximidade entre o remetente e o destinatário e alguns trechos chamam atenção:

Meu caro amigo, agora, outro assunto: o nosso capelão Militar vai trabalhando bem, graças a Deus. No começo, encontra certas dificuldades, não é para admirar, estamos no início da grande campanha do SERVIÇO RELIGIOSO no nosso glorioso exército. Mas, estou certo de que tudo tomará o seu verdadeiro rumo, principalmente porque temos no leme um ministro como o nosso General Dutra. E um anjo da guarda como o Coronel Bina Machado. Não é lisonja. É verdade. Há grande necessidade de uma Capela, no 16 R.I., onde o Capelão está celebrando, não muito a comoda, bem se pode calcular, numa sala. Veja, com sua nunca desmentida diplomacia, si consegue do nosso Ministro uma ordem para a construção da referida Capela. Não é necessário que se construa um templo suntuoso, não. Basta que seja um Salão-Capela, de bom tamanho, com altar, sacristia, bancos para os soldados e paramentos para o sacerdote.<sup>64</sup>

Na mesma carta, o Bispo pede o pagamento do ordenado do Pe. Capitão Nivaldo Monte, que até a presente data, não o teria recebido. A esse respeito, escreve o Bispo: “Veja, desculpe-me o pedido, si dá um geitinho (sic) dos seus nesse sentido”<sup>65</sup>. O trecho “estamos no início da grande campanha do Serviço Religioso” intriga, pois tal Serviço sequer existia oficialmente dentro das Forças Armadas no período em questão, sendo restituído apenas no ano seguinte. Além disso, o pedido da construção da capela também lança luz sobre alguns detalhes da religiosidade informal, dentro da caserna, sob a ditadura estadonovista, e demonstra não apenas as vantagens, anteriormente mencionadas, conferidas à Igreja Católica na Era Vargas, mas também as formas encontradas para a Igreja permanecer nos espaços institucionais. Para mais, a participação dos soldados nas celebrações mencionadas pode ser entendida como uma tentativa de reversão da laicização do Exército, pois aponta para a preservação de tradições religiosas dentro daquele ambiente. Portanto, através destas fichas encontradas na busca por documentação dos capelães que acompanharam a FEB, é possível perceber que, apesar do processo de laicização do Exército, a religião fazia-se presente na caserna para além das devoções e práticas de cunho pessoal, fosse na presença de capelães, quanto através de rituais religiosos coletivos.

<sup>64</sup>Carta escrita por Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas, *Op.Cit.*, disponível na Ficha “Padre Nivaldo Monte (Capelão Militar), Natal”, *Op. Cit.*

<sup>65</sup>Carta escrita por Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas, disponível na Ficha “Padre Nivaldo Monte (Capelão Militar), Natal”, *Op. Cit.*

Tal panorama coroa a discussão trazida neste capítulo a respeito do papel tomado pela Igreja Católica no Brasil, durante a década de 1930. Nesse sentido, é possível argumentar que o acompanhamento da administração eclesiástica à evolução político-administrativa do Estado Brasileiro, e as alianças formadas entre a Igreja e o Estado possibilitaram que algumas situações irregulares, como a presença de capelães no exército brasileiro ocorressem, e construíram a vereda não apenas para a reconstituição do Serviço de Assistência Religiosa (SAR) durante a Segunda Guerra Mundial, mas também para a contradição das Forças Armadas a respeito de seu compromisso de laicização institucional.

## 2.2 O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A década que antecedeu a Segunda Guerra Mundial foi, nas palavras de autores como Eric Hobsbawm, Gerson Moura, entre muitos tantos autores, a mais convulsionada do século XX: problemas sociais, somados à crise econômica, tomaram contornos trágicos, e a organização política de países do eixo comum à liberal-democracia tiveram seus pilares abalados:

Os governos estabelecidos pareciam impotentes para solucionar os problemas do dia; movimentos radicais de vários matizes clamavam por mudanças drásticas e por todo lado emergiram regimes ditatoriais de cunho ultranacionalista, que anunciavam o fim das liberdades democráticas e o estabelecimento de uma nova “ordem”.<sup>66</sup>

No Brasil, o mês de novembro de 1937 marcou o início da Ditadura do Estado Novo estadonovista. Explorar as relações internacionais do país antes da Segunda Guerra Mundial é fundamental para entender o processo que culminou na declaração de guerra ao Eixo, bem como na criação e mobilização da Força Expedicionária Brasileira para o campo de batalha.

O Brasil desempenhou um papel significativo nas relações políticas e econômicas da América Latina durante a Segunda Guerra Mundial, graças a sua posição geográfica estratégica e por seu destaque na produção de matéria prima, como manganês, borracha, cristais de quartzo, minério de ferro, areias monazíticas, óleos vegetais e plantas medicinais, materiais fundamentais para o esforço de guerra.<sup>67</sup> Nesse sentido, dessa miríade de fatores econômicos,

---

<sup>66</sup>MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana**. Brasiliense, 1984. p. 13.

<sup>67</sup>MOURA, 1984. *Op. Cit.*, p.29. Stanley Hilton, (1999. *Op. Cit.*, p. 12) salienta a dependência que a Grã-Bretanha tinha em relação ao Hemisfério Ocidental para obter matérias-primas, alimentos e equipamentos vitais, e

comerciais e políticos (tanto internos, quanto externos), resultou, ao Brasil, uma organização permanente de exploração das oportunidades criadas pela crescente competição entre a Alemanha e os Estados Unidos pelas relações comerciais e econômicas na América Latina.<sup>68</sup> Em suma, a política externa brasileira caracterizava-se por uma *Equidistância Pragmática*, assinalada por uma diplomacia ambígua, entre as potências na busca de benefícios comerciais: “A partir do estabelecimento do Estado Novo, a formulação de dois grandes projetos: - a grande siderurgia e o reequipamento das Forças Armadas- veio juntar-se aos problemas a serem encaminhados por nossa política exterior”.<sup>69</sup> No que diz respeito à construção da indústria siderúrgica, enquanto não estavam definidas as negociações com Washington, o Brasil manteve as portas abertas para a possibilidade de um financiamento da empresa Krupp, alemã, que buscava convencer o governo de Vargas das possibilidades e vantagem em uma possível associação.<sup>70</sup>

Em meio a esta conjuntura, somada ao desenvolvimento da guerra na Europa, o governo norte-americano buscou enfatizar ainda mais o ideal pan-americanista<sup>71</sup>, visando uma

---

denomina essa dependência de elo mais fraco do posto militar da Grã-Bretanha. HILTON, Stanley E. **Hitler's Secret War in South America, 1939–1945: German Military Espionage and Allied Counterespionage in Brazil**. LSU Press, 1999.

<sup>68</sup>ATHAIDES, R.; BERTONHA, J. F. O nazismo e as comunidades alemãs no exterior: o caso da América Latina: história, historiografia e guia de referências bibliográficas (1932–2020). **Maringá: Edições Diálogos**, 2021. 63–82. No contexto apresentado, os autores João Fábio Bertonha e Rafael Athaides destacam a postura negligente do Ministério de Relações Exteriores da Alemanha em relação à América Latina. Eles afirmam que Hitler e o governo alemão demonstraram pouco interesse na região, devido à concentração de seus esforços na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. A especificidade da situação na América Latina estava relacionada principalmente às relações comerciais. Apesar da presença considerável de alemães e seus descendentes na América Latina, a região não era uma prioridade para a Alemanha. Isso resultou em uma abordagem fragmentada e na falta de diretrizes claras em relação à comunidade germânica na América Latina. Os autores argumentam que, devido à falta de interesse alemão na região, não foi desenvolvido um plano concreto para anexar partes da América Latina ao território alemão, mesmo que essa narrativa tenha sido difundida pela mídia da época. Os historiadores também destacam que muitos mitos em torno das atividades do NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães) nas Américas foram criados ou disseminados por funcionários dos Estados Unidos. Antes do ataque a Pearl Harbour, os Estados Unidos receberam relatórios alarmantes alegando que a Alemanha estava planejando um ataque ao país a partir do sul. Esses relatórios indicavam que as forças de Hitler poderiam conquistar colônias na África Ocidental e depois atravessar o Atlântico em direção ao Brasil, onde a comunidade alemã se levantaria em apoio. Essa narrativa sugeria uma série de países vizinhos se tornando satélites nazistas, cercando os Estados Unidos. É mencionado que essas imagens eram frequentemente fomentadas pela inteligência britânica, que buscava convencer os Estados Unidos a entrar no conflito. A inteligência britânica chegou a criar um mapa da América do Sul mostrando supostas rotas de invasão nazista. Esse mapa foi divulgado por Roosevelt para persuadir o público sobre a ameaça nazista. Em resumo, a preocupação com o "perigo alemão" na América Latina está relacionada à geopolítica, aos interesses dos Estados Unidos e à problemática da presença alemã na região. Os autores ressaltam a existência de mitos superpostos, que culminaram na ideia de comunidades alemãs no exterior totalmente nazificadas, secretamente agindo para preparar uma anexação militar alemã.

<sup>69</sup>MOURA, 1984. *Op. Cit.*, p. 28

<sup>70</sup>PINHEIRO, Leticia. A entrada do Brasil na segunda guerra mundial. **Revista USP**, n. 26, p. 108-119, 1995. p. 112

<sup>71</sup>Resumidamente, o conceito do pan-americanismo se fundamentava na busca por estabelecer uma base política sólida de aliados na América Latina. Dada a limitação de envolvimento nos assuntos europeus devido a

preparação econômica e militar para a eventualidade da guerra. Isso se refletiu na realização da Conferência Pan-americana em Lima, que visava estabelecer um pacto de segurança abrangendo toda a região. Entre o final dos anos 1930 e o início dos anos 1940, diversas conferências foram realizadas, como a de Chanceleres de Lima (1938), a do Panamá (1939) e a de Havana (1940). Essas reuniões permitiram aos Estados Unidos estabelecer laços entre os diferentes regimes políticos presentes na América Latina, possibilitando um diálogo entre a democracia norte-americana e algumas ditaduras da região.<sup>72</sup>

Esta aproximação dos Estados Unidos com os demais países do continente americano, em especial com o Brasil, ocorreu não apenas na esfera política, mas também pelo campo cultural:<sup>73</sup>

A década de 40 é notável pela presença cultural maciça dos Estados Unidos, estendendo-se cultura no sentido amplo dos padrões de comportamento, da substância dos veículos de comunicação social, das expressões artísticas e dos modelos de conhecimento técnico e saber científico [...] aquelas mudanças recebiam do *American way of life*.<sup>74</sup>

Com o avanço da Alemanha, que vinha colecionando batalhas vencidas, conquistando os Países Baixos, e se aproximando cada vez mais da França, o presidente norte-americano buscou ampliar as conversações planejadas com o Brasil a respeito da defesa continental. À vista disso, os Estados Unidos aceitaram, em setembro de 1940, as propostas brasileiras, prometendo ajuda militar, além do financiamento da Usina Siderúrgica em Volta Redonda. Ainda foram estabelecidos programas preferenciais de compra de produtos brasileiros, e foi negociado um acordo de manutenção do preço do café, assim como um então secreto acordo

---

considerações domésticas, o presidente dos Estados Unidos direcionou seus esforços para a região latino-americana. O objetivo era angariar recursos políticos e materiais como preparação para potenciais ações futuras, considerando a possibilidade de formar uma frente coesa contra as potências do Eixo caso as tensões europeias se expandissem para outras partes do globo. Esse enfoque estratégico permitiu aos Estados Unidos assumir o papel de defensores do continente e, simultaneamente, oferecer à sua população narrativas internacionais que promoviam uma assimilação agradável e inofensiva. MCCANN, 1995. Op. Cit., p.62.

<sup>72</sup>MCCANN, 1995. *Op. Cit.* p. 91-92.

<sup>73</sup>Neste momento, os EUA usaram o cinema ao seu favor, uma vez que o uso de animações era decorrente em vários países como Inglaterra, União Soviética, Alemanha, França e Argentina, etc. No entanto, durante a Segunda Guerra Mundial a animação solidifica-se como um importante instrumento para propaganda ideológica. É nesse contexto que a animação da Disney terá fundamental importância na aproximação entre Brasil e os Estados Unidos. Isso pode ser visualizado na criação do personagem Zé Carioca, que estrelou os filmes "Alô Amigos" (1942) e "Você já foi à Bahia?" (1944) PEGORARO, Celbi Vagner. O Cinema de Animação: Uma nova fronteira nos estudos da comunicação. **Revista ECO-Pós**, v. 15, n. 1, p. 147-157, 2012, p.153.

<sup>74</sup>Graças ao poder da influência norte-americana, esse intercâmbio cultural teria ocorrido praticamente em um sentido único. Esses detalhes demonstram o resultado de uma penetração ideológica e da conquista de mercado cuidadosamente planejada. MOURA, 1984. *Op. Cit.* p.8, 11.

para a construção de bases militares no nordeste brasileiro.<sup>75</sup> Nesse ínterim Washington conduzia uma intensa propaganda de guerra contra a Alemanha, frisando principalmente a temática da ameaça nazista ao hemisfério, o que demonstrava que o período de neutralidade, marcado por intensas campanhas ideológicas, chegava ao fim.<sup>76</sup>

As negociações com o governo de Roosevelt consolidaram a aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos, alterando as relações entre o Brasil e a Alemanha. Em 10 de novembro de 1941, Getúlio Vargas afirmou que o Brasil estava comprometido com a solidariedade entre as nações americanas e participaria da defesa comum das Américas. No dia 7 de dezembro do mesmo ano, a frota japonesa aliada à Alemanha atacou a base naval americana de Pearl Harbour, levando a guerra para o continente americano. No dia seguinte, Vargas expressou a solidariedade aos Estados Unidos.<sup>77</sup>

Durante a Terceira Conferência de Ministros do Exterior, realizada no Rio de Janeiro de 15 a 28 de janeiro de 1942, a postura de Vargas foi ambígua, mesmo diante da pressão norte-americana. Entre os dias 23 e 28 de janeiro de 1942, a população, os diplomatas e os ministros aguardavam a decisão de Vargas. No dia 28 de janeiro, para a sessão de encerramento da Conferência, Oswaldo Aranha recebeu o sinal verde de Getúlio. A autorização fora dada pelo presidente, o Brasil havia rompido suas relações com a Alemanha. A Alemanha já havia advertido que o rompimento, caso ocorresse, seria considerado como um ato hostil contra o país. Romper relações, então, significava mais do que fechar embaixadas. Em fase de guerra, o comércio e as tarefas de defesa interna condicionavam-se aos interesses da coligação aliada. “A diferença entre essa situação e a declaração de guerra estava em uma agressão direta. Bastava o primeiro tiro. E não tardou a acontecer”.<sup>78</sup>

O golpe do Eixo chegou ao Brasil através dos mares. Começava a escalada de represálias dos países do Eixo, graças ao rompimento das relações diplomáticas. Em uma segunda-feira de carnaval, apenas 18 dias após a decisão de Vargas, o navio *Buarque* do Lloyd brasileiro, foi atingido por torpedos do submarino alemão U-432: “Além dos 74 tripulantes e cinco passageiros (tinha capacidade para 82 pessoas) o *Buarque* levava grande quantidade de café,

---

<sup>75</sup> HILTON, 1999. *Op. Cit.*, p.20.

<sup>76</sup> HILTON, 1999. *Op. Cit.*, p. 21.

<sup>77</sup> MCCANN, 1995. *Op. Cit.* p.205.

<sup>78</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 39.

cacau e mamona [...] era o comércio com os Estados Unidos que se intensificava depois das conversações na Conferência dos Chanceleres”<sup>79</sup>

O Brasil, até o dia 20 de julho de 1942, havia perdido doze navios com ataques submarinos. Em meados de agosto, dez submarinos alemães se dirigiram para águas brasileiras:

Entre 15 e 19 de agosto, os submarinos alemães golpearam a navegação costeira brasileira, atacando em rápida sequência seis navios ao largo das costas da Bahia e Sergipe: *Baependi*, *Anibal Benévolo*, *Araraquara*, *Itagiba*, *Arará* e *Jacira*; deixando o Brasil com apenas uma linha de ação possível: a beligerância.<sup>80</sup>

A Alemanha conseguiu, assim, unir uma parte do povo brasileiro e seus governantes. No total, os ataques alemães causaram 607 mortes. O sangue no mar deixado pelo submarino *U-507*, logo repercutiu na opinião pública. Apesar do peso da Guerra no Atlântico-Sul, o governo pedia confiança ao povo brasileiro, todavia, as imagens dos corpos dos cadáveres das vítimas dos ataques mobilizaram a opinião pública<sup>81</sup> e, à medida que se era informado os ataques, grupos de manifestantes iam para as ruas para protestar contra a agressão, pedindo a declaração de guerra ao Eixo. A análise dos diferentes periódicos e jornais, transpareceu que no ano de 1942, com a grande imprensa empenhada na transmissão da ideia de uma intensa mobilização popular por todo o Brasil, sendo comum, logo em primeira página, fotografias das manifestações<sup>82</sup> a favor da entrada do Brasil na guerra. Ocorreram então, como relata Francisco César Alves Ferraz, comícios, passeatas, protestos, ataques a clubes e associações cujos donos eram de origem dos países do Eixo<sup>83</sup>:

O Brasil se contorcia em repulsa. Em todo o país o povo se fez às ruas buscando vingança em qualquer coisa ou pessoa de origem ou simpatia alemã [...] por toda parte do Brasil a reação foi a mesma. Finalmente, os estudantes deram voz ao pensamento de todos: em São Paulo e no Rio exigiram a guerra.<sup>84</sup>

Entre os dias 21 e 22 de agosto de 1942, o Ministério tentava chegar a um consenso quanto à forma de retaliação. “As luzes ficaram acesas a noite toda no Palácio Guanabara. Na

<sup>79</sup>SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas**. Editora Objetiva, 2007.p. 48

<sup>80</sup>MCCANN, 1995. *Op. Cit.* p.229.

<sup>81</sup>Era comum, em algumas das principais cidades do sudeste do país, como Rio de Janeiro, São Paulo e Niterói, os jornais terem suas primeiras páginas estampadas com fotografias de manifestações em favor da entrada do país na guerra, ao lado dos Aliados CARVALHO, 2009. *Op. Cit.*, p. 49. Imagens das manifestações disponíveis em cpdoc.fgv.br. Acesso em novembro de 2021.

<sup>82</sup>Imagens das manifestações disponíveis em <http://cpdo.fgv.br>. Acesso em novembro de 2021.

<sup>83</sup>FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p. 40.

<sup>84</sup>MCCANN, 1995. *Op. Cit.* p.230.

tarde seguinte o Ministério se reuniu para aprovar a declaração reconhecendo a existência de um estado de guerra com o Eixo. O Brasil estava na guerra; não havia retorno possível”.<sup>85</sup> E assim o Brasil, que tanto lutara para situar-se às margens do conflito, abandonou a neutralidade, após o afundamento de 18 navios da frota nacional, e mais de 600 vidas perdidas<sup>86</sup>, e tornou-se um dos países beligerantes na Segunda Guerra Mundial.<sup>87</sup> No dia 31 do mesmo mês, foi anunciada uma declaração formal de guerra.<sup>88</sup>

Apenas um mês após a declaração oficial de guerra, as autoridades brasileiras já planejavam enviar uma Força Expedicionária Brasileira como retaliação pelas vítimas brasileiras nos ataques do Eixo.<sup>89</sup> Isso refletia a intenção do Brasil de fortalecer suas relações internacionais e desempenhar um papel mais ativo na reconstrução global após o conflito, visando uma posição de destaque na América do Sul.<sup>90</sup>

Entretanto, a sugestão de integrar a FEB às tropas aliadas não encontrou receptividade entre os líderes militares dos Estados Unidos e do Reino Unido. A principal razão por trás dessa resistência era a relutância em incorporar forças novas e carentes, não apenas de recursos e equipamentos, mas também de treinamento. Todavia, como o envio das tropas brasileiras assegurava aos Estados Unidos a aliança com o governo brasileiro, a incorporação das tropas brasileiras às Forças Aliadas foi autorizada.<sup>91</sup> Este cenário é crucial para compreender que a

---

<sup>85</sup>MCCANN, 1995. *Op. Cit.* p. 231.

<sup>86</sup>SANDER, *Op. Cit.*, p. 249

<sup>87</sup>De acordo com Vinicius de Carvalho e Francisco Ferraz, os ataques de submarinos à costa brasileira persistiram. Segundo os autores, antes do fim da guerra, outros 12 navios brasileiros foram afundados, o que adicionou 334 ao número de vidas perdidas. DE CARVALHO, Vinicius Mariano; FERRAZ, Francisco César Alves. Brazil at war: An unexpected, but necessary, ally. In **The Routledge History of the Second World War**. 1. Ed. Routledge: London, 2021. p. 445-460, p. 454.

<sup>88</sup>DE CARVALHO; FERRAZ. *Op. Cit.*, p. 454

<sup>89</sup>FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p.39 Esse período foi marcado por dúvidas que persistem até os dias atuais, causando certas polêmicas e até teorias da conspiração. Teriam sido realmente os alemães a torpedear os navios brasileiros? Não poderiam ter sido os norte-americanos para causar, definitivamente, o apoio do Brasil às forças aliadas? De acordo com Francisco Ferraz: “São dúvidas infundadas. Toda a documentação comprova a autoria alemã dos torpedeamentos. Os registros da marinha alemã são claros e bastante minuciosos - nomes das embarcações afundadas, número de torpedos utilizados, horário, posição, tempo decorrido entre o impacto do torpedo e a submersão total, até o número de baleeiras que sobraram para recolher os sobreviventes. Se os alemães não tivessem a intenção de atacar no litoral brasileiro, teriam negado a autoria dos afundamentos, o que nunca fizeram. FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p.42

<sup>90</sup>DE CARVALHO; FERRAZ. *Op. Cit.*, p. 455.

<sup>91</sup>Frank McCann explica que essa mudança de postura norte-americana foi possível porque as autoridades de Washington perceberam que, com a vitória, no pós-guerra, o envio de tropas brasileiras seria tomado, pelos outros países, como um símbolo da política de boa vizinhança norte-americana, ou seja, os Estados Unidos entrariam em cena não apenas como porta-voz, mas também como líder influente nas Américas durante a guerra. MCCANN, 1995. *Op. Cit.* p.277.

criação e o envio da FEB constituíam mais uma estratégia de política externa do que uma demanda puramente militar.<sup>92</sup>

A formação de uma Força Expedicionária Brasileira incluía-se em um projeto duplo de Vargas. De um lado, aconteceria o fortalecimento das Forças Armadas brasileiras, o que garantiria a continuação do apoio militar ao regime do Estado Novo. Por outro lado, o envio de tropas para o combate projetaria o Brasil no cenário internacional na qualidade de aliado dos Estados Unidos.<sup>93</sup> Para ser mais exato, Oswaldo Aranha listou onze consequências que o Brasil deveria buscar na Segunda Guerra Mundial:

- 1) uma melhor posição na política mundial
- 2) uma melhor posição na política com os países vizinhos
- 3) uma mais confiante e íntima solidariedade com os Estados Unidos
- 4) uma ascendência cada vez maior sobre Portugal e suas possessões
- 5) criação de um poder marítimo
- 6) criação de um poder aéreo
- 7) criação de um parque industrial para as indústrias pesadas
- 8) criação da indústria bélica
- 9) criação das indústrias agrícolas, extrativas e de minérios leves complementares dos norte-americanos e necessários à reconstrução mundial
- 10) extensão de suas vias férreas e rodovias para fins econômicos e estratégicos
- 11) exploração de combustíveis essenciais.<sup>94</sup>

A projeção do Brasil no cenário internacional, como um país de postura vigorosa e determinada, o envio de tropas ao exterior eram questões de um caráter essencial nesse contexto. Desde agosto de 1942, com a entrada do Brasil na guerra, essa ideia já permeava os ministérios do Estado Novo. Nas palavras de Frank McCann:

Vários grupos e indivíduos tinham motivos próprios para buscar um papel mais ativo na guerra. Para Vargas, a participação armada significava tempo para reestruturar seu governo segundo uma orientação mais populista, enquanto o povo era distraído pelos fatos militares. Para a facção democrata, a participação era um comprometimento de que o Governo que enviava tropas para combater o nazi-fascismo restauraria, evidentemente, a democracia. Para as Forças Armadas, era uma oportunidade sem paralelo de se tornarem uma força de combate moderna, de estatura internacional, fortalecendo, desse modo, sua participação na sociedade brasileira e frente às Forças Armadas dos países vizinhos. Para alguns oficiais, a guerra significava uma purificação da antiga imagem pró-nazista que eles tinham.<sup>95</sup>

<sup>92</sup>DE CARVALHO; FERRAZ. *Op. Cit.*, p. 455.

<sup>93</sup>CARVALHO, 2009. *Op. Cit.*, p. 77.

<sup>94</sup>Aranha e Vargas, 25 de janeiro de 1943, OAA *apud* MCCANN, 1995. *Op. Cit.* p. 244.

<sup>95</sup>MCCANN, 1995. *Op. Cit.* p. 272.

No dia 16 de setembro, foi determinada a mobilização geral. Logo o Brasil passou a acertar os pormenores quanto à criação, ao envio, e ao emprego da força brasileira na Segunda Guerra Mundial, a qual atuaria de acordo com a direção estratégica norte-americana. Portanto, em meio a episódios diplomáticos, a Força Expedicionária Brasileira tomava contornos definidos. Todavia, entre a decisão do envio de uma tropa, e o envio propriamente dito, houve um longo e complicado processo. Da criação e mobilização da FEB até o envio das tropas para a Itália, transcorreram 12 meses.

A falta de comunicação, dificuldade originada das diferenças linguísticas entre o Brasil e os Estados Unidos, gerou inúmeros mal-entendidos. Enquanto isso, a máquina de campanha do Eixo, e a demora na formação e envio dessa Força acabou por gerar alguns boatos, como o de que a FEB nunca partiria, além de alguns comentários de que os Estados Unidos invadiriam o Brasil assim que a Força Expedicionária zarpasse para algum destino - o qual ainda não estava definido.<sup>96</sup>

Nessa circunstância, os futuros combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial encontravam-se em unidades subordinadas a comandos regionais, espalhados por uma extensa parte do território nacional. Esses homens encontravam-se plenamente conectados às suas comunidades. Muitos deles moravam com suas famílias, enquanto exerciam outras atividades remuneradas paralelas em lojas e fábricas. Essa proximidade com suas famílias (quando um soldado era convocado, sua família mudava-se junto com ele), afetaria o moral da tropa *febiana*, em alguns meses. O que essas famílias, tão dependentes desses jovens, faria em sua ausência? O governo dava respostas improvisadas a estas perguntas.<sup>97</sup>

Quanto mais a mobilização avançava, mais obstáculos surgiam. O plano inicial do envio de um Corpo de Exército composto por 60 mil homens, fracionados em 3 divisões, mostrou-se irreal, aponta Francisco Ferraz. O Exército brasileiro de então, possuía um efetivo composto por 90 mil homens, e essa força terrestre refletia as carências da sociedade brasileira, de forma geral<sup>98</sup>:

As armas, as munições e equipamentos originavam-se de fornecedores de diversos países, alguns dos quais em guerra contra o Brasil; havia carência de carros de combate, equipamentos de comunicação, engenharia logística e peças de artilharia até para a defesa das fronteiras contra os tradicionais “inimigos potenciais” do Prata. Equipamentos que já eram usados na guerra,

---

<sup>96</sup> MCCANN, 1995. *Op. Cit.* p. 285-286.

<sup>97</sup> MCCANN, 1995. *Op. Cit.* p. 287.

<sup>98</sup> FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p. 44.

como criptógrafos, teletipos, detectores de minas, unidades de cozinha, limpeza e banho eram completamente desconhecidos por oficiais e praças.<sup>99</sup>

Alguns desses problemas se concretizaram posteriormente, diante dos soldados, nos campos de batalha, enquanto isso, outros obstáculos se tornaram concretos no processo de recrutamento. O ministro da Guerra realizou o recrutamento de forma intensiva em todo o país. Nesse sentido, a ideia inicial de selecionar soldados de algumas já existentes unidades militares fracassou. Uma das razões por trás dessa escolha por parte do ministro foi justamente a preocupação em deixar o nordeste Brasileiro desprotegido, por exemplo. Sem os soldados, essa região tão estratégica no momento beligerante estaria vulnerável a ataques alemães, ou até mesmo a uma invasão norte-americana. Além do mais, esses soldados brasileiros espalhados pelas unidades militares brasileiras contavam com um baixo nível de alfabetização, e de adequação física.<sup>100</sup>

Portanto, no que se relaciona à Força Expedicionária Brasileira, ocorreu a escolha pela criação de unidades expedicionárias compostas por homens selecionados em todo o país, sendo estes militares regulares, conscritos convocados e voluntários. E assim, deu-se início à inspeção médica desses soldados e recrutas no Rio de Janeiro. Alguns dos critérios utilizados nesses exames físicos e psicológicos, eram os seguintes: ter altura igual, ou superior a 1,6 metros, e dentição de, pelo menos, 26 dentes naturais. A partir desses critérios, parte significativa dos soldados foram tomados como incapazes fisicamente.<sup>101</sup>

Esses exames médicos representavam um corte transversal da estrutura socioeconômica do país, e demonstravam o quadro alarmante da situação da saúde no Brasil: “subnutrição generalizada, desenvolvimento físico precário, tuberculose, saúde dentária pobre, sífilis, lesões correlatas, disfunções do sistema cardiovascular e a prevalência de problemas viróticos, como o tracoma.”<sup>102</sup> Os exames médicos desses soldados serviram como um espelho do Brasil. A

---

<sup>99</sup>FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p. 44. Em DE CARVALHO; FERRAZ. *Op. Cit.*, p. 456, os autores explicam que embora tivesse, de fato, ocorrido uma tentativa de modernização o Exército brasileiro no período entreguerras, as Forças Armadas ainda sofriam com a falta de recursos para formar, efetivamente, tropas capazes de combater em um conflito como a Segunda Guerra Mundial.

<sup>100</sup>FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p. 46. Frank McCann realiza um esboço do Exército Brasileiro em 1942, e conclui que os oficiais provinham, em sua maioria, da classe média urbana, sendo, normalmente, filhos de funcionários públicos e comerciantes. Contudo, afirma o autor, os recrutas eram conscritos oriundos das classes trabalhadoras, sendo, normalmente, analfabetos, ou de um baixo nível educacional. Esses jovens não tinham muita resistência a doenças. Os oficiais, normalmente, explica McCann, tratavam os soldados como seres socialmente inferiores. MCCANN, 1995. *Op. Cit.* p.287.

<sup>101</sup>FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p. 46.

<sup>102</sup>MCCANN, 1995. *Op. Cit.* p.292.

saúde era pobre, e sua assistência era insuficiente. Francisco Ferraz ainda chama atenção para psicoses variadas diagnosticadas nestes jovens.<sup>103</sup>

A FEB era um bom resumo do povo do Brasil, não só porque tinha soldados de todos os seus estados e de todas as classes sociais e níveis de cultura, mas também porque levava todos os seus defeitos e improvisações, todas as suas incoerências e mitos, todas as falhas e virtudes desse povo.<sup>104</sup>

Com os resultados desses exames, o número de aprovados para compor o corpo de exército a lutar na Segunda Guerra Mundial ficou muito aquém do esperado. Isso posto, a solução encontrada fora afrouxar essas exigências, classificando não apenas os de classe “especial”, mas também os de “normal”, demonstra Francisco Ferraz. Além disso, corria, na época, a ideia de que muitos recrutas e soldados simulavam incapacidades físicas e mentais. Esse boato fez com que muitos inaptos fossem caracterizados como aptos para a luta. Assim, muitos incapacitados foram enviados para a frente nas batalhas da guerra contra o Eixo. No total, foram realizadas 107.609 inspeções, e, por fim, pouco mais de 25 mil homens foram selecionados.<sup>105</sup>

A Força Expedicionária Brasileira não era mais a “elite” planejada, mas um retrato mais fiel do Brasil: jovens trabalhadores rurais e urbanos entremeados com alguns das classes médias e alguns membros das classes altas. Sua média educacional era baixa, assim como sua compreensão da guerra e por que estava sendo combatido. Tal como acontece com os combatentes de todos os outros países, a população civil e a imprensa buscavam um apelido carinhoso para os combatentes brasileiros. “Pracinha” tornou-se o termo mais usado e caiu no jargão popular.<sup>106</sup>

Contudo, isso não sustenta a percepção que a Força Expedicionária foi exclusivamente formada por homens muito desajustados, desdentados, desnutridos e fracos. O intento aqui é justamente mostrar os desafios encontrados e, posteriormente, superados por esses soldados em

<sup>103</sup>FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p. 47.

<sup>104</sup>BRAGA, Ruben. **Crônicas de guerra na Itália**. Rio de Janeiro: Record, 2005. *apud* FERRAZ, Francisco César Alves. "Todas as falhas e virtudes desse povo": considerações sobre a composição racial da Força Expedicionária Brasileira. **Antíteses** 13.25 (2020): 242-277. p. 245

<sup>105</sup>FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p.47-48.

<sup>106</sup>DE CARVALHO; FERRAZ. *Op. Cit.*, p. 457, tradução nossa. Originalmente: “The Brazilian Expeditionary Force was no longer the planned “elite”, but a more faithful portrait of Brazil, young rural and urban workers interspersed with some from the middle classes and a few members of the upper classes. Their average education was low, as was their understanding of the war and why it was being fought. As with combatants from all other countries, the civilian population and the press sought an affectionate nickname for the Brazilian combatants. “Pracinha” became the most used term and fell into popular jargon”.

uma guerra tão mortal. Contudo, algumas dessas deficiências, aponta Frank McCann, poderiam ser evitadas.<sup>107</sup>

Além da problemática relacionada à saúde, os soldados da FEB ainda se encontravam dentre controvérsias políticas, e serpenteavam entre a incerteza e o incentivo por parte da opinião pública. A população não tinha entusiasmo com o próprio Exército. Foi o que Floriano de Lima Brayner, Coronel e Chefe de Estado Maior da FEB pontuou: “o povo brasileiro acreditava muito mais em Carnaval e no Campeonato de Futebol do que numa Força Expedicionária para lutar ombro a ombro com os aliados e face a face com os alemães. Nosso povo não tem a mentalidade guerreira.”<sup>108</sup> Esse desânimo por parte da população é apontado, pelo General Mascarenhas de Moraes, como consequências da situação política confusa do Governo. Alguns auxiliares do Chefe de Governo eram contrários ao envio da tropa, enquanto outros eram favoráveis. Nesse sentido, de forma geral, o contexto brasileiro não era um terreno fértil para o entusiasmo no que se relacionava à FEB. De acordo com o Mal. Floriano de Lima Brayner, o povo brasileiro só teria entendido a extensão do passo dado pelo governo brasileiro na criação da FEB, quando, já no teatro de operações da Itália, os insucessos das tropas trouxeram angústias e incertezas, originadas das perdas, para o solo brasileiro.<sup>109</sup>

Tendo sido realizados os exames médicos, a FEB passou a ser composta por pouco mais de 25 mil brasileiros, o que compunha, no que se relaciona à proporção demográfica, 0,06% da população brasileira de então.<sup>110</sup> Uma vez superadas as dificuldades relacionadas à seleção desses jovens, iniciou-se o treinamento, processo também recheado de impasses.

Um dos maiores contratempos de então foi justamente o Exército, que até então seguia o modelo francês, na delineação da Força Expedicionária sob moldes norte-americanos. Nas palavras de Mascarenhas de Moraes: “Somente quem nunca se viu a braços com problemas análogos pode ignorar as dificuldades, as incompreensões e choques decorrentes”.<sup>111</sup>

<sup>107</sup>MCCANN, 1995. *Op. Cit.* p.291.

<sup>108</sup> BRAYNER, Floriano de Lima. *A verdade sobre a FEB*. Civilização Brasileira, 1968, p. 49.

<sup>109</sup>BRAYNER. *Op. Cit.*, p. 49.

<sup>110</sup> FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p. 50.

<sup>111</sup>MORAES, J. B. Mascarenhas de. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro: Imprensa no Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, 1960, 2ª edição, p. 24. Segundo o autor, o Exército brasileiro, como já exposto anteriormente, vinha sendo instruído por uma operação militar francesa. A nova organização sob novos moldes exigia a criação de novos órgãos, o que, de certa forma, exigia um período de adaptação. César Maximiano também analisa esse processo: "com a transição do sistema francês para o americano, a missão de Mascarenhas era introduzir uma série de inovações em alguns setores específicos da organização de infantaria (cerca de 15 mil homens no sistema americano), e algumas ligeiras (senão mínimas) mudanças em outros aspectos, especialmente nos pelotões de fuzileiros (45 homens) e grupos de combate (12 homens). Esses pelotões se agrupavam em companhias de fuzileiros (190 homens), batalhões (novecentos homens) e regimentos de infantaria". O autor ainda explica que as dificuldades e atrasos oriundos da transição para o sistema americano, embora assim o sejam, não devem ser tomadas como justificativas para os problemas da FEB, de forma geral.

Sabendo que o Exército Brasileiro era caracterizado pela dispersão - mais de 38 mil homens encontravam-se aquartelados em 33 diferentes localidades -, o Estado Maior da FEB não conseguiu viabilizar um treinamento suficiente de forma adequada, visto que as unidades do Exército se encontravam muito independentes entre si, o que dificultava um domínio efetivo sobre elas. Nesse sentido, embora Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, pudesse, em dezembro de 1943, contar com a Divisão completa de infantaria, apenas em março do ano seguinte, Moraes às teve reunidas no Rio de Janeiro, onde o treinamento foi concentrado.

Todos esses percalços que se concretizaram nos processos de seleção, acomodação, transporte e treinamento dos soldados, proporcionaram uma aura favorável para a circulação, por todo o país, do boato de que as tropas, caso embarcassem, enfrentariam uma guerra praticamente vencida.<sup>112</sup> Um outro boato que circulou pelo período seria o de que o próprio Führer teria afirmado que “somente quando uma cobra fumasse cachimbo o Brasil conseguiria enviar seus homens para a guerra, tamanha a incapacidade brasileira”.<sup>113</sup> Assim, como uma resposta a esse rumor, temperada com sarcasmo, ironia e, humor, a cobra fumando passou a ser o maior símbolo da Força Expedicionária Brasileira, sendo um brasão remanescente não apenas na memória institucional da FEB e do Exército, como também na memória popular.

Com as tropas reunidas no Rio de Janeiro sendo alvos de críticas e de piadas tanto nacional, quanto internacionalmente, ocorreram os treinamentos. Frank McCann aponta que este processo foi essencialmente precário, e refletia, na prática, as dificuldades do Exército Brasileiro de conduzir uma guerra moderna<sup>114</sup>. Esses jovens, explica Francisco Ferraz, apesar de agrupados, "nunca fizeram exercícios de combate como uma Divisão, tampouco com o próprio regimento".<sup>115</sup> Em suma, Ferraz conclui: “o treinamento brasileiro foi sofrível, pois, além de os oficiais instrutores estarem desatualizados com o tipo de guerra que se praticava, ainda dependiam da chegada de armas norte-americanas a serem usadas em combate”<sup>116</sup>.

---

Segundo o autor, um dos maiores problemas desse corpo de soldados foi justamente a má-qualidade de treinamento desses jovens convocados. deslinda que a premissa de que houveram dificuldades na transição do sistema francês para o americano. MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. Grua, 2010, p. 42-43.

<sup>112</sup>De acordo com o autor, até a troca do nome "Corpo Expedicionário" para "Força Expedicionária" foi motivo de muitas piadas. Os comentários sarcásticos seriam de que o Brasil não lutaria na guerra porque tinha "tirado o corpo fora" FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p. 50.

<sup>113</sup>FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p.51.

<sup>114</sup>MCCANN, 1995. *Op. Cit.* p.292.

<sup>115</sup>FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p.49.

<sup>116</sup>FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p. 49.

Conhecido esse panorama, fica evidente que, o prestígio brasileiro, tanto nacional, quanto internacionalmente dependia do envio das tropas e da atuação da Força Expedicionária em combate. Somente o envio dessas tropas já trazia um certo sabor de vitória. Para isso, o Brasil ainda dependia dos navios de transporte americanos, capazes de transportar, em média, 5 mil homens de cada vez.<sup>117</sup> Da criação da FEB até o embarque do 1º escalão para a Itália decorreu-se quase um ano. Contudo, este período não foi suficiente para a recriação de um corpo de capelães militares. Mesmo o Brasil tendo seguido um manual de instruções norte-americanos para a organização da Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE), o qual constava a necessidade de um Serviço Religioso,<sup>118</sup> esse quesito fora deixado de lado durante os preparativos para a guerra, como outras exigências do Exército norte-americano relacionadas aos exames físicos e mentais já mencionados.<sup>119</sup>

### 2.3 A CRIAÇÃO DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NO BRASIL DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Desde a Proclamação da República e a separação entre a Igreja e o Estado, o Serviço de Assistência Religiosa (SAR) havia sido extinto, permanecendo assim até maio de 1944, às vésperas do envio das tropas brasileiras para o teatro de operações italiano. Acredita-se que a criação de um serviço religioso durante a Segunda Guerra Mundial tenha ocorrido por meio de um acordo entre as elites religiosas e políticas da época:

No palanque presidencial, o Chefe de Estado, doutor Getúlio Dornelles Vargas. Ao seu lado, o Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jayme de Barros Câmara. Surge a tropa. As palmas estrugem, vigorosas e prolongadas. E a velha Avenida, fremido, ecoa os bravos e os vivas dirigidos aos soldados. Tendo como “cerra-fila” as Enfermeiras, o desfile chega ao seu término. Voltando-se para Dom Jayme, perguntou-lhe o Presidente: - Gostou, Senhor Arcebispo? E o futuro Cardeal do Rio de Janeiro, respondeu-lhe: - Gostei, Presidente, mas, faltou alguém junto aos nossos “pracinhas” ... - Quem? perguntou o Presidente. - Os capelães, respondeu o Arcebispo. - Amanhã, mesmo, criarei o Corpo de Capelães, retrucou o Presidente. No dia seguinte, era criado o Corpo de Capelães, para a Força Expedicionária Brasileira<sup>120</sup>

<sup>117</sup>FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p.51.

<sup>118</sup>LINS, M. L. F. **A Força Expedicionária Brasileira, uma tentativa de interpretação**. São Paulo: Editoras Unidas, 1975, p. 264.

<sup>119</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p. p.55

<sup>120</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 196-197.

Embora o impacto das palavras de Dom Jayme sobre Getúlio Vargas em relação à recriação do SAREx seja incerto, é certo que esse serviço foi recriado pelo Decreto-Lei nº 6.535, de 26 de maio de 1944<sup>121</sup>, com o propósito de atender às necessidades espirituais e de fé dos soldados brasileiros que seriam posteriormente enviados para ao *front*.<sup>122</sup> As atribuições do SAREx incluíam:

a) prestar, sem constrangimento ou coação, assistência religiosa às tropas, quando no estrangeiro; b) auxiliar a ministrar instrução de Educação Moral e Cívica nos Corpos de Tropa e Formação de Serviços; c) desempenhar, em cooperação com todos os escalões de comando, os encargos relacionados com a assistência religiosa e moral e com o socorro espiritual e corporal dos homens, em qualquer situação.<sup>123</sup>

E assim, durante a organização da FEB o serviço de Capelania fora instituído, e, inicialmente, 27 capelães dos credos católico e protestante foram nomeados pela portaria nº 6573, de 8 de junho de 1944. O SAREx dispunha de um capelão chefe e mais dois capelães, que atuavam na sentinela avançada do SAR, nomeados através do aviso nº 2.478/269, de 23 de agosto de 1944. O Major capelão Pascoal Gomes Librelotto fora direcionado ao Ministério da Aeronáutica para ser o chefe do SAR-FAB.<sup>124</sup> A lista dos sacerdotes que atuaram no Serviço de Assistência Religiosa da FEB era composta pelos seguintes nomes:

Ten. Cel. Pe. João Pheeney Silva;  
 Ten. Pe. Noé Pereira;  
 Ten. Pe. Alberto Costa Reis;  
 Ten. Pe. Jorge Ferreira de Brito;  
 Capitão. Pe. Aquiles Silvestre;  
 Capitão Pe. João Batista Cavalcante;  
 Ten. Rev. João Filson Soren;  
 Ten. Rev. Juvenal Ernesto da Silva;  
 Capitão Pe. Antônio Alvares da Silva (Frei Orlando);  
 Capitão Pe. Amarílio da Silva Leite (Dom Francisco);  
 Ten. Pe. João Barbalho Uchôa Cavalcanti Sobrinho;  
 Ten. Pe. Hipólito de Almeida Pedrosa;  
 Ten. Pe. Francisco Eloy de Oliveira;  
 Ten. Pe. Olavo Ferreira de Araújo;  
 Capitão Pe. Waldemar Setaro (Frei Alfredo);  
 Ten. Pe. Urbano Rausch;  
 Major Pe. Jonas Wanderlei Lima (Frei Gil Maria);  
 Ten. Pe. Jacob Emily Schneider;  
 Ten. Pe. Nicolau Vandelino Junges;  
 Ten. Pe. Nillo Kolet;

<sup>121</sup>Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6535-26-maio-1944-451974-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em junho de 2022.

<sup>122</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.197.

<sup>123</sup>As atribuições do S.A.R. estão disponíveis em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6535-26-maio-1944-451974-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em junho de 2022.

<sup>124</sup>LIMA, Rogério de Carvalho. **Capelães da FEB :A participação histórica da capelania militar do Exército Brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial. (1944-1945)**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 2021. p. 52.

Ten. Pe. Gregório Pelegrino Comasseto;  
 Ten. Pe. Hélio Abranches Vioti;  
 Ten. Pe. Joaquim de Jesus Dourado;  
 Ten. Pe. Enzo de Campos Gusso;  
 Ten. Pe. Inocêncio Lacerda Santos;  
 Ten. Pe. Francisco Freire de Moura Filho;  
 Ten. Pe. Alcionilio Bruzzi Alves da Silva.<sup>125</sup>

Nesse sentido, esses sacerdotes, católicos e evangélicos, prestariam serviços de assistência moral e espiritual aos soldados da FEB. Em relação à composição de caráter hierárquico, os capelães da FEB ocupavam postos que iam de Tenente-Coronel, Major, Capitão a 1º Tenente, portanto, estes eram equiparados aos oficiais. “Era comum aos capelães usarem uniformes militares semelhantes aos demais oficiais, tendo como distintivo uma cruz bordada na gola”<sup>126</sup>

Além dos serviços religiosos, Rogério de Carvalho e Lima explica que os capelães também auxiliavam o Serviço Especial de diversões, uma prática comum dos capelães do IV Corpo de Exército Americano, e auxiliavam os integrantes da FEB na redação de cartas a ser enviadas para os seus familiares, além de serem constantes visitantes dos hospitais de campanha, e das enfermarias montadas nos acampamentos das Unidades, uma vez na Itália. No próximo capítulo, as trajetórias de Frei Orlando e Padre Francisco Elói ganham destaque, ilustrando a nomeação, treinamento e ambientação dos sacerdotes que acompanharam as tropas brasileiras durante as batalhas no teatro de operações italiano. Suas vivências permitirão compreender como a dimensão religiosa foi rearticulada no Exército, sob o contexto da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

A análise das experiências e atividades destes capelães em meio ao conflito proporciona valiosas percepções não somente sobre o impacto da espiritualidade nas operações militares, mas também sobre a maneira pela qual os elementos emocionais e subjetivos interagiram de maneira complexa e marcante na vivência dos soldados brasileiros. Essas análises desempenham um papel crucial na compreensão das interações entre as dimensões religiosa, emocional e prática no contexto da guerra, oferecendo uma perspectiva abrangente das experiências dos combatentes e das implicações mais amplas decorrentes do envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>125</sup>Relatório do Ten. Cel. Capelão Chefe João Pheeney da Silva, de março de 1945. Pasta nº 63 intitulada “1ª D.I.E. Quartel General. Arquivo da Quarta Seção. p.4-10. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>126</sup>Relatório do Ten. Cel. Capelão Chefe João Pheeney da Silva, de março de 1945. *Op. Cit.*

### 3 CAPÍTULO 2 - OS CAPELÃES DA FEB

Através da abordagem micro-histórica, as trajetórias de Frei Orlando e Pe. Francisco Eloi oferecem detalhes sobre o cotidiano religioso das tropas brasileiras na Segunda Guerra Mundial. Este método em questão explora as complexas relações sociais e representações entre os sujeitos. A utilização das biografias destes dois personagens está amparada na longa tradição de retomada do interesse de historiadores às trajetórias individuais. Carlo Ginzburg propõe uma “reconstrução do vivido”, isto é, das tramas sociais, em uma nova história social, a qual atuaria, segundo o autor, como uma ponte para a compreensão da complexa rede de relações sociais que se encontram imersas na escrita biográfica.<sup>127</sup> Desse modo, a história da vida de um indivíduo, nos estudos biográficos a partir da década de 1970, é “iluminada pelas novas concepções da historiografia”<sup>128</sup>, assim sendo, a biografia não mais relaciona-se exclusivamente a um sujeito isolado, mas sim atua uma brecha, pela qual faz-se possível analisar uma época, ou um grupo de indivíduos.

O que as trajetórias destes dois capelães podem acrescentar na extensa historiografia, nacional e internacional, que aborda a temática da Segunda Guerra Mundial? A resposta para esta pergunta se assenta nas possibilidades resultantes da tensão entre o indivíduo e a História. Afinal, não é a História feita por pessoas que tomam decisões no cotidiano? Os mais simples atos destes dois sacerdotes, homens ordinários do interior mineiro, descortinam e apresentam detalhes a respeito de *o que é o sagrado na guerra*, e revelam as maneiras em que os soldados brasileiros da Segunda Guerra Mundial manifestavam as suas necessidades, seu medo, e a sua fé, religiosamente

#### 3.1 FREI ORLANDO E MONSENHOR ELOI: ITINERÁRIOS CRUZADOS

---

<sup>127</sup>GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico. **A Micro-História e outros ensaios**. Tradução de António Narino. Lisboa: DIFEL, 1989

<sup>128</sup>LE GOFF, Jacques. **Comment écrire une biographie historique aujourd’hui**. Le Débat: Paris, n. 54, mar/abr, 1989. p.49-50 *apud* AVELAR, Alexandre De Sá. A retomada da biografia histórica: problemas e perspectivas. **Oralidade: Revista de História Oral**, São Paulo, Ano 1, n. p. 45-60, (jan./jun. 2007). p.58.

Esta pesquisa está atenta, principalmente, na análise de duas biografias publicadas:<sup>129</sup> *Frei Orlando: O capelão que não voltou*<sup>130</sup> de autoria do Ten. Gentil Palhares, e *Monsenhor Francisco Eloi: Uma história de fé e de obras*<sup>131</sup>, por Marcus Antônio Santiago. A análise de tais obras biográficas, tomadas como registros de memória, é capaz de lançar luz não apenas sobre as relações que os indivíduos comuns tecem com suas respectivas épocas, mas também revela detalhes a respeito de como a memória é construída com o passar do tempo, e como este processo, por muitas vezes, se distancia da “vigilância crítica e fidelidade ao passado”.<sup>132</sup>

Nesse sentido, na investigação dessas biografias, foram cuidadosamente consideradas as formas pelas quais essas trajetórias foram recordadas ou esquecidas, revelando quais detalhes foram trazidos à luz e quais permaneceram na sombra. Essa análise demonstra como essa forma de escrita atravessa o território ambíguo entre verdade e representação, oferecendo uma forma particular de memória.<sup>133</sup> Para tanto, os apontamentos de Pierre Bourdieu a respeito da Ilusão biográfica foram de suma importância. Em *L'illusion biographique*, Bourdieu argumenta que a subjetividade das biografias históricas tem o potencial de reconstruir a vida do biografado de maneira quase artificial. Em outras palavras, nesse gênero, é comum na narrativa a ideia de que a vida do indivíduo foi direcionada de forma coerente, como se ele estivesse destinado a um propósito específico. Esse processo ocorre para conferir sentido à vida do biografado, buscando criar uma consistência retrospectiva que torne sua trajetória compreensível e significativa.<sup>134</sup> Esse contexto é criticado por Bourdieu justamente porque existe a possibilidade de uma construção *a posteriori* de um personagem, logo, de uma identidade, cujo elemento construtivo é, geralmente, a ideia de predestinação.<sup>135</sup>

<sup>129</sup>Com o objetivo de compreender melhor a inserção do Serviço de Assistência Religiosa (S.A.R.) nas tropas e sua atuação no Brasil e na Itália, serão analisados trechos de publicações autobiográficas de outros capelães, além de Frei Orlando e Pe. Francisco Eloi. Essa abordagem tem o intuito não apenas de preencher as lacunas deixadas pelas duas biografias principais deste trabalho, mas também de enriquecer o quadro histórico sobre as manifestações religiosas nas tropas brasileiras, enfoque principal desta pesquisa.

<sup>130</sup>PALHARES, Gentil. **Frei Orlando: O capelão que não voltou**. Editoras Associadas do Brasil, 1969.

<sup>131</sup>SANTIAGO, Marcus Antônio. **Monsenhor Eloi: Uma história de fé e de obras**. Editora Fapi, 1ª Edição, 2013.

<sup>132</sup>DA SILVA, Wilton Carlos Lima. Biografias: construção e reconstrução da memória. **FRONTEIRAS: Revista de História**, v. 11, n. 20, p. 151-166, 2009. p.155.

<sup>133</sup>DA SILVA, 2009, *Op. Cit.*, p. 163.

<sup>134</sup>BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da História Oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas: 2006.p.204-205. Segundo Bourdieu, esse problema é ainda mais contrastante na produção autobiográfica: “O tornar-se ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos *significativos* e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência, como as que implica sua instituição como causas ou, com mais frequência, como fins, conta com a cumplicidade natural do biógrafo, que, [...] só pode ser levado a aceitar essa criação artificial de sentido” BOURDIEU, *Op. Cit.*, p.184-185.

<sup>135</sup>AVELAR, *Op. Cit.*, p.55-56. Essas críticas ao modelo biográfico, proferidas por um dos maiores intelectuais da época, levaram os pesquisadores da época a reavaliar os padrões da narrativa biográfica histórica. Nessa nova perspectiva, os biógrafos passaram a buscar uma abordagem que rompesse com a linearidade e a coerência

### 3.1.1 Frei Orlando: O capelão militar

Figura 5 – O Capelão Frei Orlando, 1944.



Fonte: Acervo do *blog* O resgate da Força Expedicionária <sup>136</sup>

Quando o desânimo queria apoderar-se de mim, pensava no sofrimento Dêle, Jesus! Passei minha vida sempre rindo, embora tivesse muitos motivos para chorar... Sejam sempre assim, traduzam os sofrimentos pelo riso.<sup>137</sup>

No dia 13 de fevereiro de 1913, em meio às serras das plagas mineiras, na bacia do Rio São Francisco, na cidade de Morada Nova de Minas, nasceu Antônio Alvares da Silva, filho de Itagiba Alvares da Silva e Jovita Aurélia da Silva. O pai daquele que mais tarde seria chamado

---

tradicionalmente associadas à escrita das vidas de seus protagonistas. Em vez disso, eles buscaram explorar a complexa interação entre o individual e o coletivo, abrindo espaço para as particularidades, os medos, os questionamentos e as indecisões que caracterizam a experiência humana. Ao fazer isso, estes rejeitaram abordagens deterministas que reduzem a vida de um indivíduo a um destino predeterminado desde a infância. Ciente de que a cada momento de suas vidas, essas pessoas biografadas estavam diante do abismo do futuro desconhecido e indeterminado, uma vez que a existência humana é multifacetada, o biógrafo ou pesquisador deve sempre levar em consideração os acasos e os obstáculos, a fim de capturar um sentido de liberdade, mesmo quando o presente desses indivíduos já tenha se tornado passado. SCHMIDT, Benito B. “Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura”. In: GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira e RAGO, Margareth (org.). **Narrar o passado, repensar a História**. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2000. p.201.

<sup>136</sup>Disponível em: <https://henriquempffeb.blogspot.com/2012/03/frei-orlando-capitao-capelao-antonio.html>. Acesso em julho de 2021.

<sup>137</sup>Trecho de uma carta de Frei Orlando a suas irmãs In PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.212.

de Frei Orlando, foi assassinado em 29 de janeiro de 1916, e sua mãe, segundo seu biógrafo, havia falecido em 4 de junho de 1914. Assim, o caçula Antônio, ainda muito jovem, e seus irmãos, tornaram-se órfãos, ficando sob tutela dos compadres de seus pais, Sebastião de Almeida Pinho e D. Emirena Teixeira Pinho.<sup>138</sup>

Conforme crescia, o pequeno Antônio passou a frequentar a escola, e o catecismo. E o tempo, insigne alquimista, como afirmava Machado de Assis,<sup>139</sup> estava correndo. A forma em que Gentil Palhares descreve os anos infantis do futuro capelão da FEB é caracterizada por uma construção linear, e por carregar, em si, feições laudatórias e exemplares. A obra é um exemplo típico de uma biografia cujo principal objetivo, é fornecer uma persona exemplar aos homens do presente, e do futuro. Esta característica é descrita pelo próprio biógrafo: “Entendemos que as criaturas que passam pela Terra e deixam traços marcantes de virtudes espirituais, como no caso do Capelão da FEB, não podem e não devem ser olvidados. Para exemplo. Exemplo e estímulo”<sup>140</sup>. Ou ainda “Este livro deve ser para os moços, os quais, mais do que nunca, necessitam de exemplos sadios e exaltados nessa hora grave da nacionalidade. Se algum mérito possui o nosso trabalho, este se afirma e se consolida num ângulo exclusivo: o da VIRTUDE!”<sup>141</sup>

A partir da leitura desta obra biográfica, fica perceptível não apenas o grau de amizade entre sujeito e objeto da biografia em questão, mas também a tentativa do autor de conferir coesão à trajetória do futuro Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército.<sup>142</sup> Nas páginas iniciais da biografia encontram-se os seguintes comentários de Martins de Oliveira, poeta e historiador mineiro “A presente biografia é, antes de tudo e acima de tudo, a verdade sem exagero nem atenuação. Verdade pura, completa, irrestrita.” e continua “Se o trabalho que se vai ler, movido fora por propósitos menos louváveis, estaria profanada, sem dúvida, a memória de quem fora a humildade sem reserva, a tolerância construtora, sem restrição nem capitulação, e a serenidade alta, sem decaída nem falhas.”<sup>143</sup> A biografia a qual Martins de

<sup>138</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 19-20

<sup>139</sup>CANUTO, Ângela. **Machado de Assis: memórias de um frasista**. UFAL, 1999. p.189.

<sup>140</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 7.

<sup>141</sup>Grifo do autor. PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 8.

<sup>142</sup>“Considerando que o Capelão Militar, Capitão Antonio Alvares da Silva - Frei Orlando, Ofm, tombado na linha de frente, em Bombiana, Itália a 20 de fevereiro de 1945, prestou inestimáveis serviços à FEB nas fileiras do 11º Regimento de Infantaria, de São João Del Rei, onde a sua memória é justamente venerada: considerando haver ele demonstrado possuir peregrinas virtudes morais e cívicas, que o recomendam a posteridade como modelo de verdadeiro Sacerdote e Capelão Militar, o Chefe do governo resolve instituí-lo “PATRONO DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA DO EXÉRCITO”, por Decreto de hoje, criado em caráter permanente, conforme o referido Decreto-lei nº 8921 de 28 de janeiro de 1946. Getúlio Dorneles Vargas”. PALHARES, 1969., *Op. Cit.*, p 12.

<sup>143</sup>OLIVEIRA, Martins de. **Evangelho de uma vida**. apud PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 17.

Oliveira se referia não era a de Frei Orlando, mas sim a de seu irmão, Demóstenes Martins de Oliveira, contudo, ao parafrasear o historiador mineiro, Gentil Palhares afirma: “Assim, também, podemos nós abrir as páginas primeiras desse livro”.<sup>144</sup>

Ao narrar os primeiros anos de vida de Frei Orlando, seu biógrafo foca principalmente nos detalhes que evidenciam como a infância de seu objeto foi permeada pela religiosidade. Nesse sentido, são descritos aspectos relacionados ao seu catecismo e aos anos em que serviu como coroinha. Em algumas páginas, são perceptíveis algumas características problemáticas, elencadas por Pierre Bourdieu, em *A ilusão biográfica*. Destaca-se:

Coroinha em seu berço natal, ajudando Missa, repicando os sinos, desfolhando a vocação de sua alma, seria mais tarde, tangido pela fé, um perfeito Sacerdote a serviço do ministério de Deus. Cristalizava Antônio, desde menino, dentro do peito, onde palpitavam seus anseios e esperanças, sonhos e ilusões, o ideal vivo de um dia tornar-se Ministro da Igreja de Roma.<sup>145</sup>

Para Pierre Bourdieu, a escolha de termos como “sempre” ou “desde pequeno”, acabam por criar a ideia de que “a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto” e conclui o autor “a noção sartriana de ‘projeto original’ somente coloca de modo explícito o que está implícito nos ‘já’, ‘desde tão’, ‘desde pequeno’”.<sup>146</sup>

Um outro detalhe que, ao ser trazido por Gentil Palhares, confirma, para aqueles que leem sua obra, a ideia de predestinação, como se a vida de Frei Orlando fora completamente orientada para o sacerdócio, é um relato de uma irmã mais velha do Frei, Fausta Alvares da Silva, que, após narrar o nascimento de seu irmão Antônio, conta que, após um parto bem sucedido, seu pai havia convidado a mãe para tomar uma taça de vinho, para comemorar a chegada do novo filho, e que seu pai, após erguer os cálices, dissera “olhem como o garoto está a lambar os lábios e como olha a garrafa! Esse caboclo vai ser beberrão, ou padre”<sup>147</sup> Tal noção de predestinação pode ser encontrada em demais trechos da obra biográfica:

“Na aula de catecismo perguntava (Frei Orlando) coisas extraordinárias, que deixavam todos em suspenso e com a resposta no ar” [...] Nessa agilidade de pensamento de um predestinado, meditava sobre a Verdade que o próprio Cristo, diante de Pilatos, vacilara em explicar.

<sup>144</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 18.

<sup>145</sup>Grifo meu. PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 35.

<sup>146</sup>BOURDIEU, *Op. Cit.*, p.184.

<sup>147</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 36.

Frei Orlando, durante a catequese, é descrito por seu biógrafo como um ser predestinado, o qual refletia sobre a Verdade. A infância de Antônio, narrada por seus familiares a Gentil Palhares, é repleta de causos de travessuras, os quais são perpassados constantemente um movimento pendular, da predestinação para o sagrado. Como relata Fausta, seu pequeno irmão, Antônio, costumava brincar de celebrar a missa, e dar bênçãos aos seus familiares.<sup>148</sup>

Assim, a 6 de janeiro de 1925, Antônio ingressava no Colégio Seráfico de Divinópolis, com 12 anos de idade. Esse foi o primeiro passo do jovem Antônio rumo ao sacerdócio: a resposta ao chamado vocacional. O primeiro elo que o vincula ao capelão Francisco Eloi de Oliveira, assim como aos demais capelães católicos da FEB. Antônio permaneceu no seminário menor de Divinópolis até 1931, quando o jovem de Morada Nova de Minas, com 18 anos incompletos, atravessou o Atlântico pela primeira vez, rumo à Holanda, a fim de ingressar na Ordem Franciscana de Hoogkrutz.<sup>149</sup>

Uma vez na Holanda, em uma carta para seus familiares em terras brasileiras, escreve Antônio: “Encanto-me com as tulipas e tudo aqui é de beleza incomparável, só mesmo encontrada no nosso Brasil”<sup>150</sup>. Em meados da década de 1930, Antônio, que agora é chamado de Frei Orlando, conta aos seus parentes em Minas Gerais, alguns detalhes de uma Europa que se encaminhava para a Segunda Guerra Mundial:

Aqui neste lado do Atlântico, as coisas vão de mal a pior. Todo mundo espera uma catástrofe, mas, para quando? As pessoas que presenciaram o começo da Grande Guerra dizem que agora é tudo semelhante a 1914 e então todos esperavam uma coisa descomunal nas não sabiam quando; inesperadamente, começou a Guerra! Atualmente, dizem ser idêntica a situação, sobretudo nestas duas últimas semanas, isto é, depois do assassinato de Dolfuss, o Ditador da Áustria. A Alemanha está implicada no atentado, e a Itália requer satisfações do governo nazista. Qual será o fim? Não sei, esperemos.<sup>151</sup>

Foi a primeira vez que Frei Orlando mencionara a iminente guerra. Ao questionar o fim da guerra, é possível compreender que, para ele, a vida era uma constante contemplação de um futuro indefinido. O jovem frade que visitava as paróquias da vizinhança de Alverna, na Holanda, enquanto fazia aulas de Filosofia e Teologia viria a prestar serviços religiosos no *front*

<sup>148</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 40.

<sup>149</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 57.

<sup>150</sup>Carta de Frei Orlando a seus familiares datada de 1931. In PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 57

<sup>151</sup>Carta de Frei Orlando a seus irmãos datada de 2 de agosto de 1934. In PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.67.

italiano, aos mais de 25 mil brasileiros que compunham a Força Expedicionária Brasileira, e sua vida encontraria o fim na mesma guerra que ele temia o início.<sup>152</sup>

Os dias corriam e assim, em 28 de setembro de 1935, os sinos de bronze ressoavam repiques de comemoração enquanto a notícia se espalhava: Antônio havia retornado a Morada Nova. E a 24 de outubro de 1937, aos 24 anos de idade, Frei Orlando recebia ordens eclesiais, na cidade de Divinópolis, MG, no sacramento da ordenação.<sup>153</sup> As atividades sacerdotais de Frei Orlando foram realizadas na cidade mineira de São João Del Rei, onde este jovem sacerdote deu seus primeiros passos na vida ministerial. No Colégio Santo Antônio, Frei Orlando assumiu o cargo de professor, lecionando História Geral e Português. Além de seus afazeres de professor e sacerdote, Frei Orlando inaugurou, em outubro de 1942, a sopa dos pobres, que prestava valiosos serviços aos mais necessitados da cidade de São João Del Rei

Contudo, os problemas logo começaram a aparecer: “Tinha a sopa dos pobres mais de trezentos pratos, mas o número dos que lhe batiam à porta já ia para mais de quinhentos necessitados!”<sup>154</sup> Impulsionado pela falta de materiais que concretizasse o sucesso de seu projeto, Frei Orlando foi até o 11º Regimento de Infantaria de São João Del Rei (o mesmo quartel do qual um dia ele faria parte do efetivo) na busca de algum auxílio financeiro. E assim, o jovem sacerdote logo encontrou ajuda financeira, como também se encontrou pela primeira vez com seu biógrafo.

Enquanto Frei Orlando residia entre as serras, as ruas históricas e os templos centenários de São João Del Rei, a guerra que ele havia mencionado em uma carta de 1934 aos familiares se desenrolava cada vez mais, espalhando um rastro de medo e morte pela Europa e, posteriormente, por outras nações. Em São João Del Rei, os ecos da Segunda Guerra Mundial logo envolveram a cidade em densas nuvens de inquietação e incerteza. A declaração de guerra do Brasil ao Eixo fez com que essa cidade mineira, geralmente tranquila, se tornasse um dos berços da Força Expedicionária Brasileira. É nesse contexto que a trajetória de Frei Orlando se entrelaça com a Segunda Guerra Mundial, conforme expresso nas palavras de Gentil Palhares:

Pelas ruas da cidade, o discípulo de Assis se mostrava, agora, um desnortado. Até mesmo a “SOPA DOS POBRES”, já não se fazia assíduo, como em outros tempos. Seu pensamento era a Guerra. Sua atenção estava toda inclinada para os preparativos que se processavam em todo o território nacional, para o embarque do contingente. E de tudo ele procurava inteirar-se [...] com a

<sup>152</sup>De acordo com Gentil Palhares, o desejo de Frei Orlando era ser missionário na China. PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.69.

<sup>153</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.76.

<sup>154</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.88.

criação definitiva da FEB, não ocultava a sua admiração pelas providências do governo. [...] No colégio Santo Antônio, na sua cela de Frade, um franciscano -Frei Orlando- não se conformava com o permanecer impassível diante do drama nacional.<sup>155</sup>

Esse trecho, como outros já aqui apontados, demonstram que a escrita biográfica é também caracterizada por recortes e enfoques em alguns aspectos exemplares, em detrimento de outros, como momentos de incerteza e de oscilações. No caso de Frei Orlando, alguns detalhes da narrativa de Gentil Palhares atuam na construção da imagem de um Capelão que nasceu para servir e morreu ao fazê-lo. Antes de atentar ao caso de Frei Orlando, capelão da FEB, é importante ressaltar que a infância e a adolescência do sacerdote, foram recortadas para enfocarem-se principalmente em aspectos religiosos, trazendo, em suas páginas, a ideia de que a vocação sacerdotal parecia estar destinada a ele desde o nascimento. Nesse sentido, no trecho acima trazido, o biógrafo de Frei Orlando, Gentil Palhares cai novamente nas teias das críticas de Pierre Bourdieu. Sua obra traz um rapaz, ainda jovem, sedento para conhecer mais a respeito da guerra, e sedento para nela lutar:

Eis que certo dia, entre surpreso e alegre, recebe do então Cel. Delmiro Pereira de Andrade, Comandante do 11º RI, um convite para comparecer ao quartel. Mostrava-se alegre, porque já adivinhava o que seria o assunto: o Cel. convidava-o para integrar-se na Expedição Brasileira e esperava contar com a sua anuência. Todo jubiloso, Frei Orlando providenciou logo a autorização de seus superiores do Colégio.<sup>156</sup>

Em meio aos diferentes trâmites que marcaram não apenas a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, mas também o envio de um corpo de capelães, Gentil Palhares apresenta aos seus leitores um rapaz que se rejubilava com o convite de compor a FEB. Não é trazido pelo autor, detalhe algum de temor por parte do rapaz que acabara de ser convidado a prestar serviços na Guerra, convite que significava a despedida com o cotidiano pacífico do claustro, e do ambiente tranquilo que encontrava em São João Del Rei.

Eis, porém que, na manhã de 20 de julho de 1944 [...] surge em nosso acantonamento, risonho e feliz, aquele que seria bravo incentivador de nossos jovens. Com ele também se apresentavam os Capelães Frei Alfredo (no século, Waldemar Santaro) e Padre Elói de Oliveira; o primeiro descendente das plagas sulinas - Santa Catarina e, o segundo, filho de Minas Gerais, São Tiago, onde reside e é Monsenhor.<sup>157</sup>

<sup>155</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.111-112.

<sup>156</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 112.

<sup>157</sup>Grifo meu. PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 116.

Demonstrando a felicidade do rapaz em atuar no SAR, seu biógrafo ainda proclama: “Quanta vontade de bem servir à causa do Brasil e ao santo Ministério de Deus. Estava, pois, o filho de Morada Nova incluído no Estado Efetivo do nosso Regimento, no posto de 1º Tenente, consoante Decreto-lei nº 6.535, de 26 de maio de 1944. Mais um companheiro para sofrer ao nosso lado.”<sup>158</sup> Em vários momentos da obra aqui apontada, o autor compara constantemente o sacerdote mineiro com Francisco de Assis. No momento em que a guerra bateu às portas do claustro de Frei Orlando, seu biógrafo não poderia fazer diferente. O menino de Morada Nova, que, segundo Palhares, havia tido uma “vida de pureza, ilibada e irreprochável”<sup>159</sup> não seria descrito como um homem amedrontado pela guerra, mesmo que o medo seja um sentimento corriqueiro na natureza humana. Assim, o sacerdote-soldado sorria. Neste trecho fica perceptível a busca de coesão à trajetória do capelão. A obediência a Deus e suas vontades, também muito presentes nesta obra, é geralmente encontrada na construção de santidade de um personagem. Frei Orlando é trazido como um encarne de virtudes cristãs, doando-se, inteiramente e devotamente, sob o olhar de seu biógrafo, aos mais necessitados. A vida de Frei Orlando é construída sobre as seguintes bases: a obediência, a caridade e a oração. A finalidade de sua vida aqui exposta por seu companheiro de *front* é a materialização daquilo que é próprio de sua Igreja, seus santos e de seu Deus. Por fim, tomar essa biografia como fonte para a crítica historiográfica significa tomá-la como um registro de memória, o qual atua, por sua vez, como uma obra construtiva de realidade, não como portadora incontestável da verdade.

### 3.1.2 Francisco Eloi de Oliveira: o capelão militar

Ao despertar da vida ao homem assim Deus fala: Escuta minha voz, eu te convido vem; Esquece e deixa tudo pra poder servir-me [...] - A Deus, extasiado o homem lhe responde: Senhor, pobre de mim, terei tanta coragem? Da terra o mais humilde ser que tu criaste galgar teu santo altar e ali ficar contigo? [...] - Mas o Senhor responde: - Nessa pequenez tornar-te-ás então meu filho bem amado, serás meu instrumento pra salvar o mundo, serás vitorioso em todos os combates, serás o vencedor das Hostes infernais. - Senhor, aqui me tens se é do teu agrado, Contigo posso navegar o mar bravio, Contigo enfrentarei ferozes inimigos E alcançarei vitória em todas as batalhas.<sup>160</sup>

<sup>158</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 116-117.

<sup>159</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 75.

<sup>160</sup>NOGUEIRA, Pe. José Elias. O Padre: homenagem ao Monsenhor Francisco Eloi de Oliveira. *Apud SANTIAGO, Op. Cit.*, p. 7

Figura 6 - O Capelão Pe. Francisco Eloi de Oliveira



Fonte: SANTIAGO, *Op. Cit.*, p. 41.

No distrito de São Tiago, em Minas Gerais, nasceu, em 19 de novembro de 1915, Francisco Eloi de Oliveira, filho de José Pedro de Oliveira e de Júlia Alves de Sena. Seu batismo ocorreu na Igreja Matriz de São Tiago Maior e Sant'Ana em 2 de janeiro de 1916. Foi sob a figura do Padre José Duque de Siqueira, que o pequeno Francisco iniciava seus caminhos na religiosidade católica, e, de acordo com os dogmas da Igreja Católica, se tornava um cristão.

Os pequenos Antônio Álvares (Frei Orlando) e Francisco Eloi, futuros capelães da FEB, foram, em suas biografias, unidos por uma coincidência, trazida por seus biógrafos: Alguém lhes havia previsto o sacerdócio quando estes ainda eram bebês: “Padre José Duque, muito brincalhão, deu uma palmada no menino Francisco dizendo: ‘Esse Chico aqui será um padre’”<sup>161</sup>. Novamente, pode-se perceber, neste tipo de abordagem, a ênfase no mecanismo de predestinação nas trajetórias individuais, como na passagem a seguir:

Francisco era um filho exemplar, atencioso e dedicado, sempre ajudando seus pais nos serviços cotidianos. Desde cedo manifestou o firme desejo de ser padre, quando servia de coroinha na Igreja Matriz onde fora batizado e crismado. Com 10 anos recebeu sua primeira Comunhão.<sup>162</sup>

Neste trecho de Santiago, novamente é possível observar alguns aspectos das ilusões biográficas, como o uso de expressões que criam no leitor a ideia de que o sacerdócio norteou a vida de Francisco mesmo quando este ainda era uma criança. Ademais, existem outros

<sup>161</sup>SANTIAGO, *Op. Cit.*, p. 16.

<sup>162</sup>SANTIAGO, *Op. Cit.*, p.16.

aspectos que aproximam Frei Orlando e Mons. Francisco Eloi, como a narrativa de que os dois, em suas brincadeiras trazidas por seus biógrafos, fingiam ser padres. A esse respeito, é importante destacar que em muitas famílias, especialmente nas comunidades do interior, o sacerdócio transcende sua dimensão estritamente religiosa, sendo percebido como um marcador significativo de status. A indução dessa perspectiva revela a intrínseca interconexão entre a posição clerical e o prestígio social em determinadas comunidades. Nesse contexto, ser um membro do clero não apenas implica um compromisso espiritual, mas também confere um certo reconhecimento e respeito na esfera comunitária.

Desde os oito anos, quando participava da vida na Igreja Paroquial de São Tiago, Francisco começou a descobrir o seu chamado para a vida sacerdotal. Gostava muito de ficar observando a vida dos padres e sentia vontade de vestir a batina. Ainda criança, na roça, subia nos cupins e pregava como se já fosse um padre. Certa vez, Francisco disse à sua mãe: “Mamãe, eu desejo tanto ser padre”<sup>163</sup>

A forma em que o biógrafo do Pe. Francisco Eloi de Oliveira retrata os anos da infância de seu biografado se assemelha à maneira em que Gentil Palhares tratou os anos infantes de Frei Orlando, a vida do jovem santiaguense segue uma linearidade teleológica, cujo desfecho é o sacerdócio. Ora, o principal objetivo aqui não é questionar se Francisco Eloi brincava ou não pregando sobre cupins, mas sim como tais ações são trazidas enfaticamente em sua biografia, o que acaba por alimentar cada vez mais as ilusões, apontadas por Bourdieu, em textos biográficos. O trecho a seguir, que congrega subjetivação e predestinação, exemplifica esta situação:

Com grande desejo e o chamado de Deus no coração, Francisco nunca deixava de confiar no seu desejo, esperançoso de ser padre. Confiava como ninguém em Deus. Comungava frequentemente, participava do catecismo paroquial e assistia às missas de domingo. No seu pensamento, tinha certeza que um dia seria padre.<sup>164</sup>

Francisco era um rapaz de origem humilde, antes de partir para o seminário, tendo concluído, em 1929, o curso primário no Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior”, o futuro capelão da FEB trabalhou por 6 meses na lavoura, e, segundo Marcus Santiago, teria conseguido fazer algumas roupas, duas batinas e uma colcha de lã. E, no lombo de um cavalo, no dia primeiro de fevereiro de 1931, Francisco fora levado ao trem que o levaria até Belo Horizonte, onde este se tornaria um seminarista.<sup>165</sup>

---

<sup>163</sup>SANTIAGO, *Op. Cit.*, p.17.

<sup>164</sup>Grifo meu. SANTIAGO, *Op. Cit.*, p.17.

<sup>165</sup> SANTIAGO, *Op. Cit.*, p.18.

O primeiro elo entre Francisco Eloi, de São Tiago, MG, e Frei Orlando, de Morada Nova de Minas, foi a resposta ao chamado ao ministério sacerdotal: *Venite, ego elegi vos*, ou *venham, eu vos escolhi*.<sup>166</sup> A partir desse chamado, ambos seguiram uma trajetória de vida dedicada à Igreja Católica e ao serviço religioso, cada um à sua maneira, até que seus caminhos se cruzassem na guerra.

A respeito do chamado sacerdotal, Peter Marshall, um famoso pastor e pregador entre os estadunidenses durante a Segunda Guerra Mundial, questiona, em um sermão intitulado *The tap on the shoulder*, com que direito um homem se coloca, diante dos seus semelhantes, e reivindica a atenção destes, com a bíblia em mãos. Logo em seguida, o pastor completa:

Não porque ele é melhor do que eles, não porque frequentou um seminário teológico e estudou hebraico, grego e teologia. Mas principalmente porque ele está obedecendo a um “toque no ombro”. [...] Deus tirou Moisés do pastoreio das ovelhas, Ele tirou Amós dos rebanhos de Tekoa, Ele chamou Pedro, Tiago e João dos barcos de pesca e suas redes. O verdadeiro ministro está em seu púlpito não porque escolheu essa profissão como um meio de subsistência fácil, mas porque não pôde evitar, porque obedeceu a uma convocação imperiosa que não será negada.<sup>167</sup>

Lyle Dorsett, em *Serving god and country: United States military chaplains in World War II*, explica que na leitura de centenas de cartas de rabinos, ministros e padres, nas descrições de como estes, originalmente, encontraram o caminho às suas vocações, a maioria destes teriam relatado ter sentido um “tapinha no ombro”.<sup>168</sup> Este *tap on the shoulder* levou o jovem Francisco, no dia primeiro de fevereiro de 1931, ao Seminário do Coração Eucarístico de Jesus, 17 dias antes de seu futuro companheiro de Regimento de Infantaria, Frei Orlando, ainda Antônio Alvares, partir para a Holanda. Uma vez no seminário menor, Francisco teve aulas de Latim, Religião, Português, entre outras. No seminário maior, cursou Filosofia e Teologia.<sup>169</sup>

<sup>166</sup>"Venite, ego elegi vos" é uma frase em latim que significa "Vinde, eu vos escolhi" e é uma referência à passagem bíblica de João 15:16, em que Jesus diz aos seus discípulos: "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós e vos constituí para que vades e produzais fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda." Essa frase é frequentemente usada em contextos religiosos e vocacionais, incluindo a convocação de pessoas para o ministério sacerdotal.

<sup>167</sup>Tradução nossa, originalmente: "Not because he has attended a theological seminary and studied Hebrew, Greek, and theology. But primarily because he is obeying a 'tap on the shoulder'. [...] God brought Moses from minding the sheep, He took Amos from the herds of Tekoa, He beckoned Peter, James, and John from the fishing boats and their nets. ...The true minister is in his pulpit not because he has chosen that profession as an easy means of livelihood, but because he could not help it, because he has obeyed an imperious summons that will not be denied". DORSETT, Lyle W. **Serving God and country: United States military chaplains in World War II**. Penguin, 2012. p.7.

<sup>168</sup>DORSETT, *Op. Cit.*, p. 7.

<sup>169</sup> Os antigos seminários eram divididos em menores e maiores. O seminário menor corresponde ao que hoje é chamado de Ensino Fundamental II, abrangendo do 6º ao 9º ano, e também ao Ensino Médio. Já o Seminário Maior corresponde aos anos que envolvem o curso de filosofia e teologia. Ainda hoje, existem algumas dioceses que mantêm esta tradição, como é o caso de Petrópolis- RJ, e Mariana- MG. Para mais detalhes ver:

Em seu pedido de Ordenação Sacerdotal, em 1940, Francisco Eloi menciona, em uma carta, que “sinto realmente ser chamado por Deus”.<sup>170</sup> Seria esta a sua versão da tapinha no ombro citado por Peter Marshall, encontrado em diversas cartas por Lyle Dorsett? Nesta mesma carta, Francisco Eloi ainda menciona:

Finalmente prometo, com toda a sinceridade, obedecer sempre, com ânimo totalmente submisso, consoante as normas dos sagrados cânones, a tudo quanto me for ordenado pelos superiores e de mim exigir a disciplina da Igreja, disposto a dar exemplos de virtude, já por palavras, já por obras, e de tal modo que mereça a recompensa de Deus por tão grande ministério.<sup>171</sup>

E assim, o futuro capelão da FEB se preparava para dar o seu “sim” definitivo para o sacerdócio. Francisco foi ordenado sacerdote no dia 20 de outubro de 1940, na cidade de Belo Horizonte, e, uma semana depois, o neossacerdote voltou à sua cidade natal, para uma solene celebração eucarística.<sup>172</sup> Em seus primeiros passos clericais, antes de tornar-se capelão, Padre Francisco Eloi tomou posse da Paróquia de Santo Antônio, em Rio Acima, onde cumpria seus deveres sacerdotais, antes de ser transferido e nomeado pároco da Paróquia Nossa Senhora da Glória, de Passa Tempo.

E assim, em 1944, enquanto Padre Francisco se encarregava de seu ministério, a Segunda Guerra Mundial encontrou seus caminhos até ele. Em 18 de julho de 1944, este recebeu a notícia de que teria sido indicado por Dom Cabral, Arcebispo de Belo Horizonte, como um candidato a Capelão do SAR que acompanharia a FEB no teatro de operações italiano. Contudo, enquanto Frei Orlando, nas palavras de seu biógrafo, Gentil Palhares, teria recebido com alegria e entusiasmo a indicação a capelão, Padre Francisco Eloi, com 29 anos, segundo seu biógrafo, Marcus Santiago, “sentiu-se sem forças para o desempenho da missão”<sup>173</sup>.

Em um trecho retirado da obra *De São João Del Rei ao Vale do Pó*, de Gentil Palhares, escreve Francisco Eloi: “Foi chocante para mim o telegrama de meu arcebispo anunciando-me a sua deliberação, não que eu tivesse medo da guerra, com todos os seus horrores, mas porque as responsabilidades eram muitas.”<sup>174</sup> E, apesar de sua insegurança e incerteza, Padre Francisco

---

Congregação para a educação católica (para os seminários e as instituições de estudos), disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_19981005\\_semin\\_proped\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19981005_semin_proped_po.html). Acesso em dezembro de 2022.

<sup>170</sup> Trecho da carta de Pedido de Ordenação Sacerdotal, de 20 de outubro de 1940 in SANTIAGO, *Op. Cit.*, p. 27.

<sup>171</sup> Trecho da carta de Pedido de Ordenação Sacerdotal, de 20 de outubro de 1940. *Ibid.*, p. 27.

<sup>172</sup> SANTIAGO, *Op. Cit.*, p. 28-29.

<sup>173</sup> SANTIAGO, *Op. Cit.*, p. 40.

<sup>174</sup> PALHARES, Gentil. *De São João del-Rei ao Vale do Pó*. Biblioteca do Exército, 1957. *apud* SANTIAGO, *Op. Cit.*, p. 40

Eloi tornou-se um capelão militar do 11º Regimento de Infantaria, e cumpriu a promessa de seu pedido de Ordenação Sacerdotal supracitado, no qual prometera “Finalmente prometo, com toda a sinceridade, obedecer sempre, com ânimo totalmente submisso, consoante as normas dos sagrados cânones, a tudo quanto me for ordenado pelos superiores”.<sup>175</sup>

### 3.2 ORA ET LABORA: A EXPERIÊNCIA NA CAPELANIA DA FEB.

Foi na cidade histórica de São João Del Rei, transformada pela guerra em um dos berços da Força Expedicionária Brasileira, por ser sede do 11º R. I., que Padre Francisco Eloi, e Frei Orlando tiveram seus caminhos cruzados no âmbito da capelania. Com a restituição tardia do Serviço de Assistência Religiosa, às vésperas do envio da Força Expedicionária ao teatro de operações italiano, o regimento mineiro já havia se deslocado para a atual Guanabara, para a realização do treinamento das tropas.

Embora os soldados tivessem partido sem a companhia de sacerdotes, o adeus à São João Del Rei, com seus templos centenários, e ao lar, por parte dos combatentes, foi expresso em um ritual religioso. Segundo Gentil Palhares, em *De São João Del Rei ao Vale do pó*, as imprensas da capital mineira, e do Rio de Janeiro, teceram notas elogiosas à sede do 11º R. I., apelidando-a de “Roma Mineira”,<sup>176</sup> no momento em que a cidade se despedia de quase trezentos filhos, os quais foram incorporados à expedição brasileira na Segunda Guerra Mundial.

No dia 14 de fevereiro de 1944, ou seja, no mês que precedeu a partida do Regimento para o Rio de Janeiro, realizou-se na Praça Francisco Neves [...] uma imponente cerimônia religiosa, que foi a missa-campal, oficiada por Monsenhor José Maria Fernandes. A praça fronteira ao templo de Nossa Senhora das Mercês achava-se completamente tomada. Pessoas de todas as camadas sociais compareceram ao ato, empolgadas pela sua significação, pois que exprimia ele o testemunho público da comunhão com Deus dos que deveriam partir, e dos que ficariam no desconsolo.<sup>177</sup>

E continua:

Sob a invocação de Nossa Senhora das Mercês, o ato cívico-religioso revestiu-se de características que não poderiam deixar de ser consignadas neste trabalho [...] São João del Rei, crente e fervorosa, procurava refúgio e consolo aos pés da Virgem.<sup>178</sup>

<sup>175</sup>Trecho da carta de Pedido de Ordenação Sacerdotal, de 20 de outubro de 1940. *Ibid.*, p. 27.

<sup>176</sup>PALHARES, 1957, *Op. Cit.*, p. 69.

<sup>177</sup> PALHARES, 1957, *Op. Cit.*, p. 69.

<sup>178</sup> PALHARES, 1957, *Op. Cit.*, p. 69.

O sermão proferido por Monsenhor Fernandes foi concluído com uma bênção sobre os soldados: “Ide com Deus e a Virgem Maria, Militares do 11º R. I. Na retaguarda ficam almas, corações e lábios a rezar por vós”.<sup>179</sup> A celebração narrada por Gentil Palhares é, ainda hoje, lembrada com emoção por aqueles que dela participaram. A seguir, alguns registros fotográficos da celebração eucarística:

Figura 7- A missa de despedida do 11 R.I, em São João Del Rei, 1944.



Fonte: "A Antiga São João Dei Rei" (*online*)<sup>180</sup>

---

<sup>179</sup> PALHARES, 1957, *Op. Cit.*, p. 77.

<sup>180</sup> Postagem de, Beatriz Marun no grupo de Facebook intitulado A Antiga São João Dei Rei: “Bênção dos combatentes que seguiam para a IIGM.” em 13 de novembro de 2020. Disponível em: [https://www.facebook.com/groups/antigasjdr/permalink/3398312810244617/?mibextid=Nif5oz&paipv=0&eav=AfZtTYJunMd7T9MdC8SjK3D0GMCMJ6mVQmm631yb6kLztHa5dmIbKVsxlyei2JVcgxs&\\_rdr](https://www.facebook.com/groups/antigasjdr/permalink/3398312810244617/?mibextid=Nif5oz&paipv=0&eav=AfZtTYJunMd7T9MdC8SjK3D0GMCMJ6mVQmm631yb6kLztHa5dmIbKVsxlyei2JVcgxs&_rdr). Acesso em setembro de 2022.

Figura 8 - Soldados e civis durante a celebração da Missa de despedida da FEB



Fonte: "A Antiga São João Dei Rei" (*online*)<sup>181</sup>

A missa de despedida dos soldados de São João Del Rei, realizada sob os pés da Virgem das Mercês em uma escadaria, cercados por civis de várias idades, demonstra um ato devocional por parte dos soldados, mesmo antes da Força Expedicionária Brasileira contar com um Serviço de Assistência Religiosa. Esses quase 300 soldados sanjoanenses estavam prestes a partir para a guerra, e é possível inferir que parcelas significativas deles, que se dirigiam para batalhas em territórios completamente desconhecidos, tinham pensamentos sobre a morte. De acordo com Adriane Piovezan, entende-se que as religiosidades atuam nestes momentos, como agentes transformadores das incertezas e do medo, em fé: “A espiritualidade e medo de morrer na guerra estão infinitamente ligados”<sup>182</sup>, e este espiritualismo religioso individual e coletivo, pode ser encontrado nos registros fotográficos acima demonstrados.

Gentil Palhares, ao narrar o ato sagrado para os católicos, menciona que muitos choravam e suplicavam: “Pais, esposas, noivos, irmãos, cada um exprimia a dor que lhe ia n’alma e mesmo aqueles que não tinham parentes nas forças armadas, se mostravam comovidos e choravam”<sup>183</sup>. A dor da despedida, as incertezas a respeito do que está por vir, e o medo de

<sup>181</sup> Postagem de, Beatriz Marun no grupo de Facebook intitulado A Antiga São João Dei Rei “Bênção dos combatentes que seguiam para a IIGM.” em 13 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/antigasjdr/permalink/3398312810244617/?mibextid=Nif5oz&paipv=0&eav=AfZtTYJunMd7T9MdC8SjK3D0GMCMJ6mVQmm631yb6kLztHa5dmIbKVvXlvei2JVcgxs&rdr>. Acesso em setembro de 2022,

<sup>182</sup> PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.164.

<sup>183</sup> PALHARES, 1957, *Op. Cit.*, p. 69.

não voltar não eram exclusivos dos soldados. As famílias que no Brasil permaneceram também tiveram a visita da guerra em seus lares, não através de morteiros e tiros, tampouco estas se escondiam em *foxholes*, mas a guerra fazia-se presente pela ausência de um ente querido. É em meio a esse contexto, que os combatentes e seus familiares buscavam realizar promessas, as quais atuavam como um acordo com o sagrado: o fiel pede, e paga a promessa, seja esta qual for, quando o pedido for recebido:<sup>184</sup> “a devoção ao Santo constitui para o fiel uma garantia do auxílio celeste para suas necessidades. Sendo que a lealdade ao Santo se manifesta, sobretudo, no exato cumprimento das promessas feitas”.<sup>185</sup>

Poucos dias após a celebração eucarística mencionada, nos primeiros dias de março de 1944, ocorreu o embarque das tropas, como descreve Gentil Palhares:

São João del Rei era uma cidade triste. Os sinos não mais repicavam festivamente. [...] Ao embarque da tropa, compareceu toda a população. Abandonava as suas atividades. Paralisava tudo, para vir chorar pelas ruas. As despedidas eram tristes, profundamente tristes! [...] E muitos desmaiaram tangidos pela dor da separação. Nem todos, de fato, voltariam à terra querida [...] A banda de música do Regimento, composta na sua totalidade de elementos sanjoanenses, ia à frente do desfile, rumo à estação ferroviária. [...] Em um dado instante, avenida abaixo, já escrevêramos essa cena alhures-cessava o som da música... os músicos também choraram.<sup>186</sup>

A mesma São João Del Rei que sofria com a partida das tropas no início de março de 1944, foi palco, a 20 de julho do mesmo ano, da apresentação dos três capelães que acompanhariam a FEB, sendo estes Frei Orlando, Frei Alfredo (no século Valdemar Setaro) e Padre Francisco Eloi de Oliveira: “Abandonando a vida do claustro, deixando o ambiente de sossego e de tranquilidade em que viviam, trocando a solidão das celas e o silêncio dos templos pela agitação e ruído da caserna, ambiente estranho, adverso e profano.”<sup>187</sup>

Estes três capelães do 11º R.I., e os demais capelães que compunham o SAR, passaram por um processo de seleção que contou com inspeção médica, além de uma avaliação do currículo desses pastores e sacerdotes. Enquanto alguns destes já possuíam familiaridade com a caserna,<sup>188</sup> outros eram paroquianos, ou atuavam na docência de seminários e de colégios. A

<sup>184</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.164.

<sup>185</sup>AZZI, Riolando. A Espiritualidade Popular no Brasil: um enfoque histórico, *In*; **Grande Sinal – Revista de Espiritualidade**, Ano XLVIII – 1994/3, p 296

<sup>186</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 113.

<sup>187</sup>PALHARES, 1957, *Op. Cit.*, p. 107.

<sup>188</sup>Como anteriormente mencionado, existiam alguns sacerdotes que atuavam, irregularmente, como capelães militares antes da recriação do SAREx no dia 26 de maio de 1944. Dos 27 capelães que partiram com a FEB para a Itália, 6 possuem, em suas fichas, no campo “Principais cargos que desempenhou”, a função de capelão militar. São estes: Pe. Pe. Alberto da Costa Reis, como: “Capelão na guarnição Militar de Maceió e na de São Leopoldo (G.R. Sul). Capelão Militar de Maceió (22º B.C.), com elogio do comando”. Pe. Aquiles Silvestre,

maioria deles falava dois idiomas, como o próprio Antônio Álvares da Silva, Frei Orlando, que estudou na Holanda.<sup>189</sup>

Durante o processo de seleção dos capelães que atuavam no S.A.R. durante a Segunda Guerra Mundial, muitos sacerdotes e pastores enviaram cartas e telegramas a autoridades do Exército, e até mesmo ao então ministro da guerra, Eurico Gaspar Dutra, nas quais estes demonstraram, fervorosamente, seus desejos de atuarem na capelania, contudo, nem todos tiveram uma resposta positiva. A seguir, um trecho de uma carta escrita por um sacerdote, o Pe. Clovis de Souza e Silva, em 30 de junho de 1944, mês em que os futuros capelães estavam no processo de serem nomeados:

Coloquei-me totalmente à disposição do Exército, conforme o desejo de V. Excia, preparei-me para o imediato exame médico. Entretanto, fui informado, pelo telefone, neste mesmo dia, pelo Snr. M. Regadas que a data do meu exame fora condicionada ao instrumento oficial de minha apresentação por parte do Snr. Arcebispo de Belo Horizonte qual ainda não havia sido feito. Isto se deu no dia 27. Telegrafei ao meu arcebispo que providenciasse. Este me respondeu que desde o dia 26 meu nome tinha sido apresentado. Voltei a V. Excia com o telegrama. Fui atendido. [...] De tudo que V. Excia me disse, eu notei, com suma clareza, o desejo de V. Excia de que eu desistisse de acompanhar as Forças Expedicionárias brasileiras [...] então, meu coronel, eu me ofereço por este documento que assino, para desempenhar, em qualquer circunstância de lugar ou de tempo, como simples soldado e sem nenhuma remuneração material, a missão que tenha sido recusada por qualquer brasileiro, contanto que seja para a grandeza da minha Pátria e da Religião.<sup>190</sup>

Nesse documento, o padre relata sua total disposição de se colocar à serviço do Exército. No entanto, ele narra um entrave burocrático em relação à sua nomeação, que estava condicionada à apresentação oficial por parte do Arcebispo de Belo Horizonte. O padre expressa sua frustração com a demora nesse processo, apontando que seu nome já havia sido

---

como: “Vigário Cooperador de Mogi das Cruzes; de Sta. Efigênia, na cidade de S. Paulo: Pároco de Casa Verde: Mestre de Disciplina e Mordomo do Seminário da Imaculada Conceição e Capelão de Caieiras”, Pe. D. Francisco Leite (Amarílio da Silva Leite), como: “Monge Beneditino - Capelão militar da Guarnição de Salvador (Bahia)”. Pe. Gregório Pelegrino Comasseto, como: “Vigário Cooperador de Cachoeira (Sul), Assistente Paroquial da Ação Católica. Assistente da União dos moços católicos. Capelão Militar na Guarnição de Cachoeira (Sul)”. Pe. Hélio Abranches Viotti, como: “Catequista, professor de Português, Latim, História do Brasil e Geral, diretor da Biblioteca Pe. Galanti do Colégio São Luiz em São Paulo, capelão em Itaici, pregador e professor no Instituto Superior de Cultura Religiosa”. Pe. João Pheaney Silva, como: “Vigário Cooperador de S. José de Belém, Vigário Cooperador de Sta. Efigênia, Vigário Cooperador de Sta. Generosa, 1º Vigário de Mairinque (cidade), diretor arquidiocesano de Ensino Religioso. Capelão Militar em Itú, Jundiá e São Paulo.” Estes dados podem ser encontrados nas fichas destes capelães, na Pasta Intitulada Arquivo Serviço Religioso 1º DIE- Ficha de Capelães Militares. Caixa n° 356. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>189</sup>LIMA, 2021, *Op. Cit.*, p.55.

<sup>190</sup>Grifos do autor. Carta de Pe. Clóvis de Souza e Silva, endereçada ao Coronel Bina Machado, em 30 de junho de 1944., na ficha intitulada “Padres não aceitos”, Pasta n°3 do dossiê intitulado: “AHEx DIU.História, Capelães que foram c/ a FEB. 632-7032 P-27. I-22. 6992.”, do Arquivo Histórico do Exército. Visitado em 17 de outubro de 2022.

apresentado anteriormente. Este trecho também ilustra a importância que esses clérigos atribuíam à sua participação no contexto de guerra. Seguindo a mesma dinâmica, o Padre Clóvis, redigiu uma carta ao Major Regadas em 11 de julho de 1944. Nela, ele argumenta que:

Aproveitando a oportunidade de ter estado com meus colegas PP Olavo e Francisco, mando-lhe esta carta, pedindo-lhe resolva imediatamente a minha situação. Devo responder a D. Cabral e até agora nada de definitivo. Os senhores devem a mim a responsabilidade. Não é possível outra atitude. Sobre minha saúde, só os médicos podem e tem autoridade de decidir. Toda carta merece resposta, ainda mais quando de um sacerdote que foi apresentado pelo seu bispo que deve ser e de fato é uma pessoa idônea. Adeus.<sup>191</sup>

A resposta que Pe. Clóvis recebeu foi a de que:

O seu caso, do qual foi notificado o Revdmº Dom ANTONIO, é muito simples: Sua reverendíssima indicou três de seus escassos sacerdotes, dos quais somente dois foram aceitos, para que uma equitativa distribuição de ônus tão grandes entre as várias dioceses, que desejam contribuir para tão relevante serviço em tão magna fase da vida nacional.<sup>192</sup>

Através da carta escrita pelo Pe. Clóvis ao Major Regadas em 11 de julho de 1944, fica evidente que o processo de nomeação e a definição de sua situação estavam pendentes. Ele expressa sua preocupação em relação à falta de uma decisão definitiva e o fato de que precisa responder ao bispo Dom Cabral, indicando que a demora na resolução desse assunto estava gerando desconforto e incerteza. O tom da carta sugere um certo grau de frustração por parte do Pe. Clóvis, que sente que os responsáveis pelo processo de seleção e distribuição devem agir de forma mais eficiente e responsável. Ele enfatiza que sua situação merece uma resposta, destacando sua própria credibilidade como sacerdote apresentado pelo bispo, indicando que seu nome deveria ser considerado confiável e digno.

A resposta que Pe. Clóvis recebeu reflete a tentativa de equilibrar as demandas e responsabilidades entre as várias dioceses, que estavam interessadas em contribuir com capelães para o serviço durante a guerra. O Major Regadas explica que a indicação de sacerdotes foi limitada a apenas dois dos três apresentados, com o objetivo de distribuir equitativamente o trabalho e os ônus entre as diferentes dioceses. Esse contexto revela como as

<sup>191</sup>Carta de Pe. Clóvis de Souza e Silva, endereçada ao Major Regadas, em 30 de junho de 1944., na ficha intitulada “Padres não aceitos”, Pasta nº3 do dossiê intitulado: “AHEx DIU.História, Capelães que foram c/ a FEB. 632-7032 P-27. I-22. 6992.”, do Arquivo Histórico do Exército. Visitado em 17 de outubro de 2022.

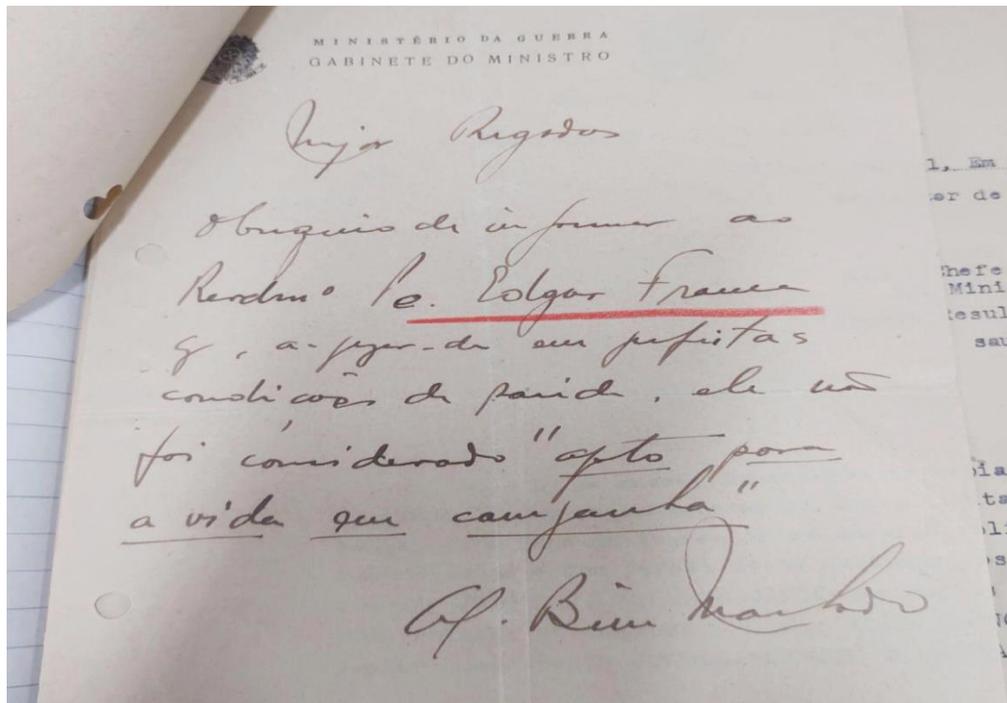
<sup>192</sup>Carta de Bina Machado endereçada ao major Regadas, na ficha intitulada “Padres não aceitos”, Pasta nº3 do dossiê intitulado: “AHEx DIU.História, Capelães que foram c/ a FEB. 632-7032 P-27. I-22. 6992.”, do Arquivo Histórico do Exército. Visitado em 17 de outubro de 2022.

nomeações de capelães não eram apenas uma questão individual, mas também envolviam decisões que buscavam atender às necessidades das dioceses e da própria FEB.

O que fica evidente na leitura das cartas enviadas por sacerdotes que se ofereceram voluntariamente, ou sob a indicação de seus devidos arcebispos ou bispos, é que nem todos que manifestaram o desejo de atuar no S.A.R. foram aceitos. No caso do Pe. Clóvis, a principal questão por trás de sua não nomeação, diz respeito à distribuição de sacerdotes nomeados por dioceses, ou arquidioceses.

Há indícios, também, de casos de sacerdotes que não foram considerados aptos para atuar na capelania, como o caso do Pe. Edgar Franca, como fica evidente no seguinte documento, em que Bina Machado afirma: “Que, apesar de, em perfeitas condições de saúde, ele não foi considerado apto para a vida em campanha”<sup>193</sup>

Figura 9 - Carta de Bina Machado endereçada ao Major Regadas



Fonte: Arquivo Histórico do Exército, AHEx.<sup>194</sup>

<sup>193</sup> Carta de Bina Machado endereçada ao major Regadas, na ficha intitulada “Padres não aceitos”, Pasta nº3 do dossiê intitulado: “AHEx DIU.História, Capelães que foram c/ a FEB. 632-7032 P-27. I-22. 6992.”, do Arquivo Histórico do Exército. Visitado em 17 de outubro de 2022

<sup>194</sup> Carta de Bina Machado endereçada ao major Regadas, na ficha intitulada “Padres não aceitos”, Pasta nº3 do dossiê intitulado: “AHEx DIU.História, Capelães que foram c/ a FEB. 632-7032 P-27. I-22. 6992.”, do Arquivo Histórico do Exército. Visitado em 17 de outubro de 2022

Após o processo de seleção, 27 capelães foram nomeados para compor o S.A.R. da F.E.B, sendo estes, 25 sacerdotes católicos, e 2 pastores evangélicos. A seguir, as fichas de Frei Orlando, e Pe. Francisco Eloi, decretando-os aptos para o serviço de assistência religiosa:

Figura 10 - Declaração de aptidão de Frei Orlando ao Serviço Religioso

(Cópia) Sessão n. - 119 -

A Junta Militar de Saúde da D.S.E. inspecionou, na presente sessão, o abaixo declarado, que lhe foi apresentado, por ordem superior, e, sobre o seu estado de saúde, proferiu o parecer que vai escrito

Nome Frei ORLANDO ( ANTONIO ALVARES DA SILVA ).--

Idade e nacionalidade 31 anos - M. Gerais.--

Posto ou cargo Frei.--

Corpo ou estabelecimento F. E. B. --

DIAGNÓSTICO Nenhum.--

PARECER Apto para ingressar no serviço religioso da F.E.B.--

OBSERVAÇÕES

Para fins religiosos da F.E.B. (Memorando s/nº de 7-VII-44 do Gabinete do Ministro).--

de 7 de Julho de 1944

Fonte: Arquivo Histórico do Exército, AHEx.<sup>195</sup>

<sup>195</sup>Ficha "Pe. Orlando", disponível na Pasta nº 2 do dossiê intitulado: "AHEx DIU.História, Capelães que foram c/ a FEB. 632-7032 P-27. I-22. 6992.", do Arquivo Histórico do Exército. Visitado em 17 de outubro de 2022.

Figura 11 - Declaração de aptidão de Pe. Francisco Eloi ao Serviço Religioso

Mod. II

(Copia) Sessão n. - 120 -

A Junta Militar de Saúde da D.S.E. inspecionou, na presente sessão, o abaixo declarado, que lhe foi apresentado, por ordem superior, e, sobre o seu estado de saúde, proferiu o parecer que vai escrito

Nome FRANCISCO ELOY DE OLIVEIRA .--

Idade e naturalidade 28 anos - M. Gerais.--

Posto ou cargo Padre.--

Corpo ou estabelecimento F. E. B. --

DIAGNÓSTICO Nenhum.--

PARECER Apto para os serviços religiosos da F.E.B.--

**OBSERVAÇÕES**

Para fins religiosos da F.E.B. (Mem. s/nº de 10-VII-44 do Gabinete do Ministro).--

Fonte: Arquivo Histórico do Exército, AHEx.<sup>196</sup>

<sup>196</sup>Ficha “Francisco Eloy de Oliveira”, disponível na Pasta nº3 do dossiê intitulado: “AHEx DIU.História, Capelães que foram c/ a FEB. 632-7032 P-27. I-22. 6992.”, do Arquivo Histórico do Exército. Visitado em 17 de outubro de 2022.

A fim de entender o número de capelães de cada confissão, faz-se necessário compreender a proporção em que diferentes religiões se faziam presentes na FEB através do número de seus praticantes. Mesmo que não existam dados, nas fichas dos soldados, que dizem respeito a sua religião, um censo de 1940 atua de forma esclarecedora no que se relaciona à população brasileira. De acordo com o censo em questão 95,01%, ou seja, a ampla maioria dos brasileiros, consideravam-se católicos. 2,61% eram os protestantes, e um pequeno percentual (0,13%) de judeus, ditos israelitas, pode ser notada. O mesmo censo não quantificou os praticantes de religiões afro-brasileiras e de matriz africana os quais, segundo Adriane Piovezan, “existam motivos para suspeitar que foram classificados junto a praticantes de outros cultos (1,7%)”.<sup>197</sup>

Isso posto, Adriane Piovezan sustenta que é possível conhecer o credo dos mortos da FEB, uma vez que os integrantes do Pelotão de Sepultamento teriam reformulado a tipologia do formulário norte-americano (o qual, no campo de religião, contava com as opções “católico”, “protestante” e “h”, para “hebreu”), trabalhando, então, com as seguintes categorias: “católico”, “evangélico” e “protestante”<sup>198</sup>. A fotografia abaixo demonstra este campo de afiliação religiosa. Trata-se de um relatório do Pelotão de Sepultamento da FEB datado de 5 de dezembro de 1944 que noticia o sepultamento do soldado Antônio Martins, morto em 30 de novembro do mesmo ano, em Monte Castelo. No cabeçalho do documento, encontra-se a letra “C”, sobre o campo “Religião: Católica, Protestante, H”:

---

<sup>197</sup> PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.78.

<sup>198</sup> PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p. 78-79.

Figura 12 - Relatório de Sepultamento do Soldado Antônio Martins

Relatório de Sepultamento do Soldado Antônio Martins

Relatório de Sepultamento  
AR 30-1815 e T M 10-630

CIA. DE SEPULTAMENTO 10  
5 DE DEZEMBRO DE 1944  
(Data do relatório)

MARTINS (Último nome) ANTONIO (Primeiro nome) A (Nome do meio)  
16295128 (Reg. de Identific.) BRANCA (Raça)

SOLDADO (Posto) E.P.P.T.I. - 11º R.S. (Arma ou serviço)  
BRASIL (País)

MONTE CASTELO (Lugar da morte) 30 NOVEMBRO 1944 (Data da morte) C (Religião: Católica, Protestante, H.)

575-194

MEIOS DE IDENTIFICAÇÃO

Encontrada a chapa de identificação no corpo: Sim (2) não (0)

Na falta da chapa de identificação, outros meios encontrados no corpo (Cartas, carteira de identidade, etc.)

Completo registro de impressões digitais de ambas as mãos no reverso, se o corpo não puder ser identificado. Complete a carta dentária no reverso, lista de características anatómicas e outros dados se for possível tomar as impressões digitais.

Relatar as circunstâncias para os não identificados

Relatório dos haveres pessoais encontrados no corpo, e a disposição dos mesmos:

1 rosário, 5 medalhas religiosas, 1 lenço, 1 cartolina de identidade e registro de vacina, 1 cartolina com papéis pessoais, 8 fotografias, 2 quadros religiosos, 24 linas, 1 caderno de anotações

(Nome do endereço de emergência) (Nome do endereço de emergência)

Sof. Fanguio da Silva, F.E.B. 11º R.S. (Assinatura/ou nome da pessoa que forneceu os dados acima, quando diferentes do relator de sepultamentos)

5-12 as 10 hrs (Data e hora do enterramento) (Local, nome e numero do cemitério)

Se o enterro foi feito em cemitério não regularmente estabelecido, fornecer um croquis e mapa de referência no reverso desta fórmula.

A. (Área n.) 2 (Fileira n.) 14 (Sepultura n.) (Marca de tumulo Real)

(Tipo de cerimonia religiosa)

Placa de identificação enterrada com ( 1 ); Chapa de identificação fixada ( 1 )

Na falta da chapa de identificação quais os outros dados de identificação, enterrados com o corpo, que espécie de continente?

Fonte: Arquivo Histórico do Exército, AHEx.<sup>199</sup>

<sup>199</sup>Este relatório encontra-se na caixa nº 493 do Arquivo Histórico do Exército, no Rio de Janeiro, na pasta nº 20 intitulada "Arquivo Pel. de Sepultamento: Relatórios de sepultamentos de mortos da F.E.B. da letra "M" a "Z", subpasta nº 2. Acesso em 15 de março de 2023.

Adriane Piovezan, em sua pesquisa, compilou os dados destes mesmos relatórios, e organizou-os na seguinte tabela:

Tabela 1 - A Religião dos Mortos da FEB

<b>Religião</b>	<b>Mortos</b>
Católica	431
Protestante	2
Evangélica	1
Indeterminado	6

Fonte: PIOVEZAN, 2014.<sup>200</sup>

Através dos dados da tabela da autora, é possível notar que 97,95% dos brasileiros mortos em campanha, cuja ficha apresenta o credo religioso, durante a Segunda Guerra professavam a fé católica, enquanto as confissões evangélica e protestante, sequer chegaram a somar, juntas, 1% dos mortos. Isso demonstra que a porcentagem dos católicos nos mortos da FEB, em muito se assemelha à porcentagem de católicos na população brasileira do censo de 1940. Nesse sentido, conclui Adriane Piovezan: “Nesse caso, tem-se uma rara situação em que, afinal, os mortos da FEB guardam, proporcionalmente, uma estreita relação com o conjunto da população brasileira.”<sup>201</sup>

Os números acima trazidos, de certa forma, esclarecem a nomeação majoritária de sacerdotes católicos. O exército norte-americano, cujos moldes foram fundamentais para a delimitação, treinamento e atuação da Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial, contava com a atuação de rabinos, ministros e padres.<sup>202</sup> O fato de o SAR contar apenas com padres e pastores, demonstra uma adaptação por parte do Exército brasileiro ao seu contingente durante a organização do corpo de capelania que acompanharia os soldados brasileiros na Itália.

A este respeito, algumas questões devem ser consideradas. O fato de que os integrantes da FEB eram predominantemente católicos provoca um questionamento: a qual catolicismo, o

<sup>200</sup>Tabela elaborada pela autora com base nos Relatórios do Pelotão de Sepultamento, AHEx, SAE, FEB. PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p. 79

<sup>201</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p. 79.

<sup>202</sup>DORSETT, *Op. Cit.*, p. 13.

censo de 1940, e as fichas dos que tomaram na Itália se referem? De fato, nem todos que se declaram católicos participam das práticas e ritos sagrados e da liturgia oficialmente adotada pela Igreja Católica, como é o caso daqueles que se declaram “católicos não praticantes”. Estes indivíduos reconhecem o seu batismo, bem como os demais sacramentos da fé católica, como a comunhão, a confirmação e o matrimônio, mas não participam dos ritos promovidos pela Igreja.<sup>203</sup>

É válido ressaltar também que o quase monopólio secular da fé católica no Brasil foi importante para que essa confissão se firmasse entre os brasileiros, ou, pelo menos, sendo tida como a mais importante, em relação às demais. Como fora elucidado anteriormente, a oficialidade da confissão católica ressoava até em outras instituições, como o próprio Exército Brasileiro. O acompanhamento da administração eclesiástica à evolução político-administrativa do Estado Brasileiro, e os permanentes canais de interlocução com o poder político, eram exclusivos da Igreja Católica. Esses fatores podem ter levado uma parcela considerável de brasileiros a se declararem católicos, mesmo que estes não praticassem a religião.<sup>204</sup>

Ademais, é preciso levar em consideração a pluralidade de catolicismos na análise do caso brasileiro. De acordo com Maria Isaura de Pereira de Queiroz, existem pelo menos, no Brasil, dois tipos de catolicismos, que sempre coexistiram, desde o período colonial<sup>205</sup>: o oficial, e o popular. Nesse panorama, uma análise de adeptos de um tipo ou de outro do catolicismo seja na FEB, ou ainda em uma esfera maior, como a sociedade brasileira, é muito difícil, uma vez que tais nuances do credo católico não são captadas através de categorias estatísticas.<sup>206</sup> Uma das explicações para esta dualidade é a distribuição de sacerdotes ordenados por diferentes cidades ou dioceses. As pequenas paróquias do interior brasileiro, muito vastas, em raras exceções dispunham de um vigário permanente. Em muitas localidades, a presença ministerial de um sacerdote somente era possível através de visitas anuais. Para se ter um exemplo mais

<sup>203</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p. 80

<sup>204</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p. 80.

<sup>205</sup>Para mais detalhes, ver: BASTIDE, Roger. **Religion and the Church in Brazil**. New York: The Dryden Press, 1951; DE AZEVEDO, Thales. Catholicism in Brazil: a personal evaluation. **Thought: Fordham University Quarterly**, v. 28, n. 2, p. 253-274, 1953, NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 23, p. 261-279, 2008; HOORNAERT, Eduardo. Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800. **Petrópolis: Vozes**, 1974; HOORNAERT, Eduardo et al. História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: primeira época, Período colonial. **Petrópolis, RJ: Vozes**, 2008.

<sup>206</sup>A autora ainda explica que esta dualidade não é uma característica exclusiva do Brasil, mas sim universal: “Em todos os países existiu sempre uma oposição entre de um lado as necessidades religiosas espontaneamente formuladas pela massa da população aliadas à conservação de antigas tradições religiosas e, de outro lado, a estrutura de uma hierarquia sacerdotal, sustentada por um dogmatismo mais ou menos rígido.” DE QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Sociologia- O Catolicismo Rústico no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 5, p. 104-123, 1968. p. 104.

próximo do período da Segunda Guerra Mundial, em 1954, a cidade do Rio de Janeiro, com cerca de 3 milhões de habitantes, contava com 197 padres diocesanos.<sup>207</sup>

Desse modo, no caso brasileiro, o chamado catolicismo oficial, cuja instrução religiosa é ministrada por um sacerdote, atingia somente crianças e adultos de nível social mais elevado. Os habitantes de zonas rurais, ou as camadas mais pobres de zonas urbanas, eram instruídos religiosamente por familiares. Logo, é possível concluir que o chamado catolicismo rústico ou popular brasileiro foi uma forma de adaptação, por parte da população, à ínfima quantidade de sacerdotes, e à falta de conhecimentos religiosos. Nesse panorama, “elementos novos surgiram; elementos antigos ou pertencentes a religião oficial sofreram grandes transformações; dogma e liturgia foram deformados por necessidades locais ou pela imaginação de líderes religiosos inteiramente falhos de qualquer instrução”.<sup>208</sup>

Uma característica digna de apontamento a respeito do catolicismo popular, refere-se ao culto aos santos, em especial aos padroeiros locais, como pode ser notado em promessas realizadas, bem como novenas e rezas. As ovelhas longes dos pastores, buscavam criar em seus rebanhos, papéis religiosos próprios: “os rezadores especializados, os festeiros, que organizavam as festas, os benzedores e curadores, o monge (no Sul) ou o beato (no Nordeste) itinerante.”<sup>209</sup>

Tais questões foram trazidas à tona pois 43,8% do contingente da FEB provinha de zonas rurais<sup>210</sup>, nesse sentido, muitos daqueles que se declararam católicos, possivelmente se

<sup>207</sup>HOUTART, François. Les conditions de la pastorale dans les grandes villes de l’Amérique Latine. Social Compass, Vol. V, nº 5-6. Haya, Holanda, apud DE QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Sociologia-O Catolicismo Rústico no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 5, p. 104-123, 1968. p. 105.

<sup>208</sup>DE QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Sociologia-O Catolicismo Rústico no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 5, p. 104-123, 1968. p. -106.

<sup>209</sup>NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 23, p. 261-279, 2008. p. 264.

<sup>210</sup>Cesar Campiani Maximiano em *Barbudos, sujos e fatigados: Soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*, realiza uma análise a respeito da seleção e recrutamento do pessoal da FEB. Em suas pesquisas, o autor conclui que os homens que compunham a FEB eram, predominantemente, provenientes das regiões Sul e Sudeste do país. Maximiano esclarece que tais regiões foram favorecidas por dois motivos. Em primeiro lugar, as unidades escolhidas para compor a Infantaria Divisionária estavam sediadas nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Ademais, o melhor estado geral de saúde dos convocados podia ser notado naqueles oriundos das regiões mais ao sul do país. Nesse sentido, a FEB, a despeito do que muitos acreditam, não foi um espelho fiel da realidade brasileira, uma vez que houve uma inclinação, durante a convocação dos combatentes, pelas religiões mais ricas e desenvolvidas do país no processo de formação da FEB. Deste modo, os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Distrito Federal proveram, segundo Maximiano, 80,7% dos praças incorporados a FEB. Em relação a estes soldados, se estes provinham de áreas urbanas (mais próximas do catolicismo oficial), ou de partes rurais (mais propensas ao catolicismo popular ou rústico), Cesar Maximiano explica que a origem dos Soldados da FEB não refletia os dados demográficos do Brasil da década de 1940. O Brasil de então contava com 71,7% dos seus habitantes vivendo na zona rural. Já no que se relaciona à FEB, 43,8% de seus soldados residiam em tais áreas. MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. Grua, 2021. p. 56-61.

encaixavam no que chamamos de culto popular. Seus atos de fé e devoção a serem analisados através das atuações dos capelães da FEB nesta dissertação, são herança de uma adaptação religiosa cujo início remete ainda ao período colonial. Nesse panorama, considerar os dados do censo, ou das fichas dos do Pelotão de Sepultamento da FEB, não esclarece as práticas religiosas destes:

Poderia ser um sujeito que foi iniciado e praticou ritos do catolicismo “rústico” ou “popular”. Ou um católico não-praticante. Ou, no limite, um indivíduo que tinha fé totalmente diferente da declarada, ou mesmo nenhuma fé, mas que face ao prestígio social e a importância política da Igreja Católica naquele contexto histórico, entendeu ser do seu interesse declarar-se católico<sup>211</sup>

Estes são alguns apontamentos que foram levados em consideração durante o processo de problematização dos dados encontrados no material empírico desta pesquisa. Os tópicos debatidos, além de trazer à tona questões como devoções individuais, ainda lançam luz sobre a relação entre a proporção dos capelães e a confissão dos combatentes da FEB, o que pode melhor esclarecer suas demandas.

Isso posto, foi na cidade do Rio de Janeiro que os capelães que compunham o S.A.R, durante a Segunda Guerra Mundial, encontraram-se pela primeira vez, não apenas com os seus pares, mas também com os soldados brasileiros que, em seu treinamento, aguardavam a partida para a guerra. O primeiro dia de apresentação dos capelães teria sido, segundo Gentil Palhares, “Um dia de festa no morro do Capistrano”<sup>212</sup>, onde, desde 15 de março do mesmo ano, encontrava-se instalado o 11º Regimento de Infantaria, na Vila Militar do Rio de Janeiro.

A alegria mencionada por Gentil Palhares não parece ter sido um exagero. Michael Snape, em *God and the British Soldier: Religion and the British Army in the Era of the Two World Wars*, no estudo do caso britânico durante as duas guerras mundiais, afirma que não há maneira de contestar o aforismo da Primeira Guerra Mundial de que “não há ateus nas trincheiras”, e continua:

Naturalmente, a véspera da batalha era uma época em que os sentimentos religiosos muitas vezes vinham à tona. Para muitos católicos romanos, era momento de confissão e comunhão, com capelães das unidades irlandesas geralmente relatando períodos ocupados como soldados preparados para um ataque ou para embarque para um teatro de guerra ativo.<sup>213</sup>

<sup>211</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p. 80.

<sup>212</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 117.

<sup>213</sup>Tradução nossa. Originalmente: “Naturally, the eve of battle was a time in which religious sentiments often came to the fore. For many Roman Catholics, it was a time for confession and for Holy Communion, with chaplains of Irish units usually reporting busy periods as soldiers prepared for an attack or for embarkation to an

Michael Snape, parafraseando um capelão, pontua que “A grosso modo, o fervor da catolicidade dos homens era a qualquer momento proporcional à quantidade de perigo que estava para ser enfrentado.”<sup>214</sup> O autor ainda afirma que o relatório do exército e da religião confirmaram que este fenômeno também podia ser notado entre os soldados protestantes.<sup>215</sup>

O também capelão da FEB, J. J. Dourado, em sua trilogia intitulada *Estou Ferido; Homens que lutaram; e a Guerra Acabou* relata a sua chegada ao Morro do Capistrano, e sua primeira impressão:

Ia começar, ali, minha modesta vida de padre-militar, prestando assistência aos soldados que, dia a dia, chegavam de todos os pontos do País. [...] Cada um dos recém-vindos traria, no coração e na alma, problemas sérios da vida, ameaçados pelo fantasma morte que numa espécie de pano de fundo, fixava o cenário de tragédias cruentas.<sup>216</sup>

Nesse sentido, fica notável que, através da análise de trajetórias de capelães da FEB, é possível encontrar detalhes de manifestações religiosas, e de ações dos soldados brasileiros partilhadas por outros soldados, como os britânicos, estudados por Michael Snape. As ações semelhantes de soldados que nunca se conheceram, mas que compartilhavam, a grosso modo, o mesmo contexto, ou seja, o limiar da batalha, e a batalha em si, demonstram uma íntima relação entre as esferas micro e macro, no que diz respeito à fé, e à adoração sob a sombra do perigo e do medo.

Na análise de como os dias se correram durante o treinamento dos capelães para sua nova missão, é possível, de uma forma mais nítida, conhecer os rostos daqueles soldados que, trajando o uniforme verde-oliva, partiriam rumo à batalha. Nas palavras do escritor J. R. R. Tolkien, “esperar no limiar de uma batalha da qual não posso escapar, é pior que tudo”.<sup>217</sup> Assim sendo, muitos soldados, tomados pelo medo e pela incerteza a respeito do que lhes esperava no outro lado do Atlântico, acabaram por fazer com que as deserções fossem diárias no seio dos corpos da tropa. “Muitos conseguiram licença, iam às suas casas e, findo o prazo, não mais regressavam”.<sup>218</sup> Nesse panorama, marcado pelo temor natural dos futuros

---

active theatre of war.” SNAPE, Michael. **God and the British soldier: Religion and the British army in the First and Second World Wars**. Routledge, 2007.p. 45.

<sup>214</sup>Tradução nossa. Originalmente: “Speaking roughly, the fervour of the men’s Catholicity was at any moment proportioned to the amount of danger that was to be faced.” LPL, Davidson Papers, Vol. 583, Visit to the *Front* May 1916, 21 May 1916 apud SNAPE, 2007. *Op. Cit.*, p. 45

<sup>215</sup>CMS, Diaries of L.H. Gwynne, 29 July 1917 apud SNAPE, 2007. *Op. Cit.*, p. 46

<sup>216</sup>DOURADO, J. J. **Estou Ferido; Homens que lutaram; E a Guerra Acabou**. Fortaleza, 1972. p. 9

<sup>217</sup>TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Senhor dos anéis: O retorno do Rei**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 811.

<sup>218</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.125.

combatentes, a festa no Capistrano, com a chegada dos capelães, pode ser considerada, por parte dos soldados, como um desejo de estarem preparados espiritualmente para a batalha, ou até mesmo protegidos, por intervenção divina, do perigo e da morte.<sup>219</sup> J.J. Dourado, capelão da FEB, descreve, em sua obra, este sentimento de insegurança e de medo, no limiar da batalha:

A guerra, vista de longe, por uma imaginação de vinte e dois anos, toma dimensões assustadoras. Há, na mente do homem recrutado para a guerra, como soldado, uma convicção de que a vítima preferida, nos futuros embates, será ele, ele -soldado raso, carne de canhão, mercadoria barata, vaso ruim-sentenciado a desaparecer.<sup>220</sup>

Assim deu-se o encontro entre os soldados em treinamento para se tornarem combatentes e os sacerdotes que se preparavam para se tornarem capelães. A missão do serviço religioso em campos de batalha, bem como das tropas, seria bastante desafiadora e diferente de tudo que esses padres e pastores já haviam vivenciado. Nesse sentido, além da exigência de boa disposição física, os currículos desses profissionais foram cuidadosamente avaliados. Estes contavam com diplomas de diferentes cursos superiores, como Teologia, Filosofia, Letras e História. Este aspecto é relevante pois o preparo sacerdotal e espiritual destes capelães foram mais do que importantes em suas ações assistenciais durante a Segunda Guerra Mundial. A seguir, a ficha de capelão militar de Frei Orlando, que demonstra que além de sacerdote, este atuava como professor de História Geral e Português:

---

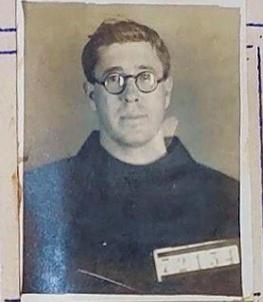
<sup>219</sup>Segundo Michael Snape, este comportamento pode ser notado na maior propensão dos soldados britânicos a buscarem a Sagrada Comunhão, bem como outros sacramentos, como o próprio batismo, durante suas atividades na Segunda Guerra Mundial. SNAPE, 2007. *Op. Cit.*, p. 46-47.

<sup>220</sup>DOURADO, 1972, *Op. Cit.*, p. 9-10.

Figura 13- Ficha de Capelão Militar de Frei Orlando

MINISTÉRIO DA GUERRA  
Gabinete do Ministro

FICHA DE CAPELÃO MILITAR



Nome Frei ORLANDO (ANTONIO ALVARES DA SILVA)

Filho de Itagiba Alvares da Silva.

e de D. Jovita Aurelia da Silva

Natural de Abaete Estado de Minas Gerais.

Nascido a 13 de fevereiro de 1913

Principais cargos que desempenhou Comissário da Ordem Terceira da Provincia Franciscana de Minas Gerais, e Professor do Segundo Ciclo em História Geral e Português.

Procedência Ordem dos Frades Menores de São Francisco (São João Del Rei)

Reservista de 3a. categoria

Caderneta Certificado n. 910.086.

Carteira de Identidade Reg. I.G. 297.431

Chegado a 6 de julho de 1944.

Portaria de nomeação Nº 6.785, de 13/7/1944. O. de 13/7/1944

Categoria Capelão Militar

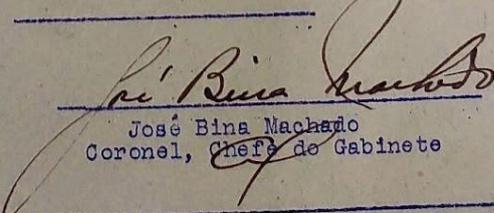
Círculo Capitães

Unidade a que pertence 11º Regimento de Infantaria.

Partiu a 22/IX/944

Outras informações

- Declaração de herdeiros arquivada sob n. \_\_\_\_\_
- Correspondente principal Diretor do Colégio Santo Antônio.
- Enderêço Colégio Santo Antonio - São João Del Rei Minas Gerais.
- Regressou a \_\_\_\_\_

  
 José Bina Machado  
 Coronel, Chefe do Gabinete

Fonte: Arquivo Histórico do Exército, AHEx.<sup>221</sup>

<sup>221</sup>Ficha de Capelão Militar de Frei Orlando. Pasta Intitulada Arquivo Serviço Religioso 1º DIE- Ficha de Capelães Militares. Caixa nº 356. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

A ficha do capelão João Filson Soren, pastor da Igreja Batista, demonstra também um nível elevado de qualificação profissional. Além de professor de inúmeras disciplinas, João Filson Soren também era tradutor de Inglês.

Figura 14 - Ficha de capelão militar do Pastor João Filson Soren

MINISTÉRIO DA GUERRA  
Gabinete do Ministro

F I C H A   D E   C A P E L ã O   M I L I T A R

-o-  
-o-



*Gabinete do Ministro da*

Nome JOÃO FILSON SORÉN.

Filho de Francisco Fulgêncio Soren.

o Jane Filson Soren.

Natural de Rio Comprido. Estado Distrito Federal.

Nascido a 21 de Junho de 1908.

Principais cargos que desempenhou Pastor da 1a. Igreja Batista do R. de Janeiro; Professor de História, Inglês, Português, Ciências Físicas e Naturais, Tradutor de Inglês, Redator de Jornais Evangélicos e Batistas.

Procedência Confederação Evangélica Do Brasil.

Reservista de 2a. Categoria.

Caderneta n. 5 de Séria A.

Carteira de Identidade Reg. 1 G. 237.911.

Chegado a 6 de Julho de 1911.

Portaria de nomeação Nº 6.782, de 13/VII/1911 D. O. de 13/VII/1911.

Categoria Capelão Militar.

Círculo Capitães.

Unidade a que pertence 1º REGIMENTO DE INFANTARIA.

Partiu a \_\_\_\_\_

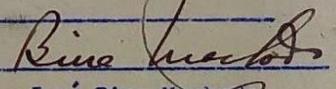
Outras informações

- Declaração de herdeiros arquivada sob n. \_\_\_\_\_

- Correspondente principal NICÉIA MIRANDA SORÉN.

- Endereço Rua Uruguai, 561 - Tijuca - Distrito Federal.

- Regressou a \_\_\_\_\_

  
 José Bina Machado  
 Coronel, Chefe de Gabinete

Fonte: Arquivo Histórico do Exército, AHEx<sup>222</sup>

<sup>222</sup>Ficha de Capelão Militar do pastor João Filson Soren. Pasta Intitulada Arquivo Serviço Religioso 1º DIE- Ficha de Capelães Militares. Caixa nº 356. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

A partir de uma análise minuciosa das fichas destes capelães é possível compreender que, do ponto de vista religioso, estes padres e pastores eram vistos como devidamente qualificados para servir. Contudo, no que diz respeito ao campo técnico e militar, estes passaram por um processo de treinamento voltado, essencialmente, para o preparo físico, e para a ambientação ao terreno, bem como sua ocupação. Além disso, estes também passaram por um processo de adequação à utilização do uniforme, que parece uma simples tarefa, comparada à missão a qual estes sacerdotes se dirigiam. Todavia, o uso do uniforme era considerado incômodo por muitos, como pode-se perceber no relato do Padre Manoel Inocêncio: “O primeiro passo para a ambientação militar: o uniforme. Para o clérigo brasileiro a sotaina negra vem sendo, de há meio século para cá, a vestimenta única”.<sup>223</sup> Os ataques simulados, e o desconforto dos acampamentos, ainda no Brasil, demonstraram, a estes sacerdotes, o rigor militar ao qual deveriam se adaptar.

A respeito das tarefas diuturnas, Pe. Emilio Schneider comenta que, de todas, algumas eram urgentes: “feitura de uniformes, vacinação contra tudo que fosse doença possível, documentação militar, e depois nomeação: visitas apresentações, ambientação na tropa, manobras nos campos do Gericinó e muitas miudezas importantes. Não tinha moleza”.<sup>224</sup>

Segundo o mesmo capelão, “a ambientação na tropa exigia dos capelães boa adaptação, sem excessiva acomodação. A nossa batina preta era prescrita somente nas funções religiosas, mas depois, já na frente de batalha, caiu em desuso e foi dispensada”.<sup>225</sup> Além da batina, a celebração de missas em altares improvisados, causaram estranheza nos clérigos. Ainda no Brasil, o altar era preparado em um tablado coberto, protegido por panos de lona, como relata J. J. Dourado:

Em meio de extensa área livre, haviam levantado, sobre um grande estrado, um altar encimado por uma cruz de madeira. Para lá convergiam todos os olhares, à hora das missas. À noite, centenas de soldados buscavam, num momento de prece, aquilo que somente a prece lhes podia dar. Mesmo os que, lá fora, se deixavam levar pelo orgulho e que, então, relutavam em se convencer de que se humilhar diante de Deus por temor da morte, não é indício de covardia, mas, antes, uma magnífica demonstração de coragem - até esses descrentes, de ontem, corriam para o conforto da crença.<sup>226</sup>

Novamente, desta vez através do olhar de outro capelão, é possível notar o quanto o medo da morte, e o fervor religioso dos soldados estão intimamente interligados. Michael Snape

---

<sup>223</sup>SCHNEIDER, Jacob Emilio. **Vivência de um ex-capelão da FEB**. Edições Rosário, 1983. p. 363 *apud* LIMA, 2021 *Op. Cit.*, p. 60.

<sup>224</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p. 10

<sup>225</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p. 12.

<sup>226</sup>DOURADO, 1972, *Op. Cit.*, p. 10.

explica que durante a Primeira Guerra Mundial, os relatórios britânicos do exército e da religião, levantavam muitas evidências de que um número muito pequeno de soldados britânicos não rezava. Durante a Segunda Guerra, aponta Snape, este mesmo fenômeno encontrava-se em evidência. Segundo o autor, em Anzio, por exemplo, que se encontrava sob uma forte investida de fogo de artilharia alemã, os capelães teriam encontrado uma situação semelhante à apresentada por J. J. Dourado: durante as reuniões de oração, era notado um forte interesse daqueles que haviam “caído da fé”.<sup>227</sup>

Nessa perspectiva, o biógrafo de Frei Orlando, por sua vez, narra alguns detalhes a respeito de sua ambientação, no período de treinamento:

Dia 21 de julho celebrou Missa pela primeira vez, na investidura de suas funções junto à tropa. Após o ato, fizera questão de percorrer os barracões onde se encontravam alojados os componentes do Regimento. Visitando uns e outros, mostrava-se sempre bem disposto, chasqueando e, na sua alacridade, ia tocando sua gaita e dizendo “A cobra vai fumar! A cobra vai fumar!”<sup>228</sup>

A narrativa de Gentil Palhares, ao relatar as ações de Frei Orlando, fornece uma visão aprofundada da rotina dos capelães e revela aspectos do cotidiano religioso dos soldados. Além das celebrações religiosas, o capelão também visitava seus companheiros e elevava sua moral e confiança com expressões de incentivo, como "a cobra vai fumar", que estimulava uma tropa ainda em expectativa pela partida para a guerra. Como argumentado anteriormente, a reunião das tropas no Rio de Janeiro, e seu treinamento desenrolaram-se de forma precária. Assim, o relato de Gentil Palhares revela que os capelães atuavam também como um certo suporte psicológico para os futuros combatentes que, recém engajados com suas novas funções, encontravam-se em um treinamento sofrível, como afirma Francisco Ferraz<sup>229</sup>, especialmente os futuros combatentes dos 1º e 11º R.I, que foram treinados por menos tempo e possuíam menos experiências que os do 6º R.I., por exemplo.<sup>230</sup>

Estas relações tecidas entre capelães e soldados, como a visita de Frei Orlando aos seus companheiros proclamando “a cobra vai fumar”, a fim de elevar o moral da tropa, foram notadas também por Lyle W. Dorsett no estudo de capelães militares norte-americanos na Segunda Guerra Mundial. Segundo o autor, “Os capelães foram absolutamente essenciais para a vitória americana”<sup>231</sup>, pois estes cultivavam não apenas a coragem, mas também a moral entre as tropas

<sup>227</sup>Tradução nossa, originalmente “fallen from faith”. SNAPE, 2007. *Op. Cit.*, p.48.

<sup>228</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.117.

<sup>229</sup>FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p. 49.

<sup>230</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p. 139

<sup>231</sup>Tradução nossa, originalmente: “Chaplains were absolutely essential to America's victory”. DORSETT, *Op. Cit.*, p. 6.

estadunidenses, em especial durante os treinamentos, nos quais os capelães “auxiliaram os civis a tornarem-se combatentes, ajustando-se espiritual e psicologicamente a um estilo de vida radicalmente diferente”.<sup>232</sup> Tais detalhes descortinam a ambientação desses sacerdotes a seu oficialato. O desempenho de suas funções durante a Segunda Guerra Mundial implicava obedecer a estatutos e diretrizes, assumir compromissos e cumprir horários para além daqueles típicos de um padre paroquiano. Somente o tempo, com sua habilidade em moldar, permitiu que esses sacerdotes se familiarizassem com a nova vestimenta, a hierarquia militar e o ambiente dos campos de batalha

Contudo, mesmo diante das dificuldades e incertezas enfrentadas pelos padres e soldados na iminência da batalha, os atos religiosos não deixaram de ocorrer. Além das missas celebradas, os capelães também reuniam as tropas em momentos de oração:

À noite [...] Frei Orlando dava o “toque de reunir” Sua gaita, sinal convencional, anunciava a hora do terço que era rezado sob o faiscar das estrelas, nossas amigas e confidentes de sempre. Os soldados em torno do Capelão, a ele se incorporavam e se punham a rezar, cheios de fé. Nossa presença a esse ato de espiritual era infalível, mas na verdade devemos confessar que o Frade sempre nos dispensava da reza coletiva. Sem dúvida, não queria ferir nosso sentimento, gesto louvável, estribado na sua excepcional compreensão. E gracejando, pilheriando, nos mandava para debaixo de uma árvore mais próxima e, em silêncio, rendíamos o nosso culto a Deus, ouvindo mais ao longe as vozes dos nossos companheiros em suas preces alcançadas ao Céu.<sup>233</sup>

O sacerdote-soldado buscava reunir a tropa em um momento em que seus pensamentos não se voltassem apenas à guerra, e deixava, de certa forma, seus pares livres para orarem, ou não, conforme fosse de seu agrado. O seguinte trecho trazido por Gentil Palhares completa o episódio acima trazido: “agradecemos, hoje, ao saudoso Frade franciscano o conforto que nos dera, para ser um perfeito cristão, *porque verdadeiramente tolerante para com os que dele divergiam na forma de culto ao Criador*”<sup>234</sup>. À vista disso, podemos concluir que o que Palhares chamou de “dispensa da reza coletiva”, pode também ser entendido como um momento em que os soldados tinham liberdade para escolherem se participariam ou não dos momentos de oração. Quando Gentil Palhares menciona “nos mandava para debaixo de uma árvore” e ainda prossegue “rendíamos o nosso culto a Deus”, fica perceptível que o próprio biógrafo de Frei Orlando se afastava, em alguns momentos, do grupo em oração. A escolha da presença ou

<sup>232</sup>Tradução nossa, originalmente: “help civilians become combatants, adjust spiritually and psychologically to a radically different way of life”. DORSETT, *Op. Cit.*, p. 39.

<sup>233</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.126

<sup>234</sup>Grifo meu. PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.126.

ausência nesses momentos poderia ter sido tomada por soldados que seguiam outros credos, por aqueles não tementes a Deus, ou até mesmo por católicos, principalmente aqueles provenientes de zonas rurais, que estavam mais familiarizados a práticas religiosas que se davam sem a presença ministerial. Estes soldados poderiam se sentir mais à vontade reproduzindo, nos meses de treinamento, aquilo que era presente em seu cotidiano nos rincões do Brasil: orações decoradas, ou inventadas, muitas vezes solitárias.

O que se pode concluir na análise desses breves comentários de Palhares é que a presença desses sacerdotes trazia conforto para esses soldados, cujos dias eram abundantes em “lágrimas, sofrimentos, as saudades da esposa, de nossa querida e velha mãe, dos filhos sempre lembrados, de todos os nossos familiares, enfim, os que haviam ficado para trás”<sup>235</sup>. O trecho acima trazido também demonstra, de certa forma, uma tolerância a outros credos. Nesse sentido, continua Gentil Palhares: “E queremos, aqui, fazer um adendo [...] para afirmar que a religião é uma flor delicada, que dá frutos preciosos na vida, mas que somente poderá prosperar num clima de liberdade”<sup>236</sup>. O motivo de Gentil Palhares enfocar-se tanto nessa questão, é explicitado por ele mesmo: o biógrafo do capelão se autocaracteriza como “espiritualista”:

Nessas vigílias do Capistrano se nos ensejava, não raro, o tema filosófico-religioso, mesclando a conversa. Cada um expunha francamente, seus modos de ver, suas convicções, sua interpretação desse ou daquele assunto [...] Nosso Capelão possuía a fé inabalável na sua concepção de chegar até Deus, pelos caminhos do catolicismo. Inarredável fé. E nós, espiritualistas, seguindo estradas opostas, embora visando o mesmo alvo, mantínhamos irredutível, o nosso pensamento em torno das coisas celestiais. Era recíproco o respeito. E terminava tudo num abraço.<sup>237</sup>

Essas pequenas particularidades revelam como o treinamento marcou uma interação religiosa diferente da costumeira. Muitos podiam, em consoante com o testemunho de Palhares, não apenas expor o seu credo, como também contar com um espaço para praticá-lo. O relato do autor faz menção a um grupo de espiritualistas dentro da FEB. Tal informação passaria despercebida, quando se leva em consideração apenas os dados disponibilizados pelo Pelotão de Sepultamento, que, em suas fichas, dividiam os soldados entre evangélicos e católicos.<sup>238</sup>

<sup>235</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.127.

<sup>236</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.127.

<sup>237</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.127

<sup>238</sup>Lísias Nogueira Negrão explica que o contato entre os nascidos de famílias católicas, chamados católicos de nascença, com o culto espírita se dava principalmente em áreas urbanas, uma vez que no Brasil rural, tais inserções religiosas se deram em menores proporções. O autor ainda ressalta que existe, no Brasil, uma tradicional duplicidade religiosa de espíritas kardecistas com o catolicismo, o que, de certa forma, os conduzem a declararem-se católicos em levantamentos oficiais, mesmo que o credo da Igreja de Roma não constituísse o

Isso posto, um relato que Frei Orlando deu à Revista Santuário de Santo Antônio, de Divinópolis descortina as maneiras em que o jovem e recém nomeado capelão entendia sua posição como capelão:

Nesse novo ambiente onde, com a graça de Deus espero salvar muitas almas, guiando o espírito dos soldados brasileiros dentro das normas cristãs [...] Fiquei satisfeito quando recebi minha indicação para Capelão do 11º R.I, [...] Assim, em vista desse conhecimento, fui muito bem recebido no seio deles, que, como já disse, mineiros, sentiam eles a falta de assistência religiosa. Bons rapazes, fortes, cheios de vida [...] só lhes faltava o Sacerdote que estivesse junto deles para lhes dar o santo sacrifício da Missa e o Pão dos Anjos, que conforta os fracos e aumenta a fortaleza dos fortes.<sup>239</sup>

Na mesma entrevista, continua o capelão:

É isso que nossos soldados não tinham ainda, embora tivessem tudo quanto deve ter o soldado [...]. Agora ele o terá, todas as manhãs, bem pertinho dele, de sorte que, soada a alvorada, o findante 11º RI poderá procurar a Capela improvisada para assistir à missa e receber a Comunhão! Que bela realidade! E os rapazes mostram que tinham necessidade desse conforto espiritual, pois procuram o padre e procuram a Santa Missa.<sup>240</sup>

Esse depoimento do capelão exemplifica o que foi anteriormente trazido: A presença de Capelães e a atuação do Serviço de Assistência Religiosa foram bem recebidas pelos soldados durante seu processo de integração à FEB. Nesse panorama, o sacerdote mineiro ainda demonstra que os soldados “sentiam falta de uma assistência religiosa”, o que pode ser justificado pelos meses que estes passaram no Morro do Cipriano sem o serviço de assistência espiritual, e cita que estes procuravam não apenas os rituais sagrados, como as missas, mas também a própria figura do sacerdote. Algumas cartas escritas por Frei Orlando a seus familiares revelam detalhes de seu cotidiano, suas expectativas e primeiras impressões a respeito de sua atuação como Capelão da FEB:

Querida mana, não deixe de pôr seus meninos para rezar por mim, sempre, todos os dias. A oração das crianças é sempre agradável a Deus. Talvez você pense que eu tenha cometido uma loucura, mas não cometi. Só uma coisa cometi: não sabia que a nossa atuação fosse tão cheia de responsabilidade como é. E realmente tremo de medo de fracassar. Meu fracasso seria uma

---

cerne de suas crenças e práticas. NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. *Sociedade e Estado*, v. 23, p. 261-279, 2008. p. 267, 273. Isso posto, não se pode rejeitar a hipótese de que alguns dos relatórios que classificavam os mortos da FEB como católicos, poderiam se referir, na verdade, a indivíduos com uma duplicidade religiosa, muito distantes, em seu cotidiano, de práticas católicas.

<sup>239</sup>Trecho do Relato de Frei Orlando concedido à Revista Santuário de Santo Antônio, *apud* PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.128.

<sup>240</sup>Trecho do relato de Frei Orlando à Revista Santuário de Santo Antônio, *Ibid.* p.129.

miséria. Confio em Deus, e Ele há de me ajudar. Talvez eu não tivesse aceitado com tanta felicidade a capelania, se tivesse a par de tudo que agora conheço.<sup>241</sup>

Esse trecho demonstra as responsabilidades de seu novo ofício sobrecarregando o mais famoso capelão da FEB. O sacerdote-soldado, em sua íntima correspondência com seus familiares, demonstra um semblante de insegurança relacionado ao desafio de se tornar um sacerdote-soldado. Na mesma carta, detalha o frade franciscano:

O meu trabalho é múltiplo. Temos naturalmente de cuidar de toda a assistência religiosa dos soldados. Para isto é preciso que se fundem associações religiosas, como reuniões, etc. Também que se façam festas para comemorar o padroeiro dos soldados, enfim, mais ou menos o que o Vigário faz na Paróquia. Naturalmente há Missas, confissões, etc. Além disso, devemos viver com os soldados, informando-nos se eles costumam escrever regularmente para casa, ou mesmo escrever para as famílias deles e responder as cartas das pessoas que querem notícias dos soldados. Tudo isso, com o tempo, vai arranjando muito o que fazer para a gente. Depois temos de dar instruções morais aos soldados. E nas horas vagas fazemos os exercícios com eles.<sup>242</sup>

A carta de Frei Orlando ilustra as muitas responsabilidades dos capelães recém-nomeados, que o faziam tremer de medo de falhar. Além de cuidar da celebração de missas e confissões, estes também precisavam criar associações religiosas, promover festas, e ajudar os soldados a manter contato com suas famílias. Além disso, os capelães deviam dar instruções morais e realizar exercícios com os soldados nas horas vagas.

O medo de falhar por parte de Frei Orlando não era injustificado. Rogério de Carvalho e Lima explica que o treinamento e formação técnico-militar dos capelães da FEB foi difícil, devido à falta de um planejamento didático-pedagógico que priorizasse a formação específica do capelão militar. A escassez de tempo para adequação aos equipamentos, tornou tal preparação insuficiente para o ofício que os aguardava.<sup>243</sup>

As fichas dos capelães da FEB, como a de Frei Orlando, na figura 13, possuem dois campos: data de chegada ao Rio de Janeiro e a data de partida para a Itália. Através destes dados, seria possível estabelecer o tempo de treinamento destes capelães. Contudo, dos 27 capelães que partiram com a FEB, apenas 12 possuem estas duas datas preenchidas em suas fichas. Portanto, para estimar o tempo de treinamento dos outros capelães cujas fichas apresentam lacunas, foram buscadas, em outras obras, pistas que pudessem lançar luz sobre seu

<sup>241</sup>Carta de Frei Orlando à sua irmã e seus sobrinhos, escrita na Vila Militar do Rio de Janeiro em 7 de julho de 1944 *apud* PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.135.

<sup>242</sup>Carta de Frei Orlando à sua irmã e seus sobrinhos, *Ibid.*, p.135.

<sup>243</sup>LIMA, 2021, *Op. Cit.*, p. 68

tempo de treinamento. Para tanto, além de buscar sinais em biografias, e autobiografias de capelães, a análise dos relatórios destes mesmos capelães foi fundamental

Os documentos presentes no AHEx a respeito do serviço de capelania militar da FEB atestam que os primeiros capelães a se apresentarem foram os Padres Alberto da Costa Reis e João Pheeney da Silva, no dia 21 de junho de 1944 e, no dia seguinte, o Pe. Noé Pereira. Estes três sacerdotes partiram com o 1º Escalão de embarque da FEB, que deixou o Brasil no dia 2 de julho de 1944, como pontua Mascarenhas de Moraes<sup>244</sup>. Isso posto, é possível concluir que os três primeiros padres a cruzar o Atlântico para assistir religiosamente os soldados brasileiros tiveram um prazo muito pequeno de treinamento, sendo de 11 dias para Pe. Alberto Reis e Pe. João Pheeney, e 10 dias para o Pe. Noé. Além disso, um relatório do Capelão-Chefe do S.A.R. aponta a chegada de três sacerdotes, o Pe. Jonas Vanderlei Lima (Frei Gil Maria), Pe. Aquiles Silvestre e Pe. Olavo Ferreira, por via aérea, em 30 de setembro de 1944.

Os dados da ficha de Frei Orlando apontam um período de 78 dias no morro do Capistrano (06/07/1944-22/09/1944). Pe. Francisco Eloi, chegado 2 dias após Frei Orlando no Rio de Janeiro, e embarcado para a Itália no mesmo escalão, teve praticamente o mesmo período de treinamento.<sup>245</sup> As lacunas supracitadas podem ser confirmadas no baixo número de capelães cuja partida é enunciada como o dia 22 de setembro de 1944, data de embarque dos 2º e 3º Escalões da FEB<sup>246</sup>: apenas 5 fichas constam esta data. Contudo, ao realizar um processo de comparação e confrontação desses documentos com outras obras e registros, observa-se que esse número aumenta. Abaixo segue uma tabela elaborada a partir dessa comparação de fontes:

Tabela 2 - Período de treinamento dos Capelães da FEB

(Continua)

Capelão da FEB	Data de chegada	Data de Partida
Pe. Alberto da Costa Reis	21/06/1944	01/07/1944
Pe. Alcionilio Bruzzi A. Silva	29/01/1945	08/02/1945
Frei Orlando	06/07/1944	22/09/1944

<sup>244</sup>MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p.35.

<sup>245</sup>Gentil Palhares, em sua obra biográfica de Frei Orlando menciona que Pe. Francisco Eloi e seu biografado partiram juntos para a Itália, a bordo do General *Meigs*, o que os inclui entre os tripulantes do 3º Escalão de Embarque. PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.139-140.

<sup>246</sup>MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p.36.

Pe. Aquiles Silvestre	25/06/1944	10/09/1944 (Avião)
Pe. Francisco Eloi de Oliveira	08/07/1944	22/09/1944
Pe. Francisco Freire M. Filho	26/01/1945	08/02/1945
Pe. D. Francisco Leite (Amarílio da Silva)	10/07/1944	22/09/1944
Pe. Gregório Pelegrino Comasseto	31/07/1944	22/09/1944
Pe. Hélio Abranches Viotti	Sem data	23/11/1944
Pe. Hipólito de Almeida Pedrosa	08/07/1944	22/09/1944
Pe. Jacob Emílio Schneider	22/07/1944	22/09/1944
Pe. João Barbalho Cavalcanti	08/07/1944	22/09/1944
Pe. João Batista Cavalcante	26/06//1944	22/09/1944
Pastor João Filson Soren	06/07/1944	22/09/1944
Pe. João Pheeney de C. e Silva	21/06/1944	01/07/1944
Pe. Joaquim de Jesus Dourado	19/09/1944	23/11/1944
Pe. Jonas Wanderley Lima (Frei Gil Maria)	27/07/1944	10/09/1944 (Avião)
Pe. Jorge Ferreira de Brito	26/061944	22/091944
Pastor Juvenal Ernesto da Silva	24/06/1944	22/09/1944
Pe. Manuel Inocêncio de L. Santos	17/01/1945	08/021945
Pe. Noé Pereira	22/06/1944	01/07/1944
Pe. Nicolau Vendelino Junges	22/07/1944	22/09/1944
Pe. Nilo Kollet	29/07/1944	22/09/1944

Pe. Olavo Ferreira de Araújo	08/07/1944	10/09/1944 (Avião)
Pe. Urbano Rausch	23/07/1944	22/09/1944
Pe. Waldemar (Frei Alfredo)	27/07/1944	22/09/1944
Pe. Enzo Campos Gusso	31/01/1945 (Data de Nomeação)	10/03/1945 10/03/1945 (Data de designação para Hospital em Pistoia)

Fonte: Arquivo Histórico do Exército, AHEx.<sup>247</sup>

O treinamento dos capelães da FEB durante a Segunda Guerra Mundial revelou disparidades significativas, evidenciando uma profunda desigualdade nos períodos de preparação. A tabela que detalha as datas de chegada e partida dos capelães no Rio de Janeiro para treinamento e, posteriormente, na Itália para o serviço militar, destaca claramente essa discrepância. Enquanto alguns capelães desfrutaram de períodos de meses para se prepararem adequadamente, outros tiveram que se contentar com apenas alguns dias de treinamento, resultando em uma variação notável em suas habilidades técnicas e conhecimento militar.

Essa desigualdade reflete os desafios que o Exército Brasileiro enfrentava na época, à medida que se adaptava às demandas da guerra em termos de planejamento e organização. A falta de tempo dedicado ao treinamento adequado dos capelães e sua inexperiência em operar em um ambiente de combate tornaram o seu trabalho ainda mais árduo e complexo. Enquanto alguns capelães tiveram a oportunidade de se preparar de maneira mais abrangente, outros foram lançados diretamente no campo de ação com conhecimentos limitados. A falta de uniformidade no treinamento e na preparação criou um ambiente em que os capelães tiveram que se adaptar rapidamente às situações complexas e exigentes do teatro de operações. Essa adaptação foi um reflexo do contexto geral enfrentado pela FEB naquele momento, onde a escassez de treinamento adequado, recursos e experiência era uma realidade compartilhada por todos os envolvidos na campanha.

Nesse panorama, a aplicação dos jogos de escala na pesquisa micro-histórica das trajetórias individuais de Padre Eloi e Frei Orlando revelam nuances que extrapolam o âmbito individual, trazendo à tona elementos de escala mais ampla. Essa análise lança uma luz penetrante sobre o contexto histórico mais abrangente que permeia a investigação das jornadas

<sup>247</sup>Os documentos analisados na construção desta tabela estão disponíveis nas seguintes pastas: Arquivo Serviço Religioso 1º DIE- Ficha de Capelães Militares. Caixa nº 356, e no Relatório do Ten. Cel. Capelão Chefe João Pheeny da Silva, de março de 1945. *Op. Cit.*, p.4-10.

peçoais dos capelães e a contribuição da FEB na Segunda Guerra Mundial. As experiências singulares desses capelães, tanto em termos de treinamento quanto de atuação, não apenas iluminam a diversidade de circunstâncias que enfrentaram, mas também demonstram como a dimensão religiosa permeou suas interações com as tropas brasileiras durante o conflito.

### 3.3. A TRAVESSIA DO ATLÂNTICO

Em meio a esse cenário, em que o Estado Maior da Divisão, órgão responsável pelo comando da FEB, enfrentava e buscava vencer suas próprias deficiências, Francisco Ferraz afirma que o embarque das unidades expedicionárias já seria considerado uma grande vitória. Mal. Floriano de Lima Brayner, chefe do Estado Maior da FEB, afirma que, a respeito do embarque das tropas, a ideia coletiva era de que este já estava tardando:

E muitos se arreceavam de que todo aquele esforço fosse perdido, que, de um momento para o outro, soasse a ordem de cessar a preparação [...] seria uma derrota para o Brasil, dentro e fora das fronteiras [...] reconhecíamos que o Estado-Maior Expedicionário, inteiramente improvisado e sem tradição, era uma colcha de retalhos.<sup>248</sup>

Foi no final de junho de 1944 que a Ordem Geral de Embarque foi dada, de forma sigilosa. No dia 28 de junho, o navio de transporte estadunidense, *General Mann*, aportou no Rio de Janeiro, onde aguardou a chegada das tropas. Estas chegaram em carros com luzes apagadas e janelas cerradas. Os 6 mil futuros combatentes brasileiros embarcaram, carregando seus sacos, e o *General Mann* estava pronto para partir com sua carga humana.<sup>249</sup>

Ao clarear do dia 2 de julho de 1944, cerca de seis horas, quando se registrava certa impaciência e estranheza entre os que já se encontravam embarcados há cerca de 36 horas, o grande barco começou a se mover, deslizando por entre outras embarcações [...] já não era possível ocultar a realidade. O *General Mann* desfilava entre navios mercantes e barcos, levando no seu bojo, o 1º Contingente brasileiro.<sup>250</sup>

O horizonte brasileiro e a vista do Cristo Redentor, com seus braços abertos, iluminados pelo sol dourado do amanhecer, pareciam diminuir a cada segundo. O vento acariciava os rostos daqueles que se despediam de seu país, e agitava as bandeiras no imponente navio de transporte, elevando os votos de boa viagem. O lar, agora distante e seguro, ficava para trás, enquanto a

---

<sup>248</sup>BRAYNER. *Op. Cit.*, p.71.

<sup>249</sup>BRAYNER. *Op. Cit.*, p. 84-94.

<sup>250</sup>BRAYNER. *Op. Cit.*, p. 97

guerra, com tudo o que ela trazia consigo, se aproximava a cada onda quebrada. Estas tropas que compunham o 1º Escalão da FEB a cruzar o Atlântico desembarcariam em solo europeu desarmadas, e desconhecendo a maioria dos armamentos e equipamentos que fariam parte de seu cotidiano em um futuro próximo: “Partíramos sem portar qualquer instrumento de guerra. E chegávamos ao Teatro de Operações da Itália de saco às costas, de mãos abanando e de fisionomia assustada”<sup>251</sup>, comenta Floriano de Lima Brayner.

Estes 6 mil homens enfrentaram exercícios de salvamento enquanto navegavam em direção às águas do Mediterrâneo, preparando-se para eventualidades como bombardeios e naufrágios. A bordo do *Gen. Mann*, três membros do S.A.R. da FEB, Padre João Pheeneey Silva, Capelão-Chefe, Padre Noé Pereira e Padre Alberto da Costa Reis, acompanharam os soldados brasileiros nessa jornada de dezesseis dias. Assim que embarcaram, esses sacerdotes iniciaram imediatamente seus trabalhos, como é relatado pelo Pe. João Pheeneey:

Durante esta despedida muitas lágrimas deslizaram, eram lágrimas de saudades! A seguir, os três capelães se dirigiram, um para cada convés aberto e um para a sala de estar dos Srs. Oficiais, e simultaneamente foram oferecidos 3 sacrifícios da Missa, pedindo ao bom Deus e à Virgem Senhora da Conceição, Padroeira do Brasil, nos conduzisse ao termo da viagem sob sua proteção, livres de qualquer perigo.<sup>252</sup>

Ademais, o relatório do Pe. João Pheeneey fornece informações relevantes sobre sua atuação e de seus pares durante a travessia do Atlântico. Segundo o relatório, aos domingos, eram celebradas três liturgias: uma às 7h e outras três às 9h, além de uma às 16h. Nos dias úteis, eram realizadas duas celebrações às 9h. A maioria dos tripulantes (aproximadamente 70%) era católica e frequentava essas celebrações. O relatório também destaca que um número significativo de oficiais e praças procurou os serviços de confissão e a Eucaristia. Além de conduzir os ofícios religiosos, os capelães interagem com a tropa, oferecendo palestras, recitando o terço e ajudando os soldados que sofriam com o enjoo das viagens marítimas, tanto nos compartimentos dos soldados como na enfermaria.<sup>253</sup>

O primeiro escalão da FEB chegou à Baía de Nápoles no dia 16 de julho, onde os brasileiros puderam observar a paisagem que inspirou a expressão *Vedere Napoli, poi morire*,<sup>254</sup>

<sup>251</sup>BRAYNER. *Op. Cit.*, p. 81

<sup>252</sup>Relatório do Ten. Cel. Capelão Chefe João Pheeneey da Silva, de março de 1945. *Op. Cit.*, p.5

<sup>253</sup>Relatório do Ten. Cel. Capelão Chefe João Pheeneey da Silva, de março de 1945. *Op. Cit.*, p.5

<sup>254</sup>A expressão em italiano "Vedere Napoli e poi morire" traduz a ideia de que depois de contemplar a cidade de Nápoles, não há mais nada a se desejar nesta vida. Tal expressão é frequentemente utilizada para descrever a

completamente destruída. Antes de atracar, uma missa foi celebrada em ação de graças à Nossa Senhora Aparecida pelo término seguro da viagem. Segundo relato do capelão João Pheeny Silva, foi no acampamento de Bagnuoli que ocorreu a primeira missa em solo estrangeiro. No entanto, logo surgiram os primeiros problemas relacionados à prestação de serviços religiosos: apenas três capelães acompanhavam os seis mil integrantes da FEB, e o S.A.R., de acordo com seu Capelão-Chefe, não possuía o material necessário para atuar de forma mais abrangente, considerando o grande número de soldados e a vasta extensão de área em que estavam localizados.<sup>255</sup>

Apesar disso, as missas eram celebradas diariamente, assim como o atendimento às confissões. Além das ações dos capelães, o relatório do Pe. João Pheeny menciona que os próprios soldados construíram uma grande cruz de madeira que percorreu todo o acampamento em 15 de agosto de 1944, posteriormente fixada em seu centro.<sup>256</sup> Na análise deste exercício religioso por parte dos soldados, dois fatores devem ser levados em consideração: sua religiosidade e seu exercício de práticas religiosas anteriores à guerra, bem como o contexto no qual estes estavam inseridos, ou seja, o limiar da batalha. Diante das dificuldades em receber armamentos e treinamento, os soldados da FEB ergueram uma cruz no meio de seu acampamento. Este ato revela detalhes a respeito da religiosidade desses soldados da FEB, como sua dimensão coletiva, perceptível através do ato da procissão. Embora as procissões fossem práticas comuns no cotidiano religioso dos soldados antes da guerra, nesse momento específico, o ato ganhou novos significados, representando uma busca coletiva por coragem diante dos perigos iminentes. A cruz erguida tornou-se um símbolo divino em meio ao ambiente caótico da guerra, equilibrando a situação profana.

A data de 15 de setembro de 1944 marcou a entrada em linha das tropas brasileiras, que enfrentaram seu batismo de fogo. Nos momentos anteriores à primeira missão de combate dos expedicionários, todos os esforços do S.A.R. eram, segundo João Pheeny da Silva, para preparar a tropa para a tomada de posição, o que demonstrou ao Capelão-Chefe da FEB a necessidade da chegada de mais capelães: “Várias providências foram tomadas, cartas e telegramas enviados ao Sr. Cel. Bina Machado no sentido de serem imediatamente enviados mais alguns capelães”.<sup>257</sup> E estes chegaram, antes mesmo dos 2º e 3º escalões, por via aérea:

---

beleza e o encanto singulares desta cidade italiana, enquanto exprime a sensação de que a experiência de testemunhar a magnificência de Nápoles é tão intensa e completa que não há nada que supere esse momento.

<sup>255</sup>Relatório do Ten. Cel. Capelão Chefe João Pheeny da Silva, de março de 1945. *Op. Cit.* p. 6 -7.

<sup>256</sup>Relatório do Ten. Cel. Capelão Chefe João Pheeny da Silva, de março de 1945. *Op. Cit.* p. 7.

<sup>257</sup>Relatório do Ten. Cel. Capelão Chefe João Pheeny da Silva, de março de 1945. *Op. Cit.* p.7.

Pe. Jonas Wanderlei Lima (Frei Gil Maria), Pe. Aquiles Silvestre, e Padre Olavo Ferreira Araújo.<sup>258</sup>

Os 2º e 3º escalões da FEB deixaram o Brasil no dia 22 de setembro de 1944, deixando para trás o acantonamento do Capistrano, onde o 11º R.I., ao qual Frei Orlando e Pe. Francisco Eloi integravam, encontrava-se desde o dia 3 de março do mesmo ano:

Naquele 21 de setembro tudo era confusão, burburinho, quando levantávamos acantonamento, deixando aqueles galpões de madeira, testemunhas mudas do nosso sofrimento, daquela espera que tanto exaustou a nossa gente [...] muitos choravam... quem não chora ao partir para a guerra?<sup>259</sup>

Os brasileiros que embarcaram nesta manhã de setembro, seja a bordo do *Gen. Mann* - 2º Escalão - ou *Gen. Meigs* - 3º Escalão - puderam sentir o que seus companheiros sentiram ao zarpar em julho, no 1º Escalão. Os relatos biográficos e autobiográficos dos capelães que acompanharam os expedicionários nestes escalões, bem como seus relatórios, revelam detalhes sobre como esses sacerdotes finalmente iniciaram sua função de capelão fora do Brasil. O capelão Jacob Emílio Schneider, em *Vivência de um ex-capelão da FEB*, menciona o dia do embarque.:

Todo o dia 21 de setembro, os navios permaneceram atracados ao cais do Rio de Janeiro, completando e organizando as cargas [...] aproveitaram os capelães este dia, de folga tranquila para celebrarem santas Missas por todo o navio, com assistência numerosa e devota de oficiais e soldados [...] finalmente às 12 horas, largamos definitivamente, do porto. Houve então um discurso muito sensato e oportuno do Comandante da tropa embarcada, o General Cordeiro de Farias. Executou-se o Hino Nacional e os capelães deram uma bênção em conjunto<sup>260</sup>

As missas celebradas em todo o navio no dia anterior ao embarque, e a bênção proferida em conjunto pelos capelães após a partida, foram acompanhadas devotamente pelos soldados, demonstrando o valor dado à oração por eles. A respeito das celebrações religiosas durante a viagem do 4º Escalão, ressalta o capelão Joaquim J. Dourado:

Antes de uma das missas, um sem-número de praças pediu confissão. Estavam receosos de muitas cousas, saudosos, e, precisavam desabafar, tintim por tintim, com pessoa que os ouvisse, carinhosamente, sem que jamais pudesse passar adiante os seus segredos. Os capelães patrícios olharam em torno. Não havia um palmo de convés vazio. A turma enchia todo o espaço. Todos, como é natural, queriam o amparo de Deus, já que o coração se lhes apertava em

<sup>258</sup>Relatório do Ten. Cel. Capelão Chefe João Pheaney da Silva, de março de 1945. *Op. Cit.* p. 8.

<sup>259</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 139

<sup>260</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p. 20.

sobressaltos de tristeza [...] Aos três sacerdotes não sobrava lugar nem mesmo para ouvir, de pé, as confissões. Ainda pensaram em dar absolvição coletiva. Mas, não havia perigo iminente E, sobretudo, não bastava, para eles, essa absolvição, por atacado. Queriam ouvir, e serem ouvidos.<sup>261</sup>

A respeito das condições da viagem dos expedicionários, o Pe. Schneider comenta que os soldados eram alojados em compartimentos, a maior parte abaixo do nível, sem renovação de ar, o que tornava o calor e o cheiro quase insuportáveis. Os capelães costumavam descer para a oração da noite, canto e bênção, mas ele confessa francamente que nunca conseguiu chegar além do 7º compartimento devido ao forte cheiro de óleo do navio, que se intensificava com o calor e causava enjoos em todos.<sup>262</sup> A rotina no navio era caracterizada por longas filas e por constantes esperas. A grande aglomeração de indivíduos, somada ao calor, fizeram com que os desmaios e o mal-estar fossem constantes, como pode-se notar no relato do combatente Boris Schnaiderman: “Suamos em bica, pois os alto-falantes transmitiriam a ordem de usar os salva-vidas. Estes são uma espécie de casacões grossos e feios, cheios de algo que parece algodão ou paina comprida”.<sup>263</sup> Gentil Palhares também comenta as dificuldades enfrentadas no cruzamento do Atlântico, as quais eram perpassadas por momentos de orações: “O navio ia sulcando as águas e aquela vida, que já levava dias, transformava-se numa rotina: calor, saudades, lamúrias, receio de minas, enjoos do mar, *blackout*, Missas, terços. No mais que pesasse o nosso viver incerto, íamos empurrando os dias. Com eles, nossa vida.”<sup>264</sup> Pe. Brito, em sua biografia, relata que os momentos voltados para ritos religiosos ocorreram também a bordo do *Gen. Mann*, que carregava o segundo escalão:

Havia um capitão que achava ruim a madrugada dos capelães. E nas memórias que escreveu, disse: “E, ao clarear do dia, os capelães conjugam o verbo celebrar em todos os tempos e modos”. Íamos dois a dois. Um rezava a missa, enquanto o outro pregava e cantava com os soldados. Na missa da tarde, às duas horas, o que pregara de manhã celebrava, e o que celebrara entretinha os assistentes.<sup>265</sup>

Segue o relatório assinado por Frei Orlando referente os serviços religiosos prestado por ele e seus pares do 11º R.I. durante a travessia o Atlântico:

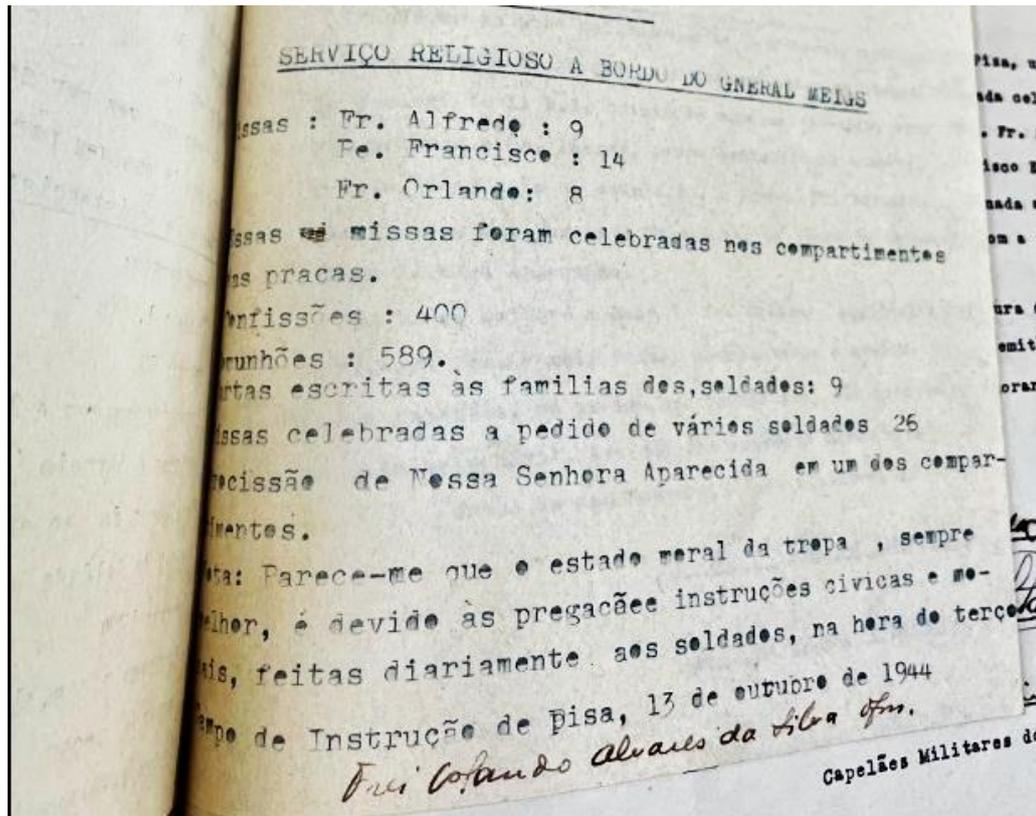
<sup>261</sup>DOURADO, J. J. Estou Ferido; Homens que lutaram; E a Guerra Acabou. Fortaleza, 1972. p. 13

<sup>262</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p. 24

<sup>263</sup>SCHNAIDERMAN, Boris. Minha guerra: lembranças de um soldado. In: COGIOLA, Osvaldo (org). **Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico**. São Paulo: Xamã, 1995. p. 39.

<sup>264</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.140.

<sup>265</sup>BRITO, Padre. **Eu fui capelão da FEB**. Rio Grande do Sul: Juventus Ltda, 1947. p.22.

Figura 15: Relatório de Frei Orlando a bordo do *Meigs*:

Fonte: AHEx<sup>266</sup>

Segue sua transcrição:

**SERVIÇO RELIGIOSO A BORDO DO GENERAL MEIGS:**

Missas: Fr. Alfredo: 9; Pe. Francisco: 14; Fr. Orlando: 8. Essas missas foram celebradas nos compartimentos dos praças. Confissões: 400. Comunhões: 589. Cartas escritas às famílias dos soldados: 9. Missas celebradas a pedido de vários soldados: 25. Procissão de N. Senhora Aparecida em um dos compartimentos. Nota: Parece-me que o estado moral da tropa sempre melhor é devido às pregações e instruções cívicas e morais, feitas diariamente aos soldados, na hora do terço.<sup>267</sup>

A partir das informações presentes nestes relatórios, é possível observar uma constância de celebrações religiosas, como as missas, bem como de distribuição de comunhões e atendimento de confissões. No total, Frei Orlando, Pe. Francisco Eloi e Frei Alfredo celebraram por 31 vezes nos compartimentos dos combatentes, em uma viagem de 14 dias. O número de confissões atendidas é significativo, somando um total de 400. Estes números sugerem que os

<sup>266</sup>Relatório de Frei Orlando do dia 21 de julho a 20 de setembro de 1944. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>267</sup>Relatório de Frei Orlando do dia 21 de julho a 20 de setembro de 1944 *Op. Cit.*

soldados se sentiam seguros com os capelães que lhes acompanhavam, compartilhando, de forma confidencial, seus pecados, medos e angústias, na busca do perdão sacerdotal. Ademais, no relatório é constatada a distribuição de 589 comunhões entre os compartimentos no navio.

O relatório dos capelães do 11º R.I. também faz menção à escrita de cartas às famílias dos soldados. Nesses momentos, aqueles que não podiam, ou não sabiam redigir correspondências para contatar seus familiares, confiavam aos seus capelães essa tarefa, o que gerava uma aproximação entre estes.<sup>268</sup> A procissão de Nossa Senhora Aparecida em um dos compartimentos do navio, mencionada por Frei Orlando, evidencia a devoção religiosa à santa, Sua coroação como padroeira do Brasil em 1928 tornou sua devoção amplamente conhecida e reverenciada naquela época.<sup>269</sup> Finalmente o capelão conclui afirmando que o estado moral da tropa parece melhorar graças às pregações e instruções cívicas e morais realizadas diariamente por parte dos capelães.

---

<sup>268</sup> De acordo com Adriane Piovezan, na Segunda Guerra Mundial, houve uma mudança significativa na relação entre as instituições religiosas e a guerra, quando comparada com a Primeira Guerra. Na Primeira Guerra, os discursos radicais dos representantes das igrejas afastavam os soldados, mas na Segunda Guerra, essa abordagem foi modificada. Os oficiais-capelães aproximaram-se dos soldados, abdicando de muitos preceitos em prol do pragmatismo necessário nos tempos de guerra. Essa aproximação entre os oficiais-capelães e os soldados tornou-se uma característica marcante da Segunda Guerra Mundial, pois os capelães se tornaram mais próximos dos soldados, oferecendo suporte coletivo e individual, acompanhando-os ao *front*, ouvindo confissões e ajudando com seus problemas. Eles também aceitaram e compreenderam os comportamentos religiosos emergenciais nas trincheiras, permitindo usos variados de artefatos religiosos e compreendendo as crenças heterodoxas comuns entre os soldados nessas condições. PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p. 206

<sup>269</sup> PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.193. A esse respeito, José Carlos Pereira afirma que a devoção está no grau primitivo do fiel com a religião. De acordo com o autor, no credo católico são estabelecidos três tipos de devoção: latria, dulia e hiperdulia. A primeira, corresponde ao culto que deve ser prestado somente a Deus. A hiperdulia diz respeito ao culto especial prestado a Nossa Senhora, já a dulia corresponde ao culto aos santos. PEREIRA, José Carlos. Devoções Marginais: interfaces do imaginário religioso. Porto Alegre: Zouk, 2005.

Figura 16: Frei Orlando, de óculos à esquerda, com os soldados a bordo do Meigs, 1944.



Fonte: Jornalismo de guerra (online).<sup>270</sup>

Após 14 dias de viagem, no dia 6 de outubro, os homens a bordo do *Gen. Meigs* e *Gen. Mann* avistaram Nápoles e o Vesúvio, onde depararam-se com uma Itália transformada pela guerra: “Todo o pôrto de Nápoles apresentava um aspecto doloroso. Virtualmente destruído. Navios destruídos, cais destruído, armamentos e destroços por toda a orla litorânea em ruínas”<sup>271</sup>, “montanhas de caliça e de lixo, obstruindo as ruas. População apática, maltrapilha e esfomeada”<sup>272</sup>. A cidade de Nápoles, semidestruída, transmitia aos brasileiros a certeza de que o clima de insegurança que estes enfrentaram durante a travessia do Atlântico continuaria a acompanhá-los. Os 2º e 3º escalões permaneceram em Nápoles por quatro dias, e durante esse tempo, os brasileiros se uniram em missas de ação de graças, realizadas em todo o navio, para expressar gratidão pelo seguro deslocamento que haviam alcançado.<sup>273</sup>

<sup>270</sup>Disponível em: <https://jornalismodeguerra.com/2020/12/03/frei-orlando-um-controverso-e-duvidoso-processo-de-beatificacao/>. Acesso em dezembro de 2022

<sup>271</sup>BRAYNER. *Op. Cit.*, p. 108.

<sup>272</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p. 28

<sup>273</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p. 27. O Gen. Mascarenhas de Moraes afirma que os três capelães militares que acompanharam o 1º Escalão da FEB também realizaram missas em ação de graças por sua chegada ao porto de destino. MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p.39

Em 12 de outubro de 1944, os brasileiros chegaram a Livorno, onde desembarcaram definitivamente. Os integrantes dos 2º e 3º escalões foram transportados em caminhões para a área da Quinta Real de San Rossore, próxima à cidade de Pisa. Lá, montaram acampamento para completar sua ambientação e realizar um adestramento militar compatível com suas novas funções na frente dos Apeninos. Ali estava localizado, desde o dia 16 de setembro, o Quartel General da 1ª D.I.E, cujo propósito era atender às atividades do Destacamento da FEB e à instalação dos recém-chegados, que logo deveriam receber o equipamento militar.<sup>274</sup> Contudo, Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, menciona uma demora no recebimento desse material, atribuindo-a a questões relacionadas ao seu transporte: “Os 2º e 3º Escalões de Embarque levaram trinta e cinco dias para receber todo o suprimento bélico”<sup>275</sup>.

As dificuldades relacionadas à obtenção de armamentos pela FEB foram observadas por César Maximiano em seu livro *Barbudos sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. O autor destaca que os impressionantes depósitos de suprimentos americanos poderiam criar a ilusão de recursos inesgotáveis para os recém-chegados brasileiros, porém, ressalta que os estoques de ração, munição, veículos, armamentos e peças já estavam comprometidos, sendo essenciais para as operações planejadas nos meses seguintes e, portanto, não disponíveis em excedente. Durante esse período, pontua César Maximiano, a FEB precisou lançar mão de planos de emergência, oferecendo um programa de treinamento leve à tropa e cedendo duzentos fuzis M1 para a familiarização mínima com a arma. O foco principal foi o aprimoramento das condições físicas dos soldados. Contudo, a capacidade de combate da FEB levou mais tempo para ser aperfeiçoada. Os escalões remanescentes eram posicionados em áreas previamente escolhidas, mas desencontros na comunicação entre os oficiais brasileiros do destacamento precursor e o escalão ingressante levaram a áreas sem infraestrutura ou condições adequadas para o abrigo da tropa.<sup>276</sup> A esse respeito, o comandante da FEB reconhece que a instrução por parte dos soldados se desenvolveu com imperfeições, cujas repercussões se fizeram sentir nos primeiros embates de algumas Unidades do que este denomina “o grosso” da 1ª D.I.E.<sup>277</sup>

---

<sup>274</sup>MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p. 54

<sup>275</sup>MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p.55

<sup>276</sup>MAXIMIANO, 2010, *Op. Cit.*, p.p. 88

<sup>277</sup>MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p. 55 O autor ainda menciona que o 1º Escalão da 1ª D.I.E também encontrou dificuldades relacionadas a seu adestramento militar, devido à falta de material e de instrução. Contudo, outras atividades foram realizadas com o objetivo de manter a forma física dos homens, e a coesão da tropa. Apenas após a incorporação do 1º Escalão ao V Exército dos Estados Unidos, datada de 5 de agosto de 1944, fora iniciada a distribuição do material à tropa brasileira. Contudo, conclui o autor: “Não tendo sido completa a distribuição

Enquanto os futuros combatentes enfrentavam novas dificuldades em seu treinamento, o S.A.R. da FEB se adaptava à sua nova realidade na Itália. O capelão Jacob Schneider compartilhou suas primeiras impressões sobre o acampamento, notando milhares de barracas com diferentes funções, incluindo alojamento, cozinha, ocupação e higiene. No entanto, a maior delas foi transformada em uma Capela, onde, por meio de uma solene procissão, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida foi colocada.<sup>278</sup>

O gesto de transformar a maior barraca em uma Capela demonstra a determinação dos soldados brasileiros em preservar suas práticas litúrgicas. É importante ressaltar que os integrantes da FEB viviam em uma época que, segundo Adriane Piovezan, era marcada por sucessivas revoluções urbanas, científicas, industriais e tecnológicas. Estas amplas transformações agiram, conforme a historiadora, no sentido de reforço da crença no poder da ciência, e em um enfraquecimento dos dogmas religiosos, através da laicização de ritos e monumentos públicos.<sup>279</sup> A despeito destes avanços tecnológicos e científicos, os combatentes brasileiros puderam-lhes sentir com ainda mais intensidade. Estes estavam incorporados a um exército mantido pelos EUA, superpotência industrial, econômica e científica. A máquina de guerra norte-americana é constantemente lembrada ora com admiração, ora com assombro, em muitos relatos de ex-combatentes. Ainda assim, estes mesmos soldados que vislumbravam-se, ou se assustavam com toda a tecnologia e poderio bélico constituídos a partir de avanços científicos, demonstraram, em suas ações, que as crenças religiosas mantinham-se como um elemento relevante em seu cotidiano, como soldados no limiar do embate: “Apesar dos avanços e conquistas da ciência, o sagrado e a religiosidade mantiveram-se presentes e se afirmam como formas de vivenciar a religião para significativa parcela da população humana”.<sup>280</sup>

---

ao armamento, a instrução ainda não pode ser orientada e desenvolvida segundo os propósitos do comando brasileiro”. MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p.46-47.

<sup>278</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p.34-35.

<sup>279</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p. 167

<sup>280</sup>MARCHI, Euclides. O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades. In: **História: Questões & Debates**, Editora UFPR: Curitiba, n. 43, 2005, p. 33.

Figura 17 - Procissão de Nossa Senhora Aparecida, em Pisa, 1944



Fonte: Memorial da FEB (*online*).<sup>281</sup>

Os integrantes dos 2º e 3º escalões brasileiros estabeleceram-se nos arredores de Pisa por algumas semanas, vivenciando dias iniciais relativamente tranquilos e com certo conforto. As missas tornaram-se eventos frequentes, com ampla participação dos soldados e distribuição generosa de comunhões, enquanto as nuvens da saudade e a escassez de notícias sobre o andamento da guerra pairavam no horizonte.<sup>282</sup> Dentre essas celebrações eucarísticas, uma em particular ficou marcada na memória de capelães e ex-combatentes da FEB, sendo lembrada em biografias e autobiografias. Trata-se da missa realizada na catedral de Pisa<sup>283</sup>, presidida pelo tenente-coronel padre Pheeny Oliveira, e com a participação de centenas de brasileiros e de uma banda de música. Essa celebração foi divulgada pela BBC de Londres com o título *Ecos de uma missa memorável*, através de um programa que contou com a participação do cronista Silvio da Fonseca, explica Rogério Lima em seus escritos. Segue um trecho do discurso de Silvio Fonseca:

Era preciso que vocês habituados a esse sol enorme do Brasil, que vivessem, como nós, toda uma semana, esmagados debaixo de um céu de chumbo, encharcados pela umidade de uma chuva teimosa, para sentir a satisfação que se sentia neste domingo de outubro. O sol espiou para fora, logo cedinho, e

<sup>281</sup>Disponível em:<https://memorialdafeb.com/2014/08/21/recebei-nos-na-hora-da-nossa-morte/> Acesso em dezembro de 2022.

<sup>282</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p. 41. A respeito desta missa, além das biografias de capelães, o documentário O lapa azul traz alguns comentários das memórias dos pracinhas que deste momento participaram. **O Lapa Azul**. Direção: Durval Jr. Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2007, 1 DVD.

<sup>283</sup>DOURADO, 1972, *Op. Cit.*, p. 51, PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.79 A respeito desta missa, além das biografias de capelães, o documentário O lapa azul traz alguns comentários das memórias dos pracinhas que deste momento participaram.

veio esverdear mais as fardas dos nossos pracinhas, estrada a fora, a caminho de Pisa. Bem diferente era o aspecto dessa manhã, na lendária cidade, daquele outro dia, um domingo também, quando os brasileiros entraram, pela primeira vez em Pisa. A catedral, a mesma, a torre e o batistério, os mesmos. Talvez fossem os mesmos os civis. Talvez os mesmos os braços, mas diferentes, absolutamente diferentes, os gestos. Naquele domingo de outubro, eram esqueléticas as mãos e ansiosos os acenos que faziam, a passagem dos Jeeps que levavam no seu capot o emblema do Cruzeiro do Sul. Os semblantes retratavam ainda privações recentes e recentes vexames impostos pelos alemães que se haviam retirado apenas duas horas. Eram as primeiras saudações a um uniforme novo no teatro da guerra. Era o primeiro agradecimento a um outro povo, que se vinha unir à campanha da redenção dos povos. Pouco mais de um mês se passou depois disso. E foi o bastante para que o povo da Itália se habituasse não só aos nossos uniformes, não só à tenacidade dos nossos soldados em luta, mas também à maneira de ser tão sua, tão brasileira, tão generosa. Aquelas mãos que os saudavam à passagem não tinham a coação de acenos dos vencidos aos vencedores. Eram mãos amigas, cumprimentando amigos, e compondo um quadro magnífico de paz, a apenas quilômetros das linhas onde se combate duramente. Quanto à nossa gente, possuída de uma emoção fácil de avaliar, procurava, estou certo, naquela multidão de rostos a maioria moldurada em louro, um traço familiar de um rosto sereno qualquer, que, naquela mesma hora espiritual, aí no Brasil, se voltava ansioso para uma outra imagem de uma mesma Virgem, implorando bênçãos e proteção. Não tardou que a nave se enchesse de gente, e de uniformes rígidos. Mas, diante da grandiosidade do espetáculo, aqueles homens habituados ao convívio com a maior das misérias humanas se sentiam mais perto de Deus. Eu vi lágrimas em alguns olhos. E, à elevação, de mais de mil bocas saíram as palavras do hino nacional. Patriotismo e religião, fé e dever, entusiasmo e confiança, tudo se misturava ali, sob as arcadas góticas de um dos mais antigos templos da história. Um gesto largo de bênção e as palavras de ritual católico deram por finda a missa. Ao lado, imóvel, no seu desequilíbrio espantoso, a Torre de Pisa fazia vibrar alegremente seus quatro sinos sonoros. A música de bronze fugia satisfeita daquele mesmo topo de onde, semanas atrás, espiavam temerosos binóculos alemães. Da porta da catedral, jorravam ondas de homens e, sem grande esforço, a gente podia reconstituir o quadro domingueiro de uma saída de missa no Brasil. Eu vi você, noiva do Expedicionário Brasileiro, eu te vi também, esposa do soldado brasileiro, e você mãe do soldado que agora está lutando na Europa: vocês também saíram, de braço com ele, naquela saída de missa naquele domingo em Pisa [...] No sermão que leu à tropa, o Capelão Chefe da FEB, Padre Pheenev Silva, disse: "Meses atrás, ecoou uma voz que nos chamava às armas... era a voz do nosso querido Brasil. Tinha sido ferido em sua honra... atacado na pessoa de seus filhos... e clamava em altas vozes, procurando quem o defendesse... quem reparasse o mal feito a seus estremecidos filhos que tombaram inocentemente. Ouvimos esta voz, tão nossa conhecida; era a voz de nossa mãe, ela tocou as fibras mais delicadas de nosso coração; e para nós, não houve dúvidas: aqui estamos com o entusiasmo e ardor de nosso são patriotismo, incondicionalmente nos entregamos, para que não sejam nunca desmentidas as palavras do nosso patrono, o Duque de Caxias: Disciplina, resignação, constância e valor, são virtudes inatas do soldado brasileiro."<sup>284</sup>

---

<sup>284</sup>O CRUZEIRO DO SUL. Edição nº3- Ano I, de 10/1/1945, p.3. *apud* LIMA, 2021, *Op. Cit.*, p.79-80.

Neste trecho, Sílvio Fonseca compara a chegada dos soldados brasileiros em Pisa com o seu retorno à cidade para a celebração da missa. A mudança do tempo, da chuva intensa para uma manhã ensolarada, é destacada como uma mudança de atmosfera. O autor enfatiza o papel do patriotismo e da religiosidade na vida dos soldados, transmitindo uma atmosfera nostálgica. Além disso, destaca a aproximação entre os soldados brasileiros e os civis italianos, com a solidariedade demonstrada pelos soldados da FEB ao compartilhar alimentos e vestuário com a população local.

A respeito disso, Gentil Palhares relata que logo nos primeiros dias de acampamento, jovens de Pisa se aproximavam dos brasileiros em busca de qualquer alimento disponível. Em torno de Frei Orlando, as crianças clamavam: *Datemi panne, cigareti, chocolatto, mio capelane!* (Dê-me pão, cigarros, chocolate, meu capelão!) O sacerdote, que havia conseguido reunir alguns alimentos com a tropa, os distribuiu aos jovens mendicantes, enquanto proclamava *presto finita la guerra* (a guerra em breve vai acabar), comenta Gentil Palhares.<sup>285</sup> As narrativas que destacam a interação entre os soldados brasileiros e a população italiana concediam um papel central da religiosidade como fonte de apoio, esperança e na construção de uma identidade religiosa coletiva durante o conflito. Nesse sentido, esses relatos atuam na construção desta memória, como pode ser notado no seguinte trecho, do capelão Jacob Schneider, “latinos e católicos, os moradores afinavam mais rapidamente com os brasileiros, do que com outras tropas aliadas”.<sup>286</sup> Estas características estão também presentes no relatório assinado pelos capelães do 11º R.I. relativo a suas atividades no acampamento de San Rossore. Neste, além das atividades costumeiras, é mencionado que Frei Orlando auxiliou na procura do corpo do Tenente Márcio Pinto, e que “Os capelães, na medida de suas posses, têm procurado minorar os sofrimentos da população civil, levando-lhe conforto moral e material”.<sup>287</sup>

---

<sup>285</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 143-144.

<sup>286</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p.52.

<sup>287</sup>Relatório das atividades realizadas Frei Orlando, Frei Alfredo e Pe. Francisco Eloi entre 12 e 31 de outubro de 1944: Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa n° 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.140.

Figura 18: Relatório das atividades prestadas pelos capelães Frei Orlando, Frei Alfredo e Pe. Francisco Eloi entre 12 e 31 de outubro de 1944:

RELATORIO Nº 2  
 DA CAPELANIA MILITAR DO 11 R.I.  
 MOVIMENTO CIVICO-RELIGIOSO DO SERVIÇO DE ASSISTENCIA  
 RELIGIOSA NO CAMPO DE INSTRUÇÃO DE SANROSSORE  
 de dia 12 a 31 de outubro de 1944.

MISSAS.....	
MISSAS EQUAIS.....	
CONFISSÕES;;.....	37
COMUNHÕES;;.....	2
PRIMEIRAS COMUNHÕES.....	494
ENTERROS.....	607
PREGAÇÕES.....	5
TERÇOS COLETIVOS.....	2
PROCISSÕES.....	50
REUNIÕES DA CONGREGAÇÃO MARIANA.....	47
ENSAIOS DE CANTO.....	1
INSTRUÇÕES INDIVIDUAIS.....	3
INSTRUÇÕES CIVICAS.....	10
CARTAS ESCRITAS A PEDIDO DOS SOLDADOS.....	10
CARTAS ESCRITAS ÀS FAMILIAS DOS SOLDADOS.....	22
	7
	4

Em 22 de outubro celebrou-se às 9,30 horas, catedral de Pisa, uma missa solene em ação de graças pelo feliz termino da viagem, mandada celebrar pelo comando do 11 R.I. Oficiaram como celebrantes, os Revmos. Fr. Alfredo, Fr. Orlando e Pe. Phoney, sendo cerimoniarario o Revmo. Francisco Eloi. Pregou, à estação do evangelio, o Revmo. Fr. Orlando. Terminada a missa, realizou-se uma passeata religiosa, em tórno da catedral, com a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Em 31 de outubro o Capelão Fr. Orlando auxiliou na procura do corpo do infortunado Ten. Marcio Pinto, acompanhando o cadáver até o cemitério.

Os capelães, na medida de suasposses, têm procurado minorar os sofrimentos da população civil, levando-lhe confôrto moral e material.

Campo de San Rossore, 1º de novembro, de 1944.

*Frei Orlando*  
*Frei Alfredo*  
*Pe. Francisco Eloi de Oliveira*  
 Capelães Militares do 11 R.I.

Fonte: AHEx. <sup>288</sup>

<sup>288</sup>Relatório das atividades realizadas por Frei Orlando, Frei Alfredo e Pe. Francisco Eloi entre 12 e 31 de outubro de 1944, *Op. Cit.*

A seguir encontram-se os dados do Relatório assinado por Frei Orlando, Capelão-Chefe do 11º R.I. novembro de 1944, mês em que os soldados chegados nos 2º e 3º escalões partiriam para as linhas de combate:

RELATÓRIO DO MÊS DE NOVEMBRO:

Missas: 89. Missas exequiais: 3. Confissões: 465. Comunhões: 865. Primeiras comunhões: 5. Enterros: 1. Pregações: 41. Terços coletivos: 62. Procissões: 4. Reuniões da congregação mariana: 3. Ensaio de canto: 11. Instruções individuais: 17. Instruções morais cívicas: 22. Cartas escritas a pedido dos soldados: 15. Cartas escritas às famílias dos soldados: 27. Missas segundo a intenção dos soldados (sem espórtula): 32.<sup>289</sup>

A comparação dos relatórios do mês de novembro de 1944, com o de outubro do mesmo ano, demonstra alguns dados interessantes. A respeito das missas celebradas, durante o mês de novembro, o número foi de 89, em comparação com 37 do período anterior. Sobre as missas exequiais, mencionadas em ambos os relatórios, é possível notar um esforço, por parte dos capelães, de orarem pelos soldados falecidos. Além das missas, houve um aumento significativo no número de comunhões (865), em comparação com o mês de desembarque dos escalões, no qual foram registradas 607 comunhões. A respeito das demais atividades relatadas, como pregações, terços, procissões, reuniões, ensaios de canto, instruções individuais, etc., estas, embora com certa variação dos números, foram realizadas em ambos os meses. Já em relação às cartas escritas, o número aumentou de 15, em outubro, para 27, em novembro.

O aumento de atividades religiosas e pastorais acima trazido pode ser interpretado como uma intensificação da busca espiritual dos combatentes brasileiros, quando estes estavam prestes a partir para as linhas de frente. Este mesmo fenômeno foi notado por Lyle W. Dorsett. O autor explica que os relatórios mensais de um capelão evangélico estadunidense, Gordon Cosby, refletiam uma frequência crescente em cultos de adoração e em estudos bíblicos, bem como do número de soldados que buscavam conferências individuais, em momentos em que invasões e combatentes eram iminentes: “Normalmente, durante esses tempos, os homens decidiam se acertar com Deus”<sup>290</sup>. A menção de 10 primeiras comunhões durante estes dois meses demonstra que alguns soldados escolheram realizar o sacramento durante seu serviço militar, o que sinaliza uma adesão a devoções religiosas diante do risco de morte. Conforme Adriane Piovezan, “a proximidade ou iminência da morte tem, por si só, o efeito de levar os

<sup>289</sup>Relatório das atividades realizadas por Frei Orlando em novembro de 1944. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.140

<sup>290</sup>DORSETT, *Op. Cit.*, p. 57. Tradução nossa, originalmente: “Typically during such times, men decided to get right with God”

indivíduos a reforçarem – ou criarem – laços mais estreitos e intensos com o além e a vida religiosa, dada a alta probabilidade de virem a serem mortos ou feridos.”<sup>291</sup>

A questão das primeiras-comunhões está presente na maioria dos relatórios dos Capelães da FEB. O capelão Pe. Nicolau Vendelino, em seu relatório, aponta os seguintes números a respeito de um grupo de aproximadamente 500 praças: “Uns 230 nunca fizeram a primeira comunhão; 150 só a primeira, 120 ao menos uma ou mais vezes”<sup>292</sup>. Já o Pe. Jacob Emílio Schneider comenta, em sua biografia, que durante seus meses no *front*, este organizou um fichário sobre o seu batalhão, no qual constatou que algumas centenas de seus soldados não tinham tomado a primeira comunhão, e completa: “Não era de se admirar, pois que provinham dos mais longínquos quadrantes do país”<sup>293</sup>.

Esses dados se relacionam a uma questão complexa: teria, a atuação dos capelães contribuído na fomentação das devoções cristãs? A respeito dos capelães católicos, os números de primeiras comunhões, batismos e instruções catequéticas encontrados em seus relatórios podem ser indícios de que sim. Já a respeito dos capelães protestantes, nos relatórios do reverendo João Filson Soren é sempre mencionado, em suas atividades, o tópico de “restauração de elementos desligados da Igreja”. Os números são de 21 restaurações ainda no Brasil, antes do embarque<sup>294</sup>, e de 16 entre os meses de outubro e novembro, antes da partida dos combatentes para o *front*.<sup>295</sup> Além deste tópico, um outro chama atenção nos relatórios do capelão evangélico, o de literatura religiosa distribuída. A tabela a seguir sistematiza os dados deste tópico:

Tabela 3: Literatura religiosa destruída

Mês	Unidades distribuídas	Nomenclatura
22 a 31 de julho de 1944 (Brasil)	104	Novo Testamento

<sup>291</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.59,

<sup>292</sup>Relatório das atividades realizadas por Pe. Nicolau em agosto de 1944. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.140

<sup>293</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p.67. Nesse sentido, nota-se que a questão do catolicismo rústico anteriormente trabalhada fora notada por capelães da FEB.

<sup>294</sup>Relatório das atividades realizadas pelo capelão João Filson Soren nos meses de julho e agosto de 1944. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>295</sup>Relatório das atividades realizadas pelo capelão João Filson Soren nos meses de outubro e novembro de 1944. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023

Agosto de 1944 (Vila Militar, Brasil)	210	Novo testamento
Setembro de 1944 (1 a 20 mês do embarque)	345	Literatura Religiosa
12 a 31 de outubro de 1944 (San Rossore)	1120	Literatura religiosa
Novembro: 1 a 20 San Rossore	560	liturgia religiosa
20 de novembro a 31 de dezembro	254	I. R.
Janeiro de 1945	223	literatura religiosa
Fevereiro de 1945	185	I. r.
Março de 1945	68	L.R.

Fonte: AHEx.<sup>296</sup>

Os números mencionados acima revelam uma distribuição intensa de literatura religiosa, especialmente durante o período de preparação para o combate em San Rossore. A disseminação da literatura religiosa, como o Novo Testamento, também foi bastante abrangente entre as tropas de diferentes países durante as duas guerras mundiais. No caso estudado por Snape, muitos soldados britânicos aceitavam esses livros devido à crença de que eles trariam sorte ou os protegeriam de balas. O autor explora a superstição dos soldados na Primeira Guerra Mundial, que acreditavam nas propriedades talismânicas da Bíblia, influenciando suas ações.<sup>297</sup> Embora seja impossível calcular o número e a variedade de fornecedores de Novos Testamentos, folhetos, revistas, livros de oração e outros artigos religiosos durante as duas guerras mundiais, Snape não tem dúvidas de que esse número alcançou dezenas de milhões:

Alan Wilkinson estimou que, apenas entre 1914 e 1916, cerca de 40 milhões Bíblias, livros de orações, hinários e folhetos foram distribuídos às tropas britânicas por agências religiosas civis. Embora a maioria possa ter permanecido não lida ou não utilizada, jogada fora ou mesmo enviada para casa como lembranças muitos ainda caíam em mãos que as valorizavam.<sup>298</sup>

<sup>296</sup>Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023

<sup>297</sup>SNAPE, 2007. *Op. Cit.*, p.33-34

<sup>298</sup>SNAPE, 2007. *Op. Cit.*, p. 235. originalmente: “Alan Wilkinson has estimated that, between 1914 and 1916 alone, some 40 million Bibles, prayer books, hymnbooks and tracts were distributed to British troops by civilian

No contexto brasileiro, a intensa distribuição de materiais religiosos e a realização de sacramentos pelos capelães, tanto católicos quanto protestantes, podem ter desempenhado um papel significativo no fortalecimento das devoções cristãs. No entanto, é importante destacar, conforme apontado por Adriane Piovezan, que a participação dos soldados da FEB em um cenário de conflito reconhecido por sua extrema letalidade e destruição, sem precedentes até então, provavelmente teria incentivado a adesão e o aumento das práticas religiosas. Nesse panorama, a iminência da morte e a gravidade do conflito poderiam naturalmente impulsionar os soldados a buscar refúgio na religião em meio à adversidade.<sup>299</sup> Portanto, tanto a realização de práticas religiosas pelos capelães, quanto as circunstâncias excepcionais do cenário de guerra podem ter desempenhado um papel conjunto na promoção e fortalecimento das práticas religiosas entre os soldados da FEB.

Além do estreitamento das relações entre soldados e capelães durante o período de acampamento antes do combate, também houve o desenvolvimento de vínculos entre os próprios capelães: “Chegado o Segundo Escalão e estando acampado em San Russori, Pisa, muitas foram as vezes que nos reunimos, discutindo assuntos referentes ao nosso ministério sacerdotal junto ao soldado”<sup>300</sup>. Essas reuniões eram realizadas em diversas ocasiões, e nelas quase todos os capelães estavam presentes. Durante esses encontros, foram tomadas várias resoluções relacionadas ao agendamento das missas pela F.E.B., designação de setor de trabalho, designação de patronos para as unidades e a necessidade de veículos do tipo jipe para os membros do S.A.R. Alguns desses assuntos serão explorados em maior detalhe posteriormente.<sup>301</sup>

Mesmo sendo recebidos com respeito pelos oficiais e soldados, como observado nos relatórios, salvo raríssimas exceções, os capelães finalmente puderam compreender o desafio que os aguardava. Esses sacerdotes receberam um treinamento insuficiente, como apontado anteriormente, e encontravam-se completamente imersos no ambiente militar, ouvindo diariamente inúmeras confissões de soldados e fornecendo apoio aos demais, mesmo que, em muitos momentos, eles próprios precisassem de apoio. O relato do Pe. Noé Pereira ilustra essa situação:

Dificuldades inúmeras não podiam faltar a mim, que vieram de um ambiente calmo, como é a vida paroquial, e começava a vida militar, completamente

---

religious agencies.<sup>186</sup> Although most may have remained unread or unused, been thrown away or even sent home as souvenirs,<sup>187</sup> many still fell into appreciative hands.”

<sup>299</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.59.

<sup>300</sup>Relatório do Ten. Cel. Capelão Chefe João Pheeny da Silva, de março de 1945. *Op. Cit.* p. 10.

<sup>301</sup>Relatório do Ten. Cel. Capelão Chefe João Pheeny da Silva, de março de 1945. *Op. Cit.* p. 10-11

nova, cheia de incertezas, de apreensões angustiosas e de peripécias das mais diversas [...] A permanência do Capelão na tropa é uma fonte ininterrupta de conforto ao soldado: - convive intimamente com todos, participando dos mesmo alimentos, padecendo com eles as inclemências do tempo, arrasando igual perigos da vida; no seu ofício de Pai e pastor prescrua as suas consciências para aconselhar e guiar, alegrando-se com todos os momentos de prazer e consolando-os e reanimando nas horas de dor e tristeza.<sup>302</sup>

Este relato do Pe. Noé evidencia essa característica: mesmo enfrentando suas próprias batalhas de inseguranças e adaptação, os capelães buscavam encontrar maneiras de confortar, animar e orientar os soldados nos momentos de dor e tristeza. Eles se tornavam confidentes e guias espirituais, transmitindo palavras de esperança, encorajamento e consolo. Assim, a dedicação e abnegação desses capelães em fornecer assistência espiritual e emocional aos soldados, mesmo diante de seus próprios desafios, foram importantes no fortalecimento espiritual e a resiliência daqueles que serviriam nas fileiras militares durante os períodos de guerra.

---

<sup>302</sup>Relatório Final do Serviço de Assistência Religiosa da FEB. Relatos do Capelão Chefe do SAR ao comandante da FEB. Liv. nº 151. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

#### **4 CAPÍTULO 3 - CRUZ DE CRISTO CONTRA A CRUZ SUÁSTICA: A ATUAÇÃO DOS CAPELÃES BRASILEIROS NOS COMBATES DO *FRONT* ITALIANO**

A atuação dos sacerdotes nas linhas de frente do teatro e operações italianas durante a Segunda Guerra Mundial foi uma jornada repleta de desafios. No meio do caos e violência dos combates, esses capelães enfrentaram problemas logísticos e emocionais, lutando para oferecer assistência espiritual em um ambiente de extrema pressão, onde suas próprias vidas estavam constantemente ameaçadas. Nesse sentido, neste capítulo serão analisadas as trajetórias de Padre Eloi e Frei Orlando, a fim de explorar as sutilezas e particularidades de suas experiências individuais, em meio aos contextos históricos e sociais em que estavam inseridos.

Conforme já observado nos capítulos anteriores, o jogo de escalas revelou a existência de ações comuns entre os soldados assistidos por esses capelães e soldados de outras nacionalidades, demonstrando inúmeras conexões entre o micro e o macro. No entanto, reconhecendo que há lacunas nos dados apresentados nos relatórios e nas biografias destes dois sacerdotes, também serão explorados relatórios de outros capelães, a fim de obter uma compreensão mais abrangente do papel desempenhado pelo SAR nas experiências dos soldados brasileiros.

##### **4.1 A MARCHA PARA O FRONT**

No mês de novembro de 1944, uma nova etapa se desdobrava nas linhas de frente da guerra, enquanto o inverno alcançava os soldados brasileiros, submetendo-os a circunstâncias climáticas extremas, como a neve incessante e os ventos cortantes que testavam sua resistência e tenacidade. Nesse contexto, os capelães se uniam aos soldados, enfrentando tanto as adversidades naturais quanto os horrores da guerra. Aqueles homens, forjados pelo calor tropical do Brasil, agora enfrentavam uma nova realidade, onde a frieza do inverno se tornava um inimigo adicional.

Após o período de convívio no acampamento de San Rossore, onde capelães e soldados tiveram a oportunidade de compartilhar experiências, chegava o momento de avançar em direção às trincheiras. O som dos passos que se entrelaçava ao ranger dos veículos militares ecoava como um prenúncio no horizonte, anunciando a iminência do combate. Era crucial

recuperar o tempo perdido devido ao atraso na chegada dos armamentos.<sup>303</sup> Enquanto isso, muitos brasileiros, pertencentes ao 1º escalão, já se encontravam em combate: “No vale do Rio Sercchio, o Grupamento Tático do Gen. Zenóbio se encontrava face ao inimigo, sem um dia de descanso. [...] Desde o dia 16 de setembro estávamos em combate”<sup>304</sup>

Enquanto as unidades se preparavam para a partida, ocorreu a designação de capelães da FEB para prestar serviços nos hospitais, cuidando dos feridos, como também a atuar em conjunto ao Pelotão de Sepultamento (P.S.), encarregados dos serviços relacionados aos mortos. Essas responsabilidades incluíam a identificação dos corpos e o devido arquivamento documental, além da escrita de correspondência destinada às famílias dos falecidos. Ademais, uma vez que o cemitério de Pistoia foi estabelecido, os capelães nomeados também atuavam nesse local.

Nesse contexto, o relatório do Capelão Chefe João Pheeny é uma fonte de informações importantes. Em 28 de novembro de 1944, o capelão Pe. Gregório Pelegrino Comasseto foi designado para o 7º hospital de evacuação, enquanto o capelão Pe. Noé Pereira foi nomeado para o 16º Hospital, em Pistoia, onde também atuava no Pelotão de Sepultamento. No ano seguinte, em 10 de março de 1945, houve a necessidade de separar esses dois serviços, resultando na designação do Pe. Enzo Campos Gusso para atuar no hospital, enquanto o Pe. Noé Pereira permaneceu no cemitério de Pistoia. Além disso, o Pe. Olavo Ferreira de Araújo foi desligado da tropa e designado para os hospitais de Nápoles. No 32 Field Hospital, o capelão Pe. Jorge Ferreira Brito prestava assistência aos soldados brasileiros feridos. Vale ressaltar que os capelães que partiram com as unidades também realizavam visitas regulares aos hospitais, conforme apontado pelo capelão chefe. Adicionalmente, em Florença, cidade designada para o descanso dos soldados brasileiros, foi estabelecido que, a cada semana, um dos capelães do *front* teria a responsabilidade de lá permanecer.<sup>305</sup> Com a alocação desses capelães em locais específicos, o número de capelães disponíveis para acompanhar a tropa diminuía proporcionalmente. Isso levava à dispersão dos capelães que anteriormente estavam próximos,

---

<sup>303</sup>Em sua obra, o Marechal Floriano de Lima Brayner faz alguns comentários sobre a chegada do material para as tropas do 2º e 3º escalões. De acordo com o autor, após um prazo consideravelmente ultrapassado, o material começou a ser fornecido em maior quantidade. No entanto, Brayner explica que a entrega era irregular e as embalagens se encontravam desordenadas. “Basta dizer que, em alguns caixões, os rótulos externos discriminavam determinado material ou armamento e no interior se encontrava coisa completamente diferente. Não havia, nos caixões, os famosos termos. Não havia que conferir, nem como conferir”. E continua: “Muitas ilusões foram se esvaindo naquele atropelamento de coisas erradas [...] Não era fácil. Para começar, nós não podíamos explicar com clareza as razões por que nos encontrávamos ali, naquelas condições” BRAYNER. *Op. Cit.*, p. 178-179.

<sup>304</sup>BRAYNER. *Op. Cit.*, p.174.

<sup>305</sup>Relatório do Ten. Cel. Capelão Chefe João Pheeny da Silva, de março de 1945. *Op. Cit.* p. 12 e 13.

devido às suas novas responsabilidades e à necessidade de percorrer grandes distâncias para atuarem junto aos combatentes nas linhas de frente.

Em relação ao contexto em que capelães e combatentes logo estariam envolvidos, cabe destacar o seguinte: O final de novembro assinalou a última tentativa dos aliados de romper a linha alemã antes da chegada iminente do inverno. O comando da Divisão brasileira recebeu a missão de conquistar as elevações que se erguiam à sua frente. Destas elevações, uma se destacava: o Monte Castelo, tomado por soldados alemães, que, nas palavras de César Maximiano, “domina completamente a localidade de Porreta”<sup>306</sup>. Isso posto, nos dias 24 e 25 de novembro, foram realizadas as primeiras investidas contra as elevações que se erguiam através de ataques frontais, executados pela Task Force 45, sob comando de um general norte-americano, da qual o III Batalhão do 6º R.I. fazia parte. Nestas ofensivas, os americanos foram bem-sucedidos, ocupando e conquistando o Monte Belvedere, enquanto o Monte Castelo, objetivo dos brasileiros, permanecia sob o domínio dos soldados alemães. Em conjunto com os brasileiros, sob supervisão norte-americana, também participaram da investida artilheiros britânicos, americanos e guerrilheiros italianos, além da infantaria americana emprestada da 92ª D.I. No dia 26, um novo ataque ocorreu, porém este foi interrompido pela metade.<sup>307</sup>

Nesse cenário desafiador, Gentil Palhares comenta: “Levantar acampamento! Levantar acampamento era a ordem que chegava aos nossos ouvidos, como se num brado fatal e sinistro”<sup>308</sup>. Ele também expõe que os preparativos eram realizados silenciosamente, e esse silêncio se misturava à apreensão que acompanhava cada soldado. Do seu regimento, pontua Gentil Palhares, o III batalhão foi o primeiro a deslocar-se, e com ele, servira Frei Orlando. O restante de sua unidade, se direcionou para Borgo Capane.<sup>309</sup> O deslocamento destes quase 10.500 brasileiros deu-se no seguinte ritmo:

Tabela 4: Partida dos 2º e 3º Escalões para as linhas de frente<sup>310</sup>

(Continua)

19 de novembro	II/1º R.I.	Para Borgo Capane
20 de novembro ———	III/1º R.I. II/1º R.I.	Para Borgo Capane de Borgo Capone para Riola

<sup>306</sup>MAXIMIANO, 2010, *Op. Cit.*, p.233

<sup>307</sup>MAXIMIANO, 2010, *Op. Cit.*, p.234, 235.

<sup>308</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 153

<sup>309</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 153.

<sup>310</sup>BRAYNER. *Op. Cit.*, p. 225.

21 de novembro	I/ 1º R.I. III/1º R.I.	Para Borgo Capane de Borgo Capane para Riola
23 de novembro	I/1º R.I.	De Borgo Capane para Silla
27 de novembro	III/ 11º R.I.	Para Silla
29 de novembro	II/11º R.I.	Para Lustrola
30 de novembro	I/11º R.I.	Para Granaglione
30 de novembro	II/11º R.I.	de Lustrola para Silla
1º de dezembro	Órgãos do 11º R.I.	Para Borgo Capane

Fonte: BRAYNER, *Op. Cit.*, p. 225

Antes da partida dos soldados, foram distribuídos exemplares de pequenos livros de cânticos religiosos, e de terços aos soldados,<sup>311</sup> os quais os acompanhariam em suas batalhas. Muitos destes combatentes marcharam para o ataque que se realizaria no dia 29 de novembro, ao Monte Castelo, sem nenhuma experiência de combate:

O III Batalhão do 11º R.I. acabara de chegar de Pisa, tendo partido da cidade no dia 27. Eram unidades que não estavam acostumadas a atuar em conjunto, o que dificultava a coordenação da operação. Ao contrário do 6º R.I. que havia sido gradativamente preparado para o combate no vale do Serchio, os dois regimentos remanescentes foram atirados em um setor muito mais ativo, já no inverno e sem um bombardeio preparatório de artilharia que pudesse auxiliar na aniquilação de pontos defensivos dos alemães.<sup>312</sup>

Em concordância com essa análise, comenta o capelão Jacob Emílio Schneider: “Audácia sem par, e bravura sem limites caracterizam este assalto [...] Combatentes mal adestrados por falta de tempo, aspirados prematuramente para a frente [...], mas o tempo urgia e o *slogan* dos aliados era ‘Bolonha antes do Natal de 44’”. O Pe. Jacob Emílio narra em sua biografia que, conforme as tropas se preparavam para partir, a fim de se posicionar em linha diante do Monte Castelo, ele realizou a bênção das tropas em pequenos grupos. Em uma nota de um relatório relativo ao mês de janeiro de 1945, o capelão Frei Alfredo acrescenta mais alguns detalhes a respeito desta marcha para o *front*, acompanhando o 3º Batalhão, logo após a partida do acantonamento:

Chegamos na linha de frente, no dia 28 de novembro, alojando-nos no P.C. em Silla. Nosso batalhão entrou em linha de combate no dia 29. [...] Resolvemos então naquela tarde de 29, chuvosa, percorrer as diversas

<sup>311</sup>Relatório das atividades realizadas por Pe. Nicolau Vendelino de agosto de 1944 a 26 de outubro *Op. Cit.*

<sup>312</sup>MAXIMIANO, 2010, *Op. Cit.*, p. 235-236.

Companhias, já aparelhadas para seguirem rumo às posições, no intuito de prestar-lhes o nosso auxílio espiritual e conforto moral que a hora exigia, o que fizemos [...] Dirigimos aos soldados palavras de ardor patriótico, falamos de Deus e da Virgem Aparecida, demos-lhes a confissão em conjunto, a absolvição e os entregamos à providência divina. [...] Dirigimo-nos a Porreta, onde mais facilmente poderíamos atender aos nossos soldados que passavam pelo hospital. Como, de fato, permanecemos de plantão à noite e nos dias seguintes, exercendo o nosso ministério entre os feridos.<sup>313</sup>

Estes sacerdotes viajaram, marcharam, comeram, e dormiram com as tropas, a fim de realizarem serviços religiosos sempre que as circunstâncias permitissem<sup>314</sup>. Isso demonstra que estes encontravam-se presentes e engajados com os soldados em todos os aspectos da vida na guerra. Frei Orlando, em seu relatório relativo ao mês de dezembro de 1944 acrescenta informações sobre a partida das tropas para as linhas de frente, complementando os relatos anteriores:

I- A saída dos batalhões para a linha de frente, os capelães se dirigiram aos combatentes, animando-os e exortando-os a cumprirem com os deveres de soldados defensores de uma justa causa. Na mesma ocasião os capelães concederam-lhes a absolvição geral de acordo com o ritual católico. II- Por ordem do sr. Cel. Comandante, os Capelães permaneceram no P.S. Avançado, para socorrer aos feridos que por ali passam. III- Partindo do P.S. Avançado os Capelães visitam constantemente as Companhias que se encontram nas linhas de frente, levando-lhes o conforto espiritual e moral.<sup>315</sup>

Ademais, complementa Frei Orlando: “Por várias vezes, os capelães têm pernoitado junto aos soldados em posição”.<sup>316</sup> O seguinte documento a respeito de Frei Orlando, assinado pelo Major Orlando Gomes Ramagem, em dezembro de 1944 confirma estas informações:

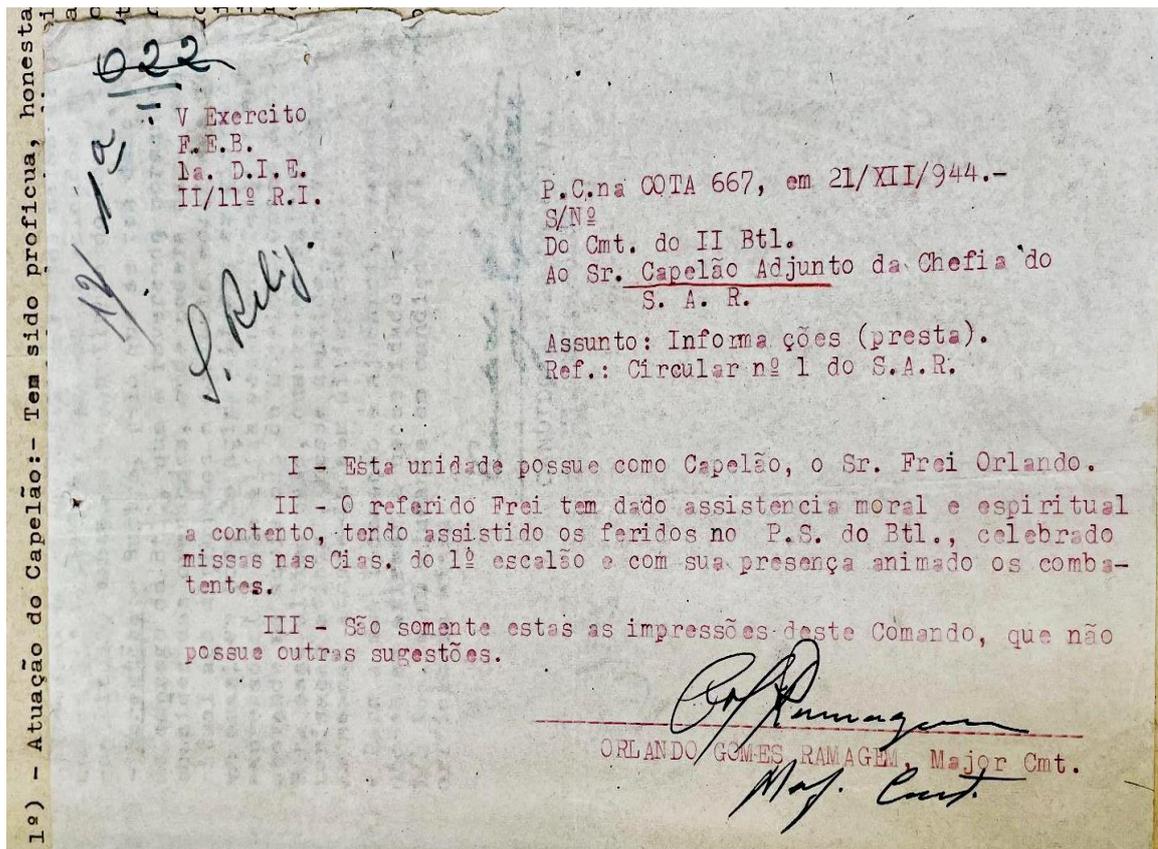
<sup>313</sup>Relatório do capelão Frei Alfredo com nota histórica, datado de 16/02/1944. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>314</sup>Neste trecho, faz-se referência ao seguinte trecho de Dorsett em *Serving God and the country*: “Father Hoffman served similarly to all of his fellow chaplains. He traveled with the troops, marched, ate, and slept with them, and held worship services as often as circumstances allowed.” DORSETT, *Op. Cit.*, p 58.

<sup>315</sup>Relatório do capelão Frei Orlando, novembro de 1944. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>316</sup>Relatório do capelão Frei Orlando, novembro de 1944, *Op. Cit.*

Figura 19 - Nota sobre atuação de Frei Orland



Fonte: AHEx<sup>317</sup>

Conforme relatado pelo S.A.R. da FEB, os combatentes buscavam intensamente pelos sacramentos durante a marcha em direção ao batismo de fogo. Michael Snape também destacou esse fenômeno, observando que o momento que antecede a batalha era marcado pela confissão e distribuição de comunhões entre os soldados católicos, algo que ocorreu em ambas as guerras mundiais.<sup>318</sup> Essa busca pelos sacramentos pode ser atribuída tanto à manutenção de velhos hábitos religiosos, comuns no cotidiano dos soldados antes de partirem para a guerra, quanto à influência do ambiente hostil e incerto em que se encontravam. Conforme mencionado por Snape, os combatentes tendem a ser mais receptivos do que os não combatentes, o que pode explicar a maior procura pelos rituais religiosos em períodos de iminente confronto.<sup>319</sup> Nesse

<sup>317</sup>Neste documento, lê-se: “I-Esta unidade possui (sic) como Capelão, o Sr. Frei Orlando. II - O referido Frei tem dado assistência moral e espiritual a contento, tendo assistido os feridos no P.S. do Btl., celebrado missas nas Cias. do 1º escalão e com sua presença animado os combatentes. III - São somente estas as impressões deste comando, que não possui (sic) outras sugestões.” Nota a Frei Orlando assinada Major Orlando Gomes Ramage, datada de 21/12/1944. Pasta: Serviço de Assistência Religiosa: Documentos Recebidos 1944-1945a. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>318</sup>SNAPE, 2007. *Op. Cit.*, p.45

<sup>319</sup>SNAPE, 2007. *Op. Cit.*, p.56

sentido, os relatórios mencionam a realização de absolvições gerais direcionadas aos soldados no limiar da batalha. Esse procedimento é permitido pelas normas da Igreja apenas em circunstâncias especiais, como a ameaça de perigo iminente de morte, quando não é possível realizar confissões individuais.<sup>320</sup> Dessa forma, a busca intensa pelos sacramentos na véspera da batalha pode ser interpretada como uma busca por proteção e uma preparação para a possibilidade da morte. O relatório de Frei Orlando relativo ao mês de novembro consta que um total de 465 confissões foram realizadas, acompanhadas por 865 comunhões. Também ocorreram 5 primeiras comunhões, além de outras atividades.<sup>321</sup>

Estas foram algumas ações dos capelães da FEB, às vésperas do ataque a Monte Castelo. Todavia, a investida ocorrida em 29 de novembro revelou-se infrutífera<sup>322</sup>, resultando em um elevado número de baixas nas tropas brasileiras. Enquanto isso, os sacerdotes encontravam-se divididos entre os cuidados e o conforto oferecidos aos hospitalizados e a assistência prestada àqueles que se mantinham nas linhas de frente.<sup>323</sup> A respeito dos dias que seguiram a derrota, comenta o capelão Jacob Emílio Schneider:

O meu batalhão, exaustos pelos combates de 29 de novembro, precisava comer alguma coisa quente, tomar um banho, dormir uma noite tranquila, enfim repousar e recompor-se. Recebemos a ordem de voltar a Lustrola, vilazinha serrana protegida pelos morros e onde estivéssemos antes de entrar em linha. Uma tropa do 11º R.I. iria substituir-nos, já a noitinha do dia 2 de dezembro. Era gente que ainda não passara pelo batismo de fogo, confiantes, otimistas. Com a nossa experiência, achamos oportuno alertá-los, insistindo que a coisa ali era muito séria, que não deviam dormir, que toda a cautela era pouca e tal. Acharam que “estávamos apavorados, que Deus é brasileiro e não há de ser nada”.<sup>324</sup>

Essa breve passagem escrita pelo capelão evidencia um conceito destacado por Erich Remarque em *Nada de novo no front*: à medida que os soldados ganham mais experiência em combate, estes tendem a valorizar a prudência em detrimento da indiferença ao perigo, um traço mais presente nos mais jovens. Como exemplificado no trecho "Deus é brasileiro e não há de ser nada", essa indiferença tem maior prevalência entre os soldados menos experientes.<sup>325</sup> A esse respeito, pontua Remarque:

<sup>320</sup>Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19720616\\_sacramentum-paenitentiae\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19720616_sacramentum-paenitentiae_po.html). Acesso em março de 2023.

<sup>321</sup>Relatório do capelão Frei Orlando, novembro de 1944, *Op. Cit.* 140

<sup>322</sup>MAXIMIANO, 2010, *Op. Cit.*, p.236

<sup>323</sup>Segundo o capelão Jacob Schneider foram mais de 150 baixas. SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p. 55

<sup>324</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p. 56

<sup>325</sup>REMARQUE, Erich M. *Nada de novo no front*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.p. 109

Tenho vontade de bater neles porque são tão bobos, mas, ao mesmo tempo, gostaria de pegá-los no colo e levá-los para longe daqui: este não é o seu lugar. Vestem suas túnicas, calças e botas cinzentas, mas, para a maioria, a farda é larga demais, flutuando-lhes ao redor dos membros; os ombros demasiado estreitos, os corpos demasiado pequenos. Não havia uniformes feitos para estas medidas de criança. Para cada veterano, morrem de cinco a dez recrutas.<sup>326</sup>

Em relação às tropas brasileiras, César Maximiano discorre que o soldado necessitava de um período de três meses para se tornar um veterano. Nesse intervalo de tempo, estes teriam conseguido adquirir pleno domínio das habilidades necessárias na guerra, incluindo o reconhecimento dos diferentes sons das granadas e a previsão de seus impactos, o controle dos nervos diante do inimigo, a adaptação à realidade do combate e, sobretudo, o conhecimento das estratégias inimigas.<sup>327</sup> Com isso em mente, é essencial enfatizar que os soldados que participaram da ofensiva em 29 de novembro não se tornaram veteranos após apenas alguns dias de combate. No entanto, esses soldados acumularam experiências que seus substitutos, ainda imersos em um nível de tranquilidade, não haviam vivenciado. O capelão Frei Alfredo, companheiro de Frei Orlando nos serviços de assistência religiosa do 3º batalhão, detalha, em seu relatório, como se deu seu batismo de fogo:

Dia 2 de dezembro deslocamo-nos a Vaselina por ordem de nosso comandante, para o P.C. em Bombiana. Foi a noite mais angustiada de nossa vida, porquanto nela recebemos o nosso batismo de fogo. Bisonhos na guerra, era muito natural que nos assaltasse o nervosismo comum aos que entram pela primeira vez debaixo do fogo das metralhas e dos morteiros. Nem por isso perdemos a coragem. Na madrugada do dia 3, por estrada batida pelo fogo inimigo, deixamos o P.C. em Vaselina, a fim de estarmos juntos aos nossos feridos. [...] Lá onde existiam soldados nós os temos visitado nas medidas de nossas forças e possibilidades. Não seria preciso dizer a Vossa Revma. dos muitos perigos que temos passado, perigos que enfrentamos com ânimo forte, enquanto nos impelia o cumprimento do dever<sup>328</sup>

Já o capelão Pe. Brito, detalha como se deram as suas atividades, enquanto capelão, nos hospitais, nos dias de combate:

Lembro-me como se fosse o dia de ontem que passou. Multidão de feridos e acidentados. Rapazes novos, inutilizados. Sem pés. As minas, engenhos terríveis, carregaram-lhe os membros. O morteiro levou o braço de outro. Os intestinos de um com todo o pedregulho, porque se arrastara, ou foi arrastado,

<sup>326</sup>REMARQUE, *Op. Cit.*, p.109.

<sup>327</sup>MAXIMIANO, 2010, *Op. Cit.*, p.122

<sup>328</sup>P.C. descreve um Posto de Comando. Relatório de Frei Alfredo, dezembro de 1944. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

com o abdômen aberto por estilhaços. Tiros na cabeça. Todos eles eram moços com um futuro a sorrir-lhe prometedor<sup>329</sup>

Esse relato corrobora com os demais relatórios mencionados anteriormente, destacando a presença dos capelães nos postos avançados, prontos para prestar socorro aos feridos. Diante das palavras do Pe. Brito, pode-se imaginar a intensidade e a tragédia que os capelães que acompanharam a FEB testemunharam nestes momentos. Antes da guerra, muitos deles exerciam apenas o sacerdócio e, talvez, o magistério em colégios, ensinando história, português ou filosofia. Nada daquilo se comparava ao horror e à tragédia que estes presenciaram nos campos de batalha. Capelães e soldados compartilhavam o mesmo espaço, vivenciando situações inegavelmente diferentes, mas igualmente desafiadoras. Enquanto os soldados lutavam pela sobrevivência e enfrentavam os horrores da guerra, através dos *foxholes*, ou ainda repousando, nos hospitais de campanha, os capelães estavam lá, na medida do possível, ao lado deles, prontos para oferecer suporte espiritual e conforto em meio à adversidade, como aponta Gentil Palhares: “Frei Orlando fazia questão absoluta de estar nas primeiras linhas. Não se acomodava com as incertezas da retaguarda, numa posição meramente passiva quando dizia ele, nossos companheiros tombam sem assistência espiritual”<sup>330</sup>, e assim, continua o biógrafo do capelão, “Todo encapotado, galochões contra a neve, capacete enterrado na cabeça, saía ele pelos campos, deitando-se aqui e ali, para ocultar-se das vistas inimigas”.<sup>331</sup>

Mesmo não estando ao lado dos combatentes nos momentos dos embates, onde estes homens enfrentavam a batalha por si só, motivados principalmente por suas próprias vidas e as de seus colegas, os capelães desempenhavam um papel crucial. Encontravam-se com esses homens, dessensibilizados pelo ato de matar - uma realidade comum em todos os exércitos - antes e depois de cada confronto. No pré-embate, abençoavam, conversavam e distribuíam sacramentos àqueles que, nos momentos seguintes, estariam imersos em campos de batalha, prontos para matar ou morrer. Nesse sentido, no que diz respeito aos campos de batalha, os capelães atuavam como um conforto psicológico tanto antes quanto depois dos embates.

---

<sup>329</sup>BRITO, *Op. Cit.*, p. 101

<sup>330</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 158

<sup>331</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.158

Figura 20 – Missa celebrada no *front*, sobre o capô de um jipe



Fonte Blog Gen. Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira. (*online*).<sup>332</sup>

A marcha para o *front* revelou aos sacerdotes que suas antigas igrejas, fossem elas grandiosas e adornadas ou simples capelas do interior, não seriam mais seus lugares de culto. No teatro de operações italiano, no cenário da guerra, o próprio capô de um jipe se transformava em um altar improvisado, adquirindo um significado sagrado para a fé católica. Ali, naquele altar o sacerdote consagrava a Eucaristia, e o pão e o vinho depositados sobre a lataria de um carro, se convertiam, para os fiéis, no corpo e no sangue de Jesus, no exato momento em que o sacerdote pronunciava, em voz submissa, as palavras da Consagração. O jipe, originalmente destinado a manobras militares durante os combates, passava a representar uma dualidade extraordinária: de um lado, o sagrado, o espaço de conexão divina, onde ocorria o milagre da transubstanciação; de outro, o profano, o veículo utilitário utilizado em meio ao caos da guerra. Era uma união paradoxal entre o divino e o terreno, uma expressão tangível da religiosidade emergencial que florescia nos campos de batalha.

<sup>332</sup> Disponível em: <http://www.mauxhomepage.net/geraldomota/feb027.htm>. Acesso em 25 de julho de 2022

No dia 12 de dezembro de 1944, os brasileiros realizaram uma nova investida contra o Monte Castelo, novamente sem êxito. Esses ataques consecutivos e infrutíferos, juntamente com o elevado número de baixas, conferiram à montanha a reputação de ser uma "montanha maldita" ou um "caldeirão do inferno", na percepção dos combatentes. Essa atmosfera envolvendo o monte não poupava nem mesmo os oficiais, conforme relata César Maximiano.<sup>333</sup> Antônio Amarú, um dos combatentes do ataque de 12 de dezembro, recordou em uma entrevista concedida ao autor em 1992: “Depois que começamos a avançar, o fogo das metralhadoras nos forçou a parar. Me atirei numa vala cheia de lama e permaneci imóvel por duas horas. Se levantasse a cabeça, levaria um tiro na hora”<sup>334</sup> Sobre sua atuação na investida do dia 12, comenta Frei Orlando em seu relatório: “dia 12, quando se procedeu o ataque a Monte Castelo, fui para a muda avançada, em Casa Marconi tendo socorrido aquele posto, que era do 1º R.I. a vários feridos, e animando aos homens que se julgavam perdidos sob o fogo intenso da artilharia inimiga.”<sup>335</sup>

A guerra da lama, da neve, e das montanhas. Um outro problema enfrentado pelos soldados, era o da solidão, como foi refletido por Joaquim Xavier da Silveira: “Percebi como pode um soldado sentir-se solitário em sua trincheira, solidão no meio de muitas outras. Todos também deviam sentir aquele vazio, aquele terrível vazio de estar vivendo um pesadelo. Tudo fica irreal e inconcebível. São pensamentos bem amargos.”<sup>336</sup> Compreender o cotidiano desses homens enquanto soldados é fundamental para um entendimento a respeito da religiosidade no *front*, afinal, o conhecimento da rotina dos sacerdotes não esclarece, de forma detalhada, a quem estes capelães prestavam tais serviços religiosos. Através da vívida descrição de Joaquim Silveira sobre um *foxhole*, é possível conhecer detalhes a respeito da intensidade e brutalidade da frente italiana. “O soldado em guerra gastava mais tempo numa posição estática do que no combate, e dentro das trincheiras a vida cotidiana podia ser tão ou mais árdua do que o contato com o inimigo”<sup>337</sup>, interpreta César Maximiano.

A linha de frente representa uma desvinculação abrupta com qualquer tipo de conforto e civilização. Nesse ambiente impiedoso, a solidão e as horas intermináveis de tédio, que não devem ser confundidas com calma, eram quebradas por momentos de horror. Os soldados

<sup>333</sup>MAXIMIANO, 2010, *Op. Cit.*, p. 235

<sup>334</sup>MAXIMIANO, 2010, *Op. Cit.*, p. 245

<sup>335</sup>Relatório enviado por Frei Orlando em 16 de fevereiro de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>336</sup>SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **Cruzes brancas: diário de um pracinha**. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1963, 2ª Edição *apud* MAXIMIANO, 2010 *Op. Cit.*, p. 101.

<sup>337</sup>MAXIMIANO, 2010 *Op. Cit.*, p. 103

brasileiros enfrentavam o medo, a solidão e o combate direto, mergulhados em um estado corpóreo miserável, como narrado por Túlio Campelo de Souza:

Quando em ação na linha de frente, lembro-me de ter tomado no máximo oito ou nove banhos de setembro de 1944 até março de 1945, banhos em rio, no capacete ou em bacias de rosto dos italianos (...) aliás, a falta de limpeza torna-se hábito, e a sujeira, depois de um certo tempo, parece não sujar mais.<sup>338</sup>

A derrota do dia 12 de dezembro gerou o abandono, por parte do comando aliado, do *slogan* “Bolonha antes do natal de 1944”. O inverno impedia as ações, o que, por sua vez, limitava as atividades das patrulhas, e assim, o período que se prolongou entre 22 de dezembro de 1944 e fevereiro de 1945, fora denominado de período de estabilização pelo comando brasileiro, cujo principal objetivo era conservar as posições conquistadas, e melhorá-las sempre que possível.<sup>339</sup> Contudo, o serviço dos capelães continuava, como aponta o relatório do mês de dezembro do capelão Gregório Comasseto, designado a servir no hospital de Livorno:

Percorri, diariamente, todas as enfermarias, visitando e confortando os doentes. Atendendo aos pedidos dos doentes, rezei as missas pelos camaradas tombados no campo de batalha. Ouvei 578 (quinhentas e setenta e oito) confissões e distribuí 839 (oitocentos e trinta e nove) Sagradas Comunhões. Atendendo ao pedido do Capelão americano, que foi em licença aos Estados Unidos, desde o dia 17 de dezembro passei a atender, também, aos americanos, até a volta do respectivo Capelão.<sup>340</sup>

De acordo com o Pe. Jacob Emílio Schneider, com o avançar do inverno, e a interrupção das ações de grande envergadura ofensiva na frente italiana, os capelães tiveram mais tempo para a realização de suas atividades e afazeres, tendo em vista a paralisação dos deslocamentos para as linhas de frente.<sup>341</sup>

#### 4.1.2 O Natal de 1944

O impacto violento dos combates, e os quatro assaltos sem resultado definitivo ao Monte Castelo deixaram, em muitos soldados, um “notável trauma psicológico”, aponta Schneider.<sup>342</sup> As missas, comenta o capelão, eram muito mais concorridas. Enquanto começaram a funcionar

<sup>338</sup>SOUZA, Túlio Campelo de. “Instantâneos de um tenente em campanha” In: **Depoimento de oficiais da reserva sobre a FEB**. São Paulo: IPE, 1949, p.202.

<sup>339</sup>BRAYNER. *Op. Cit.*, p. 301-302

<sup>340</sup>Relatório de atividades do Pe. Gregório Comasseto em dezembro de 1944. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa n° 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>341</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p.70

<sup>342</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p.67

os dias de descanso para os soldados em Florença, as refeições também poderiam ser realizadas com relativa tranquilidade. Este era um momento de reflexão sobre as derrotas passadas e experiências vivenciadas, em que o comando da FEB buscava reunir as peças necessárias para uma estratégia mais sólida, na primavera do ano seguinte.<sup>343</sup> À medida que os dias avançavam, a temperatura caía de forma visível, atingindo um rigoroso -18°C. O terreno, completamente coberto por uma densa camada de neve, apresentava aos soldados brasileiros uma paisagem até então desconhecida, pelo menos para sua grande maioria. Nesse contexto, as patrulhas passaram a ser conduzidas de maneira meticulosa nesse novo ambiente desafiador.<sup>344</sup>

Enquanto isso, os capelães militares da FEB preparavam-se para celebrar o Natal em meio à guerra, dedicando-se à preservação das tradições que compunham o cotidiano dos soldados brasileiros que se viam distantes de seus lares. Isso pode ser percebido nas palavras do capelão Francisco Amarílio em seu relatório referente ao mês de dezembro de 1944: “Aproximando-se a festa do Santo Natal, procurei fazer o que estivesse ao meu alcance, além de celebrá-la, quanto possível, nos moldes da tradição pátria.”<sup>345</sup> No mesmo relatório, o capelão pontua que a festa do Natal foi procedida de um novenário, acompanhado, com grande fervor, pelos combatentes brasileiros. Além disso, o sacerdote comenta que procurou, em uma visita a Pistoia, por todos os adereços e imagens que constituíssem um pequeno presépio, o qual, posteriormente, foi armado, enquanto uma imagem adquirida do menino Jesus, percorria as diversas Bias e grupos de combatentes, atuando como um presépio ambulante.<sup>346</sup>

O capelão Pe. João Barbalho relata ao capelão-chefe que o número de comunhões nas celebrações preparatórias para as festividades do Natal foi animador, destacando que durante essas celebrações os soldados cantavam entusiasmados.<sup>347</sup> O relatório do pastor Juvenal Ernesto da Silva revela a existência de uma árvore de Natal: “Comemoramos o Natal de Cristo com um programa especial. A árvore esteve tão bem enfeitada quanto possível em um *front* de

---

<sup>343</sup>Segundo Mascarenhas de Moraes, os meses de novembro e dezembro de 1944 foram particularmente desafiadores para as tropas brasileiras, resultando em um número significativo de baixas. Durante o mês de novembro, registrou-se um total de 416 baixas entre feridos, acidentados, mortos e extraviados. Já em dezembro, esse número aumentou para 519, refletindo a intensidade das ações em que estiveram MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p.124

<sup>344</sup>MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p.125/126

<sup>345</sup>Relatório das atividades do Pe. Francisco Amarílio, dezembro de 1944. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>346</sup>Relatório das atividades do Pe. Francisco Amarílio, dezembro de 1944, *Op. Cit.*

<sup>347</sup>Relatório das atividades do Pe. João Barbalho. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023. 0

guerra”.<sup>348</sup> Os relatórios do Pe. Hipólito Pedrosa demonstram como se deram as festividades de final de ano no 7º Hospital: Além das visitas em cada enfermaria e leito, o capelão menciona que, para os enfermos, foram entregues cigarros, fósforos, pastas de dente, livros de oração e terços. Além disso, é relatada a chegada de presentes de Natal vindos do Recife, os quais foram distribuídas entre as companhias: “Não foi esquecida esta parte do Serviço Religioso pois escrevi para Pernambuco pedindo para meus soldados, donativos em lã e presentes para que o Natal no *front* não passasse em brancas nuvens”.<sup>349</sup> O capelão Noé Pereira comenta que existiam, no hospital de Pistoia, enfeites comemorativos, e um pequeno presépio, e a missa para os enfermos fora realizada à meia-noite.<sup>350</sup> A respeito das celebrações do nascimento de Cristo, Frei Orlando comenta que os capelães se dirigiram aos soldados com palavras de carinho sobre esta data, tradicionalmente cristã.<sup>351</sup>

Para assegurar que os soldados pudessem desfrutar de uma noite de Natal, embora não tão festiva como em anos anteriores e sem o clima quente e chuvoso característico da data no Brasil, o comando de algumas unidades trabalhou em colaboração com os capelães, mesmo diante das circunstâncias angustiantes e inseguras. Vários relatos atestam que as árvores de Natal, símbolo da festividade cristã, encontravam-se espalhadas em toda a frente de batalha.<sup>352</sup> Além disso, a Legião Brasileira de Assistência (LBA) intermediou doações de caixas de papelão, com presentes para os combatentes da frente italiana.<sup>353</sup>

As informações contidas nos relatórios mencionados revelam a atenção especial dos capelães em criar um ambiente o mais confortável possível para os soldados. O próprio capelão Hipólito comenta que pediu presentes para seus combatentes, para que o Natal não passasse despercebido. O relato a seguir, fornecido por Joaquim Silveira, acrescenta aos anteriormente mencionados, apresentando o ponto de vista do soldado e descrevendo em detalhes como as festividades do nascimento de Jesus se desenrolaram:

<sup>348</sup>Relatório das atividades do Pastor Juvenal Ernesto da Silva. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>349</sup>Relatório das atividades do Pe. Hipólito de Almeida Pedrosa. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>350</sup>Relatório do capelão Pe. Noé Pereira, referente ao mês de dezembro de 1944. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da Q.G., Cia do Q.G., 9º B.E., 1º B.S., Dep. Pessoal, 16th. Evacuation Hospital, 7 station hospital. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>351</sup>Relatório das atividades de Frei Orlando. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>352</sup>LIMA, 2021, *Op. Cit.*, p. 116

<sup>353</sup>SILVEIRA *Op. Cit.*, p. 92.

O Natal de 1944 foi passado com a saudade nos atormentando o coração. Pela manhã foi celebrada missa em todo o Regimento e à noite as Companhias realizaram solenidades simples aproveitando-se a ocasião para fazer a distribuição dos objetos enviados. O pensamento, esta magna concepção criadora, atravessava célere o espaço e nos punha em contato com a nossa terra onde fenômeno idêntico se passava. Revíamos os nossos lares, os entes amados, os amigos e os olhos transformavam-se insensivelmente em fontes sinceras de lágrimas puras como o aljôfar da madrugada. E nesse ambiente de fé e civilidade transcorreu longe do aconchego sagrado da família a data magna cristã - o dia de Natal.<sup>354</sup>

O Gen. Gabriel Agostini compartilha o seguinte relato:

Nós, na Companhia, procuramos trabalhar a integração do pessoal. No Natal, fizemos uma árvore típica da época, e eu me referi que as famílias estavam sentindo a nossa falta e nós, sentindo a falta deles. Eu tinha um estoque de maços de cigarros, pasta de dente, sabonete, aparelho de barbear etc. Distribui a cada soldado com uma mensagem. Eles ficaram emocionados e alguns permaneceram junto à árvore de natal, tarde da noite, apesar do frio, rezando e pedindo a Deus proteção. Esse momento de reflexão nos marcou<sup>355</sup>

O relato de Joaquim Silveira traz à tona o sentimento de saudade que acompanhou os soldados durante o Natal de 1944. As celebrações religiosas e a distribuição dos presentes enviados trouxeram um vislumbre de esperança e conexão com seus lares distantes, despertando emoções sinceras em meio ao ambiente de guerra. O relato do Gen. Gabriel Agostini mostra como as celebrações natalinas foram utilizadas para promover a integração e união entre os soldados. A criação de uma árvore de Natal típica e a distribuição de presentes, acompanhados de mensagens de afeto, emocionaram os soldados e proporcionaram momentos de reflexão e oração.

---

<sup>354</sup> SILVEIRA *Op. Cit.*, p. 93

<sup>355</sup> MOTTA, Aricildes de Moraes. **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, v. 4, 2001b. p. 91.

Figura 21 - O Natal no *front*

Fonte: Cortesia de Adriane Piovezan.

A cena retratada nesta fotografia fora descrita pelo capelão J.J. Dourado em seu livro de memórias sobre os meses no *front*:

O informe fez-me lembrar a extraordinária façanha daquele rapazinho de vinte anos, filho de japonês, nascido em São Paulo. Vi-o, dia de natal, no hospital 16, em Pistoia. Trouxera o Padre do hospital, aos doentes, àquela noite, uma linda imagem do Menino-Deus. O japonêsinho pediu que lhe trouxesse ao leito a figura do menino, beijou-a sorrindo, de olhos enxutos. Parecia todo banhado de felicidade. Ninguém sabe em que pensava. Que sonho sentia. Que vozes ouvia. Só era senhor de seu íntimo segredo.<sup>356</sup>

A fotografia captura a alegria e a devoção do jovem combatente diante da figura do Menino Jesus. É um testemunho visual da conexão profunda entre a religiosidade e a esperança que permeavam o ambiente do hospital em meio à guerra. Esse relato, e a fotografia a ele associado, abrem espaço para a reflexão a respeito da capacidade da fé e da espiritualidade em trazer consolo e serenidade em momentos difíceis. O contraste entre a realidade brutal da guerra e a expressão radiante do rapazinho ressalta a importância da crença e da devoção como fontes de conforto e esperança, mesmo em circunstâncias adversas. Ainda a respeito do natal, o Capelão Pe. Jorge Brito escreve:

Quantas preces assim, cheias de saudade e de confiança, não terá Deus ouvido na Noite Santa! Os mesmos sentimentos expressou em todas as línguas, das maneiras as mais diversas. Todos pedindo a saúde e a vitória dos seus. Na capelinha de Poggio, coberta de neve, sepultada na neve, escondida nas dobras dos Apeninos, os padioleiros genuflexos ouviam a Missa do Galo. Daqueles

<sup>356</sup> DOURADO, 1972, *Op. Cit.*, p.82-83.

peitos rudes de bravos estourando de comoção saía muito desafinada a baixinha e terna melodia do “Noite Feliz! Oh, Jesus, Deus da Luz! Quão afável é teu coração, Que quiseste nascer nosso irmão. E a nós todos salvar, e a nós todos salvar!” O capelão que rezava a missa pouco pode falar. Não era preciso. Numa hora solene dessas, em que todos sentem a mesma coisa, qualquer palavra é desnecessária. A gente se compreende melhor em silêncio.. Sentíamos que naquele momento. Jesus nos prometia outros Natais, felizes como os já passados.<sup>357</sup>

E continua:

A segunda missa foi no Hospital de Campo 32. Não houve canto. Os feridos choravam só em se lembrar que aquela era a Missa do Galo. Depois da missa, distribuição de presentes. Os médicos, as enfermeiras e o capelão se cotizaram e compraram o que havia de bom e de bonito para eles, os feridos. E o papai Noel veio em plena guerra visitar seus filhinhos, rasgados pela metralha, machucados pelas explosões, dissecados pelo frio daquelas geleiras sem fim, para trazer-lhes um pouquinho de alegria. A terceira missa foi rezada na Via Mazzini, número catorze e, em Porreta Terme, defronte a um presépio conseguido figura por figura, em Pistola. -Está bonito nosso presepe Capelão? -Está. Foi feito por vocês. Que é que vocês não fazem bem? Dezenas e dezenas de homens receberam aquela noite o Pão dos Fortes, a Santa Comunhão, para unidos a seu Deus serem mais fortes, mais puros, mais dignos da Vitória. Pediram muito a Jesus Infante que consolasse os de casa lá no Brasil para que também eles tivessem um Natal feliz.<sup>358</sup>

O Natal de 1944 para os brasileiros, carregava consigo a mesma nostalgia e melancolia dos norte-americanos, que, segundo Dorsett, encontravam-se com seus uniformes, no final de 1943, quando Bing Crosby, um dos cantores mais queridos pelos norte-americanos, entoou, emocionalmente, “*I’ll be home for Christmas*” (Eu estarei em casa para o Natal). Seja no natal de 1943, ou no de 1944, sejam estes soldados norte-americanos ou brasileiros, estes vivenciaram a agridoce experiência das últimas palavras do cantor na música: “*I’ll be home for Christmas, if only in my dreams.*” (Eu estarei em casa para o Natal, mesmo que apenas em meus sonhos).<sup>359</sup>

O Natal vivido pelos brasileiros no *front* foi marcado pela intensa saudade e pelo apoio espiritual, fraternal e religioso. O comando militar, os capelães e até mesmo a sociedade civil brasileira uniram-se em um esforço conjunto para garantir que aqueles que estavam distantes de seus lares, lutando contra o inimigo e enfrentando seus medos, inseguranças e o frio, pudessem vivenciar essa data tão tradicional da melhor maneira possível. Os capelães, utilizando todos os recursos disponíveis, empenharam-se em oferecer aos soldados momentos

<sup>357</sup>BRITO, *Op. Cit.*, p. 152-153.

<sup>358</sup>BRITO, *Op. Cit.*, p. 152-153.

<sup>359</sup>DORSETT, *Op. Cit.*, p. 95.

que transcendiam a simples assistência espiritual. Ao buscar recriar elementos típicos do Natal, como o presépio, a árvore e a missa do galo, e até mesmo procurar presentes para os soldados e adquirir o que havia de "bom e bonito", estes praticaram ações que iam além do fortalecimento da fé, proporcionando momentos de conforto e um sentimento de familiaridade em um ambiente hostil. Esses gestos de cuidado e dedicação exerciam um papel fundamental nas batalhas internas de cada soldado, enfrentando a solidão e a saudade, proporcionando um respiro de alento em meio às circunstâncias adversas da guerra.

Por fim, é relevante ressaltar que o Natal no *front* também foi objeto de análise de Michael Snape, que argumenta que, apesar do impacto das duas guerras mundiais nos padrões morais britânicos da época, existem evidências de que uma cultura cristã compartilhada teria a capacidade de amenizar os horrores da guerra moderna. Um exemplo significativo disso é a 'Trégua de Natal' ocorrida no setor britânico da Frente Ocidental em 1914. De acordo com Snape, essa trégua, amplamente observada e posteriormente romantizada, não pode ser atribuída, contudo, exclusivamente ao apelo intrínseco ao Natal ou à reação dos soldados diante das experiências sombrias nas trincheiras, porquanto os soldados britânicos, em sua maioria regulares e reservistas, tinham a tradição de celebrar o Natal de forma alegre e pacífica nos quartéis. No dia de Natal, as restrições e a disciplina eram relaxadas, permitindo que os soldados desfrutassem de um tempo mais livre. Diante desse contexto, os eventos famosos da Trégua de Natal de 1914 sugerem que os soldados britânicos escolheram estender o espírito natalino e os costumes dos quartéis até as trincheiras. Em suma, Snape destaca como a celebração do Natal nos quartéis britânicos criou uma base cultural comum que possibilitou a ocorrência da Trégua de Natal de 1914.<sup>360</sup> No contexto do Natal dos brasileiros, três décadas após a trégua natalina, é válido ressaltar que, embora a FEB não possuísse tradições natalinas arraigadas como os quartéis britânicos, o Brasil, como terra natal desses combatentes, mantinha uma forte ligação com o catolicismo, como mencionado anteriormente. Assim, o Natal carregava uma profunda significância religiosa e cultural para os brasileiros, influenciando as celebrações durante o período de guerra.

#### 4.2 INVERNO RIGOROSO, ESTABILIZAÇÃO EM PROGRESSO

Enquanto os brasileiros no teatro de operações italiano mantinham-se nos entornos dos Apeninos, em uma situação estacionária, o comando do V Exército americano concederam-

---

<sup>360</sup>SNAPE, 2007. *Op. Cit.*, p. 188.

lhes, parceladamente, dias de repouso em Florença, ou em Roma, cidades já libertas da guerra. Nesse contexto, alguns capelães da FEB tiveram a oportunidade de passar alguns dias em Roma. Frei Orlando foi um deles. A respeito de sua visita à Roma escreveu o capelão a seus familiares: “Pio XII falou-nos em português perfeito, elegante. Eu pretendia fazer-lhe algumas perguntas, mas senti-me tão diminuído e minúsculo perante a grandeza e bondade do Santo Padre, que apenas consegui gaguejar algumas palavras e foi só o que pude fazer”.<sup>361</sup> Mesmo se sentindo pequeno e incapaz de fazer perguntas a Pio XII, Frei Orlando conseguiu do papa uma concessão especial, e celebrou uma missa na Catedral de São Pedro, na qual fora acolitado pelo Capitão Rodarte, o qual escreveu em suas cartas que Frei Orlando, deixando a basílica, lhe dissera:

Meu caro Rodarte, penso que não voltarei ao Brasil, e se tal acontecer, quero pedir-lhe para que seja enterrado com o hábito franciscano e com o capuz na cabeça. Desejo, ainda, que o meu altar portátil, a coleção da vida dos papas, o meu cachimbo e a minha gaita sejam entregues aos franciscanos de São João del Rei<sup>362</sup>

Ademais, declara Rodarte:

Ao regressar do *front*, Frei Orlando achava-se tristonho, e dissera que não valia a pena fazer aquele passeio, porque a volta era penosa. Quando nos aproximávamos da linha de frente, ouvindo os tiros da inquietação, ficara todo nervoso, dizendo que estávamos no céu, mas que agora iríamos para o inferno<sup>363</sup>

Esses relatos do capitão Rodarte revelam as intensas flutuações emocionais que Frei Orlando experimentou durante sua visita a Roma e seu retorno ao *front*, oscilando entre momentos de exaltação espiritual e o confronto com a realidade brutal da guerra. Os sons do *front* ao longe eram, para o sacerdote, como sinais do inferno. O capelão que, na perspectiva trazida por seu biógrafo, inicialmente encontrava-se animado, e sorria com a notícia do convite para integrar-se à Força Expedicionária Brasileira, tornou-se tristonho. Isso posto, pode-se perceber que o medo da morte era uma constante na vida dos capelães, assim como em todos os soldados. A angústia diante da mortalidade e a preparação para a possibilidade de falecimento eram aspectos comuns não apenas a Frei Orlando, mas a todos os que se encontravam em iminente risco de morte. A distribuição de objetos pessoais e a escolha do que

---

<sup>361</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.175.

<sup>362</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.175.

<sup>363</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.175.

vestir em caso de falecimento eram características gerais, refletindo o contexto de guerra permeado pela constante ameaça à vida.

Essa realidade tornava a tarefa dos capelães de equilibrar suas próprias emoções com a necessidade de serem uma presença reconfortante para aqueles que os procuravam extremamente desafiadora. A atuação dos capelães exigia, portanto, um delicado equilíbrio entre a vulnerabilidade pessoal e a resiliência necessária para apoiar e orientar os outros em meio à adversidade. Essa dificuldade em encontrar esse equilíbrio emocional pode ser ilustrada pelo relato do capelão Joaquim Dourado, que descreve sua noite após sobreviver a uma zona de perigo.

Que é isso, rapaz? E não disseste que davas a tua vida pela pátria? Estás com medo? E não te apresentaste como voluntário? Vinha-me da consciência esta espécie de repreensão. [...] Chorei, ninguém viu que o padre havia chorado... tanto melhor. O padre que vai à guerra não deve chorar nunca, nem mesmo com pena! Contagiava os soldados. Chorei porque aqueles homens maltratados davam um exemplo incomum de abnegação e de coragem. Era como se dissessem, aqui até morrer.<sup>364</sup>

Nesse trecho, o capelão se direciona a si mesmo, questionando sua própria resposta emocional diante da situação de perigo iminente, na qual ele rezava e aceitava a possibilidade da morte.<sup>365</sup> Ao se perguntar "Que é isso, rapaz? E não disseste que darias tua vida pela pátria? Estás com medo?", o sacerdote se repreende por ter deixado transparecer suas emoções e fragilidade, chegando ao ponto de chorar. Ele sente que, como padre, não deveria demonstrar nenhum sinal de fraqueza, pois sua presença e conduta devem ser um exemplo de coragem e força para os soldados. O capelão se orgulha do fato de ninguém ter percebido suas lágrimas, pois acredita que é crucial manter uma imagem inabalável de liderança. Além disso, o choro do capelão é também resultado do profundo respeito que ele nutre pelos soldados, que mesmo enfrentando adversidades e maus-tratos, exibem uma notável abnegação e coragem, transmitindo a mensagem de que estão dispostos a lutar até a morte.

Ainda sobre a fase de estabilização, os relatórios do S.A.R. revelam detalhes importantes das atividades realizadas pelos capelães durante esse período. No relatório de Frei Orlando, datado de janeiro de 1945, é evidente sua insatisfação com o serviço postal da FEB, inclusive mencionando suas próprias queixas. Ele descreve como escrevia cartas em nome dos soldados para suas famílias, além de escrever diretamente para elas em outras ocasiões. O capelão

<sup>364</sup>DOURADO, 1972, *Op. Cit.*, p. 21

<sup>365</sup>DOURADO, 1972, *Op. Cit.*, p. 20

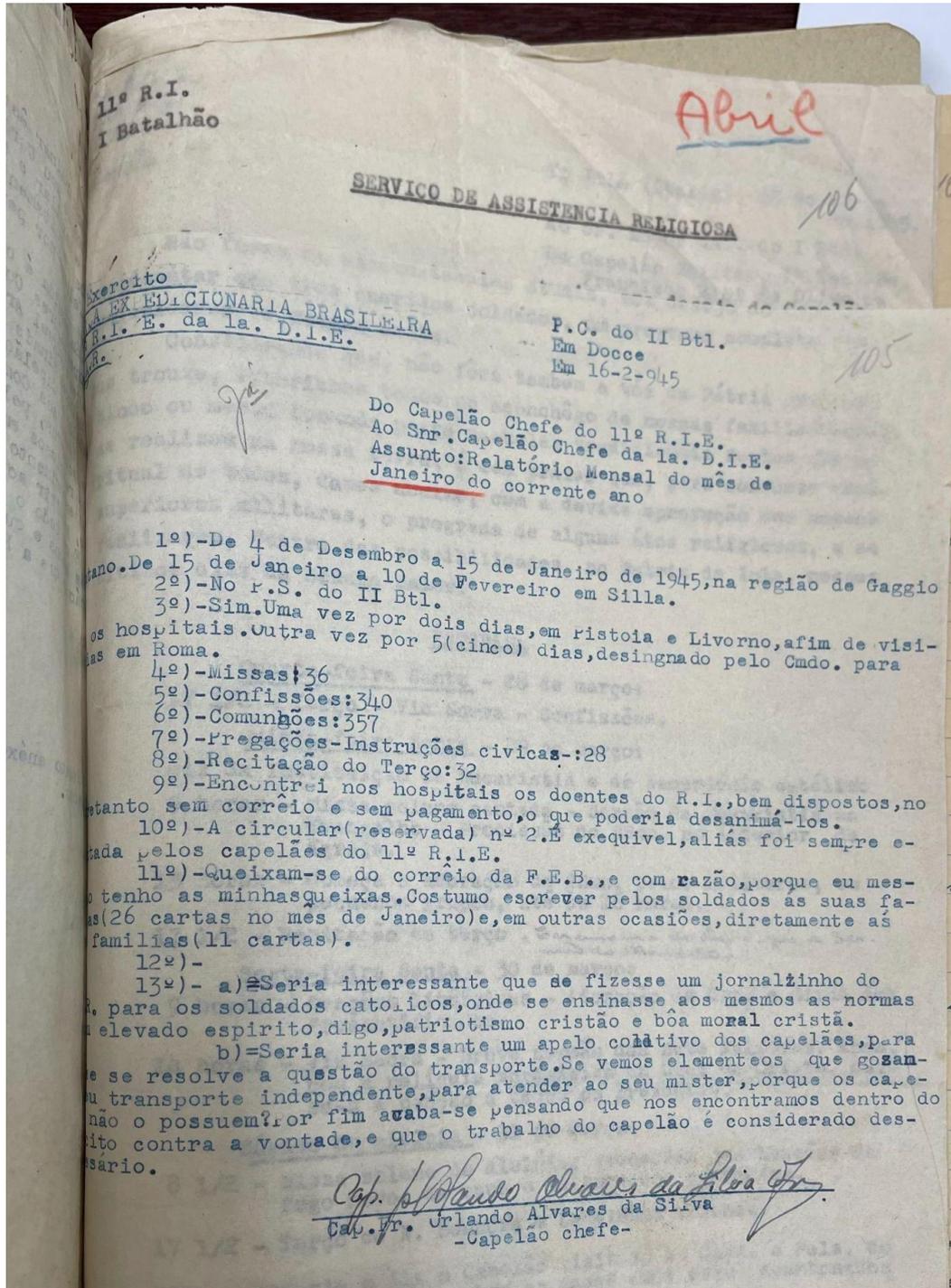
expressa o desejo de ter um jornal específico para os soldados católicos, onde pudessem aprender sobre elevação de espírito, patriotismo cristão e boa moral. Além disso, ele destaca a falta de transporte adequado para que os capelães pudessem realizar suas funções, questionando a disparidade em relação a outros elementos da FEB que possuíam transporte independente.<sup>366</sup> O capelão Pe. Francisco Eloi em seus relatos, também referentes a janeiro de 1945, evidencia que a irregularidade no serviço postal e a desonestidade da censura estavam afetando o ânimo e a moral dos soldados, pois eles não recebiam as cartas e encomendas enviadas por suas famílias. Além disso, o capelão destaca a importância de revistas e jornais para manter os soldados ocupados durante os momentos de descanso, evitando o ócio que poderia levar a vícios. Ele também aponta a falta de informações satisfatórias nos jornais disponíveis às tropas, destacando a necessidade de acesso a notícias.<sup>367</sup>

---

<sup>366</sup>Relatório enviado por Frei Orlando relativo às suas atividades prestadas em janeiro de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>367</sup>Relatório enviado por Pe. Francisco Eloi de Oliveira em janeiro de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

Figura 22 - Relatório de Frei Orlando janeiro de 1945

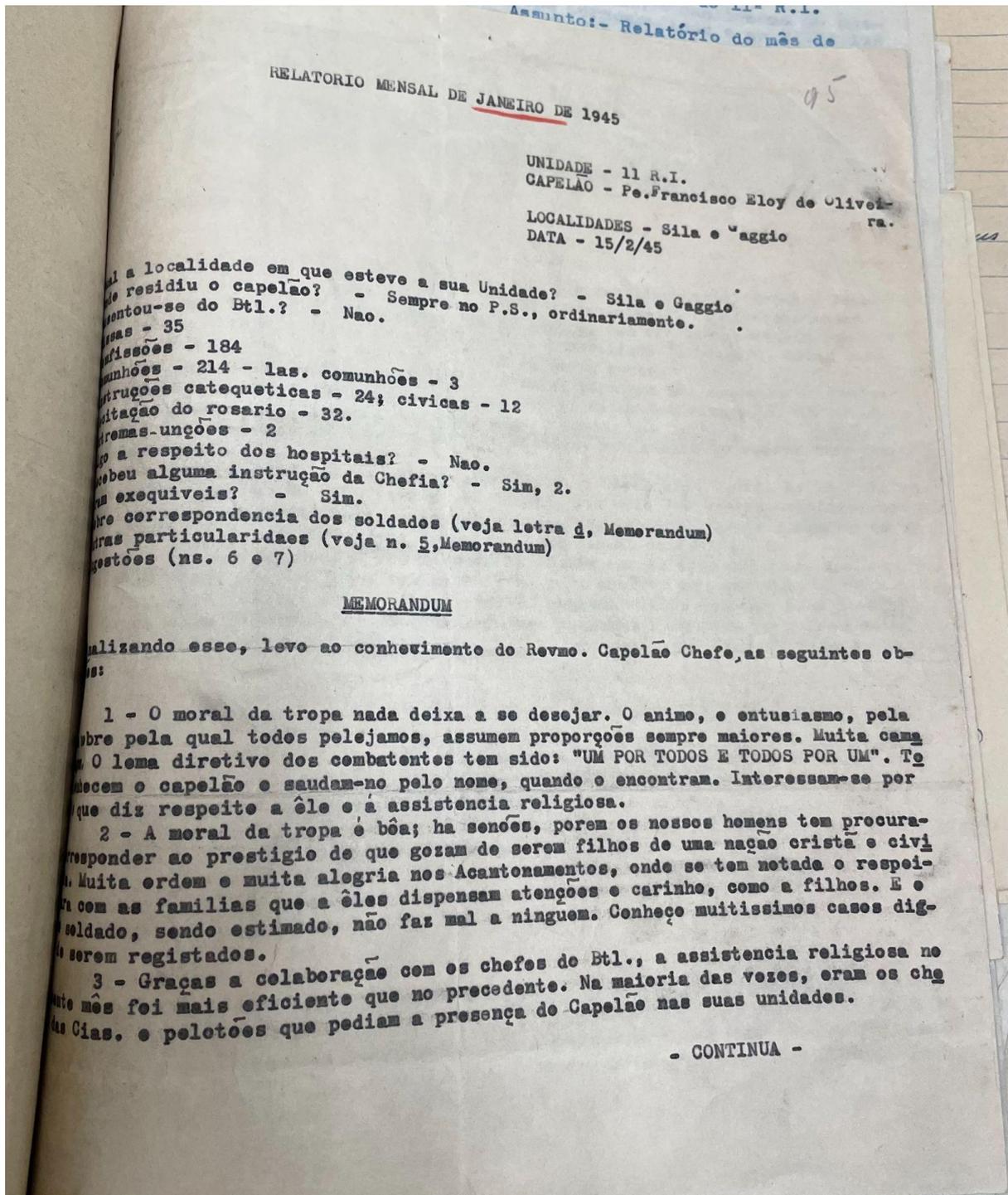


Fonte: AHEx<sup>368</sup>

A seguir, o relatório do Pe. Francisco Eloi referente ao mesmo mês:

<sup>368</sup>Relatório enviado por Frei Orlando relativo às suas atividades prestadas em janeiro de 1945, *Op. Cit.*

Figura 23 - Relatório de Pe. Francisco Eloi



Fonte: AHEx <sup>369</sup>

<sup>369</sup>Na segunda página, prossegue o capelão "Continuam os soldados a clamar pelo não recebimento de cartas e encomendas a eles enviadas pelas suas famílias. Tenho o conhecimento de diversos casos de soldados que escreveram a sua mamãe, irmã, ou esposa, mas não lhe enviaram nenhuma resposta, dada a irregularidade do correio e a desonestidade da censura. Esses fatos acabam por molestar o ânimo forte e o moral da nossa gente. Há necessidade de revistas e jornais, para que nos momentos de descanso esses homens não se entreguem ao ócio, origem de muitos vícios. O 'Vai rolando' e o 'Cruzeiro do Sul' e outros jornais editados pelo comando, não satisfazem a vontade que a tropa tem de saber notícias". Relatório enviado por Pe. Francisco Eloy de Oliveira em janeiro de 1945, *Op. Cit.*

Estas mesmas reclamações podem ser notadas nos seguintes trechos de relatórios de outros capelães. O capelão Frei Alfredo escreve, em seu relatório referente ao mês de janeiro: “Pedimos, veementemente aos nossos superiores para que sejam moralizados os serviços postais [...] um dos nossos soldados recebeu uma caixa de doces, violada, dentro da qual havia um bilhete redigido mais ou menos assim: ‘desses doces que eu gosto’”.<sup>370</sup> Já o capelão Pe. Achilles Silvestre comenta:

Foi-nos dado observar que nossos homens não se encontram em parte satisfeitos, não pelo tratamento terapêutico que lhes é dispensado, e, sim, pela falta de certo conforto material e moral [...] tivemos ocasião de ouvir a enfermeira D. Amarina Moura, que nos disse o estado em que chegam muitos feridos e doentes, apenas com seus uniformes do corpo, sem que alguém se interesse em lhes enviar seus agasalhos [...] A mesma enfermeira ainda nos disse que encontra sérias dificuldades em adquirir, em nossas cantinas, certos medicamentos para os nossos homens. Depois de percorrermos todos os leitos que nos foi possível, chegamos à conclusão que as queixas são as mesmas acima mencionadas, e não é possível, que esses homens [...] continuem assim esquecidos.<sup>371</sup>

Estes são os comentários do Pe. Nicolau a este mesmo respeito:

O ponto mais lastimável desta guerra é a irregularidade de correspondência [...] estão os soldados abatidos, sem ânimo. Escrevi neste mês, no mínimo 150 cartas e cartões para os meus soldados e oficiais, completando desta forma, a cifra superior a 360 cartas e cartões escritos, com esforço de boa caligrafia, à mão, porque máquina de escrever não tenho. Todas as cartas foram designadas aos pais, irmãos, noivas, tios e tias, etc. etc. dos soldados e assinadas pelos mesmos<sup>372</sup>

Os relatos em questão enfatizam a estreita relação entre os capelães e os soldados brasileiros, evidenciando o envolvimento direto desses sacerdotes nas vidas pessoais dos combatentes, como, por exemplo, ao auxiliá-los na escrita de cartas. Nos relatórios, os capelães também expressam preocupações relevantes, apontando a falta de comunicação eficiente por correio, a necessidade de revistas e jornais apropriados para entretenimento dos soldados durante os momentos de descanso, e a carência de transporte para que estes pudessem

<sup>370</sup>Relatório enviado por Frei Alfredo em janeiro de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023

<sup>371</sup>Relatório enviado por Pe. Achilles Silvestre em janeiro de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023

<sup>372</sup>Relatório enviado por Pe. Nicolau Vendelino janeiro de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023

desempenhar suas funções adequadamente. Essas questões evidenciam o genuíno interesse dos capelães pelo bem-estar físico, emocional e espiritual dos soldados.

Conforme a neve diminuía, as atividades bélicas gradualmente aumentavam, e logo os ataques e os desafios da linha de frente se aproximavam novamente. Durante o período de estabilização, conforme relatado por Mascarenhas de Moraes, era comum entre as tropas brasileiras um sentimento de desalento e pessimismo. Diante desse cenário, foi estabelecido um plano para preservar o moral da tropa.<sup>373</sup> O capelão Jacob Schneider comenta a este respeito, em sua biografia: “Muito árduo era o trabalho dos comandantes e capelães, para manter elevado o moral da tropa”.<sup>374</sup> Esses esforços podem ser observados nas iniciativas dos capelães, mencionadas anteriormente, como a busca pela melhoria do serviço de correios e fornecimento de jornais ou revistas para os soldados em descanso, e as comemorações do Natal. A esse respeito, Mascarenhas de Moraes escreve:

O Serviço Especial, dentro de suas atribuições, traçou o executou um plano de repouso e diversões em Roma e em Florença, contemplando todas as unidades. O Serviço Religioso, por sua vez, buscou fortalecer as convicções, a noção de responsabilidade e o espírito de sacrifício, sem o qual nada se poderia obter [...] À medida que se dava a atenuação do inverno, iniciavam-se os preparativos para a ofensiva.<sup>375</sup>

Figura 24 - Soldados brasileiros nos Apeninos durante o inverno



Fonte: Acervo do *blog* Memorial da FEB (*online*)<sup>376</sup>

<sup>373</sup>MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p.128

<sup>374</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p. 92

<sup>375</sup>MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p.129.

<sup>376</sup>Disponível em: <https://memorialdafeb.com/2020/09/21/os-soldados-alpinos/> Acesso em 3 de julho de 2023.

Com o decorrer dos dias e a aproximação da primavera, a fase de estabilização chegou ao fim. No início de fevereiro, as tropas gradualmente foram liberadas para a ofensiva do IV Corpo do Exército, conhecida como Plano Encore. Esse plano tinha como objetivo realizar uma intensa investida a fim de romper as defesas do inimigo, que se estendiam entre os vales do Panaro e Reno.<sup>377</sup> Dessa forma, as tropas brasileiras se preparavam para mais uma investida contra o inimigo que ocupava o Monte Castelo:

A natureza também já se mostrava mais amiga. Começava paulatinamente o degelo. As capas brancas, que nos confundiam com a neve, foram substituídas por outras, com manchas verdes, simulando a grama a aparecer entre a brancura do chão. Apareciam os galhos das árvores e algum passarinho já ensaiava um forçado gorjeio, anunciando a primavera. Toda a zona dos quinze quilômetros, que eram guardados pela FEB, começou a movimentar-se, puxando tropa, puxando munição, fervilhando por todos os lados. Viria o assalto final ao Monte Castelo.<sup>378</sup>

Após as derrotas anteriores, o comando do IV Corpo de Exército reconheceu a importância de fortalecer o treinamento das tropas brasileiras. Em colaboração com a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (D.I.E), foram tomadas medidas para aprimorar o desempenho estratégico da FEB. Relatórios baseados em interrogatórios de prisioneiros alemães foram analisados em busca de falhas operacionais, enquanto ocorria um aprimoramento geral nas habilidades de combate dos brasileiros.<sup>379</sup> Nesse contexto, os planos de ataque e as movimentações da tropa ganharam importância crescente.

Conforme as tropas avançavam em direção ao combate, os capelães tinham a tarefa de acompanhá-las em suas jornadas. No entanto, a necessidade de transporte se mostrou um desafio significativo para os capelães brasileiros, permanecendo como uma questão abordada em seus relatórios. O capelão Francisco Eloi de Oliveira comenta: "Devido à falta de meios de transporte e às constantes atividades e deslocamentos do Batalhão, infelizmente, ainda não pude realizar nenhuma visita aos hospitais, embora seja de grande interesse e meu dever fazê-lo."<sup>380</sup> No que diz respeito às dificuldades com a correspondência, amplamente discutidas no mês de janeiro, o capelão acrescenta com ênfase: "A tropa está mais contente, pois temos conseguido

<sup>377</sup>Para maiores detalhes a respeito do Plano Encore, ver: BRAYNER. *Op. Cit.*, p. 338-347.

<sup>378</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p. 93

<sup>379</sup>MAXIMIANO, 2010, *Op. Cit.*, p. 248.

<sup>380</sup>Relatório enviado por Pe. Francisco Eloi de Oliveira em fevereiro de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

resolver a questão das correspondências. Centenas de cartas e encomendas têm chegado para o nosso Batalhão, embora com algum atraso.”<sup>381</sup>

O capelão Pe. Nicolau, em seu relatório do mês de fevereiro, explica: “As mais das vezes, para não ficar aguardando horas e horas de condução, saio a pé. Caminho geralmente 4 horas por dia. Isso neste gelo, com os pés molhados e frios.”<sup>382</sup> Essa dificuldade de transporte é uma questão que já havia sido mencionada em relatórios anteriores, como no caso do Pe. Francisco Amarílio, que destaca em seu relatório de novembro de 1944: “De acordo com as dotações americanas, e para melhor atender ao serviço do S.A.R. esta chefia se ressentia da falta do seguinte material: Um jipe para seu transporte.”<sup>383</sup>

Figura 25 - Frei Orlando em um jipe, acompanhado de soldados



Fonte: PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.199

Os relatos mencionados destacam os desafios enfrentados pelos capelães brasileiros devido à escassez de meios de transporte durante a guerra. A falta de veículos apropriados e os constantes deslocamentos do batalhão dificultavam consideravelmente as visitas aos hospitais e o estabelecimento de um contato mais próximo com os soldados, que se encontravam em constante movimento nas linhas de frente. Essas dificuldades, somadas ao reduzido número de

<sup>381</sup>Relatório enviado por Pe. Francisco Eloi de Oliveira em fevereiro de 1945, *Op. Cit.*

<sup>382</sup>Relatório enviado por Pe. Nicolau em fevereiro de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>383</sup>Relatório enviado por Pe. Francisco Amarílio em novembro de 1944. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

capelães, constituíram obstáculos para que o serviço religioso pudesse atender a todos os soldados que dele necessitavam.

#### 4.3 A TOMADA DE MONTE CASTELO E A MORTE DE FREI ORLANDO:

Frei Orlando completara 32 anos em 13 de fevereiro de 1945, ao passo que a FEB avançava em direção às suas posições de ataque. Em comemoração à ocasião, escreveu o capelão Major Frei Gil Maria aos familiares de Frei Orlando a seguinte carta:

Exma. Senhora D. Emirena Teixeira Pinho  
 Passando-se hoje o aniversário natalício de seu filho e companheiro nosso, o Revmo Pe. Frei Orlando, aproveito a ocasião para lhe enviar algumas linhas, embora não a conheça pessoalmente. Imagino vossa senhoria saudosa, alegre a esperar a vitória para receber o seu querido filho. Agora Frei Orlando está conosco, trabalhando pelo bem dos soldados e pela segurança de nossa pátria. Louvado seja Deus, que a todos nós capelães da FEB tem dispensado uma proteção que, sem exagero, posso chamar de especialíssima. Todos vamos bem, tanto de alma quanto de saúde. Contamos com amizade e confiança de oficiais e praças. O trabalho desenvolvido pelos nossos capelães tem mais e mais animado a tropa e atraído as bênçãos de Deus. E Frei Orlando está sempre na vanguarda, com seu sorriso, que é uma amostra de sua grande alma, com sua operosidade, que traduz um coração de verdadeiro apóstolo do bem. Tem sido um legítimo franciscano no cumprimento de suas excelsas e sagradas missões junto de nossos soldados, os soldados do Brasil sempre evocados. E, para que não pareça elogio corriqueiro de amigo e irmão, leia o que saiu no Boletim Interno do nosso Regimento, no dia 4 do corrente mês: "Sendo o cumprimento do dever, para cada um no seu mister hierárquico, saber obedecer e esse dever é sempre imposto rigorosamente ao militar nos momentos de sacrifícios, como o que estamos vivendo nestes campos de luta, aliados a uma vontade firme de vencer, este Comando não pode deixar de fazer uma referência especial ao Capelão Antônio Alvares da Silva (Frei Orlando) que, no cumprimento do seu dever cristão, vem assistindo e preparando espiritualmente todos os combatentes deste Batalhão. Durante o período em que este Batalhão guarneceu e defendeu o subsector W da Divisão, Frei Orlando, sempre disposto com verdadeiro desprendimento, visitou várias vezes os elementos que se achavam em primeira linha, bem como os feridos nos hospitais, transmitindo a todos a sua palavra de fé cristã, dando uma ideia exata da grandeza da sua missão, pelo que louvo e recomendo-o como merecedor da melhor consideração dos seus chefes e camaradas. (a) Orlando Gomes Ramagem - Maj. Comandante do Batalhão. As preces que vossa senhoria faz por seu filho, pedimos também para nós, que sendo irmãos no sacrifício merecemos um pouco de seu maternal amor. Aproxima-se a vitória de nossa pátria. Tenha confiança em Deus de que em breve es taremos aí. E que festa será quando receber vitorioso o filho que viu um dia partir para a guerra."<sup>384</sup>

<sup>384</sup>Grifo meu. Carta de frei Gil Maria escrita em 13 de fevereiro de 1945 aos familiares de Frei Orlando. Em: PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.185-187. Segue o texto transcrito pelo capelão: "Sendo o cumprimento do dever, para cada um no seu mister hierárquico, saber obedecer e esse dever é sempre imposto rigorosamente ao militar nos momentos de sacrifícios, como o que estamos vivendo nestes campos de luta, aliados a uma vontade firme de vencer, este Comando não pode deixar de fazer uma referência especial ao Capelão Antônio Alvares da Silva (Frei Orlando) que, no cumprimento do seu dever cristão, vem assistindo e preparando espiritualmente todos os

Nesse contexto, as tropas brasileiras se despediam da região de Silla, e o Plano Encore encontrava-se em plena execução. No dia 19 de fevereiro de 1945, enquanto os jipes, tanques e carros de assalto cruzavam as estradas, envoltos por uma cortina de fumaça, seu movimento revelava que um novo assalto ao Monte Castelo, por vezes considerado intransponível ou como uma montanha maldita, estava prestes a acontecer. Aos pés do grande monte, concentravam-se as forças brasileiras em ação, sendo estas o 1º Regimento de Infantaria - Regimento Sampaio, com o apoio de algumas unidades do 11º e do 6º R.I. No dia 18 de fevereiro, após a conclusão da montagem do ataque e com as divisões prontas, teve início a fase de ataque.

Os alemães, cientes da iniciativa de ataque das tropas aliadas, lançaram seus morteiros, resultando em um alto número de baixas entre os que investiam contra o monte. A cada pequeno terreno adquirido, os expedicionários cavavam seus *foxholes*. As notícias que chegavam aos demais brasileiros, que não se encontravam em ação, relatavam a presença de muitos feridos, um cenário permeado por muito sangue, dores e gemidos, conforme comentado por Gentil Palhares.<sup>385</sup> Estes foram os rumores que teriam levado Frei Orlando, acompanhado de seu terço, e estojo de hóstias a partir, rumo à vanguarda, nas palavras de Gentil Palhares, não pela primeira, mas sim pela última vez. No seu caminho, enquanto galgava as posições da 6ª Cia., o capelão teve seu caminho cruzado por um jipe, onde tomou lugar ao lado do Capitão Francisco Ruas Santos e do cabo Gilberto Torres, motorista, além de um sargento italiano:

Na véspera do ataque a Monte Castelo, eu estava no meu jipe, acompanhado do motorista, de um pracinha e de um guerrilheiro italiano, e íamos em direção à linha de frente, para levantar necessidades da tropa – 11º R.I. – quanto a serviços. No caminho, deparei com Frei Orlando, sentado à beira da estrada, e lhe perguntei: “Está querendo condução?” Ele respondeu: “Sim. Eu tenho que ir para o Batalhão que está na linha de frente; vou prestar assistência lá e gostaria de contar com essa carona”. Ele entrou no jipe e se sentou ao meu lado.<sup>386</sup>

A respeito do trajeto que marcou os últimos instantes de vida do capelão, descreve o Capitão Ruas:

Frei Orlando, em caminho, depois de dizer o que fizera pela manhã, e o que ainda pretendia fazer, falava de uma irradiação feita pelos holandeses livres,

---

combatentes deste Batalhão. Durante o período em que este Batalhão guarneceu e defendeu o subsetor W da Divisão, Frei Orlando, sempre disposto com verdadeiro desprendimento, visitou várias vezes os elementos que se achavam em primeira linha, bem como os feridos nos hospitais, transmitindo a todos a sua palavra de fé cristã, dando uma ideia exata da grandeza da sua missão, pelo que louvo e recomendo-o como merecedor da melhor consideração dos seus chefes e camaradas. (a) Orlando Gomes Ramagem - Maj. Comandante do Batalhão."

<sup>385</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 201

<sup>386</sup>MOTTA, Aricildes de Moraes. **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, v. 1, 2001c. p.190.

para a parte ocupada do seu País. A uma observação qualquer, ainda soltou uma de suas costumeiras gargalhadas. O jipe marchava lentamente, subindo e descendo as elevações, quando, de repente, estaca imobilizado por uma pedra. Prendia esta o eixo dianteiro. Os passageiros conseguem retirar a viatura que é posta a alguns metros além da pedra fatídica<sup>387</sup>

E continua o Cel. Francisco Ruas Santos:

Tomo a manícula do jipe e me esforço para removê-la. O Sargento italiano, no intuito de ajudar-me, recurva-se junto à pedra e também tenta retirá-la a violentas coronhadas de sua carabina. Esta dispara e Frei Orlando, que se achava parado a uns três metros, é atingido pelo projétil. Solta um grito, leva a mão ao peito, dá alguns passos à frente, tirando ao mesmo tempo do bôlso do casaco o seu têrço e balbuciando, às pressas, uma Ave-Maria. Corro para êle e o faço deitar-se à margem do caminho. A oração, apenas começada, é abafada pelo ofegar da agonia. Tudo isso, desde o fatal disparo, dura dez segundos. Retorno rapidamente a Doce, em busca de socorro médico, e trago o Capitão João Batista Pereira Bicudo, facultativo do Batalhão. Este pôde apenas verificar achar-se morto o Capelão, desde o momento, talvez, que acabara de ser deitado à margem do caminho. O italiano, abraçado ao corpo do Capelão, chorava e se lamentava. Um pastor das redondezas, na sua natural indiferença, contemplava esta cena. O médico descobre-se, persigna-se e reza pela alma de Frei Orlando, no que é seguido por mim e pelo Cabo<sup>388</sup>

Estes acontecimentos deram-se por volta das 14h, do dia 20 de fevereiro de 1945. A notícia logo se espalhou entre os soldados, estivessem estes em escalões mais avançados ou recuados: “Os telefones da companhia não paravam de funcionar: ‘Morreu Frei Orlando! Morreu Frei Orlando!’ ‘Um tiro matou Frei Orlando! Morreu na linha de frente’, ‘mataram Frei Orlando’ ”.<sup>389</sup> Sobre a partida prematura de Frei Orlando, escreveu o capelão Joaquim Dourado:

Pela estrada que desce a serra, iam, apertados num jipe, três Padres, a seguir outro carro maior, em cujas carrocerias se viam envolvidos nas mantas de inverno três corpos ainda ensanguentados. Um outro jipe rodava, à retaguarda, levando três outros Padres. Liam-se-lhes no rosto os sinais de uma grande tristeza. Seguiam em silêncio, alheios ao vaivém de centenas de veículos de guerra que passavam, ruidosos e apressados, guiados nervosamente por soldados de nações várias, unidos no mesmo destino. Percebiam-se no arremesso violento das viaturas roncadoras - povoadas de soldados umas, cheias de munições outras- anúncios de uma grande arremetida. Passando com estrépito, os carros se confundiam, misturavam-se, avançando rápidos num trecho livre da estrada, para desaparecerem, adiante, envolvidos numa nuvem de poeira. As três máquinas do cortejo fúnebre, somente elas não tinham pressa. Rolavam quase em fila, sem velocidades excessivas, como que retardando, de propósito, aquela marcha dolorosa. Atravessaram vilarejos marcados pelos estigmas dos bombardeios. Desceram por encostas e

<sup>387</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 202

<sup>388</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.202, 207.

<sup>389</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.207.

buracadas. Contornaram aldeias trucidadas. Entraram numa cidade. Chegaram à porta do cemitério brasileiro em Pistóia. Devia de ser ali, outrora, um pequeno olival que se tapetava de flores na primavera. Metade do terreno, dividido em quadras, conta várias fileiras de cruzeiros brancos. São brasileiros mortos na guerra.<sup>390</sup>

#### Prossegue o Capelão:

[...] Soldados do Pelotão de Sepultamento descem os três cadáveres do tablado da viatura. Sem coroas e sem flores, sem aparatos e sem luxo, na pobreza da padiola humilde, são levados para o interior da barraca, num ângulo do cemitério. Ali abrem as mortalhas costuradas em saco no posto de coleta. Dois deles são de dois soldados, mortos quando consolidavam uma posição. O outro é de um sacerdote, é de um Padre. Sim, de um Padre, Como está diferente!. Fugiu-se-lhe em pouco tempo a compleição robusta. Aqueles olhos, cheios de clarões, já não se movem... estão cerrados. Aquelas mãos, que eram pródigas em gestos vivazes, restam cruzadas, nos dedos rijos e esbranquiçados as contas do terço, pincelado de sangue. Aquela boca, sempre pronta a risadas esplêndidas, fechou-se num ricto de silêncio eterno. Toda aquela mocidade rica de vibração, de esplendor e de sonho, transmutara-se na imobilidade esquálida de um corpo sem vida. Era frei Orlando, o Franciscano que veio à guerra para este trabalho que se processa, quase em segredo, no misterioso recesso das almas. [...] Estava ali, na padiola humilde, o humilde filho de São Francisco. O hábito, aqui e ali com nódoas de sangue, assinalava o corpo de um mártir. Estavam ali também - coincidência extraordinária! - dois soldados mortos, como se fossem dois acólitos seus, mártires, por igual, baixando ao túmulo em companhia daquele que sempre os acompanhara em vida.<sup>391</sup>

Gentil Palhares relata que o corpo de Frei Orlando fora levado por seus amigos até uma capelinha próxima, que recebia o nome de Santo Antônio, tal qual o nome de batismo do capelão, cujo corpo, já sem vida, nela era velado: “Na referida capelinha se reuniram oficiais, sargentos, cabos e soldados do nosso regimento, para o último adeus. Não fora grande o número, porque se achavam todos ainda empenhados na ‘limpeza do Monte Castelo’”<sup>392</sup>. Capitão Rodarte e Frei Alfredo vestiram-lhe o hábito franciscano, com o capuz na cabeça, em consoante com seu desejo. E, durante a missa de corpo presente, que foi realizada às 19h do dia 20 de fevereiro por Frei Alfredo, seu corpo estendia-se no chão, sobre a padiola.<sup>393</sup> A respeito do sepultamento do capelão, Joaquim Dourado conta que o capelão protestante, chefe do 4.º Corpo do V Exército proferiu um discurso em homenagem ao capelão brasileiro falecido em combate. O capelão protestante enfatizou que Frei Orlando não foi somente uma vítima de um acidente,

<sup>390</sup> DOURADO, 1972, *Op. Cit.*, p.138-141.

<sup>391</sup> DOURADO, 1972, *Op. Cit.*, p.138-141

<sup>392</sup> PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.208.

<sup>393</sup> PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.208

mas sim um mártir. Portanto, cada brasileiro deveria considerar esse padre como tal, pois seria injusto pensar de outra maneira. Pouco depois, um toque solene de corneta ressoou pelos campos ao redor, enquanto os padres presentes no momento depositavam o corpo do frade no solo da sepultura. Dois soldados representando o batalhão de Frei Orlando ajoelharam-se diante de seu corpo, beijando suas mãos frias e chorando alto, como crianças que perdem seu pai, comenta o Pe. Joaquim Dourado.<sup>394</sup>

---

<sup>394</sup> DOURADO, 1972, *Op. Cit.*, p.138-141.

Figura 26: Relatório do sepultamento de Frei Orlando:

RELATÓRIO DE SEPULTAMENTO  
AR 30-1815 e T M 10-630

187

CIA. DE SEPULTAMENTO 129  
21 DE FEVEREIRO DE 1915  
(Data do relatório)

ANTONIO  
(Primeiro nome)

A  
(Nome do meio)

1º DIE  
(Arma ou serviço)

16297431  
(Reg. de Identific.)

BRANCA  
(Raca)

BRASIL  
(País)

(Religião: Católica, Protestante, H.)

20-II-1915  
(Data da morte)

(Causa da morte)

MEIOS DE IDENTIFICAÇÃO

Encontrada a chapa de identificação no corpo: Sim (2) não (0)

Na falta da chapa de identificação, outros meios encontrados no corpo (Cartas, carteira de identidade, etc.)

Complêto registro de impressões digitais de ambas as mãos no reverso, se o corpo não puder ser identificado. Completa carta dentária no reverso, lista de características anatômicas e outros dados se possível tomar as impressões digitais.

Relatar as circunstâncias para os não identificados

Relatório de valores pessoais encontrados no corpo, e a disposição dos mesmos:

(Nome do endereço de emergência) (Nome do endereço de emergência)

Frei Orlando de Vasconcellos 5º Sgt. 11º RI  
(Assinatura ou nome) da pessoa que forneceu os dados acima, quando diferentes do relator de sepultamentos

2 as 15.30 horas  
(Data e hora do enterramento) (Local, nome e numero do cemitério)

Se o enterro foi feito em cemitério não regularmente estabelecido, fornecer um croquis e mapa referencial no reverso desta fórmula.

A 9 97  
(Área n.) (Fileira n.) (Sepultura n.) (Marca de tumulo Real)

(Tipo de cerimonia religiosa)

Placa de identificação enterrada com (1); Chapa de identificação fixada (1)

Na falta da chapa de identificação quais os outros dados de identificação, enterrados com o corpo, que espécie de continente?

Corpos sepultados de ambos os lados, (veja paragrafo 4 do reverso da fórmula)

direito	(Nome)	(Posto)	(Unidade)	(N. da sepult.)
esquerdo	(Nome)	(Posto)	(Unidade)	(N. da sep.)

(Assinatura do oficial relator do enterramento - Fiscalizado pelo oficial da unidade de sepultamento)

Fonte: AHEx.<sup>395</sup>

<sup>395</sup>Pasta Relatório das atividades do Pelotão de Sepultamento. Caixa n° 487. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

Figura 27 - Oração de soldados perto do túmulo de Frei Orlando



Fonte: Acervo do *blog* memorial da FEB (*online*).<sup>396</sup>

Após os solenes tiros de homenagem póstuma, um profundo silêncio tomou conta do ambiente, comenta Gentil Palhares. Frei Orlando, de Morada Nova de Minas, contava com 32 anos e 7 dias. Segue o Boletim que noticia sua morte:

Doce, Itália, aos 22 de fevereiro de 1945. Foi recebida, com dolorosa surpresa, a notícia do falecimento do Capelão Capitão Antônio Alves da Silva (Frei Orlando), vítima de um tiro, quando se dirigia de Doce para Bombiana, a fim de levar sua assistência espiritual aos homens em posição, no dia 20, quando do ataque ao Monte Castelo. O Sacerdote que desapareceu da face da Terra, após ter servido com a sua pureza de sentimento à religião e à Pátria, deixa imensas saudades no seio da organização católica a que pertencia e onde soube se impor pelo espírito elevado, pelas virtudes do coração, coração bom, extremamente bom, e pelo cumprimento exato dos seus deveres de Sacerdote. No exército, 11. Regimento de Infantaria, a que passará a pertencer, como Chefe da Capelania, onde prestou serviços religiosos, conquistou a todos pelas qualidades apostolares, traçando profundo vínculo com a sua inteligência, com a sua palavra, com a sua bondade. Convidado por este Comando para prestar serviços religiosos nessa Unidade, quando ainda em São João del-Rei,

<sup>396</sup>Disponível em: <https://memorialdafeb.com/2014/08/21/recebei-nos-na-hora-da-nossa-morte/> Acesso em abril de 2023.

não demorou a acompanhá-la para a Guerra e, uma vez no Teatro de Operações, nos dias de maiores atividades bélicas, jamais deixou de levar o seu conforto espiritual ou o santo sacrifício da Missa em qualquer circunstância, mostrando-se, além de religioso, um forte, um bravo, um verdadeiro soldado da Cruz de Cristo! Frei Orlando, que acaba de falecer em plena mocidade, alegre e sempre satisfeito, soube granjear um lugar em todos os corações daqueles que com êle conviveram e que ora sentem a separação eterna do seu Pastor e do seu Amigo. Tendo em vista o acima exposto, seja excluído do estado efetivo do Regimento e do seu Estado-Maior o Capitão Antônio Alvares da Silva (FREI ORLANDO) - (a) Delmiro Pereira de Andrade - Cel.-Comandante.<sup>397</sup>

Algumas notas a respeito da morte de Frei Orlando podem ser encontradas nos relatórios relativos ao mês de fevereiro de alguns capelães da FEB. A este respeito, escreve o Pe. Francisco Leite:

Deseja o capelão-chefe da A.D. e do 3º Grupo, registrar aqui um voto de fraternal pesar e ao mesmo tempo de conformada resignação cristã, pelo primeiro claro verificado em nossas fileiras, - com a morte do saudoso excelente companheiro: - FREI ORLANDO. - “Vítima do dever” no desempenho da gloriosa missão que nos dignifica e nos encoraja, ao lado de nossos bravos soldados que vêm honrando nossas tradições de fé e de ardente patriotismo no campo da luta. REQUIESCAT IN PACE!<sup>398</sup>

O capelão Frei Alfredo Waldemar registra a seguinte nota em seu relatório:

Preito pela saudade. Em 20 de fevereiro pelas 15:15 horas, falecia em Docce, paróquia de Bombiana, vítima de um acidente, meu chefe e incomparável amigo, Frei Orlando Alvares da Silva. Não consegui subir aquelas montanhas, por cujos cumes suspirava e que então iniciamos a escalar. Seus ouvidos não puderam perceber os cantos vitoriosos, e seu corpo tombou na estrada erma. Ele, Frei Orlando, o homem que espancava a tristeza com a sua risada larga e franca, e a cujo coração parecia não baixar jamais a névoa do desânimo. Suas virtudes, seu apostolado, seu espírito de camaradagem, seu hábito franciscano no seio da hopa, e sobretudo, sua alegria franciscana e contagiosa [...] se tornou um símbolo para todos nós que tivemos a ventura de com ele convivermos. Ainda não se cicatrizou aquela ferida do golpe que nos atingiu, naquela tarde. Sua memória permanece como talhada pelo cinzel divino, na nossa mente, para que seu exemplo sigamos, a rota do dever, do sacrifício, do heroísmo, para o bem das almas do Brasil. Paz a sua bela alma.<sup>399</sup>

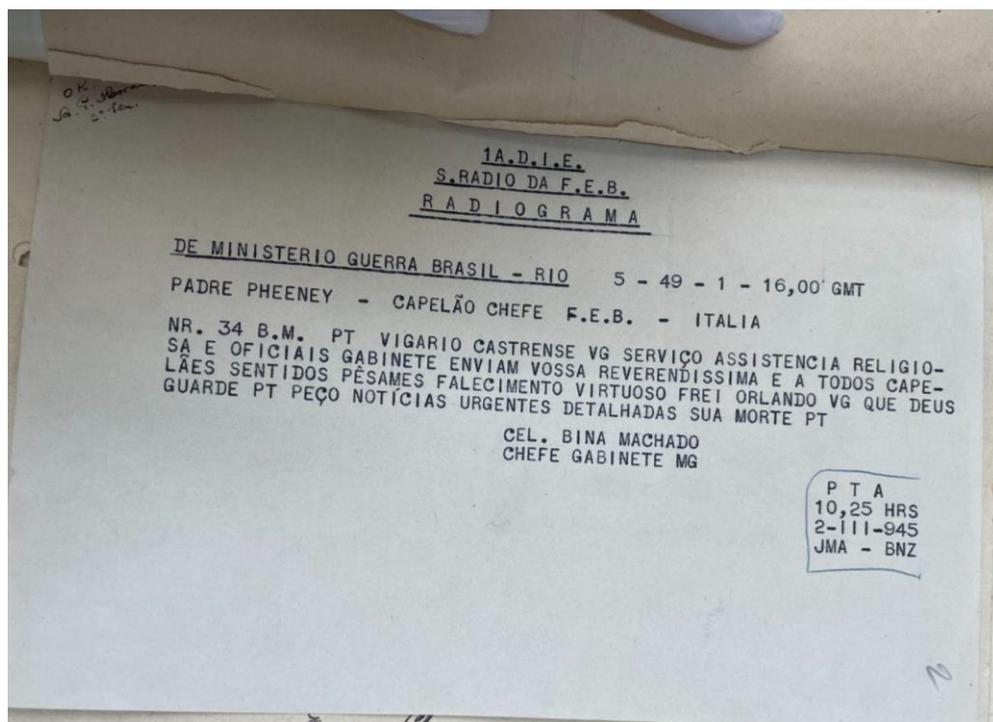
<sup>397</sup>Relatório do Ten. Cel. Capelão Chefe João Pheeny da Silva, de março de 1945. *Op. Cit.*, p. 10-12.

<sup>398</sup>Grifo do autor. Relatório enviado pelo capelão Francisco Leite em fevereiro de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>399</sup>Relatório enviado pelo capelão Frei Alfredo em fevereiro de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

Através dessas notas, fica evidente que a morte de Frei Orlando foi profundamente sentida e considerada uma perda de grande significado. O capelão, que perdeu a vida durante o último assalto ao Monte Castelo, era descrito como um homem alegre, cujo riso contagiante ajudava a enfrentar a tristeza. Sua presença era valorizada por sua camaradagem e pelo seu apostolado, deixando uma marca indelével nos corações daqueles que tiveram a oportunidade de conviver com ele. As palavras emocionadas de seus colegas capelães revelam o impacto pessoal da sua morte. Segue o telegrama enviado pelo Coronel Bina Machado ao Capelão-Chefe do S.A.R., Pe. João Pheeny, com uma nota de pesar pelo falecimento de Frei Orlando:

Figura 28 - Nota de pesar pela morte de Frei Orlando



Fonte: AHEx<sup>400</sup>

O episódio da morte do capelão pode ser também encontrado em alguns relatos de ex-combatentes e oficiais. A seu respeito, escreve o capelão Alberto da Costa Reis:

Era um tipo alegre, fumava cachimbo e tinha uma gaitinha de boca, ia lá para a frente, perto dos *fox hole*, ficar junto do soldado. O combatente treinado para a guerra, vendo o capelão ao lado dele, tocando gaitinha para animá-lo, pensava: “Se esse homem está aqui e não tem nada com a história, do que eu vou ter medo?” [...] Morreu no dia 20 de fevereiro de 1945, com trinta e dois anos. Monte Castelo caiu a 21. Nesse dia 20 ele visitara todas as Companhias que já estavam em posição para o ataque no dia seguinte. Faltava a 5ª. Não admitia a possibilidade de deixar de ir. Dizia: “Não podem entrar em combate sem a minha palavra, tenho que lhes dar ânimo.” Foi ao Major Ramagem pedir uma viatura. – Eu preciso de uma viatura para me levar perto de Abetaia. –

<sup>400</sup>Pasta Serviço de Assistência Religiosa: Telegramas Recebidos. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

Capelão, as viaturas estão empenhadas. Não tenho viatura para lhe dar. Orlando pega o bernal, bota os Santos Óleos, a estola branca e roxa – roxa quando confessava e branca para celebrar – e vai a pé pela estrada.<sup>401</sup>

O Gen. Henrique César Cardoso comenta:

Tivemos também um apoio religioso muito bom e, infelizmente, o desprazer a morte do Frei Orlando. Ele ia visitar a minha Companhia e o jipe onde ele se encontrava atolou e alguém usou o fuzil como um soquete que, ao bater, disparou e pegou no peito do Capelão e o matou instantaneamente. O nosso Frei Orlando era um homem talhado para Capelão Militar, ele tinha a qualidade especial de ser bem recebido, participava das brincadeiras, enfim, ele se adaptou perfeitamente, foi um Capelão perfeito, perdemos um grande companheiro.<sup>402</sup>

Ao mesmo respeito, pontua o Gen. Hélio Covas Pereira:

Recebíamos do saudoso Frei Orlando, patrono do serviço religioso da FEB, que foi vitimado pelo disparo acidental, da submetralhadora de um italiano, que vinha com ele justamente para a minha 6ª Companhia, rezar uma missa. Esse fato ocorreu, porque a roda do jipe ficou presa numa pedra e o italiano foi tentar soltar; quando bateu com o cabo da metralhadora, esta disparou.<sup>403</sup>

Em algumas publicações de memórias de ex-combatentes, a história do falecimento do capelão é narrada algumas vezes, bem como em livros biográficos de ex-capelães da FEB.<sup>404</sup> Alguns comentam: “Vi o corpo do Frei Orlando sendo retirado pela retaguarda de um caminhão, quando este fez uma pequena parada.”<sup>405</sup> Através das notas e depoimentos mencionados, fica evidente que Frei Orlando foi um capelão militar amplamente respeitado, cujo impacto em aqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-lo perdurou por muitos anos. Sua morte trágica deixou uma marca na memória não apenas de seus pares, mas também dos praças e oficiais que compartilharam momentos com ele.

Na obra biográfica de Frei Orlando, Gentil Palhares conclui a trajetória do capelão com um toque emocional, ao apresentar uma carta que ele escreveu às suas irmãs, acompanhada de uma recomendação solene: "A ser aberta somente após a minha morte". A respeito do conteúdo desta carta, comenta Palhares: “Lendo a referida carta, desanuvia-se qualquer dúvida. Frei

<sup>401</sup>MOTTA, Aricildes de Moraes. **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, v. 2, 2001d. p.214

<sup>402</sup>MOTTA, 2001a, *Op. Cit.*, p. 70

<sup>403</sup>MOTTA, 2001a, *Op. Cit.*, p.88

<sup>404</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p. 100, DOURADO, 1972, *Op. Cit.*, p.138-141.

<sup>405</sup>MOTTA, 2001a, *Op. Cit.*, p. 255

Orlando tinha certeza do que iria acontecer! Sentia a presença da morte”.<sup>406</sup> Segue o conteúdo da carta:

Minhas irmãs. A paz de Deus esteja com vocês. Um dia, numa manhã cheia de sol, vocês colheram umas flores. Flores que vocês plantaram e me ofereceram numa brilhante manhã de sol. Sol no firmamento belo de nossa Pátria! Sol, sobretudo, no meu coração. Sol do Espírito Santo que então recebi no Sacramento da Ordem, da minha Ordem Franciscana. As flores, lembro-me bem, eram cinco margaridas e cada uma delas, na sua singeleza e brancura, devia representar uma de Vocês. E elas ornaram, na vida, a minha cela de Frade. Vocês nunca mais as viram.. Eu queria depositá-las, um dia, uma por uma, ao lado de cada uma de minhas queridas irmãs, que Jesus chamasse para a recompensa eterna.... Mas, parece-me que não é este o plano de Jesus. Eu fui primeiro... E as margaridas, agora, murchas, feias, pelo tempo enegrecidas, lembram-nos da alegria que tivemos: vocês plantando-as, colhendo-as e oferecendo-as ao irmão caçula, que subia os degraus do altar do Senhor! Eu me lembro do momento feliz daquela manhã... Quando chegar, também, a vez de cada uma de vocês se despedirem, quem ficar ainda ao lado da irmã, coloque a margarida plantada e colhida para que fôsse oferecida ao Padre da família. E eu estarei satisfeito, porque estarei com Jesus. Nunca pensei em deixá-lo! Nunca! Quando o desânimo queria apoderar-se de mim, pensava no sofrimento Dêle, Jesus! Passei minha vida sempre rindo, embora tivesse muitos motivos para chorar... Sejam também assim, traduzam os sofrimentos pelo riso... Adeus! Espero que Jesus me receba de braços abertos para poder esperar por vocês! Adeus Margaridas!<sup>407</sup>

A trajetória de Frei Orlando foi meticulosamente esculpida pelo seu biógrafo, estabelecendo laços de predestinação desde os primeiros anos de sua vida, e sua morte não fugiria a essa mesma influência. A maneira como Gentil Palhares apresenta o conteúdo dessa carta cria a ideia, para os leitores, de que Frei Orlando, por meio de suas palavras emocionantes e tristes endereçadas às suas irmãs mais velhas, tinha conhecimento de sua própria morte, conferindo-lhe um poder quase sobrenatural. Como mencionado anteriormente, o capelão temia a morte. No entanto, essa característica é comum entre os soldados que se encontram no limiar de suas batalhas, ou no meio delas. A maneira como Gentil Palhares traz essa carta, tida como uma premonição por parte do capelão, de sua própria morte, demonstra como a Ilusão Biográfica permeou a vida de Frei Orlando na escrita de seu biógrafo, desde seu nascimento até sua morte. O caráter profético em que Gentil Palhares redige a morte do Capelão, inclusive, remonta à própria característica discursiva do Cristianismo, que é pautado em uma estrutura profética.

<sup>406</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.211

<sup>407</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p. 211-212

O capelão Joaquim Dourado, em sua obra intitulada *Estou Ferido*, esclarece alguns detalhes sobre o contexto em que essa carta foi escrita e, de certa forma, desmistifica a maneira romantizada em que esta foi apresentada por Gentil Palhares. Segundo Joaquim Dourado, essa carta foi escrita antes da partida para a Itália, na Vila Militar, no dia 31 de agosto de 1944. O capelão prossegue:

Ainda no Brasil, nas horas silenciosas da noite, no acampamento do Morro Capistrano ou nos quartéis da Vila Militar, capelães, oficiais e praças escreviam cartas que deviam ser remetidas às famílias distantes, caso viessem a morrer. Tinham elas o sabor das coisas santas. Falavam sempre de assuntos eternos. De saudades. De lágrimas. De perdão. De últimos conselhos. De recordações. De palavras piedosas. De dramas íntimos. De revelações extremas. E essas cartas eram entregues à guarda de pessoas amigas que as deviam remeter aos destinatários, quando o Ministro da Guerra anunciasse que os seus autores haviam tombado num posto qualquer de dever. Foi assim que, um dia, as irmãs de Frei Orlando abriram nervosas e cheias de pranto, a carta que o irmão padre lhes deixara. Muitos outros, ao chegarem da guerra, rasgaram, contentes, eles mesmos, aquelas mensagens que haviam escrito em hora de tantas apreensões.<sup>408</sup>

O comentário de Joaquim Dourado esclarece que este tipo de correspondência era comum entre os soldados, e que a carta de Frei Orlando para suas irmãs não representava uma certeza absoluta da morte, como relatado por Palhares, mas sim uma forma de aceitação da possibilidade de morte. Essas missivas carregavam consigo o peso das incertezas e os sentimentos profundos dos soldados que se encontravam em tempos de guerra. Para Frei Orlando, a escrita da carta foi uma maneira de expressar seu amor e gratidão às suas irmãs, assim como de transmitir seus últimos conselhos e desejos, caso algo lhe acontecesse. Era uma forma de enfrentar o desconhecido e de encontrar algum conforto na possibilidade da morte iminente. Embora Palhares tenha interpretado a mensagem endereçada à família do capelão como um sinal de premonição e poderes quase sobrenaturais de Frei Orlando, a explicação de Joaquim Dourado demonstra que a escrita desse tipo de correspondência era uma prática recorrente entre aqueles que vivenciavam os mesmos contextos que o capelão.

Além da correspondência aos familiares de Frei Orlando, telegramas foram enviados também ao superior do Colégio de Santo Antônio, onde Frei Orlando vivia. A eles, escrevera o capelão Frei Alfredo:

Pelo telegrama que lhe enviei, faz uma semana, deverá estar ciente do que ocorreu com o nosso querido e inesquecível Frei Orlando. Não pode Vossa

---

<sup>408</sup> DOURADO, 1972, *Op. Cit.*, p. 286.

Exa. Revma. avaliar a consternação que causou em nosso meio o desaparecimento prematuro de tão caro amigo e irmão. Do pracinha ao mais graduado, todos choravam junto do corpo inerte do desvelado Capelão. Para mim, então franciscano e seu especial amigo, o golpe foi tão violento que me paralisou as forças e me tolheu a vontade de trabalhar.<sup>409</sup>

E assim, de acordo com Gentil Palhares, uma profunda tristeza tomou conta da cidade de São João Del Rei com a partida do sacerdote: “Os sinos sobram soturnamente do alto das torres e São João Del Rei se cobriu de luto”. Após o falecimento de Frei Orlando, a praça em frente à Igreja de São Francisco de Assis, onde o Colégio Santo Antônio estava localizado, foi nomeada em sua homenagem.

De volta às batalhas nos Apeninos, no dia seguinte à morte de Frei Orlando, os brasileiros se aproximavam da conquista de Monte Castelo. No final da tarde do dia 21 de fevereiro de 1945, o Regimento Sampaio batalhava pela varredura e pela consolidação de posições subsequentes à crista do Castelo, enquanto se preparavam para possíveis contra-ataques dos alemães: “Todas as posições ocupadas foram intensamente bombardeadas pela artilharia alemã: Só no Castello foram contadas mais de mil granadas, que caíram pelo resto do dia 21 e por todo o dia 22”.<sup>410</sup> As reações do inimigo, nas palavras de Mascarenhas de Moraes, “fizeram-se sentir enérgicas e crescentes, dando margem a lances imprevistos e flutuações inevitáveis”.<sup>411</sup> No decorrer dos dias 22, 23 e 24 de fevereiro, os combatentes do II Batalhão Sampaio finalmente saíram-se vencedores, arrancando os alemães de suas casamatas. Contudo, a vitória dos expedicionários brasileiros não pode ser explicada simplesmente com a experiência em patrulhas, explica César Maximiano. No inverno, a FEB tinha treinado intensamente, e as tropas continuaram, segundo o autor, a receber instrução mesmo na linha de frente, até o fim da guerra: “Além da melhora das condições de treinamento, houve também mais zelo na preparação da tropa”.<sup>412</sup>

Enquanto os soldados brasileiros lutavam por suas vidas na investida de Monte Castelo, cavando seus *foxholes* enquanto lidavam com o inimigo a uma distância tão próxima, como 15 ou 50 metros,<sup>413</sup> os capelães também continuaram suas atividades. A marcha para a linha de frente, somada aos problemas de transportes, e a falta de estradas, impedia o contato dos capelães com seus pares: “Cada qual organizava o seu trabalho de acordo com os respectivos

<sup>409</sup>PALHARES, 1969 *Op. Cit.*, p.214.

<sup>410</sup>MAXIMIANO, 2010, *Op. Cit.*, p.250

<sup>411</sup>MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p.139

<sup>412</sup>MAXIMIANO, 2010, *Op. Cit.*, p. 250-251

<sup>413</sup>MAXIMIANO, 2010, *Op. Cit.*, p. 267.

comandantes das unidades, que deixavam ampla liberdade para os capelães agirem. Existia uma prudente recomendação de não nos expormos sem necessidade”<sup>414</sup>, relata o capelão Jacob Schneider. O capelão ainda pontua que as missas celebradas às vésperas do assalto final do Monte Castelo foram “das mais piedosas de toda a guerra”.<sup>415</sup> O capelão evangélico João Filson Soren menciona em seu relatório relativo ao mês de fevereiro de 1945, a realização de 27 cultos em vários pontos da área de combate e na linha de frente.<sup>416</sup> Ainda a respeito de sua atuação no Monte Castelo, continua o capelão Jacob Schneider:

Estavam em atividade febril, cavando abrigos, quando me visaram com morteiro 88 lá de Monte Castelo. Uma hora dessas acho que até reumático em último grau fica lepidinho. Pulei arame farpado, cipós, minas, rochas e escondendo-me entre as raízes seculares das enormes castanheiras, em oito lances consecutivos, me considerei fora da vista e da perseguição. Deitei de costas no chão, morto de susto, mas ainda vivo de verdade, sem um ferimento. Nem deu tempo de pensar o que falou um dia um pracinha: “Enquanto eu corro, meu pai tem filho”<sup>417</sup>

O medo evidente neste relato também se faz presente na narrativa do Coronel Waldemar Dantas Borges:

Disse-me o sargento Justo, que ao regressar, viu o Padre, cai aqui cai acolá, apavorado com o bombardeio, na direção do *front*. Por isso, colocou-o no jipe e o trouxe, para que ele se apresentasse ao Comandante do Batalhão a que ele era destinado, e que era o nosso. Tinha sido designado Capitão Capelão do nosso III Batalhão do 6º RI [...] Depois de algumas horas, fui ao PC do Batalhão, para relatar a situação das comunicações e receber ordens, e encontrei o Padre, assustado em um canto, tiritando de frio, à espera de ser atendido.<sup>418</sup>

Esses relatos evidenciam as situações extremas às quais os capelães brasileiros atuaram durante a guerra. Eles enfrentavam perigos reais, colocando suas vidas em risco, a fim de fornecer apoio espiritual e conforto aos combatentes. As narrativas acima trazidas destacam que o medo não faz distinção entre funções, até mesmo os capelães vivenciavam momentos de apreensão e vulnerabilidade, apesar de não serem combatentes. Os capelães, muitas vezes atuavam nas linhas de frente, enfrentando bombardeios e perseguições inimigas. O relato do

<sup>414</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p. 97.

<sup>415</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p. 98

<sup>416</sup>Relatório das atividades realizadas pelo capelão João Filson Soren em fevereiro de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixaeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>417</sup>SCHNEIDER, *Op. Cit.*, p. 98

<sup>418</sup>MOTTA, 2001b, *Op. Cit.*, p. 191

capelão Jacob Schneider ilustra a sua fuga audaciosa e habilidosa para escapar de um morteiro, atravessando obstáculos perigosos e buscando abrigo nas raízes das árvores. Da mesma forma, o relato do Coronel Waldemar Dantas Borges descreve um padre assustado, caindo durante um bombardeio.

Estes capelães se expunham a esses perigos porque reconheciam a importância de sua presença ao lado dos soldados. A necessidade de assistência religiosa na linha de frente é evidente, como destacado na obra de César Maximiano. O autor descreve como os padioleiros (combatentes dedicados ao socorro de feridos) e enfermeiros testemunharam soldados feridos rezando quando encontrados, e solicitando que uma missa fosse rezada por suas almas.<sup>419</sup> Em seu livro, Maximiano compartilha as últimas palavras de um soldado lembradas pelo 2º Tenente Gerson: “O primeiro tiro despedaçou três soldados. Eu me aproximei de um deles, que disse: ‘Tenente, eu sei que vou morrer. Reze uma missa por mim quando chegar ao Brasil’. Foi a primeira coisa que fiz quando retornei.”<sup>420</sup>

Além de sua atuação nas linhas de combate, alguns capelães também desempenharam um papel crucial no resgate e identificação dos corpos dos soldados que tombaram, insepultos, testemunhando a carnificina resultante de dias intensos de luta. Os relatórios dos capelães, como o do Pastor Juvenal, narram suas experiências no resgate desses corpos e as dificuldades enfrentadas nessa tarefa: “Procedemos à evacuação de três brasileiros encontrados mortos à base do Monte Castelo, frente de Abetaia. São eles. Sebastião Machado, 26-126252, Raymundo N. Cruz, 16-292492 e Arlindo Sardanha, 26-126959”.<sup>421</sup> O Pastor João Filson Soren, que comenta atuou no “Serviço de recolhimento e identificação de cadáveres dos soldados que tombaram na região do Monte Castello nos combates de 29/11/1944, 12/12/1944 e 21/02/1945”.<sup>422</sup>

Por fim, é válido ressaltar que a conquista de Monte Castelo, responsável por um grande número de baixas nas tropas brasileiras, ainda hoje alimenta muitas narrativas romantizadas, encharcadas de fantasias ufanistas, especialmente de autores que não são veteranos da FEB. Francisco Ferraz explica que a tomada do Monte Castelo ocorreu com o apoio da FAB, da

---

<sup>419</sup>MAXIMIANO, 2010 *Op. Cit.*, p.149

<sup>420</sup>MAXIMIANO, 2010 *Op. Cit.*, p.150.

<sup>421</sup>Relatório enviado pelo Pastor Juvenal Ernesto da Silva em março de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>422</sup>Relatório das atividades realizadas pelo capelão João Filson Soren em fevereiro de 1945, *Op. Cit.*

artilharia, e contou ainda com uma manobra em conjunto com a Divisão de Montanha americana. Nesse sentido, complementa o autor:

Monte Castelo é o maior símbolo e mito das ações da FEB. Muitas das histórias que o cercam originam-se na série de dificuldades enfrentadas pelos brasileiros para tomar a posição indicada. Erros táticos grosseiros dos oficiais superiores, falta de apoio logístico e de retaguarda, além de um dos piores invernos da década naquela região da Itália (a temperatura chegou a 20 graus abaixo de zero), conferiram à luta pelo Monte Castelo um aspecto dramático e épico, muito explorado depois. Essas histórias e memórias da FEB, no entanto, geralmente ressaltam os aspectos heróicos, deixando as mazelas e as origens dos problemas em segundo plano.<sup>423</sup>

#### 4.3.1 Sob o trovão da vitória: A continuidade do conflito após Monte Castelo

Após o falecimento de Frei Orlando, ocorreram algumas mudanças na equipe de capelães. Frei Alfredo Waldemar assumiu o cargo de capelão chefe do 11º R.I.<sup>424</sup>, enquanto o Pe. Manuel Inocêncio de Lacerda Santos, que havia sido nomeado em 1º de janeiro, foi promovido ao posto de 1º tenente e designado para assumir as responsabilidades do capelão falecido em relação às prestações de serviço ao 2º Btl. do 11º R.I.<sup>425</sup> Ademais, o capelão Joaquim Dourado destaca as consequências significativas que a morte de Frei Orlando deixou nas relações entre oficiais e capelães, especialmente na maneira como seus superiores passaram a expressar sentimentos de recriminação em relação à ação do capelão falecido. A iniciativa de Frei Orlando de socorrer seus companheiros sem uma ordem expressa de seu comandante foi alvo de severas críticas por parte dos superiores:

Dia 3 de março de 1945. Acabara o capelão militar de celebrar missa (que muitos soldados contavam ser a última, da vida) [...] dera-lhes o padre, antes da missa, a absolvição coletiva, e todos, com os cinturões já carregados de granadas de mão, comungaram, recolhidamente, [...] ao passar pelo grupo do casario de Palazzo, o lugarejo de partida do ataque do dia 5, estavam os soldados do Ten. Onofre parados, soturnos, compenetrados da sua missão arriscada, aguardando ordens. O padre, em veículo freado, desejou-lhes boa sorte: que ia rezar por eles, que esperava abraçá-los depois do combate; que Deus os havia de ajudar e proteger. Foi então que o tenente, cabo de ontem, atirou-lhe este convite expressivo e súbito: “Não vai conosco, padre?” “Telefone ao comandante. Se ele der ordem, ficarei com vocês.” Sem uma ordem categórica, não poderia arcar sobre os ombros com a responsabilidade

<sup>423</sup>FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p.64.

<sup>424</sup>Relatório de Frei Alfredo referente ao mês de fevereiro de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>425</sup>Relatório do Ten. Cel. Capelão Chefe João Pheoney da Silva, de março de 1945. *Op. Cit.*, p.9

da iniciativa arriscada. A seus ouvidos, soaram ainda as palavras de recriminação ao padre que morrera, em fevereiro, o qual se fora em socorro espiritual dos seus soldados, e, somente por causa deles, porque os sabia carecidos dos recursos da assistência religiosa, mas, sem ordem expressa do seu comandante, e até dizem, contra a sua ordem. Além disso, o que vinha de cima, da sua hierarquia religiosa, era de molde a não lhe permitir meter-se em aventuras: "não estejam onde não forem chamados! Mas executem, de forma perfeita, as ordens recebidas, embora venham a morrer". Compreendeu o tenente que seu convite era temerário. Como se tivesse dito uma brincadeira, para experimentar a coragem do capelão, sorriu.<sup>426</sup>

Ao ser questionado se acompanharia os soldados que aguardavam ordens para um novo ataque, Joaquim Dourado responde cautelosamente que só o faria com uma ordem expressa do comandante, compreendendo o dilema ético e as possíveis repercussões de agir sem uma autorização formal. Enquanto pondera a decisão, ele não pode deixar de se lembrar das palavras de recriminação dirigidas a Frei Orlando após sua morte, o qual agiu por uma motivação semelhante de oferecer auxílio espiritual aos soldados.

Além disso, em relação ao cotidiano das tropas após a conquista de Monte Castelo, ocorreram avanços significativos à medida que a ofensiva do Plano Encore continuava. Os combatentes da FEB conquistaram Soprassasso, La Serra, Bela Vista, Castelnuovo e Santa Maria Villiana.<sup>427</sup> O capelão João Filson Soren menciona a realização de 38 cultos em áreas de combate no mês de março.<sup>428</sup> O pastor Juvenal Ernesto relata sua tentativa de animar os soldados, mostrando-lhes amizade e simpatia pelo o que ele denomina “grande, mas arriscado serviço que vão prestar ao Brasil”<sup>429</sup>, e menciona ter ouvido, nestas ocasiões, os soldados dizendo “que bom que o nosso capelão veio também!”. Ademais, continua o capelão evangélico:

Emprego muito do meu tempo conversando com o combatente. Enquanto se aquece junto a uma lareira ou desliza num “jeep” que toma de carona, enquanto se encontra atrás da culatra de um caminhão, ou desliza por dentro de uma trincheira- *fox-hole*, enquanto assiste a um curativo de urgência ou se curva sobre o leito de uma enfermaria, no hospital, o capelão tem sempre, que Deus lhe dá, uma palavra para ajudar o guerreiro a enfrentar o frio e suportar a dor, a padecer a ausência dos queridos distantes, a vencer o medo, e ganhar a paz de espírito.<sup>430</sup>

<sup>426</sup> DOURADO, 1972, *Op. Cit.*, p. 177.

<sup>427</sup> BRAYNER. *Op. Cit.*, p. 393.

<sup>428</sup> Relatório das atividades realizadas pelo capelão João Filson Soren no mês de março de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>429</sup> Relatório das atividades realizadas pelo capelão Pastor Juvenal Ernesto da Silva em novembro de 1944. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>430</sup> Relatório das atividades realizadas pelo capelão Pastor Juvenal Ernesto da Silva em março de 1945, *Op. Cit.*

Durante março daquele ano, o capelão pastor Juvenal comenta estar prestando serviços religiosos às subunidades em descanso. Já o capelão Pe. Urbano comenta das dificuldades enfrentadas por ele na prestação de serviços religiosos: “Desde o ataque ao Castelo todos os meus fuzileiros vivem em *foxholes*, sem descanso algum, espalhados como se acham pela crista do Belvedere é me impossível reunir turmas para lhes dizer missa ou fazer a Páscoa”.<sup>431</sup> No dia 11 de março os brasileiros deixaram Porreta Terme com o objetivo de “curar as feridas, esconder e disfarçar as cicatrizes e preparar para seguir combatendo”<sup>432</sup>. Durante a segunda quinzena do mês de março, Floriano de Lima Brayner comenta que a atividade inimiga foi moderada, enquanto a 1ª D.I.E. preparava-se para a ofensiva final.

Foi também no dia 11 de março que ocorreu a inauguração de uma gruta e altar dedicado à Nossa Senhora de Lourdes no acampamento militar. Esta gruta, de cimento e pedra, era entronizada por uma imagem da Virgem Maria benzida em Roma, pelo Papa. A solenidade principal, uma missa cantada presidida pelo capelão-chefe do S.A.R., foi acompanhada por praças e oficiais que representavam todos os batalhões:

Às dez horas da manhã, uma grande procissão saiu da Capela Central do acampamento, formando cortejo ao rústico andor em que campeava, tendo aos pés uma bandeirinha do Brasil, a linda estatueta de Nossa Senhora de Lourdes. Ao som de cânticos religiosos, tangidos pela banda militar, deu a volta por frente do comando e diante do mastro, onde tinha, digo, tremula todo dia a bandeira nacional, encaminhando-se pela estrada principal para área do II Batalhão. Ali chegando o cortejo ocupou inteiramente o espaço vazio e cuidadosamente preparado para a solenidade. À frente o Comandante e o Subcomandante do Depósito e outros altos oficiais, entre os quais alguns visitantes. Presenciaram também a nossa festa algumas famílias italianas, que poderão testemunhar oportunamente perante a população do país a respeito do acontecimento.<sup>433</sup>

<sup>431</sup>Relatório enviado por Pe. Urbano Rusch em março de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>432</sup>BRAYNER. *Op. Cit.*, p.385.

<sup>433</sup>Pasta Serviço de Assistência Religiosa: Redações Diversas, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

Figura 29 - Procissão de N. Senhora de Lourdes



Fonte: AHEX.<sup>434</sup>

No momento em que a imagem era entronizada, o canto da Ave Maria soou pelo acampamento militar, seguida por uma canção, cuja letra é a seguinte:

Se Deus da suprema altura,  
 Contempla, orgulho e ventura,  
 A fê de um povo viril,  
 Ficarà, tenho a certeza,  
 Na sua excelsa, beleza,  
 Orgulhoso do Brasil.  
 E a sua Filha Ditosa,  
 Cheia de graça e bondosa,  
 Santa das Santas, lhes digo,  
 Nos momentos necessários  
 Nos golpes cruéis, nos desvarios,  
 [...]  
 E quando o sol radioso  
 Brilhar no céu dadivoso  
 Anunciando a vitória.

<sup>434</sup>Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/7216>. Acesso em abril de 2023.

Hosanas nós cantaremos,  
Graças a Deu renderemos,  
Numa santa comunhão!  
[...] Eu digo pra ser ouvido  
Por todos neste momento:  
Tenhamos fé na Senhora  
de Lourdes, que vive agora  
Sempre em nosso pensamento.  
Tem fé, soldado, tem crença!  
Eu creio, não se dispensa,  
Esta graça do Senhor!  
Pensa e reza a todo instante,  
Crê em Deus e sê constante  
Nas preces ao Salvador!  
Quem reza tem seu lugar  
Guardado naquele altar  
De Deus a suprema glória!  
Olha pro céu todo anil!  
És valente, és do Brasil,  
Reza com fé na vitória.  
Neste momento de culto,  
Olho daqui o teu vulto  
Dos fortes do meu sertão!  
És o caboclo valente!  
Vencerás porque é crente,  
Tens a fé no coração.  
Os nossos, da nossa terra,  
Que tanta grandeza encerra  
E que nos olham de além,  
Eu juro, eu lhes garanto,  
Não vivem somente em pranto,  
Estão rezando também.  
E nós diremos: Senhor!  
Fazei cessar tanto horror, não abrais mais sepulturas!  
Uma prece, e, tudo encerra:  
Paz a nós aqui na terra!

Glória a Deus lá nas alturas!<sup>435</sup>

O texto da música, bem como a procissão, e a construção da gruta em honra a Nossa Senhora de Lourdes reflete a profunda maneira em que fé e devoção dos combatentes brasileiros se interligavam com o contexto ao qual estes estavam inseridos. A letra expressa a confiança em Deus e a crença na intercessão da Virgem Maria, especialmente Nossa Senhora de Lourdes, em momentos de dificuldade e desafios, corriqueiros em seu cotidiano no teatro de operações italiano. Os soldados, em sua prece em forma de canção, clamam por proteção, vitória e paz, e ressaltam seu credo de que a oração constante e a crença em Deus os ajudariam no alcance da vitória e na superação dos horrores da guerra.

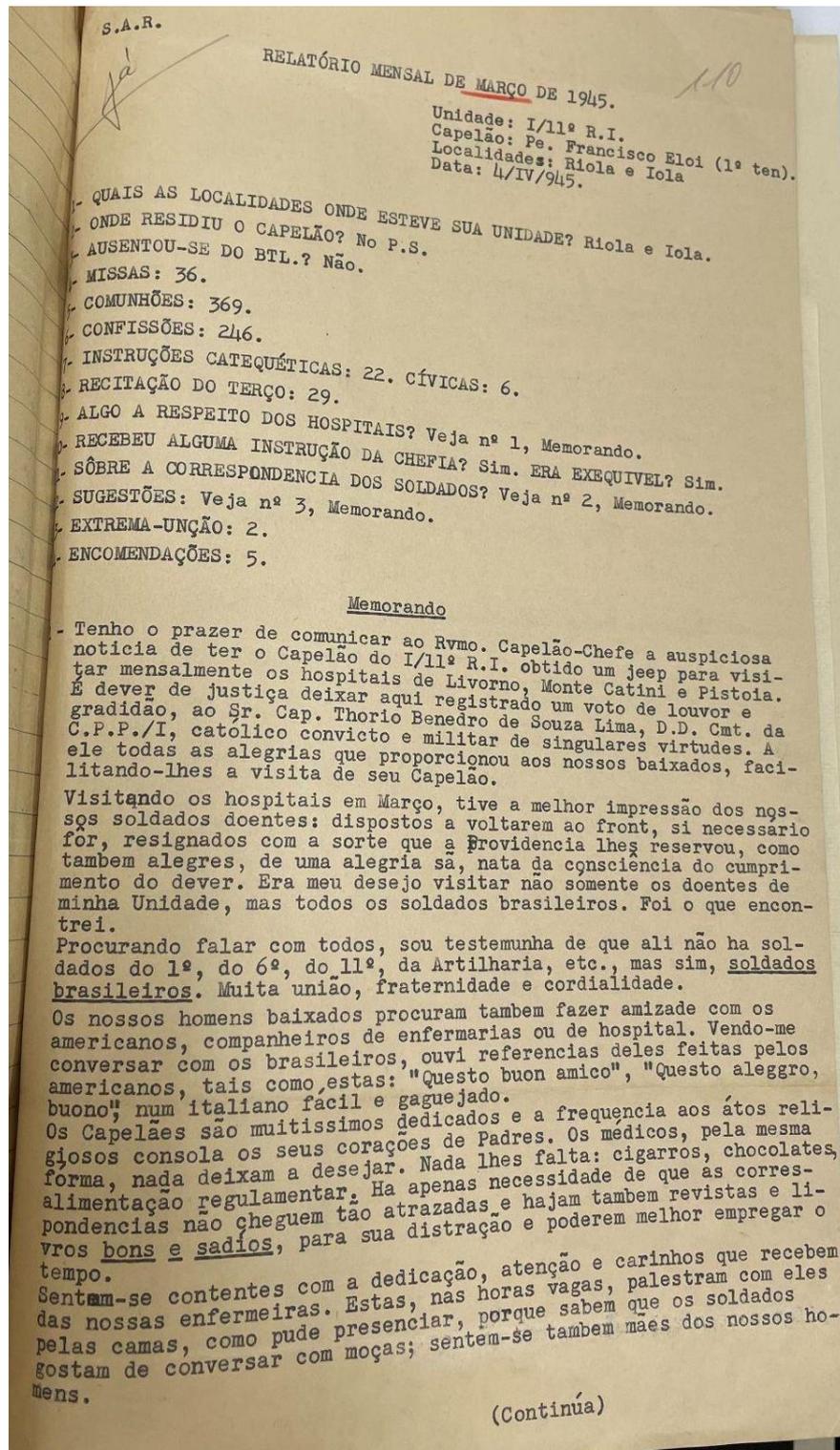
Nesse contexto, o relatório do capelão Francisco Eloi de Oliveira lança luz sobre outras atividades desempenhadas pelos capelães durante esse período. No que se refere ao mês de março, Pe. Francisco Eloi aponta que realizou um total de 36 missas, 369 comunhões e 246 confissões, além de ter ministrado 22 instruções catequéticas e 6 instruções cívicas. O relatório menciona ainda sua preocupação com a correspondência dos soldados e suas sugestões para melhorias deste serviço. Um aspecto significativo destacado no relatório é a importância das visitas aos hospitais. O capelão expressa sua gratidão ao Capitão Thorio Benedito de Souza Lima por facilitar as visitas mensais aos hospitais de Livorno, Monte Catini e Pistoia, através da disponibilização de um jipe. O capelão ainda relata que os soldados doentes demonstraram disposição para retornar ao *front*, caso necessário, e aceitação resignada da sorte que a Providência lhes reservou. Pe. Francisco Eloi também observa a união, fraternidade e cordialidade entre os soldados brasileiros, independentemente de suas unidades específicas. A presença e dedicação dos capelães são elogiadas, assim como a atenção e cuidados dos médicos e enfermeiras. No mais, o capelão destaca a celebração das solenidades da Semana Santa.<sup>436</sup>

---

<sup>435</sup>Pasta Serviço de Assistência Religiosa: Redações Diversas, *Op. Cit.*

<sup>436</sup>Relatório enviado por Pe. Francisco Eloi em março de 1945, *Op. Cit.*

Figura 30 – Relatório do capelão Pe. Francisco Eloi de Oliveira, março de 1945



Fonte: AHEx<sup>437</sup>

A realização das festividades da Semana Santa durante esse período, bem como as do Natal de 1944, representam uma notável tentativa dos capelães de preservar as tradições

<sup>437</sup>Relatório enviado por Pe. Francisco Eloi em março de 1945, *Op. Cit.*

religiosas. Segundo Adriane Piovezan, estas datas tradicionais eram momentos de intensificação da devoção dos soldados, a despeito das restrições impostas pelo contexto da guerra.<sup>438</sup> Nesse sentido, pode-se concluir que a guerra representava, portanto, um cenário no qual as cerimônias e festividades religiosas não deixaram de existir. Em relação à Páscoa, é intrigante observar que essa noção de regularidade de celebrações religiosas impulsionou a combinação de elementos e símbolos cristãos com a imprevisibilidade do contexto de guerra, como é possível notar no seguinte cartão de Páscoa, distribuído no teatro de operações italiano:

Figura 31 - Cartão de Páscoa distribuído aos brasileiros na Itália



Fonte: Blog O resgate da Força Expedicionária Brasileira (*online*)<sup>439</sup>

<sup>438</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.172

<sup>439</sup>Disponível em: <https://henriquempffeb.blogspot.com/2011/04/pascoa-do-expedicionario-feb.html>. Acesso em abril de 2023.

Figura 32 – Lembrança de Páscoa distribuído aos brasileiros na Itália



Fonte: Blog O resgate da Força Expedicionária Brasileira (*online*)<sup>440</sup>

Os relatórios dos capelães da FEB lançam luz sobre as celebrações da Páscoa dos brasileiros, que se preparavam para a ofensiva final. O capelão Joaquim Dourado descreve o seguinte em seu relatório de abril de 1945. “Foi este o mês de maior movimento espiritual nesta unidade. Aproveitando os dias de descanso, promovi a Páscoa dos soldados, companhia por companhia”<sup>441</sup>. O capelão Francisco Freire discorre a este respeito: “Continuando as páscoas dos soldados, houve durante este período 201 comunhões, sendo distribuído lembranças de Páscoa aos comungantes”<sup>442</sup>. Já os números contidos no relatório do capelão Gregório Comasseto chamam atenção. Segundo o sacerdote, ocorreram aproximadamente durante todo o mês de março 640 confissões e distribuição de 820 Sagradas Comunhões.<sup>443</sup> Os dados apontados pelo Capelão Noé Pereira revelam como se deu a celebração da Páscoa em Pistoia:

Páscoa: missa no terreno do cemitério, [...] inaugurei serviço religioso para os soldados que vindos do *front* passaram alguns dias na cidade de Pistoia [...] Sexta Feira Santa fiz Via-Sacra com os soldados brasileiros na capela da

<sup>440</sup>Disponível em: <https://henriquempffeb.blogspot.com/>. Acesso em junho de 2023.

<sup>441</sup>Relatório enviado pelo capelão Joaquim Dourado em abril 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa n° 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>442</sup>Relatório enviado pelo capelão Francisco Freire de duas atividades prestadas entre 11 de abril e 12 de maio de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa n° 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>443</sup>Relatório do capelão Pe. Gregório Comasseto, mês de março de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da Q.G., Cia do Q.G., 9º B.E., 1º B.S., Dep. Pessoal, 16th. Evacuation Hospital, 7 station hospital. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

cantina, terminando com o beijamento da Imagem de Jesus Crucificado. Convidei os soldados para adoração do santíssimo na noite de 5ª feira-santa.<sup>444</sup>

O capelão Pe. Francisco Eloi tece os seguintes comentários:

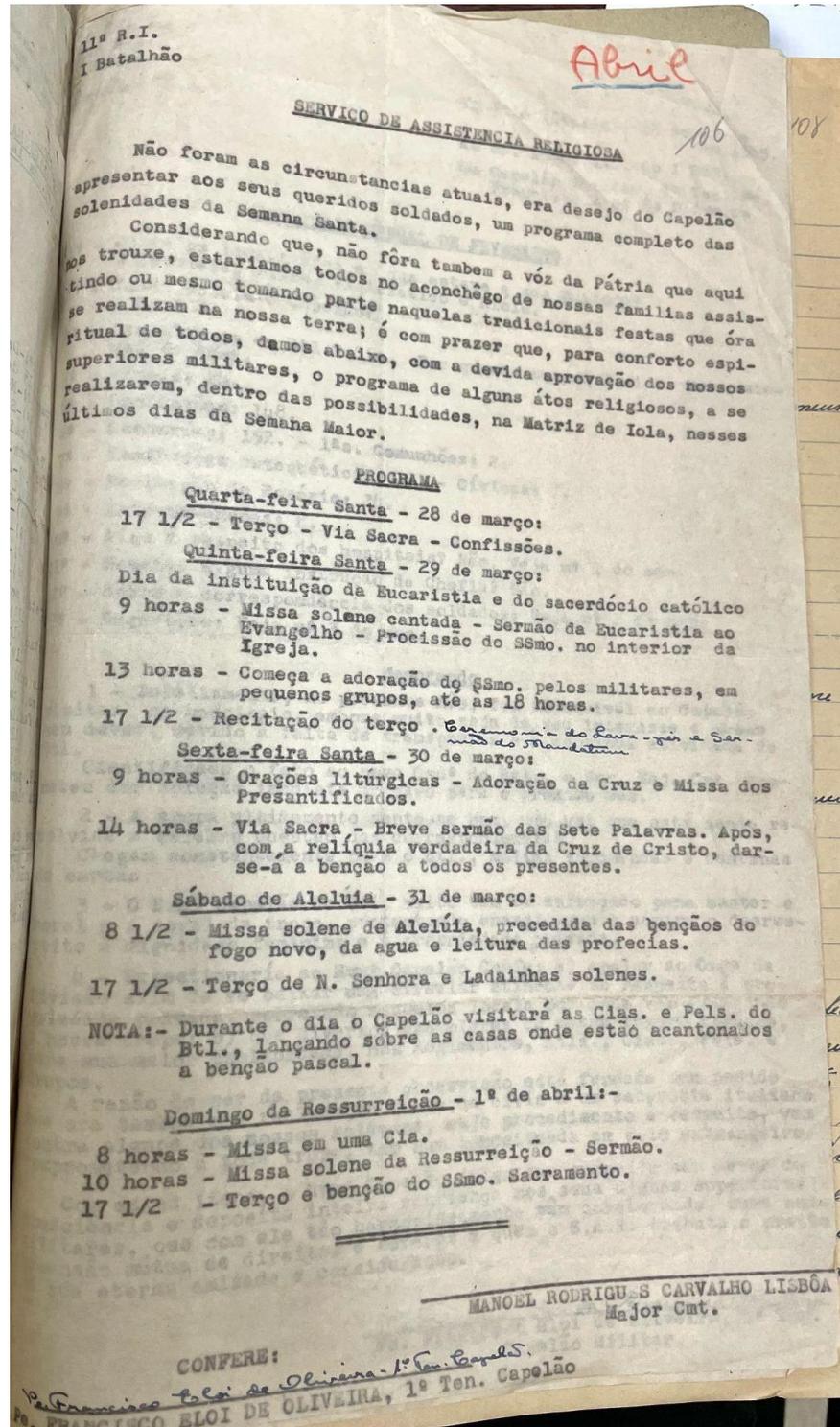
Como sempre, tenho sido muito procurado pelos meus soldados para celebrar por eles, pessoalmente ou para suas famílias [...] foram solenemente celebradas as solenidades da Semana Santa, na Capelania do I/11º R.I. Apesar de não se poder realizar nenhuma procissão fora da Igreja, todas as cerimônias internas foram feitas desde a quinta-feira Santa até o Domingo de Páscoa, na Matriz de Iola. A Adoração Solene do Santíssimo, pelos militares durante 6 horas consecutivas, na Quinta-feira Santa foi bastante concorrida. Foi também feita a cerimônia do Lava-Pés e de um modo muito original e significativo: os 12 Apóstolos eram 12 Expedicionários e o celebrante o Capelão Militar. A benção Solene do S.Sm Sacramento no Domingo de Páscoa e após a mesma o Hino Nacional Brasileiro cantado entusiasticamente por todos os soldados presentes, pela primeira vez aquém do Monte Castelo, para pedir também a Benção de Jesus Hóstia para a Pátria longínqua, puseram termo a todas as festividades da Semana Maior.

Segue o programa das celebrações da Semana Santa, assinado pelo Pe. Francisco Eloi de Oliveira:

---

<sup>444</sup>Relatório enviado pelo capelão Noé Pereira em março de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

Figura 34: Semana Santa no front.



Fonte: AHEx<sup>445</sup>

Neste documento, o capelão Pe. Francisco Eloi menciona seu desejo de proporcionar aos soldados um programa completo de solenidades da Semana Santa, mesmo nas

<sup>445</sup>Programa da Semana Santa enviado pelo capelão Francisco Eloi de Oliveira em março de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixeta nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

circunstâncias às quais sacerdotes e soldados se encontravam. Estes detalhes descortinam o empenho dos sacerdotes do S.A.R. em manterem, na medida do possível, as tradições religiosas costumeiras do credo cristão. Isso posto, foram realizados uma série de eventos religiosos na matriz de Iola, incluindo recitação do terço, via sacra, confissões, missas solenes, sermões e procissões. O relatório de Pe. Eloi também destaca a adoração do Santíssimo Sacramento pelos militares, a cerimônia de lava-pés e o sermão do *mandatum* (mandamento do amor). Na Sexta-feira Santa, dia da morte de Cristo, foram realizadas orações litúrgicas, adoração da Cruz, Missa dos Pré Santificados, Via Sacra e um breve sermão das Sete Palavras. Além disso, houve a bênção com o que o capelão descreveu como “verdadeira relíquia da Cruz de Cristo” para todos os presentes. No que diz respeito ao Sábado de Aleluia e ao Domingo da Ressurreição, o relatório consta a visita do capelão às companhias e pelotões do Batalhão, abençoando as casas onde estavam acantonados. Houve missa em uma companhia, seguida por uma Missa solene da Ressurreição, e encerrou-se com o terço e bênção do Santíssimo Sacramento.

Os cartões de Páscoa, somados às celebrações organizadas pelos capelães da FEB demonstram uma tentativa de trazer aos soldados sinais de tranquilidade, fé e esperança. Até mesmo brincadeiras foram realizadas, sinaliza o sacerdote Frei Alfredo Setaro: “Organizamos diversões brasileiras para os soldados no sábado de aleluia, como o “Judas”, e o “pau de sebo”, sendo o prêmio, uma viagem a Roma”.<sup>446</sup>

---

<sup>446</sup>Relatório enviado pelo capelão Frei Alfredo a respeito de suas atividades no mês de março de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

Figura 35 - Confissão para a Páscoa no front



Fonte: Biblex.<sup>447</sup>

As celebrações da Páscoa aconteceram entre o final de março e o início de abril de 1945, coincidindo com o período em que os combatentes brasileiros se preparavam para o combate em Montese, um episódio amplamente reconhecido como um marco na história da FEB em sua ofensiva final. Ao clarear do dia 14 de abril de 1945, as forças do IV Corpo de Exército iniciaram a ofensiva contra o maciço de Montese.<sup>448</sup> O inimigo encontrava-se enérgico, e a progressão, por mínima que fosse, era conquistada com rude tributo de muitas baixas. O combate de Montese, diferente das batalhas nos Apeninos, era urbano, e foi nesta localidade que a FEB enfrentou o seu maior número de baixas, em combates violentos.<sup>449</sup>

A batalha de Montese se insere em um contexto em que a Segunda Guerra Mundial se aproximava do fim. A maioria dos soldados brasileiros já estava totalmente integrada, adaptada e familiarizada com os desafios dos combates. A FEB havia superado o trauma dos ataques frustrados ao Monte Castelo e ganhado a confiança do comando do V Exército Norte-americano, recebendo novas missões. Todavia, a conquista de Montese foi marcada pela dureza da jornada. A euforia, e o moral elevados com as conquistas do Plano Encore davam lugar ao cansaço: “Marchava-se e combatia-se dia e noite, desde 17 de abril”.<sup>450</sup>

<sup>447</sup>Disponível em: <http://www.bibliex.eb.mil.br/>. Acesso em 2 de julho 2023.

<sup>448</sup>MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p.171.

<sup>449</sup>FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p.64-65

<sup>450</sup>BRAYNER. *Op. Cit.*, p. 421

Apesar das dificuldades e do grande número de baixas, Montese foi tomada. O inimigo, enquanto isso, buscava alcançar o vale do rio Pó, em uma última tentativa de resistência, cujo final mostrava-se cada vez mais claro: extermínio ou rendição. Ainda no mês de abril, a Força Expedicionária Brasileira, além de sair vencedora de outros embates, conseguiu a rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã, encerrando, por fim, sua última fase de operações militares no teatro de operações italiano. Este feito teve palco na jornada dos dias 29 e 30 de abril de 1945. De acordo com Mascarenhas de Moraes:

A 148 D.I. Alemã- declararam os representantes do general Otto Fretter Pico- sentia-se esgotada fisicamente e à míngua de recursos, principalmente os carburantes para os seus carros e produtos médicos para seus doentes, em número de oitocentos. Pediram amparo para os seus feridos de guerra, condescendência para o general comandante da 148 D.I. e tratamento idêntico para o General Mário Carloni, comandante da Divisão Bersaglieri Itália. Cerca de cinco horas e meia do dia 29 de abril, os parlamentários alemães se retiraram, ficando assentado como ato inicial de rendição, a apresentação de uma primeira coluna de ambulância, conduzindo os feridos.<sup>451</sup>

De acordo com Francisco Ferraz, as manobras de perseguição da Divisão brasileira fizeram aproximadamente 15 mil prisioneiros. Tal ação, explica o autor, era pouco comum na guerra travada na Itália, pois as rendições usualmente se davam por unidades menores, tais como companhias e batalhões, e raramente regimentos.<sup>452</sup>

Dia 30 de abril de 1945 foi o último dia em que tropas brasileiras combateram na Segunda Guerra Mundial.<sup>453</sup> Nesse sentido, é válido ressaltar que nos relatórios dos capelães da FEB não há menção de suas atividades religiosas nestes embates, já no final da Segunda Guerra Mundial. O capelão Pe. Manuel comenta em seu relatório do mês de abril de 1945: “Não foi feita visita aos hospitais. Motivo a falta de meio de transporte. De resto, iniciada a ofensiva final não houve pensar mais nisto”<sup>454</sup>. Com a aproximação da vitória contra os alemães, o Pe. Francisco Freire registra em seu relatório que as missas finalmente contaram com um número maior de soldados.<sup>455</sup>

Todavia, estas lacunas, no que diz respeito à atuação dos capelães, não significou uma ausência de atividades religiosas entre as tropas brasileiras. Mesmo sem a presença de um

<sup>451</sup>MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p.207.

<sup>452</sup>FERRAZ, 2005. *Op. Cit.*, p.65.

<sup>453</sup>BRAYNER. *Op. Cit.*, p. 504.

<sup>454</sup>Relatório enviado pelo Capelão Pe. Manuel Inocêncio, em abril de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa nº 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>455</sup>Relatório enviado pelo capelão Pe. Francisco Freire, relativo às suas atividades prestadas entre 11 de abril e 12 de maio de 1945, *Op. Cit.*

capelão, os soldados brasileiros mantiveram suas práticas religiosas por meio de devoções individuais. Assim, o próximo subcapítulo irá explorar as atividades religiosas que ocorreram entre as tropas brasileiras, evidenciando como as devoções individuais dos soldados foram uma parte significativa da experiência espiritual durante a campanha brasileira na Itália.

#### 4.4 PARA ALÉM DOS RITUAIS SAGRADOS: DEVOÇÕES INDIVIDUAIS NO *FRONT*.

O perigo e o medo da morte são constantes no cotidiano de qualquer combatente. Nesse contexto, a religião desempenha um papel fundamental, e muitos soldados brasileiros da Segunda Guerra Mundial buscaram apoio e conforto nos capelães em momentos de angústia. Esses capelães se tornaram uma fonte importante de suporte espiritual, oferecendo celebrações de missas, conversas de aconselhamento e sacramentos como a confissão e a comunhão, como demonstram os relatórios dos capelães que compunham o S.A.R. da FEB. No entanto, os relatórios também destacam alguns desafios enfrentados pelos capelães na prestação de seus serviços. Um dos principais obstáculos foi o número reduzido de capelães disponíveis, o que impactou diretamente sua capacidade de atender a todas as demandas religiosas das tropas. Além disso, a dificuldade de transporte também se mostrou uma questão relevante, conforme apontado em inúmeras reclamações feitas por esses sacerdotes e pastores em seus relatórios. Isso posto, nos momentos em que as tropas se encontravam em marcha para o combate ou em linha de frente, os capelães frequentemente enfrentavam dificuldades para prestarem seus serviços.

Nesse panorama, tanto na presença quanto na ausência dos capelães, objetos sagrados assumiram um papel significativo para os combatentes brasileiros, atuando como portadores de consolo, proteção e reafirmação da fé, especialmente diante da chance de morte. No caso dos soldados católicos, muitos dos objetos religiosos portados faziam referência a algum santo. De acordo com Oscar Calavia Saéz o culto aos santos encontra-se fincado no sentimental e no privado, sendo traçado sobre algum caráter de afinidade: “o devoto escolhe um sujeito entre outros. O escolhe por razões muito variadas: é o santo de sua cidade ou profissão; ou ele costuma se ocupar de tal ou qual aflição; ou os feitos de sua vida indicam que poderia se

interessar por essa aflição concreta que o devoto padece”.<sup>456</sup> Estas formas de devoções se relacionam com a religiosidade popular, anteriormente explorada.

Durante os meses de campanha os objetos de caráter religioso, como imagens ou orações de santos, assumiram um simbolismo ainda mais significativo, à semelhança dos sacramentos e das ações litúrgicas, como as procissões realizadas pelos combatentes da FEB. Nesse contexto, a pesquisadora Adriane Piovezan avalia: “Seu poder de proteção contra a morte ou, caso acontecesse o pior, de garantia de que estaria tendo uma boa morte por portar tal objeto, pode ser interpretada pela dimensão do sagrado.”<sup>457</sup> Nesse panorama, o sagrado é caracterizado por uma alteração da percepção, enquanto dota-se de transcendência o paradoxo a ser observado. Nesse sentido, o sagrado pode ser qualificado com atributos autênticos e operantes de uma vivência interna e pessoal.<sup>458</sup>

Nas pesquisas de Mircea Eliade sobre o fenômeno religioso, a manifestação da esfera do sagrado pode ser observada através do conceito de hierofania, isto é, o processo de construção do mundo a partir da interação entre o indivíduo religioso e a cosmogonia.<sup>459</sup> Sob essa consideração, a expansão da percepção ocorrida quando há uma interferência do sagrado no âmbito profano gera uma espécie de "elevação da consciência" em direção a uma realidade de natureza espiritual e divina, a qual se relaciona com o indivíduo, permitindo-lhe vislumbrar a experiência da irrupção do sagrado em sua própria vida. Em suma, a hierofania é um epifenômeno que se apresenta a um indivíduo, influenciando-o a manter ou transformar suas crenças religiosas.<sup>460</sup>

Adriane Piovezan, em sua pesquisa sobre o entendimento das atitudes diante da morte no Brasil Contemporâneo, com enfoque nas práticas funerárias dos brasileiros mortos durante a Segunda Guerra Mundial, aponta a presença de objetos religiosos nos corpos de praticamente um terço dos cadáveres de soldados brasileiros (32,17%), sendo estes, em sua grande maioria, de origem cristã.<sup>461</sup> A esse respeito, Michael Snape revela que os oficiais britânicos, além de portarem objetos religiosos, encorajaram seus pares a aderir à prática. Estes, geralmente, explica Snape, tinham a religiosidade institucional bastante enraizada em sua origem familiar e

---

<sup>456</sup>SÁEZ, Oscar Calavia. O que os santos podem fazer pela antropologia? *Revista Religião e Sociedade*, Relig. soc. vol.29 no.2 Rio de Janeiro 2009 Disponível em <https://www.scielo.br/j/rs/a/rmXN6Px4wVXD6zXSktFxZk/>

<sup>457</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.165-166.

<sup>458</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.166.

<sup>459</sup>ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*, São Paulo: Martins Fontes, 2ª edição, 2008, p.17

<sup>460</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.166.

<sup>461</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.166.

peçoal.<sup>462</sup> O autor ainda esclarece que a linha que separa o objeto religioso de um amuleto é muito tênue, ou seja, um terço, ou a imagem de um santo, poderiam ser utilizados pelos soldados como um objeto de proteção.<sup>463</sup> Os exemplos mencionados anteriormente de cartões comemorativos distribuídos entre as tropas brasileiras, bem como referências à distribuição de liturgia religiosa, e de terços nos relatórios dos capelães demonstram uma farta distribuição de artefatos religiosos entre as tropas da FEB.

Adriane Piovezan lista os principais objetos que foram encontrados nos corpos dos soldados brasileiros pelo P.S., são eles: dinheiro (com a especificação das quantias e origem do papel moeda), fotos, medalhas religiosas, cartas, estampas de santos, cartão de identificação, crucifixos, orações, quadros religiosos, rosários, imagens santas, relíquias religiosas, bíblias, etc.<sup>464</sup> A respeito dos corpos em que nenhum objeto foi encontrado, seja este religioso ou não, Adriane estabelece uma diferença entre os casos em que isso fora consequência da vontade do indivíduo tombado, e os casos em que isso decorreu da maneira em que este corpo fora encontrado, como aqueles que foram recuperados e sepultados muito tempo após sua morte. Segue a tabela feita pela autora de objetos encontrados nos mortos da FEB:

Tabela 5 – Objetos encontrados com os mortos DA FEB:  
(Continua)

Objeto	Ocorrências mais frequentes
Chapa de identificação	333
Objetos diversos	187
Nada	175
Dinheiro	144
Fotografias	116
<b>Medalhas religiosas</b>	<b>84</b>
Correspondência	59
Carteira	51

<sup>462</sup>SNAPE, 2007. *Op. Cit.*, p.240.

<sup>463</sup>SNAPE, 2007. *Op. Cit.*, p.35.

<sup>464</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.141. Segundo a autora, as estampas de santos se referem aos “santinhos”, comuns até os dias de hoje. Nestes impressos, aparece, na parte frontal, a imagem do santo, e, na parte posterior, é geralmente impressa uma oração. Já os quadros religiosos, também em papel, normalmente são compostos por uma imagem do santo, acompanhada de uma pequena moldura. Já as imagens de santos, comenta a autora, normalmente são de metal e tridimensionais. PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.174-175.

<b>Estampas de Santos</b>	<b>47</b>
Cartão de identificação	43
<b>Crucifixos</b>	<b>34</b>
<b>Orações</b>	<b>32</b>
<b>Quadros religiosos</b>	<b>31</b>
Anel	30
<b>Manual de Orações</b>	<b>27</b>
Relógio	27
Recibo Banco do Brasil	24
<b>Rosários</b>	<b>23</b>
Corrente	21
Registro de Vacina	20
Caneta	19
Canivete	15
<b>Imagens Religiosas</b>	<b>11</b>
Telegrama	10
<b>Relíquias religiosas</b>	<b>9</b>

Fonte: PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.

Na obra da autora, são comentadas as particularidades de cada objeto encontrado, utilizando-se de exemplos de relatórios de indivíduos. Neste momento, analisa-se a questão dos objetos religiosos que os soldados portavam ao morrerem, buscando compreender suas devoções individuais.<sup>465</sup> Nesse sentido, um caso chama atenção:

O 2º. Sargento José Pessoto Sobrinho de Limeira (SP) morreu em um acidente de Jeep no dia 10 de março de 1945 em Porretta Terme. Ele era católico, branco, tinha 30 anos e estava lotado no Quartel-General da 1ª. DIE. Além das 42 medalhas religiosas, ele tinha também nada menos de 13 rosários, um crucifixo, 13 orações, 5 relíquias religiosas, 54 quadros religiosos, um porta terço, uma fita da congregação católica e um quadro religioso de louça. Além de um considerável acervo de 138 objetos religiosos ele também carregava

<sup>465</sup>Para maiores informações ver: PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*

ambas as chapas de identificação, alfinete com medalha, 2 diários, 9 vistas de Roma, 4 anéis, 2 aros para óculos, 3 lentes para óculos escuros, lapiseira, escova, torre de Pisa, álbum de Nápoles, 1 livro "O oceano", livro "Episódios de Guerra", 5 conchas de ostra, um cartão de identificação, 10 cartas e 16 fotografias.<sup>466</sup>

A autora pontua que o número e a diversidade de objetos encontrados neste corpo eram incompatíveis com os encargos típicos do *front*, assim sendo, somente indivíduos que desempenhavam funções típicas da retaguarda conseguiriam carregar, confortável e permanentemente, tais objetos. Nesse contexto, o porte de artefatos religiosos por *febianos* em serviço pode, e deve ser entendido, como uma escolha do ponto de vista operacional. Os soldados da linha de frente, tendo que carregar consigo armamentos, equipamentos e munições, teriam espaço apenas para carregar consigo o essencial. Ou seja, os objetos religiosos encontrados nos indivíduos que morreram nas linhas de frente encontram-se inseridos no limitado círculo de elementos fundamentais para aquele indivíduo. Sendo assim, apenas um número reduzido de soldados carregava uma quantidade desproporcional desses objetos religiosos.<sup>467</sup>

Em consoante com a autora, objetos religiosos como estampas de santos e medalhas eram artefatos que recorrentemente eram utilizados pelos militares mais expostos aos combates, devido a sua portabilidade, durabilidade e até mesmo distribuições gratuitas: “O que se pode concluir é que o típico portador de Quadros Religiosos é, na maioria dos casos, um infante que atua na linha de frente, ou em apoio direto a ele”.<sup>468</sup> Estes objetos menores, e fáceis de carregar, permitiam a um único indivíduo o porte de uma coleção destas.<sup>469</sup> Estes objetos podem ser entendidos como uma mediação entre o sagrado e o material, nesse sentido, seu porte poderia significar um milagre de sair vivo, ou ainda sem ferimentos. De acordo com a pesquisadora, as estampas mais encontradas nos corpos de brasileiros eram as de Santo Antônio de Pádua, da Sagrada Família, e de Maria. Estas, normalmente, de origem italiana, contavam com impressão colorida, o que as diferenciam das estampas levadas pelos capelães brasileiros, que, além de serem poucas, eram mais simples em relação à qualidade do material.<sup>470</sup>

<sup>466</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.176. A autora pontua que o número e a diversidade de objetos encontrados neste corpo eram incompatíveis com os encargos típicos do *front*, assim sendo, somente indivíduos que desempenhavam funções típicas da retaguarda conseguiriam carregar, confortável e permanentemente tais objetos.

<sup>467</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.178

<sup>468</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.185.

<sup>469</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.180.

<sup>470</sup>PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.178-179.

Figura 36 - Imagem de Santo levada por soldados ao *front*



Fonte: PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.179.

Figura 37 - Estampa de Santo Antônio de Pádua



Fonte: PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.183

No credo católico, o único mediador entre Deus e o homem é Cristo. Nesse contexto, os santos atuam como intercessores. Logo, no catolicismo, as imagens não são objetos de salvação, pois somente Cristo tem o poder de salvar. Nesse sentido, os santos, que não são oniscientes, conseguem, graças a sua visão beatífica, oriunda de sua proximidade com Deus,

tomar conhecimento das orações dos homens, e por eles intercederem. Portanto, do ponto de vista teológico, os objetos religiosos como os santinhos não são considerados como talismãs ou amuletos, pois o papel no qual a imagem fora impressa, ou a madeira ou pedra na qual as imagens foram esculpidas não tem poder algum. Esses objetos religiosos servem como instrumentos de recordação da figura santificada, para que através deles as pessoas possam fazer suas preces. Assim, o porte de imagens em si não possui eficácia intercessora, mas sim as orações dirigidas àqueles representados nessas imagens. No entanto, a religiosidade popular dos soldados podia conduzi-los a acreditar que essas imagens possuíam um poder especial e intercessor, estando intimamente relacionadas com suas vidas cotidianas e necessidades. Nesse sentido, eles atribuíam uma interpretação mais subjetiva e emocional a esses objetos, estabelecendo uma conexão íntima com suas experiências pessoais e crenças.

Figura 38 - Medalha devocional encontrada em um poço de resíduos da FEB em Pisa



Fonte: Cortesia do grupo WW2 Tuscany Hunters.

Um outro objeto religioso encontrado mencionado nos relatórios do Pelotão de Sepultamento da FEB são os crucifixos, maior símbolo iconográfico cristão.<sup>471</sup> Este objeto, de acordo com Michael Snape, era carregado por soldados britânicos protestantes e católicos, como um amuleto.<sup>472</sup>

<sup>471</sup>Verbete Crucifixo, POEL, Francisco Van der. **Dicionário da Religiosidade Popular**, Curitiba: 2013, p. 275

<sup>472</sup>SNAPE, 2007. *Op. Cit.*, p.42.

Figura 39 - Crucifixo encontrado em um dos acampamentos da FEB



Fonte: Cortesia do grupo WW2 Tuscany Hunters.

No caso dos soldados brasileiros, o porte dos crucifixos era condizente com o que era recomendado pelo Manual de Orações do Soldado Brasileiro, o qual também era encontrado nos objetos pertencentes aos corpos dos soldados. Em comparação a outros Manuais de Orações, este Manual específico podia ser caracterizado por seu tamanho reduzido (78 páginas, em contraste com as 432 páginas do Orae).<sup>473</sup> Esse tipo de impresso fazia parte de uma tradição religiosa com características catequéticas.

---

<sup>473</sup>ORAE Manual completo de orações e instruções religiosas, Lisboa, Ed J Steinbrener, 1939.

Figura 40 - Manual de orações do soldado



Fonte: PIOVEZAN, 2014a, *Op. Cit.*, p.192.

Publicado pela editora Vozes, este manual, predominantemente textual, foi organizado pelo Major Cláudio de Paulo Duarte, da União Católica dos Militares em junho de 1944. Em sua capa, não existe qualquer elemento religioso, mas a estampa do brasão da República do Brasil e a inscrição do Ministério da Guerra. No Manual de Orações do Soldado Brasileiro, a primeira oração, intitulada “Orações Diárias”, é acompanhada por uma ilustração de um Arcanjo no início da página. Desde o início, a oração destaca o papel do soldado, sua missão de salvar a Pátria e a ameaça constante de morte que enfrenta. Por isso, as preces são apresentadas de forma concisa, levando em consideração a limitação de tempo dos soldados durante suas missões. O manual também enfatiza que os soldados devem recitar as orações sempre que encontrarem momentos de repouso e calma entre as lutas. Além disso, o manual inclui a oração da manhã e da noite, assim como o subtítulo “Verdades principais a crer”, que traz conteúdo catequético.<sup>474</sup>

Além das orações já mencionadas, o Manual de Orações do Soldado também aborda os sacramentos do credo católico, como pode ser observado neste trecho: “Tiveste a desgraça de

---

<sup>474</sup>PIOVEZAN, Adriane. Literatura religiosa nas trincheiras: O “Manual de Orações do Soldado Brasileiro”. *História, histórias*, v. 2, n. 4, p. 102-118, 2014b. 105-106

pecar gravemente? Faze logo o ato de contrição, pede perdão e logo que possas, corre a um Padre e confessa-te. Louvado seja Deus.”<sup>475</sup> Esse trecho revela a interseção entre as devoções e orações individuais de cada soldado e a ação dos capelães. O manual oferece orientações para uma boa confissão, considerando a busca pelo sacramento no limiar do combate.<sup>476</sup> Em relação ao sacramento da comunhão, o manual também inclui um adendo que trata da possibilidade de receber a eucaristia fora da Santa Missa. Devido ao cotidiano caótico do *front*, muitos soldados receberam a comunhão sob essas condições. Além disso, o manual apresenta um tópico focado no Ato de Aceitação da Morte. Nesse sentido, percebe-se que a publicação tem o propósito de sistematizar as orações, destacando apenas o essencial para o contexto no qual seus leitores estavam inseridos, considerando as dificuldades e desafios enfrentados pelos soldados em meio à guerra.<sup>477</sup>

Neste manual, é possível notar referências ao inimigo, enfatizando o dever do soldado de vencê-lo em combate. No entanto, após a batalha, em momentos de tranquilidade, o papel do cristão é destacado quando o soldado é encorajado a aliviar e confortar os feridos, independentemente de quais religiões fossem adeptos. O manual aborda duas situações específicas: se o inimigo ferido for católico, fala-se a ele sobre Maria; caso contrário, fala-se sobre Jesus. A possibilidade de realizar um batismo em combate é mencionada, caso o inimigo protestante deseje se tornar católico no momento da morte, sendo necessário que o soldado retorne à página 26 para realizar o procedimento.<sup>478</sup>

Há também instruções e orações para a hora da morte, incluindo o ato de retirar o terço do bolso (como o próprio Frei Orlando o fez, no momento de sua morte). Além disso, o manual oferece conselhos sobre a preparação do soldado para o combate, dividida em três etapas: comunhão espiritual, realização do sacrifício e aceitação da morte. Dessa forma, o manual enfatiza o patriotismo, destacando que a morte na luta pela pátria é considerada uma boa morte para um cristão. Na última parte do Manual de Orações, encontramos a oração de Duque de Caxias. Sua presença no manual pode ser interpretada como uma tentativa de mitificação do personagem, uma vez que os eventos históricos da Guerra do Paraguai, na qual o Duque se destacou, não possuem nenhuma relação direta com a Segunda Guerra Mundial, contexto em que os soldados brasileiros atuaram.<sup>479</sup>

---

<sup>475</sup>PIOVEZAN, 2014b, *Op. Cit.*, p.106.

<sup>476</sup>PIOVEZAN, 2014b, *Op. Cit.*, p.107

<sup>477</sup>PIOVEZAN, 2014b, *Op. Cit.*, p.108

<sup>478</sup>PIOVEZAN, 2014b, *Op. Cit.*, p.109.

<sup>479</sup>PIOVEZAN, 2014b, *Op. Cit.*, p.110.

O Manual de Orações do Soldado Brasileiro revela-se uma fonte rica de informações não apenas sobre a dimensão da religiosidade dos combatentes, mas também sobre as relações entre a Igreja e o Exército durante o período em questão. Sua abrangência em termos de descrição e instrução das ações a serem tomadas pelos soldados no *front* torna-o uma fonte valiosa para entender a religiosidade dos combatentes da FEB.<sup>480</sup> Esses manuais tinham o propósito de disseminar práticas e comportamentos em conformidade com o catecismo da Igreja Católica, principalmente em relação às devoções e atitudes do indivíduo diante da iminência da morte. O objetivo principal era buscar a redenção da alma do fiel/soldado. No entanto, é importante ressaltar que nem sempre esses livros ou objetos religiosos foram utilizados com esse propósito. Muitos soldados os também como talismãs protetores. Alguns exemplos da utilização de objetos religiosos como talismãs podem ser encontrados na biografia do Capelão Joaquim Jesus Dourado

Faz poucos dias, um soldado do 6º Regimento foi atingido pelo sopro de uma granada de morteiro alemão. Atingido pelo sopro, é o caso. Sim, porque os estilhaços passaram, cortantes, sem lhe tocarem o corpo. Ele sentiu, porém, passado o choque, que o capote estava furado. Pensou então que estivesse ferido. Tirou o capote. Correu a vista pelo corpo. Nem sinal de sangue. Notou, porém, alguma coisa num dos bolsos. o livrinho de orações estava volumoso demais para o seu tamanho normal. Abriu-o. Dentro dele, um enorme estilhaço de granada ainda quente, como se estivesse marcando alguma oração. Reconhecido, o soldado, dias depois, beijava o seu livrinho, sem se lembrar, talvez, ou sem saber que, se o trouxera para a guerra [...] à hora da missa, quando eles vêm de algum ponto de responsabilidade e perigo, vejo com meus olhos de sacerdote como estão usados os livrinhos de nossos compatriotas. Em horas sem fim, de espera, tendo perto o sentinela, que corre a vista em tudo, para o lado das posições inimigas, o nosso pracinha arranca do bolso o irmão de sua alma. Abre-o, lê e se sente feliz, porque reza. [...] Quantas vezes, também, não apalpou o soldado o bolso blusa ou do capote, para se certificar da presença do providencial amigo, ao sair em patrulha, dentro de noites cheias de sombras e surpresas horríveis!<sup>481</sup>

E continua, desta vez narrando a importância dada a uma imagem de Nossa Senhora Aparecida pelo capelão João Cavalcante:

No Brasil, (o Pe. João Cavalcante) adquirira uma pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida, que atravessou com ele os mares, e era transportada de monte em monte em seu bernal de campanha [...] um dia, chamaram-no para

<sup>480</sup>PIOVEZAN, 2014b, *Op. Cit.*, p.111 O Inventário de Objetos do soldado morto também o conhecimento a respeito dos pertences dos falecidos, os quais posteriormente seriam enviados a seus familiares, e estes documentos também expressão o forte vínculo dos soldados com o universo religioso: até mesmo no caso de soldados que, na hora de sua morte, não portava nenhum objeto, diversos livros religiosos, orações, imagens e outros objetos de cunho religioso faziam parte de seus pertences.

<sup>481</sup>DOURADO, 1972, *Op. Cit.*, p. 86-87.

a celebração da santa missa em ponto onde os soldados sentiam, de modo brutal, os ataques do frio apunhalante. Escolheram, para a cerimônia, o pátio de uma casa desocupada. Tudo, ali, indicava que estavam a salvo de qualquer surpresa. Começou o santo sacrifício. O silêncio em torno era perfeito. Lá fora, no programa de um dia de guerra, repetiam-se explosões espaçadas. As frentes inclinadas para o chão úmido, os joelhos fincados em terra, os assistentes rezavam com fervor. Tudo se passava em absoluta ordem, quando, de repente, ouviram-se estampidos próximos. Outras explosões se repetiram sacudindo a casa. Uma granada passou raspando as telhas, e detonou, com estrondo indizível. perto do grupo, já todo em posição instintiva de defesa, colado ao chão pegajoso. Por sorte, nesse tempo, a missa chegara ao fim. O padre tomou a imagem nas mãos, desejoso de morrer naquele instante em que o Senhor ainda estava em seu peito na presença eucarística, morrer abraçado à imagem da Rainha do Céu por quem havia de ser recebido gloriosamente. Mas, ao tomar a Imagem nas mãos que acabavam de unir o céu à terra, eis que um sopro violento o atira ao chão. Um petardo mortífero explodira, perto... Fora salvo o padre, mas a imagem da Virgem ferira-se nas pedras, mutilando as mãos, arranhando o rosto, cobrindo de pó a pintura do manto. Quase chorando, levantou-se o homem de Deus. Tomou a estátua sofredora e levou-a aos lábios, enternecedoramente. Ao descer esse padre-soldado a escada do navio que o trouxe de volta, no Brasil, saltou com ele, envolvida na bandeira do SAR, a imagem-soldado, que regressava da guerra, sem os dedos mutilada.<sup>482</sup>

Esses relatos evidenciam o elevado grau de importância que os objetos religiosos assumiram para os soldados brasileiros durante a Segunda Guerra. Um soldado, ao ser atingido por um estilhaço quente de granada, descobriu que seu livrinho de orações, que sempre carregava consigo, o protegeu do impacto. O capelão Joaquim Dourado observa que os livrinhos de oração dos soldados estão desgastados, corroborando os dados de Adriane Piovezan sobre a presença comum desses objetos nos bolsos dos soldados, especialmente os da linha de frente. Esse episódio destaca novamente o caráter de "amuleto" que esses objetos assumiram durante a guerra, conferindo uma sensação de proteção aos combatentes.

Além disso, a história do Capelão João Cavalcante e sua imagem de Nossa Senhora Aparecida revela a poderosa conexão que o padre tinha com esse objeto durante a guerra. A imagem da Virgem o acompanhou em suas jornadas, sendo transportada com cuidado em seu bernal de campanha. Quando o perigo se aproximou do altar onde celebrava a missa, o padre abraçou a imagem de Nossa Senhora Aparecida, esperando a morte. Embora tenha sobrevivido, a imagem ficou danificada pelas pedras, simbolizando o retorno da guerra com as marcas dos perigos enfrentados. Essa história ilustra a profunda devoção do padre João Cavalcante e a crença em receber proteção através da intercessão de Nossa Senhora Aparecida.

Por fim, é crucial ressaltar que os soldados enfrentavam múltiplos inimigos durante os dias de batalha. Além das tropas inimigas, eles também lutavam contra os elementos da

---

<sup>482</sup>DOURADO, 1972, *Op. Cit.*, p. 162-164.

natureza, uma vez que estavam constantemente expostos às intempéries do tempo. Ademais, estes travavam uma batalha contra um inimigo invisível e intocável: o medo, a insegurança e a ansiedade, que representavam desafios adicionais a serem superados na dura realidade do combate. Da perspectiva do combatente, era fundamental lutar contra estes inimigos apenas com o que este pudesse transportar consigo. Os soldados na linha de frente sempre refletiam sobre a utilidade dos objetos que carregavam em relação ao peso que representavam e à frequência de uso. Nesse contexto, o fato de os soldados portarem objetos religiosos, independentemente de sua natureza, demonstra o quanto esses objetos eram valorizados por eles em meio às adversidades da guerra.

#### 4.5 REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA DA FEB

Sobre o fim da guerra, escreve Floriano de Lima Brayner:

Parecia um sonho eliminar os alemães das nossas cogitações. Não pensar mais na forma de os destruir e, ao mesmo tempo, na de evitar ser destruído por eles. Aquela vida semi-selvagem escoando-se entre ruínas, buracos, trincheiras, ameaças permanentes de morte, noites sem luz, ruídos de combate ou silêncios angustiosos, chegara ao seu final.<sup>483</sup>

No dia 2 de maio de 1945, o comando do V Exército norte-americano deu por encerrada a campanha. Com a morte de Benito Mussolini e de Adolf Hitler e a retirada de muitos Chefes alemães, aconteceu a rendição das poucas tropas que restavam do 14º Exército Alemão, não havia mais o inimigo a combater: “Toda a tropa da Divisão Brasileira recebeu a comunicação com alegria, sem cometer excessos, passando a pensar em termos de regresso ao Brasil”.<sup>484</sup> Os brasileiros que lutaram no teatro de operações italiano encontravam-se vitoriosos, e livres da guerra, que terminava para eles. No dia 8 de maio de 1945, o Dia da Vitória, cessaram-se, definitivamente, as operações de guerra. Uma vez encerrados os compromissos que levaram os brasileiros a atravessarem o Atlântico, não havia mais motivo para sua permanência em solo europeu. Sua missão foi cumprida, a despeito dos desafios que marcaram a trajetória da FEB, desde sua criação. Durante a guerra, 443 brasileiros foram mortos. Destes, 364 foram mortos em ação. 1577 foi o número de feridos de combate. Seus corpos repousaram no Cemitério

---

<sup>483</sup>BRAYNER. *Op. Cit.*, p. 504.

<sup>484</sup>BRAYNER. *Op. Cit.*, p.506.

Militar Brasileiro, em Pistoia, juntamente com 8 militares da FAB, e 40 alemães, antes de serem exumados, e trazidos ao Brasil.<sup>485</sup>

Em honra aos tombados, de acordo com Mascarenhas de Moraes, fora realizada, no dia 11 de maio de 1945, às 10:00, uma missa na Igreja Madona Della Salce, catedral de Alessandria. Compareceram à cerimônia os generais Mascarenhas de Moraes, Zenóbio da Costa, Cordeiro de Faria e Falconière da Cunha, o chefe do E.M., coronel Floriano Brayner, e todos os oficiais do Quartel General da 1ª D.I.E, os comandantes de Corpos e Unidades e grande número de oficiais da Divisão. Representando a tropa, assistiram à celebração um décimo de seus efetivos. A missa foi celebrada pelo capelão-chefe do S.A.R. João Pheeny da Silva, acolitado pelo capelão Francisco Leite e Pe. Inocêncio. O púlpito foi ocupado por Frei Alfredo Setaro.<sup>486</sup> Além deste relato, os relatórios dos capelães da FEB, como o do Pe. Noé Pereira, a seguir, constam a realização de outras atividades neste período:

O SAR devia por um convite oficial, pedir a todos os capelães, viessem ao nosso cemitério de Pistoia, com delegação de suas respectivas unidades, celebrar uma missa como despedida oficial aos nossos, que aqui ficam. De minha parte, pretendo, depois da transplantação dos corpos dos outros cemitérios para o de Pistóia, celebrar uma missa no campo santos sufrágio de todos, além disto, espero celebrar uma missa em sufrágio da alma de nosso colega Frei Orlando, e depois em própria sepultura proceder a “absolutio super tumulum”.<sup>487</sup>

---

<sup>485</sup>MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p. 227

<sup>486</sup>MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p.234

<sup>487</sup>Relatório enviado pelo capelão Noé Pereira em 10 de maio de 1945. Pasta Serviço de Assistência Religiosa, Relatório dos capelães da: A.D. E 3º Grupo; 2º grupo, 4º grupo, 1º R.I., 6º R.I., 11º R.I. Caixa n° 355, Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

Figura 41 - Missa no cemitério de Pistóia



Fonte: Biblex<sup>488</sup>

Entre os meses de maio e junho, além das celebrações, encontros e entrega de condecorações, foram iniciados os preparativos para o retorno ao Brasil. O 1º Escalão, sob o comando de Zenóbio da Costa, constituído de 4931 expedicionários partiu de Nápoles no dia 6 de julho, e chegou ao Brasil no dia 18 do mesmo mês. O Escalão “A” partiu da Itália no dia 12 de julho, chegando ao Rio de Janeiro no dia 3 de agosto. O Escalão “B” partiu de Nápoles no dia 26 de julho de 1945 e aportou nas águas brasileiras no dia 13 de agosto.<sup>489</sup>

De acordo com Francisco Ferraz, o desempenho da FEB em combate pode ser equiparado ao das melhores unidades envolvidas na frente italiana. Segundo o autor, erros são costumeiros em tropas novatas, e esta não foi uma característica única das tropas cujo brasão é a cobra fumando. Na análise de Francisco Ferraz, o aprendizado das tropas foi rápido, e eles se saíram bem, dentro de suas próprias limitações. Todavia, qual é o balanço a respeito dos capelães que acompanharam estes soldados?

O SAREx, que havia sido extinto oficialmente desde a Proclamação da República, ressurgiu em 1944, com o objetivo de acompanhar e prestar assistência religiosa aos soldados brasileiros que se preparavam para partir e combater em solo italiano. Os sacerdotes e pastores brasileiros passaram por períodos distintos de treinamento e adaptação à nova função, iniciando

---

<sup>488</sup>Disponível em: <http://www.bibliex.eb.mil.br/>; Acesso em 03 de julho de 2023.

<sup>489</sup>MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p. 242.

suas atividades enquanto as tropas ainda estavam em treinamento no Brasil. Essas atividades continuaram durante a travessia do Atlântico e se estenderam até o fim da Segunda Guerra Mundial. Para compreender a atuação dos capelães nos campos de batalha, foi essencial a análise dos relatórios dos próprios capelães da FEB, mas também é necessário lançar luz sobre as perspectivas daqueles que buscavam seus serviços, sejam elas elogiosas ou críticas. Essas informações revelam os desafios e problemas enfrentados pelos capelães, sob a ótica daqueles que buscavam sua assistência. A este respeito, escreve o Dr. Ary Duarte Nunes, Médico Chefe, no dia 21 de maio de 1945:

O S.A.R. no Teatro de Operações foi eficiente, produtivo e indispensável e, [...] sob minha Chefia, nos vários hospitais americanos a que estivemos anexados, foi de grande proveito não só aos feridos, doentes e moribundos como, também, ao pessoal efetivo do Grupo. Sob a Chefia do padre ENZO DE CAMPOS GUSSO, sacerdote que, embora moço, impoz-se pela sua inteligência, fé e dedicação, sempre com uma palavra de carinho [...] meu Boletim de encerramento da seccão, não perderei a oportunidade de, com justiça, louvar os seus méritos. O S.A.R. em tempo de paz, é um serviço que há muito devia existir em nosso Exército e a atual guerra veio comprovar a sua necessidade.<sup>490</sup>

No dia 22 de dezembro de 1944 escreveu José Machado Lopes:

Inestimáveis são os serviços prestados ao Btl. pelo Capelão NILO KOLLET, não só no que diz respeito à assistência religiosa propriamente dita, como também na que se refere a questão educacional dos nossos soldados. A única sugestão a apresentar é que lhe seja fornecido um meio de transporte próprio (JEEP) para que melhor possa atender seus misteres, uma vez que o Btl. se encontra sempre com suas Cias dispersas em toda a zona de ação da Divisão. Cumpre-me ressaltar as qualidades excepcionais do nosso Capelão que o levam muitas vezes a pernoitar com as Secções mais avançadas, em lugares demasiadamente expostos, e a exercer o seu ofício religioso, várias vezes durante o mesmo dia, em locais bastante distanciados, sob a inclemência das peores condições atmosféricas, sempre pronto a servir a Deus no amparo espiritual com que atende solicitadamente todos os elementos.<sup>491</sup>

Sobre a atuação do capelão Jorge Brito, escreve o Ten. Cel. médico Bonifácio Antônio Borba: “Sempre solícito para atender todos os casos para os quais é chamado, mesmo durante à noite, como aconteceu nos dias dos combates do Morro do Castelo, vem demonstrando uma verdadeira compreensão do seu nobre e elevado dever.”<sup>492</sup> Além dos elogios já mencionados aos sacerdotes por parte dos oficiais do Exército, há uma ampla gama de outros relatos positivos

<sup>490</sup>Pasta: Serviço de Assistência Religiosa: Documentos recebidos 1944-1945b do: Pel. De Sepultamento, 1ª Cia de Manutenção, Serviço de Saúde, 5 B.B., 9º B.E., 1º B.S., Gabinete do Ministro. 1944-1945b. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Visita realizada em 15 de março de 2023.

<sup>491</sup> Pasta: Serviço de Assistência Religiosa: Documentos Recebidos, 1944-1945b, *Op. Cit.*

<sup>492</sup> Pasta: Serviço de Assistência Religiosa: Documentos Recebidos, 1944-1945b, *Op. Cit.*

sobre a atuação deles. No entanto, vale ressaltar também os comentários do Major Olívio Uzêda do 1º Batalhão, que oferecem uma perspectiva diferenciada e digna de atenção:

O S.A.R. foi de grande proveito para o meu Btl. durante a campanha agora finda., contribuindo grandemente para o conforto moral dos meus comandados. [...] Este trabalho não foi mais útil: 1) Pela ausência da adaptação prévia do religioso civil ao capelão militar. 2) Pela ausência de uma documentação adequada que os orientasse. 3) Pela falta de auxílio dos Serviços Especiais da FEB que jamais forneceu ao capelão desse Btl. os recursos necessários e indispensáveis à distração dos soldados, tais como revistas, livros, bolas, instrumentos musicais.<sup>493</sup>

O relato do Major Olívio destaca que a presença dos capelães foi de grande benefício para o seu batalhão durante a campanha. No entanto, o oficial também aponta algumas questões que limitaram a efetividade de seu trabalho. A primeira limitação mencionada é a ausência de adaptação prévia do religioso civil ao papel de capelão militar. Isso sugere que os capelães não estavam familiarizados o suficiente com as particularidades e demandas do ambiente militar, o que pode ter prejudicado sua atuação. A segunda limitação é a falta de documentação adequada que orientasse os capelães em suas atividades. A ausência desse suporte pode ter dificultado o planejamento e a execução de suas tarefas, limitando sua eficácia. A terceira limitação mencionada é a falta de auxílio dos Serviços Especiais da FEB, que não forneceram os recursos necessários para distração dos soldados, como revistas, livros, bolas e instrumentos musicais. Esses recursos podem ter um papel importante na manutenção do bem-estar moral dos soldados, e sua ausência pode ter comprometido o trabalho dos capelães nesse sentido. No geral, o relato destaca o valor da presença dos capelães para o conforto moral dos soldados, mas também aponta algumas deficiências que limitaram sua efetividade, como a falta de adaptação prévia, documentação adequada e recursos disponíveis. No mais, o Major Olívio afirma ser a favor da continuação do S.A.R. em tempos de paz.

O Coronel Aguinaldo Caiado de Castro, do Regimento Sampaio, faz observações elogiosas sobre a atuação do S.A.R., porém, também identifica aspectos desse serviço que precisam de aprimoramento:

A opinião pessoal do Comandante do Regimento é que o S.A.R., nos moldes atuais aprovou muito bem e deve continuar no tempo de paz. Ao S.A.R., em íntima colaboração com o Comando da Unidade, deve ser atribuída a "instrução moral" da tropa. Há, porém, absoluta necessidade de rigorosa seleção moral, física e intelectual dos capelães (católicos e evangélicos) os quais, além disso, deverão fazer, antes, um estágio para adaptação ao novo meio em que irão exercer a sua atividade. Quanto aos capelães católicos,

<sup>493</sup> Pasta: Serviço de Assistência Religiosa: Documentos Recebidos, 1944-1945b, *Op. Cit.*

deverão ter preferência os padres seculares, que no Regimento demonstraram melhor compreender a missão e mais se adaptarem ao meio militar.<sup>494</sup>

Tanto no relato do Major Olívio Uzêda, quanto no do Cel. Aguinaldo de Castro, há menção à importância da adaptação prévia dos capelães ao ambiente militar. Ambos os oficiais indicam que essa adaptação é necessária para que os capelães possam desempenhar adequadamente suas funções. O segundo relato enfatiza ainda a importância da seleção rigorosa dos capelães, levando em consideração critérios morais, físicos e intelectuais.

O Major Cândido Alves da Silva, em 2 de janeiro de 1945, destaca o conhecido problema de transporte enfrentado pelos capelães, afirmando: “Para a sua locomoção e ajudância nessas diversas atividades, empenho-me em afirmar a necessidade de lhe ser distribuída uma viatura, ¼ Ton. e um ajudante em condições de lhe acompanhar também no sacrifício da missa.”<sup>495</sup> O Coronel Comandante Geraldo da Camino, em dezembro de 1944, também ressalta a mesma questão: “O serviço religioso desta Unidade carece de condução, o que dificulta ao Capelão a sua locomoção para a assistência religiosa nas diversas sub-unidades, quase sempre distante umas das outras.”<sup>496</sup>

Para além da documentação presente no AHEx, existem diversos relatos de oficiais e combatentes sobre a atuação do S.A.R., que oferecem diferentes perspectivas sobre o serviço religioso nas Forças Armadas. Sobre os capelães escreve o Gen. Ruy Leal Campello: “Sofremos constantes bombardeios e tivemos sempre o apoio do nosso padre capelão, no conforto espiritual e material à tropa, pois sempre dava um jeito de nos arranjar um bom vinho.”<sup>497</sup> O Cel. Ermani Ferreira Lopes pontua:

Dos padres eu tive contato com o Frei Alfredo, que era muito bom; quando ele reunia o Pelotão numa hora que podia conversar, falava em sexo, doença venérea, abordava todas as questões. Já o Padre Eloi parecia ter um par de asas; não se podia falar certas coisas perto dele; não tinha aquele contato como o Frei Alfredo.<sup>498</sup>

O Cel. Jurandir Loureiro Accioli comenta: “No que se refere ao apoio religioso, para mim, praticamente não existiu, porque eu vivia lá na frente numa pequena fração; não havia

<sup>494</sup>Pasta: Serviço de Assistência Religiosa: Documentos Recebidos, 1944-19450b, *Op. Cit.*

<sup>495</sup>Pasta: Serviço de Assistência Religiosa: Documentos Recebidos, 1944-19450b, *Op. Cit.*

<sup>496</sup>Pasta: Serviço de Assistência Religiosa: Documentos Recebidos, 1944-19450b, *Op. Cit.*

<sup>497</sup>MOTTA, Aricildes de Moraes. **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, v. 5, 2001e. p. 92

<sup>498</sup>MOTTA, 2001e, *Op. Cit.*, p. 206

tempo, não se podia rezar uma missa ou prestar-se um apoio dessa ordem.<sup>499</sup> O Cel. Eduardo Cavalcanti complementa: “Outro ponto de destaque foi o Serviço Religioso. Tive oportunidade de observar, durante a viagem de ida, a bordo, que as missas eram frequentadíssimas. Durante a campanha não pude observar. Era uma correria louca. Na volta, no navio, a frequência já não foi a mesma.”<sup>500</sup> O relato do Ten. Cel. José Lopes Vieira, vai ao encontro destas narrativas:

Quanto à assistência religiosa, tínhamos de, quando em vez, a visita do capelão. Porém, o que mais nos impressionava e nos comovia era a atitude do nosso soldado. Todas as noites eles se reuniam no *foxhole*, ou numa parte qualquer, para fazer as suas orações, e me chamavam para rezarmos juntos.<sup>501</sup>

“Ainda sobre apoio, devo ressaltar que na 1º ELO não tínhamos assistência de saúde ou religiosa”<sup>502</sup>, é o que comenta o Cel. Iônio Alves, a respeito das Esquadrilhas de Ligação e Observação da FAB, que apoiou a FEB durante a Segunda Guerra Mundial. O Cel. Iporan Nunes de Oliveira descreve ter passado pela mesma situação:

Não posso falar muito sobre os apoios de saúde e religioso, porque praticamente não os utilizamos. Entretanto, no meu Pelotão, no qual existia grande número de mineiros tradicionalmente católicos, ao cair da noite, reuníamos os que não se encontravam de serviço e rezávamos irmanados, hábito salutar que sempre procurei incentivar.<sup>503</sup>

Em suma, os relatos dos oficiais e combatentes apresentam diferentes perspectivas sobre a atuação do Serviço de Assistência Religiosa da FEB. Alguns destacam a importância e o apoio fornecido pelos capelães, como o General Ruy Leal Campello, que menciona o conforto espiritual e material proporcionado pelo padre capelão, e o Coronel Ernani Ferreira Lopes, que relata a abordagem aberta e franca do Frei Alfredo sobre diversos temas. Por outro lado, há relatos, como os do Coronel Jurandir Loureiro Accioly e do Coronel Eduardo Cavalcanti, que indicam a limitação do apoio religioso devido às circunstâncias da campanha e à falta de tempo para práticas religiosas. É interessante notar que, mesmo em situações em que o apoio religioso oficial era escasso, como nas Esquadrilhas de Ligação e Observação da FAB, mencionadas pelo Cel. Iônio Alves, os próprios soldados encontravam formas de expressar sua religiosidade e reunir-se para orações, como descrito pelo Ten. Cel. José Lopes Vieira. No geral, os relatos

<sup>499</sup>MOTTA, 2001e, *Op. Cit.*, p. 153.

<sup>500</sup>MOTTA, 2001e, *Op. Cit.*, p. 218

<sup>501</sup>MOTTA, 2001e, *Op. Cit.*, p. 228

<sup>502</sup>MOTTA, 2001b, *Op. Cit.*, p. 245.

<sup>503</sup>MOTTA, 2001b, *Op. Cit.*, p. 293

destacam a importância do apoio religioso e espiritual durante os tempos de guerra, mas também ressaltam as limitações e desafios enfrentados pelos capelães diante das condições de combate.

A respeito das considerações negativas direcionadas ao Serviço de Assistência Religiosa (S.A.R.) durante a campanha brasileira na Segunda Guerra Mundial, é fundamental destacar os desafios enfrentados pelos capelães em seu trabalho. A falta de treinamento adequado, alvo de críticas direcionadas ao comando que instituiu o SAR, era uma dificuldade comum enfrentada pelos sacerdotes. Muitas vezes, eles não recebiam uma preparação específica para lidar com as demandas e nuances do campo militar. Essa lacuna de conhecimento poderia prejudicar sua eficácia ao prestar seus serviços. Além disso, a análise dos relatórios dos capelães revela que a questão dos transportes afetava diretamente sua disponibilidade para atender às necessidades dos soldados em locais específicos. A escassez de recursos e a priorização dos transportes para fins estritamente operacionais frequentemente resultavam na ausência dos capelães em determinadas áreas, onde sua presença e apoio seriam altamente valorizados.

No entanto, pelas notas elogiosas, sejam estas seguidas ou não de críticas, é possível observar que a Assistência Religiosa desempenhou um papel importante no tratamento da moral dos combatentes durante a participação da FEB no Teatro de Operações Italiano. Os capelães, utilizando ritos e práticas para fortalecer a resiliência emocional dos soldados, ajudaram-lhes a manter-se firmes diante das adversidades. Desse modo, a Assistência Religiosa revelou-se relevante para o bem-estar psicológico e emocional dos soldados, contribuindo para o cumprimento de suas tarefas de guerra. Portanto, a atuação dos capelães foi uma peça importante para a vitória das tropas brasileiras contra o inimigo.

#### 4.6 O PÓS-GUERRA DE PE. FRANCISCO ELÓI E FREI ORLANDO: NOVAS BATALHAS NOS CAMPOS DA MEMÓRIA:

Figura 42 - Missa e bênção aos soldados do 11 R.I.



fonte: A antiga São João Del Rei (*online*)<sup>504</sup>

Após as celebrações pelo retorno vitorioso dos brasileiros à sua terra natal, os combatentes enfim voltaram para seus lares.<sup>505</sup> No entanto, centenas deles jamais retornaram. Entre esses, um capelão, que havia deixado seu claustro cerca de um ano antes, descansava agora ao lado de inúmeros camaradas no silencioso cemitério de Pistoia: Frei Orlando. Seu nome, assim como os daqueles que partiram de cada pequena cidade ou arraial do interior, ou ainda dos movimentados centros das grandes cidades brasileiras rumo à guerra, atendendo ao chamado implacável da estrada e embarcando em uma jornada sem volta, ecoava nos pensamentos de muitos.

Assim como a FEB, que foi dissolvida antes do regresso desses combatentes ao Brasil,<sup>506</sup> o S.A.R. também foi extinto em 1945. Sua dissolução, contudo, já estava prevista nas

<sup>504</sup>A imagem em análise é comumente associada à despedida da Força Expedicionária Brasileira (FEB), conforme destacado por participantes do grupo "A Antiga São João del Rei" no Facebook. Contudo, é importante ressaltar diferenças sutis que a separam de outras fotografias compartilhadas anteriormente, as quais retratam a missa de despedida da FEB. O que verdadeiramente distingue essa foto é a sensação de alegria que contrasta com a tristeza ou ansiedade geralmente presentes nesses momentos. Aspectos delicados desempenham um papel crucial nesse sentido. Entre eles, notamos a presença de bandeirinhas decorando a área circundante à igreja, a imagem de um homem com o braço estendido em um gesto de celebração junto à figura da virgem, e a bandeira dos Estados Unidos, entre outras bandeiras, estrategicamente posicionada nas laterais da entrada principal do templo. A inclusão da bandeira americana pode ser interpretada como um símbolo da vitória aliada e da colaboração da Força Expedicionária Brasileira (FEB) com o V Exército Norte-Americano. Essa interpretação ressalta o contexto histórico. A fonte dessa imagem provém da postagem de César Reis no grupo "A Antiga São João del Rei" no Facebook e pode ser visualizada em: <https://www.facebook.com/groups/antigasjdr>.

<sup>505</sup>Para maiores informações, ver: FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945 – 2000)**. Londrina: Eduel, 2012.

<sup>506</sup>MORAES, 1960, *Op. Cit.*, p.243.

normas existentes, apesar de muitos oficiais, combatentes e capelães expressaram diversas vezes seu desejo de que esse serviço fosse mantido. Apenas em 26 de janeiro de 1946, através do Decreto-Lei nº 8.921, o S.A.R. das Forças Armadas do Brasil foi regulamentado e encontrou sua consistência legal na Constituição de 18 de setembro de 1946. O parágrafo 9º do Art. 141 da nova lei determinou que a Assistência Religiosa fosse prestada às Forças Armadas quando solicitada pelas forças singulares (Marinha, Exército, Aeronáutica). Essa assistência seria realizada por sacerdotes ou ministros religiosos de qualquer religião ou culto, desde que não violassem a disciplina, moral ou as leis existentes.<sup>507</sup>

O ex-capelão da FEB, Pe. Francisco Eloi de Oliveira decidiu, com seu retorno ao Brasil, continuar atuando como capelão, desta vez em uma guarnição do 10º Regimento de Infantaria, na capital mineira. Em suas palavras, a continuidade de seus serviços prestados à caserna seriam um prolongamento de sua missão, referindo-se à Segunda Guerra Mundial:

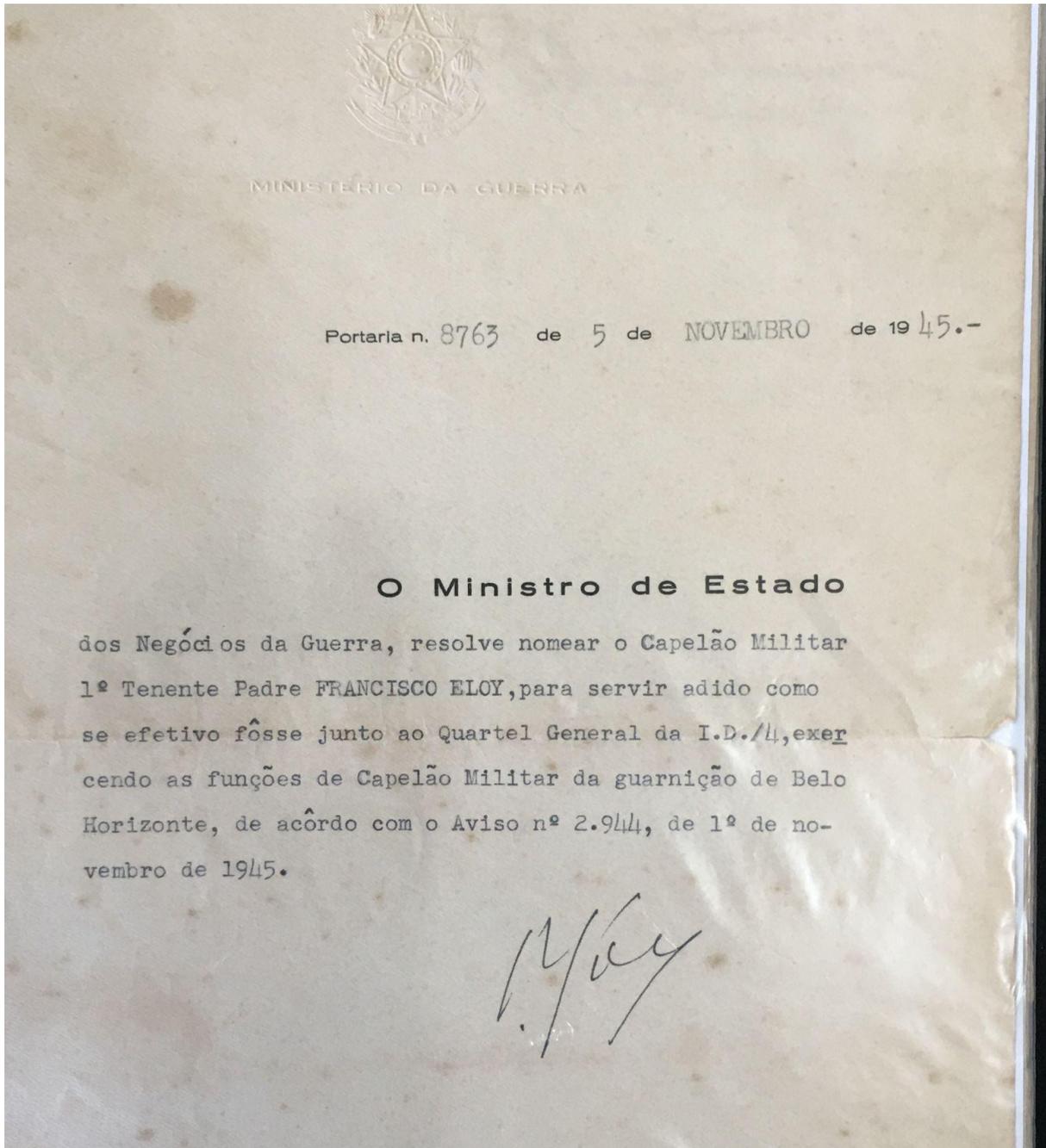
Se transferido do Regimento de São João Del Rei, custou-lhe bastante a separação daqueles que com ele lutaram com sacrifício mesmo de vida, em defesa da Pátria [...] hoje vê na Guarnição de Belo Horizonte, o prolongamento daquela Unidade onde escreveu uma das mais gloriosas páginas de sua vida de sacerdote brasileiro.<sup>508</sup>

---

<sup>507</sup>ALMEIDA, Marcelo Coelho. **A religião na caserna: O papel do capelão militar**. Dissertação (Mestrado)-Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006. p.26.

<sup>508</sup>Relatório anual apresentado pelo Capelão Francisco Eloi de Oliveira referente ao ano de 1946. Acervo do Memorial Santiaguense. São Tiago, MG. Visita realizada em 12 de abril de 2021.

Figura 43 - A nomeação de Pe. Francisco Eloi de Oliveira:



Fonte: Memorial Santiaguense.<sup>509</sup>

Como comprova o documento datado de 5 de novembro de 1945, o Pe. Francisco Eloi foi nomeado Capelão quando o S.A.R. já se encontrava oficialmente extinto. Atuando como capelão, ele prestou serviço de novembro de 1945 a setembro de 1947. O relatório a seguir demonstra algumas de suas atividades prestadas no de 1946:

<sup>509</sup>Nomeação de Pe. Francisco Eloi de Oliveira para capelão militar, novembro de 1945. Acervo do Memorial Santiaguense. São Tiago, MG. Visita realizada em 12 de abril de 2021.

Figura 44 - Relatório das atividades prestadas por Pe. Eloi entre julho e agosto de 1946

4a. Região Militar  
Sub-Comando da 4a. D.I.

quartel em Belo Horizonte, 1º de  
Setembro de 1946,  
Do Capitão Capelão Militar  
Ao Exmo. Snr. General Comandante  
da Guarnição.

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DO S.A.R. A GUARNIÇÃO NOS MESES  
DE JULHO E AGOSTO DE 1946.

1)- Missa no 10º R.I. ....	9
2)- " para o C.F.C.R. ....	8
3)- Comunhões .....	82
4)- las. Comunhões .....	5
5)- Confissões .....	78
6)- Recitação do terço .....	43
7)- Encomendações .....	2
8)- Preleções Morais no 10º R.I. ....	38
9)- " para o pessoal do Q.G. de C.R. 6	
10)- " Religiosas .....	30
11)- Visitas à Enfermaria .....	15
12)- " ao Xadrez .....	13
13)- Reuniões da Congregação Mariana .....	7

Pe. Francisco Eloi de Oliveira  
Capelão Militar.

Fonte: Memorial Santiaguense.<sup>510</sup>

O relatório de todas as atividades realizadas pelo capelão na guarnição belorizontina nos meses de julho e agosto de 1944, revelam detalhes a respeito da atuação da capelania militar em tempos de paz. Além da celebração de missas, os sacramentos como confissões e comunhões também aparecem, sendo 89 comunhões no total, e 78 confissões. Algumas atividades realizadas por Pe. Eloi em 1946 se assemelham às prestadas em tempo de guerra, como a recitação de terços, as visitas aos hospitais, e a escrita de cartas às famílias dos militares. Estando fora do ambiente instável do teatro de operações italiano, o capelão pôde realizar reuniões da congregação mariana, por ele criada, além de ministrar aulas de religião, palestras morais, e visitar o “xadrez”.<sup>511</sup> Em outros relatórios, existem menções a momentos de

<sup>510</sup>Relatório do capelão Francisco Eloi de Oliveira referente aos meses de julho e agosto de 1946. Acervo do Memorial Santiaguense. São Tiago, MG. Visita realizada em 12 de abril de 2021.

<sup>511</sup>Relatório do capelão Francisco Eloi de Oliveira referente aos meses de julho e agosto de 1946, *Op. Cit.*

recreação, como passeios coletivos e sessões de cinema. No mais, o capelão comenta sua satisfação oriunda da criação do S.A.R. dentro do exército.<sup>512</sup>

Antes de seu pedido de exoneração do cargo que ocupava (de Capitão-Capelão)<sup>513</sup> e de retornar à sua vida paroquial em sua Terra Natal, Pe. Eloi fundou, como previamente mencionado, em sua guarnição, a Congregação Mariana Regimental sob o título de N. Senhora das Graças e de Frei Orlando.<sup>514</sup> Esta não é a única vez que o nome de seu ex-parceiro de S.A.R. da FEB é encontrado em seus relatórios. Em 7 de outubro de 1946, escreveu Pe. Eloi: “Nessa ocasião será inaugurado, no Gabinete do Capelão, o retrato do Patrono do Serviço Religioso das Forças Armadas, Frei Orlando Alvares da Silva, conforme o desejo expressado pelo Sr. Coronel Capelão Militar, Chefe do S.A.R. das Forças Armadas.”<sup>515</sup> A questão da figura de Frei Orlando no pós-guerra, será analisada posteriormente. A análise aqui proposta diz respeito à jornada de Pe. Eloi no pós-guerra, já em sua terra natal, São Tiago, a fim de compreender o processo de construção de memória relacionada ao S.A.R. e à FEB, de forma geral, nesta cidade.

Os ex-combatentes da FEB, analisa Francisco Ferraz, atuaram como “agentes de memória”<sup>516</sup> enquanto buscaram desempenhar, ao decorrer do tempo, esforços de rememoração, comemoração, e mobilização de suas memórias como condição de existência, e manutenção de uma identidade social. Um exemplo deste panorama é a criação de Associações de Ex-Combatentes do Brasil em várias cidades, através da iniciativa dos próprios ex-combatentes e da sociedade civil, que acompanharam de perto as dificuldades de reintegração destes homens à sociedade. Estas associações eram o meio de resposta ao esquecimento advindo principalmente das instâncias dos poderes.<sup>517</sup> Com a FEB dissolvida, o passar dos anos fazia com que os desfiles, e as comemorações da chegada dos escalões, perdessem a nitidez na memória daqueles que não pertenciam à FEB. Isso posto, as associações de ex-combatentes podem ser pensadas como lugares de memória da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Em consoante com Pierre Nora, estes lugares de memória são originados da tensão entre a memória e o esquecimento:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários,

<sup>512</sup>Relatório anual apresentado pelo Capelão Francisco Eloi de Oliveira referente ao ano de 1946. *Op. Cit.*

<sup>513</sup>SANTIAGO, *Op. Cit.*, p.41

<sup>514</sup>Relatório do capelão Francisco Eloi de Oliveira referente ao mês de março de 1946. Acervo do Memorial Santiaguense. São Tiago, MG. Visita realizada em 12 de abril de 2021.

<sup>515</sup>Relatório do capelão Francisco Eloi de Oliveira referente ao mês de outubro 1946. Acervo do Memorial Santiaguense. São Tiago, MG. Visita realizada em 12 de abril de 2021.

<sup>516</sup>FERRAZ, 2012, *Op. Cit.*, p. 210

<sup>517</sup>FLORES, Rodrigo Musto. Memória e espaço público: a construção da Memória da FEB em Juiz De Fora – MG. Revista Latino-Americana de História, vol. 9, nº. 23 – Jan./jul. de 2020. p.149.

organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...] Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões entre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los.<sup>518</sup>

A memória coletiva é constantemente perpassada por heranças históricas que orientam uma reflexão a respeito do tempo. Estas heranças podem ser, além de outros, símbolos, datas comemorativas e monumentos que possibilitam a solidificação da memória, e lhe confere caráter de continuidade e credibilidade. Nesse sentido, a memória coletiva surge das interações sociais entre indivíduos e grupos, assumindo, de forma geral, o papel de comunicar narrativas sobre o passado. Nesse contexto, as narrativas desempenham um papel fundamental ao tornar compreensível a experiência humana no tempo.<sup>519</sup> A esse respeito, é importante observar que a dita memória coletiva não é uma soma das percepções individuais de cada membro de um determinado grupo, mas esta, por outro lado, se origina da percepção de uma continuidade e de unidade deste grupo. De acordo com Maurice Halbwachs, o caráter coletivo da memória é influenciado por impressões pessoais, que se relacionam diretamente com a coletividade. Nesse contexto, portanto, lembranças, símbolos, e pontos de referência devem ser compartilhados por indivíduos na análise da perspectiva coletiva da memória.<sup>520</sup>

É válido ressaltar que as características que moldam a memória coletiva tornam-na, de certa forma, seletiva, pois constantemente são selecionadas informações para a conservação de determinadas perspectivas, enquanto outras versões acabam caindo no esquecimento. Nesse contexto, a construção de uma narrativa de memória assemelha-se a um jogo de contrastes entre luz e sombra, similar à técnica artística Chiaroscuro, onde a alternância entre claridade e escuridão é regente. Essa construção da memória coletiva está intimamente ligada não apenas às escolhas conscientes ou inconscientes das informações e critérios utilizados, mas também à forma como o passado pode ser utilizado.<sup>521</sup>

O impacto da reintegração de combatentes da Segunda Guerra Mundiais nas comunidades europeia e norte-americana, por exemplo, foi muito maior do que o caso brasileiro, principalmente pela porcentagem maior de combatentes em relação à população civil, e pelo envolvimento desta última, com a guerra propriamente dita. Uma grande parte da população brasileira encontrava-se alheia às experiências vivenciadas pelos integrantes FEB.

<sup>518</sup>NORA, Pierre; AUN KHOURY, Tradução: Yara. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 2012 p. 07.

<sup>519</sup>FLORES, 2020, *Op. Cit.*, p.150.

<sup>520</sup>HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003. p.61.

<sup>521</sup>TODOROV, Tzvetan. Les abus de la mémoire. Paris: Arléa, 1995. p.17.

Nesse sentido, a disseminação das narrativas moldadas pelos ex-combatentes, principalmente em suas associações, é intimamente atrelada a características como o civismo e a defesa da democracia e da liberdade, com o objetivo de externalizar, para além de seu grupo, seu discurso em um quadro social mais amplo.<sup>522</sup>

Isso posto, o ex-capelão Padre Francisco Eloi encontrava-se de volta ao seu lar, sendo calorosamente recebido pela população local, mas percebendo que esta não se identificava com sua vivência. Por esse motivo, assim como os ex-combatentes, como evidenciado por Francisco Ferraz, o ex-capelão começou a atuar como um “agente de memória”. A seguir, apresentam-se alguns documentos que destacam as movimentações do ex-capelão nos domínios de Mnemósine.

---

<sup>522</sup>FLORES, 2020, *Op. Cit.*, p.151

Figura 45: A festa para os ex-combatentes em São Tiago- MG:

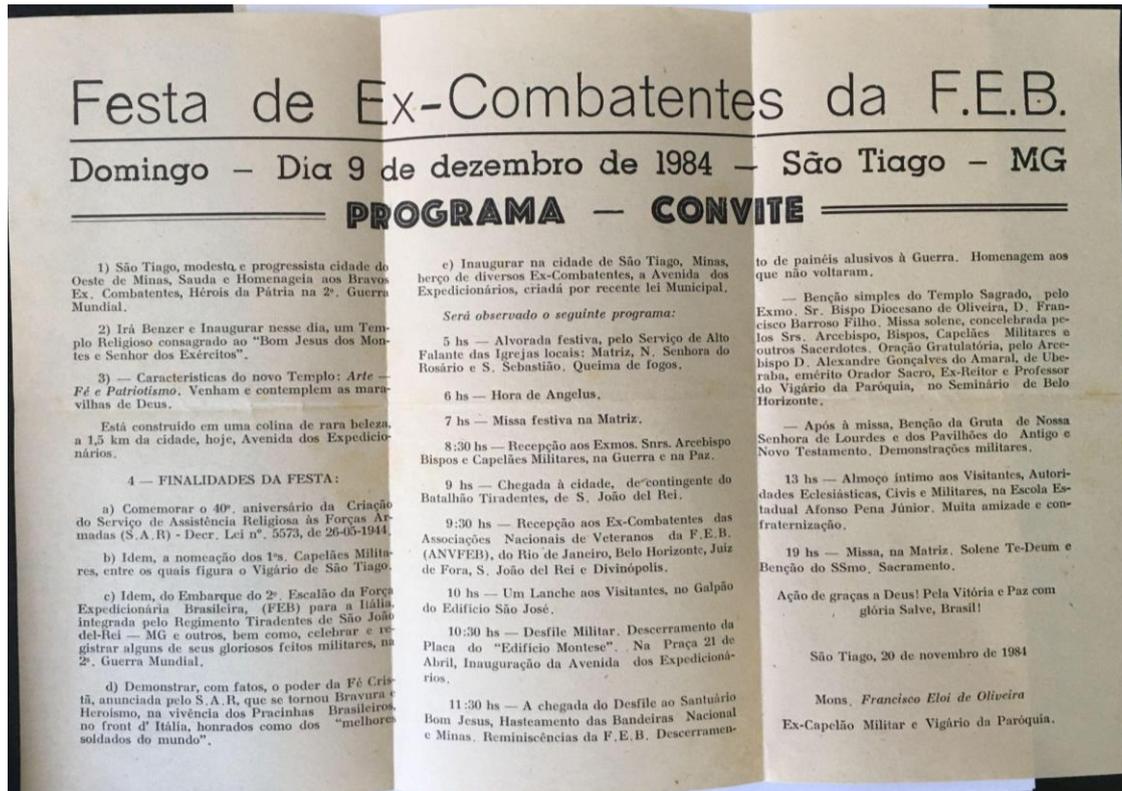


Fonte: Memorial Santiaguense.<sup>523</sup>

A leitura desta notícia revela um esforço significativo, por parte do capelão, na construção da memória coletiva relacionada à participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. O programa da festa para os ex-combatentes, em São Tiago, abrange uma série de atividades como a alvorada festiva, a missa festiva, o desfile militar e o hasteamento de bandeiras, além da exposição de reminiscências da FEB. Esses eventos e rituais evocam e reafirmam o passado. Além disso, o programa menciona o descerramento da placa do Edifício Montese, e a inauguração da Avenida dos Expedicionários. A nomeação deste edifício e desta avenida podem ser entendidas como meios que visam a promoção da compreensão coletiva do papel desempenhado pelos integrantes da FEB. A seguir, o cronograma desta festividade:

<sup>523</sup>Acervo do Memorial Santiaguense. São Tiago, MG. Visita realizada em 12 de abril de 2021.

Figura 46 - Programa da festa dos ex-combatentes:



Fonte: Memorial Santiaguense<sup>524</sup>

O programa da festa distribuído em São Tiago demonstra que a festividade não diz respeito apenas à atuação dos ex-combatentes, durante seus meses de batalha, mas trata também, com ênfase, a atuação do S.A.R., e a religiosidade destes soldados. A primeira finalidade da festa é a comemoração pelos 40 anos da criação do S.A.R. da FEB, seguida pela comemoração pela nomeação dos capelães que acompanhariam os combatentes no teatro de operações italiano. Em terceiro lugar é apresentada a comemoração pelo embarque do 2º Escalão da FEB (ao qual pertencera o capelão), e pela celebração dos feitos militares dos brasileiros na Segunda Guerra Mundial. Ademais, o convite para a festa dos ex-combatentes realça a união entre a cruz e o fuzil na vivência dos soldados durante os meses de campanha, e a importância da união destes dois símbolos, no *front*. Por fim, é citada a inauguração da Avenida dos Expedicionários, e a bênção da gruta de Nossa Senhora de Lourdes, construída em homenagem aos ex-combatentes. Esta gruta pode ser uma lembrança da gruta erguida em homenagem à mesma Senhora de Lourdes, na Itália, pelos combatentes brasileiros.

<sup>524</sup>Acervo do Memorial Santiaguense. São Tiago, MG. Visita realizada em 12 de abril de 2021.



Estas foram confeccionadas em homenagem aos chefes militares do Brasil, em parabenização ao 11º R.I. pela atuação em campanha, além de uma faixa em homenagem a Frei Orlando, e Nossa Senhora Aparecida. Ademais, o capelão faz intensa campanha contra a guerra, como nos trechos “Padroeira do Brasil, defendei-nos, guerra nunca mais” e “que estas cenas da Segunda Guerra Mundial não aconteçam nunca mais”.<sup>526</sup>

A respeito da mesma festa, Francisco Pedro de Resende, Presidente da Associação de Veteranos da cidade de São João Del Rei, enviou uma carta ao Ex-Capelão, Monsenhor. Francisco Eloi<sup>527</sup>, cujo conteúdo é uma manifestação de gratidão e reconhecimento da Associação dos Veteranos Regional de São João Del Rei, em relação ao convite para participar das comemorações do cinquentenário do término da 2ª Guerra Mundial. A carta destaca a presença do Monsenhor Eloi nas festividades cívicas e religiosas, ressaltando o magnífico trabalho realizado por ele no Município de São Tiago. O texto elogia a dedicação integral do Monsenhor à comunidade e enfatiza que seus feitos não se limitam apenas ao Município, mas também à Força Expedicionária Brasileira (FEB), tornando-o um integrante notável. Sua atuação durante a guerra é destacada, mencionando a assistência religiosa nos campos de batalha, proporcionando conforto e palavras de esperança aos soldados mesmo em situações difíceis. A carta enfatiza a importância dos Capelães Militares e sua atuação heroica, exemplar e inconfundível, destacando o Frei Orlando como um exemplo de dedicação e sacrifício pela transmissão da fé e busca pela paz. Por fim, o autor expressa seu sincero agradecimento e reconhece que suas palavras possivelmente não são suficientes para expressar o tamanho da gratidão que sentem em relação ao Monsenhor Eloi e sua trajetória. Mesmo assim, ele assegura que essa gratidão será eterna no âmago de suas mentes.<sup>528</sup>

A carta transparece uma profunda gratidão por parte daqueles que vivenciaram as mesmas experiências que o ex-capelão, na Itália. Essa gratidão não se limita apenas aos serviços prestados pelo capelão aos combatentes, durante a guerra, mas também é estendida à festividade, ao convite e à dedicação exemplar do ex-capelão não apenas à sua comunidade paroquial, mas também à FEB. Conforme mencionado anteriormente, os ex-combatentes se uniam em instituições como associações, buscando preservar e perpetuar suas memórias. Nesse sentido, através da leitura desta carta, é possível notar que os integrantes da Associação de

---

<sup>526</sup>Acervo do Memorial Santiaguense. São Tiago, MG. Visita realizada em 12 de abril de 2021.

<sup>527</sup>No dia 15 de agosto de 1956, foi concedido ao Pe. Francisco Eloi de Oliveira, por S.S. o Papa Pio XII o título de Monsenhor. SANTIAGO, *Op. Cit.*, p.43.

<sup>528</sup>Acervo do Memorial Santiaguense. São Tiago, MG. Visita realizada em 12 de abril de 2021.

Veteranos de São João Del Rei reconhecem nas obras do Pe. Eloi uma extensão de seus objetivos e aspirações não apenas individuais, mas também coletivas. Essa manifestação de gratidão destaca como o trabalho do capelão vai além do simples apoio espiritual durante a guerra, alcançando um significado mais amplo e abrangente para aqueles que, com ele, dividiram o campo de batalha, no pós-guerra.

Para o mesmo evento, em 1995, o ex-capelão listou, sob o título de “A FEB em São Tiago”, os seguintes pontos:

Digna de registro e de louvor nesta data, é a existência de feitos e fatos, da FEB em Tiago, na cidade e município:

- 1- Rua dos Ex-Combatentes ou Expedicionários.
- 2- Uma Placa-Homenagem a Montese e ao 11 R.I. na esquina das ruas Pe. José Duque de Siqueira e Francisco das Chagas.
- 3- Rua Capelão Frei Orlando, no bairro da ONU.
- 4- Capela do S. A.R. e sua história, na Igreja do Senhor Bom Jesus, dos Militares e dos Montes, e, Santuário "Deus e Pátria".
- 5- Retrato da Equipe dos Ex- Combatentes Santiaguenses.
- 6- A Gruta de Lourdes.
- 7- E, para homenagear, o maior feito militar da Segunda Guerra Mundial, a Criação do Bairro da ONU- Organização das Nações Unidas, tendo como Ruas Integrantes, os nomes das Nações da Comissão Central que a dirigem, em tempo de paz. É esse bairro, talvez o único no gênero no Brasil, que, em cidades brasileiras, que perpetua o nome, universalmente conhecido e respeitado! A Organização das Nações Unidas. E, nesse Bairro encontremos Santuário Deus e Pátria, Escola de Fé, Civismo e Cultura onde realizamos, além do Culto Religioso, uma Academia. de Cultura e Saber, fundamentada nas Leis Divinas e Humanas, pelas quais Deus nos fala de si e dos homens.<sup>529</sup>

Os pontos descritos pelo próprio Monsenhor Eloi demonstram de forma significativa suas ações como “agente de memória”, buscando criar uma memória coletiva e um eixo identitário em sua cidade natal não apenas em relação à FEB, mas também ao serviço de capelania durante a Segunda Guerra Mundial. O Santuário Deus e Pátria, destacado no número 6 da lista, é objeto de uma análise mais detalhada. Essa capela possui diversas denominações, como "Capela do S.A.R. e sua história", além de ser conhecida como "Capela do Senhor Bom Jesus dos Montes". O Santuário Deus e Pátria teve origem na ampliação da Capela de Nossa Senhora de Fátima, inaugurada em 1957. Localizado na Avenida dos Expedicionários, no bairro Nações Unidas, o templo apresenta uma iconografia única. Suas paredes externas exibem pinturas que fazem referência à Segunda Guerra Mundial e ao SAREx, além de abordar aspectos da história da Igreja no Brasil durante o século XX. Internamente, as paredes do Santuário são

---

<sup>529</sup>Trecho de um sermão de Mons. Eloi datado de 24 de julho de 1995. Acervo do Memorial Santiaguense. São Tiago, MG. Visita realizada em 12 de abril de 2021.

marcadas por trechos relacionados à religiosidade e à bíblia. Esse ambiente especial se revela como um espaço de resgate da memória de guerra do capelão, tornando-se um lugar simbólico que transpõe a experiência vivida durante a Segunda Guerra Mundial para a arte e a religiosidade.

Essa capela, criada pelo próprio capelão da FEB, assume um papel relevante ao conectar a história da guerra e do Serviço Religioso com a sociedade civil. O Santuário Deus e Pátria se torna um lugar de memória, pois sua construção foi perpassada por esforços de rememoração e mobilização das memórias de seu executor, a fim de criar, na comunidade, uma identidade social.

Figura 48 - Comemorações da Inauguração da capela



Fonte: Memorial Santiaguense<sup>530</sup>

---

<sup>530</sup>Acervo do Memorial Santiaguense. São Tiago, MG. Visita realizada em 12 de abril de 2021.

Figura 49 – Desfile de ex-combatentes



Fonte: Memorial Santiaguense<sup>531</sup>

---

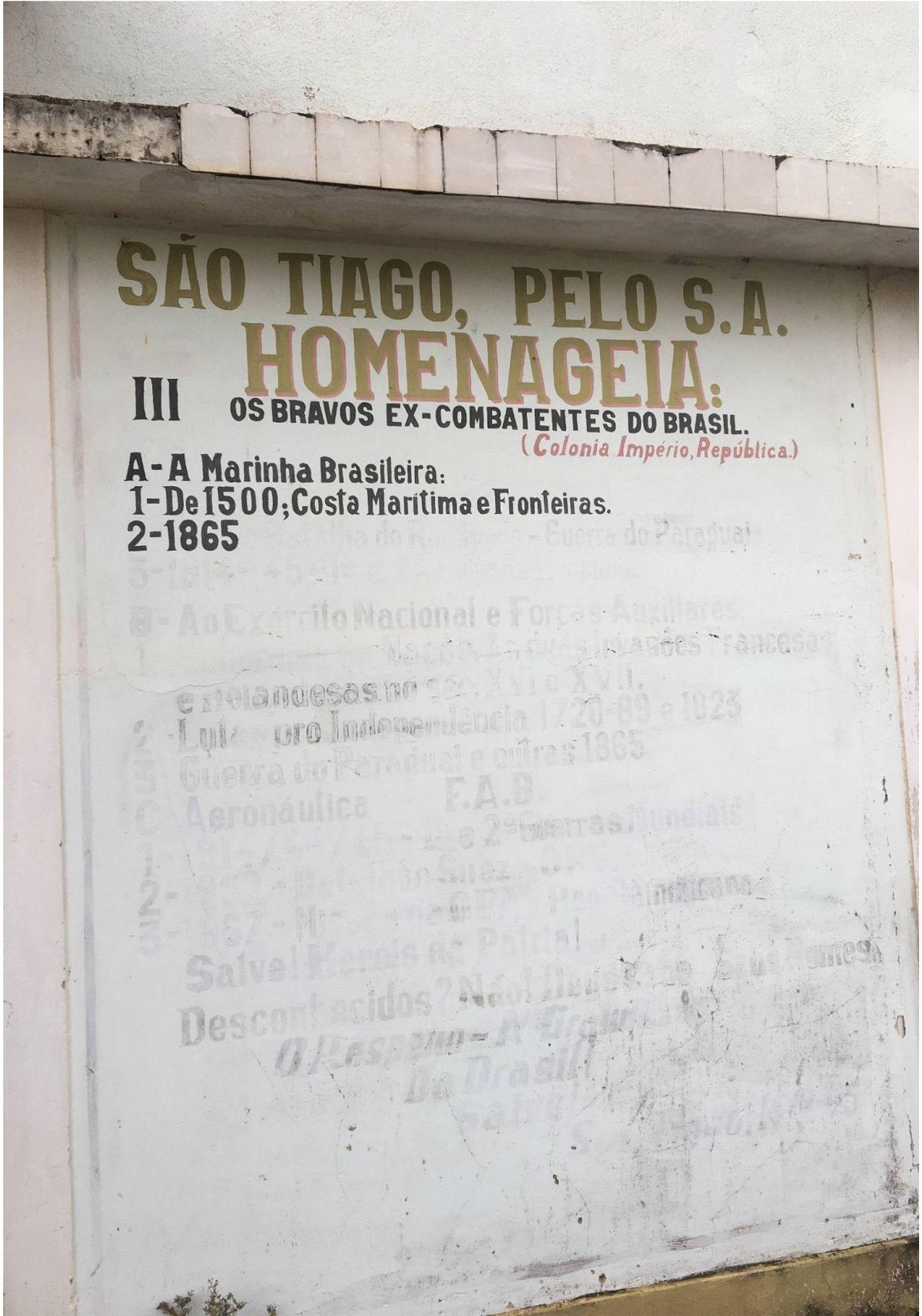
<sup>531</sup>Acervo do Memorial Santiaguense. São Tiago, MG. Visita realizada em 12 de abril de 2021

Figura 50 - Santuário “Deus e Pátria”, em 2021



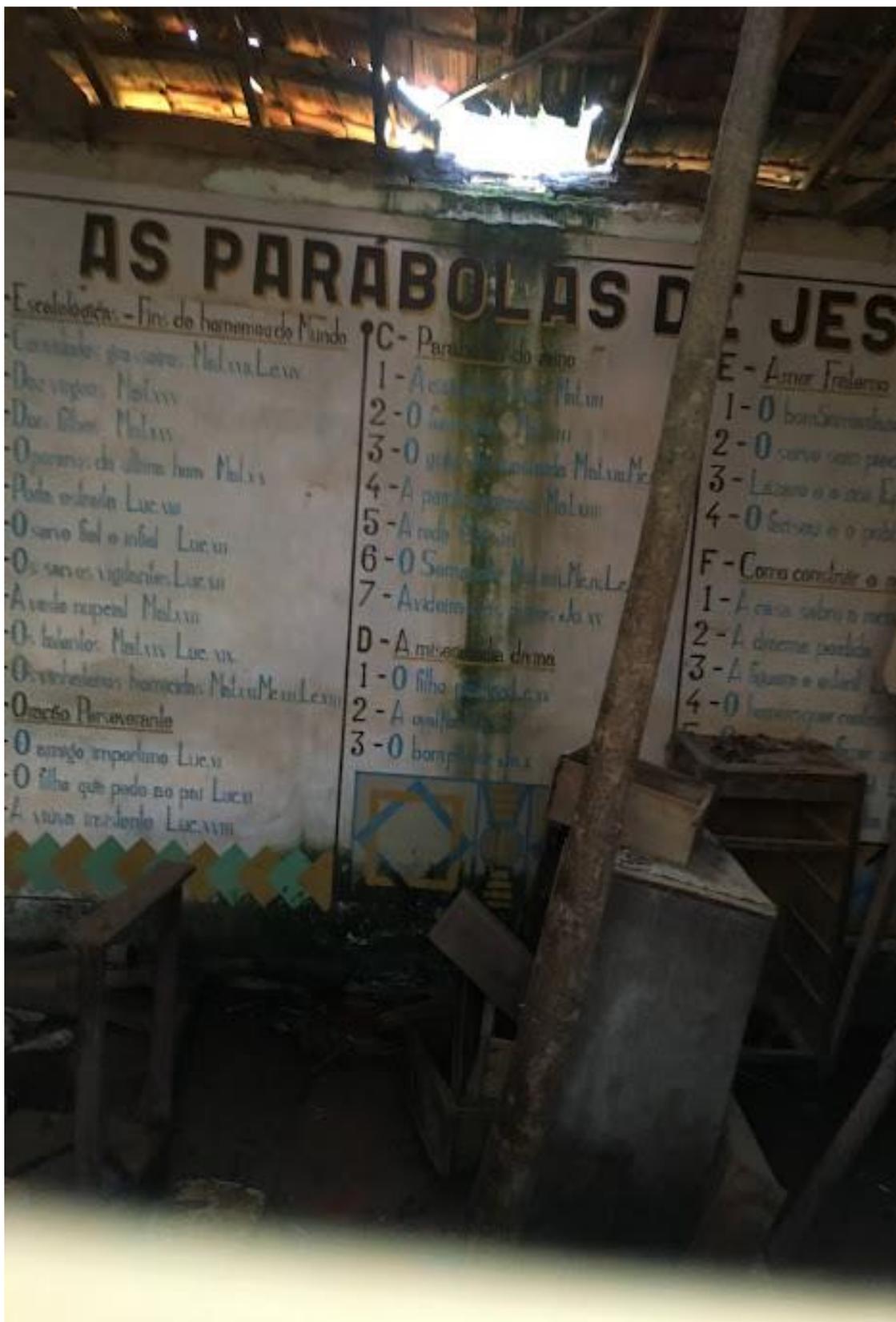
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 51 – Paredes externas Santuário “Deus e Pátria”, 2021.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 52 - Prédio anexo ao Santuário Deus e Pátria, 2021



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 53 - Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, aos fundos do Santuário Deus e Pátria, 2021



Fonte: Acervo pessoal da autora

O santuário, como um lugar de memória, desempenha um papel essencial como canal de acesso à recordação. Um dos principais objetivos de sua criação é tornar a memória presente e compreensível ao corpo social, transmitindo ali valores inerentes à atuação da FEB e, neste caso específico, valores religiosos. A transformação da capela de Nossa Senhora de Fátima em Santuário Deus e Pátria, assim como outros pontos mencionados, reflete um discurso de memória coletiva. No entanto, o santuário atualmente encontra-se desfigurado, com suas pinturas cobertas por cimento e cal, prejudicando sua conservação. Apesar de não ser oficialmente um monumento remetente à participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, a capela do Senhor Bom Jesus dos Montes possui significativa ligação com esse tema.

Os exemplos citados demonstram a tentativa de inserção da FEB no imaginário social da cidade de São Tiago por parte de Monsenhor Eloi. O Santuário Deus e Pátria, bem como festividades e nomenclaturas de ruas e edifícios, buscam tornar-se a memória da participação brasileira na guerra um elemento significativo na vida da comunidade local. Por fim, é importante destacar que Monsenhor Eloi deixou um legado de inúmeras obras sociais em São

Tiago. Desde o interior de Minas Gerais até os campos de batalha da Segunda Guerra Mundial, ele exerceu sua função como sacerdote. O medo inicial perante o chamado para atuar como capelão deu lugar ao orgulho de ter dito "sim". Como “agente de memória” da participação brasileira na guerra, ele contribuiu para manter viva essa lembrança em sua cidade natal. Após uma vida de fé e serviço, Monsenhor Eloi faleceu em 5 de agosto de 2003, rodeado por familiares e outros sacerdotes.<sup>532</sup>

#### 4.6.1 A devoção a Frei Orlando:

A trajetória da FEB durante a Segunda Guerra Mundial é por vezes apropriada e reformulada, muitas vezes atendendo a interesses políticos de diferentes grupos e instituições, como o próprio Exército, na construção de sua versão oficial da participação brasileira no conflito.<sup>533</sup> Dentro do Exército, uma parte deste processo é a criação de tradições militares com os símbolos da FEB, como a tomada de Monte Castelo, como foi supramencionado. No caso da pesquisa em questão, a tradição inventada a ser analisada é católica.

Celso Castro, ao analisar a invenção de tradições do Exército, explica que o uso da palavra “invenção” não se trata, em absoluto, de algo supostamente falso ou mentiroso. O uso desta palavra, para o autor, não possui julgamento negativo. Nesse sentido, em suas pesquisas a este respeito, Celso Castro inspira-se, parcialmente, na noção de “invenção de tradições”, de Eric Hobsbawm, o qual trabalha, por sua vez, na oposição entre “tradições inventadas” e “tradições genuínas”. Todavia, Celso Castro busca demonstrar o caráter permanente da invenção da cultura humana, utilizando, portanto, o termo de “tradição da invenção”, pois elementos simbólicos, nesse contexto, são permanentemente reinventados e atualizados em diferentes contextos históricos. Simultaneamente, explica, ocorre um esforço cultural contrário de “cristalizá-los”, de modo a torná-los discerníveis pelos indivíduos. Essa interação entre criatividade e convenção é um processo sempre em andamento. É relevante enfatizar que a criação cultural não ocorre em um espaço completamente livre, mas sim em um campo de

<sup>532</sup>SANTIAGO, *Op. Cit.*, p. 93.

<sup>533</sup>De acordo com Francisco Ferraz, o retorno vitorioso da FEB ao Brasil foi transformado, por grupos conservadores e anti-varguistas em um símbolo de resistência ao regime de Getúlio Vargas. Já em 1964, explica o autor, os mesmos grupos conservadores, aliados a outros em ascensão, utilizaram a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial como um dos seus meios de legitimação histórica: “Na guerra, diziam, combateram o totalitarismo. Quando voltaram, derrubaram sua versão nacional, o Estado Novo. Em 1964, davam continuidade à sua luta, agora contra o populismo de João Goulart” (Ferraz, 2005, *Op. Cit.*, p.68). Todavia, Francisco Ferraz pontua que apenas uma parcela reduzida de oficiais militares, muitos destes já envolvidos politicamente antes da guerra, participaram destas articulações. A maioria esmagadora dos ex-combatentes brasileiros permaneceram alheios a este contexto, e não obteve quase nenhum benefício de sua condição como veterano de guerra. Ferraz, 2005, *Op. Cit.*, p. 67-68.

possibilidades históricas e culturalmente restritas; o passado é recriado com base em um repertório simbólico anterior e deve preservar certa semelhança com a realidade, sob o risco de não ser bem-sucedido.<sup>534</sup>

Em sua pesquisa, Celso Castro analisa a invenção de três tradições no Exército Brasileiro: o culto a Caxias, a vitória contra a Intentona de 1935, e a Batalha dos Guararapes, em 1648. Estas tradições encontram-se inseridas no processo de integridade institucional do Exército, e na definição da identidade do Exército.<sup>535</sup> Todavia, a respeito do objeto da pesquisa em questão, serão analisadas as criações de tradições católicas na caserna. Em 12 de novembro de 1976, o Decreto nº 78.724 reconheceu a adoção de santos padroeiros como uma tradição do Exército brasileiro, além disso, foram adotados representantes espirituais das Armas, Quadros e Serviços. A comemoração aos santos padroeiros deveria ser, através de uma determinação, incluída no calendário militar.<sup>536</sup>

Em meio às tradições inventadas acima mencionadas, destaca-se, portanto, a nomeação de Frei Orlando, objeto desta pesquisa, como Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército, através do decreto nº 20.680 de 1946.<sup>537</sup> Nesse contexto, surge uma problemática: Frei Orlando, como mencionado anteriormente, faleceu em um acidente após desobedecer as ordens de seus superiores. A desobediência é considerada um dos maiores delitos dentro das Forças Armadas. No entanto, sua infração foi em grande parte esquecida, visto que, no pós-guerra, o capelão foi elevado ao status de Patrono do S.A.R. Isso levanta questões sobre os critérios de memorialização, assim como a complexidade das narrativas históricas que podem destacar ou negligenciar certos aspectos da vida de um indivíduo.

O fato de Frei Orlando ser o único capelão brasileiro morto durante a Segunda Guerra Mundial, e a comoção gerada por sua morte, tanto para seus pares, quanto para os combatentes, foi terreno fértil para que a relevância de sua prestação de serviços fosse ainda mais considerada. Em sua data de nascimento, 13 de fevereiro, é celebrado o dia do SAREx. Ademais, é válido ressaltar que sua instituição como Patrono do S.A.R ocorreu no mesmo ano em que este serviço se oficializou nas Forças Armadas. A partir desse contexto, pode-se concluir que o culto a Frei Orlando na caserna fortaleceu a presença de traços religiosos no

---

<sup>534</sup>CASTRO, Celso. **A invenção do Exército brasileiro**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2002. p. 11

<sup>535</sup>CASTRO, Celso. *Op. Cit.*, p.12

<sup>536</sup>NETO, Anysio Henriques Neto. A religião no exército brasileiro: memória e plausibilidade na identidade dos soldados da FEB a partir da experiência de guerra. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) –Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011. p.105.

<sup>537</sup>PALHARES, 1957, *Op. Cit.*, p. 213.

cotidiano dos soldados, e favoreceu o desenvolvimento de outras tradições católicas no Exército.

A figura de Frei Orlando, para além do Exército, ainda é reconfigurada por diversos grupos. Um bom exemplo deste contexto, foi o processo de beatificação de Frei Orlando iniciado, em 2003, tanto por membros do Exército, quanto pelos responsáveis pela Igreja de São Francisco de Assis, em São João Del Rei, cidade em que o Frei Orlando exerceu o sacerdócio antes de se tornar capelão da FEB. Uma das consequências desse processo, foi a exumação de seus restos mortais, os quais encontravam-se no Mausoléu do Monumento aos Mortos do Brasil na Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro desde 1960, quando ocorreu o traslado dos corpos enterrados no Cemitério de Pistoia, para a paróquia sanjoanense.<sup>538</sup>

Frei Orlando que sempre viveu de forma heroica as virtudes cristãs, teve seu nome indicado à beatificação. Por isso, neste ano, o dia do SAREx [Serviço de Assistência Religiosa] – 13 de fevereiro – foi duplamente comemorado, já que marcou a clausura da fase diocesana do processo de beatificação (...) O Comando Militar do Leste realizou uma missa na cidade de São João del Rei, prestigiada pela família do Frei. Durante a cerimônia, foi lida a ata de beatificação de Frei Orlando, a qual foi assinada por autoridades civis, eclesíásticas, militares e pelos familiares do Frei, sendo colocada em uma urna e enviada ao Vaticano. Na oportunidade, foi realizada a primeira leitura da Oração pela Beatificação do Frei Orlando.<sup>539</sup>

De acordo com Adriane Piovezan, em várias cerimônias e nas publicações referentes aos desdobramentos dessa tentativa de iniciar o processo de beatificação, não fica claro quais milagres seriam atribuídos para a beatificação de Frei Orlando. Padres, historiadores do exército e familiares do capelão morto na Itália ressaltam a felicidade, o bom humor e a tranquilidade no trabalho do sacerdote durante a guerra como exemplos de um milagre. Alguns textos dos franciscanos também consideram esses adjetivos suficientes para dar início ao processo.

De acordo com o capitão Claudio Rosty, historiador do exército responsável por reescrever a história de Frei Orlando e entusiasta dessa promoção do soldado sacerdote à categoria de santo, “a busca e a apresentação dos fenômenos sobrenaturais de Frei Orlando começarão agora”.<sup>540</sup> Desse modo, é válido ressaltar que a Igreja Católica tem quatro etapas de canonização de um santo. O primeiro nível é o de “servo de Deus”, no qual as orações podem ser direcionadas ao indivíduo. Frei Orlando, como já foi considerado servo de Deus, possui uma

<sup>538</sup>PIOVEZAN, Adriane. Frei Orlando e a devoção ao soldado-sacerdote do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Caderno de resumos do Seminário Nacional Religião e Sociedade: o Espaço do Sagrado no Século XXI / NUPPER, v.2. Curitiba, 2015b p. 111-112

<sup>539</sup>Revista Verde-Oliva, Brasília-DF, Ano XXXVI, ed. 201, abr./maio/junho 2009, p.19. Disponível em: <https://pt.calameo.com/exercito-brasileiro/read/00123820671c34232af80>.

<sup>540</sup>PIOVEZAN, 2015b, *Op. Cit.*, p. 112

oração em que ele é o intercessor. Os outros níveis são de venerável e beato, mas somente com a comprovação de milagres é possível alcançar o grau de santo na Igreja.<sup>541</sup>

Para a paróquia de São Francisco de Assis, o processo de beatificação de Frei Orlando seria motivo de orgulho: quantas paróquias brasileiras podem afirmar que já contaram com os serviços de um santo? Já para o Exército, a beatificação de um de seus patronos, morto durante a prestação de seus serviços promove não apenas seus feitos extraordinários, ou milagres, mas também o cumprimento de dever, tornando-o um exemplo a ser seguido na caserna (mesmo que isso signifique desconsiderar uma desobediência por parte do capelão).

Contudo, no ano de 2020, o Exército teria afirmado desconhecer o processo de beatificação de Frei Orlando. A esse respeito, escreve Diego Antonelli no portal “Jornalismo de Guerra”:

Em contato por e-mail via Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEX) e Seção de Divulgação e Comunicação Social (SDCS), as forças militares informam que “não têm conhecimento acerca da existência de algum processo que trate sobre a beatificação do Capitão Capelão Militar Antônio Alves da Silva – Frei Orlando (1913- 2013). Consta que no período que antecedeu as comemorações do centenário de Frei Orlando surgiu em São João Del Rei/MG, um movimento objetivando criar condições para se iniciar o processo de beatificação daquele religioso, porém a falta de conteúdo básico e de um “postulador” (escrivão padre) dificultaram o início do processo”.<sup>542</sup>

Apesar de imerso em um ambiente de debate e questionamento, o processo de beatificação de Frei Orlando surge como o ponto culminante da maneira como sua vida foi lembrada e interpretada, especialmente por seu biógrafo, Gentil Palhares, desde seu nascimento até o momento de sua morte. Apontado sempre como um sacerdote exemplar, que viveu uma vida ilibada, Frei Orlando teve sua vida moldada por seu biógrafo de modo a destacar sua virtude e singularidade. Seus medos, questionamentos e fraquezas foram frequentemente subestimados ou até mesmo ignorados por seu biógrafo, sendo, por vezes, reinterpretados como traços de um indivíduo predestinado, o que alinha, sua trajetória à retórica profética do catolicismo.

Nesse sentido, o processo de beatificação coroa a construção de um personagem. Alguns detalhes, como sua desobediência ou a explicação por trás de sua carta a ser entregue para suas irmãs, interpretada por Palhares como um sinal de premonição, como se o capelão tivesse

<sup>541</sup>PIOVEZAN, 2015b, *Op. Cit.*, p. 112

<sup>542</sup>Jornalismo de Guerra: Crônicas, histórias, notícias e relatos sobre o Brasil na II Guerra Mundial. Frei Orlando: Um controverso e duvidoso processo de beatificação. Publicado em 3 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://jornalismodeguerra.com/2020/12/03/frei-orlando-um-controverso-e-duvidoso-processo-de-beatificacao/#:~:text=Passados%2064%20anos%20de%20sua,Revista%20Verde%20Oliva%2C%20n%C3%BAmero%20201> Acesso em 4 setembro de 2022.

certeza de que não voltaria com vida ao Brasil, não foram encontrados em sua biografia publicada, mas sim em relatos de seus pares, outros capelães da FEB, que compartilharam com Frei Orlando o exercício da capelania durante a Segunda Guerra Mundial. Essa narrativa complexa e multifacetada levanta questões profundas sobre a construção da memória relacionada a Frei Orlando e as diferentes interpretações de sua vida ao longo do tempo.

Além da Igreja e do Exército, que tiveram um papel significativo na vida e morte de Frei Orlando, outros grupos também utilizam a imagem dele, incluindo os integralistas. Nesse contexto, o capelão que perdeu a vida na campanha brasileira na Itália é associado ao grupo de integralistas que integraram a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Em fevereiro de 2023, o site da Frente Integralista Brasileira publicou o seguinte trecho:

Não devemos também esquecer a contribuição que os integralistas deram à Força Expedicionária Brasileira. Integralista era o bondoso capelão Frei Orlando, sepultado em Pistóia. Antes de partir, Frei Orlando procurou Raimundo Padilha, a quem, ao despedir-se, testemunhou sua quase certeza interior de que não voltaria.<sup>543</sup>

Aparentemente, o início da vinculação da imagem de Frei Orlando ao Integralismo data do ano de 1948, ano do I Congresso de Estudantes do Partido de Representação Popular (PRP), cujo presidente nacional era Plínio Salgado, em Campinas. De acordo com Renato Alencar Dotta, a juventude, especialmente os estudantes, eram um dos principais alvos propagandísticos do Integralismo desde a década de 1930. Nesse sentido, completa o autor, no PRP não seria diferente. Com o objetivo de desenvolvimento de sua ala estudantil, o partido organizou um congresso nacional de estudantes, marcado para o mês de julho de 1948. Isso posto, no primeiro semestre do ano em questão, a máquina partidária do partido começou a divulgar e promover o congresso, através da distribuição de panfletos e anúncios em jornais. Todavia, explica Renato Dotta, o evento integralista atraiu inúmeros opositores, que iniciaram uma campanha considerável contra a realização do congresso. O mote principal dos opositores do congresso estudantil era a insistência da equivalência do integralismo com o nazismo, mesmo após a Segunda Guerra Mundial. Assim, termos como tratores, e quintas-colunas retornaram para qualificar os ex-camisas verdes.<sup>544</sup> Segue o cabeçalho de um destes panfletos:

O integralismo é a alma da 5ª Coluna, o braço direito do imperialismo e a brigada de choque da reação contra os trahalhadores [sic] e o povo em geral

<sup>543</sup>Disponível em: <https://integralismo.org.br/sintese-doutrinaria/a-verdade-sobre-o-integralismo/interpelacao-no-6/> Acesso em junho de 2023.

<sup>544</sup>DOTTA, Renato Alencar. **Elementos verdes: os integralistas brasileiros investigados pelo DOPS-SP (1938-1981)**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. p.212

A realização [sic] do Congresso Nacional dos Estudantes Populistas em Campinas, é uma cínica afronta aos brios patrióticos dos campineiros que não se esqueceram o heroísmo e o sacrifício da gloriosa F. E. B.<sup>545</sup>

Ademais, um documento do Departamento de Estado norte-americano divulgou os contatos de espíões sul-americanos com o Eixo e seus aliados. Nesse panorama, explica Dotta, as citações, retiradas da imprensa brasileira, mencionavam as relações secretas que os integralistas tiveram em Buenos Aires, com militares argentinos, como intermediários de interesses nazistas na América do Sul. Um panfleto integralista, distribuído por ocasião do evento procurou combater essa imagem de colaboracionismo com afirmações e supervalorização da presença de integralistas nas tropas da FEB, sem, contudo, responder às acusações feitas.<sup>546</sup> E é assim que Frei Orlando é citado:

Brasileiro! Você sabia... Que o bravo Gerson de Macedo Soares, comandante do patrulhamento do Atlântico na luta contra o Eixo, é integralista? Que muitos outros valorosos oficiais, sub-oficiais, sargentos e marinheiros, que integram aquele patrulhamento, são integralistas? Que os comandantes dos navios “Araraquara”, “Bagé”, “Itagiba”, “Baependi” e “Cabedelo”, torpedeados pelos alemães, eram integralistas? Que, além desses, em vários outros navios torpedeados, inúmeros membros das tripulações e passageiros mortos, eram integralistas? Que Frei Orlando, único capelão brasileiro morto nas operações da Itália, era integralista? Que entre os que foram condecorados, por atos de bravura, nas fileiras da FEB, vários são integralistas? Que no cemitério de Pistóia jazem 27 patrícios, que eram integralistas? Que logo após nossa declaração de guerra ao Eixo, Plínio Salgado determinou do exílio aos seus companheiros telegrafassem ao Chefe de Governo colocando-se à disposição para defesa da Pátria, sendo o único Chefe de Partido que teve esse gesto?<sup>547</sup>

Um outro ponto que uniria Frei Orlando ao integralismo, citado em blogs e sites, diz respeito ao fato de o Capelão ter sido enterrado com uma camisa verde, debaixo do hábito, em Pistóia.<sup>548</sup> O site da Confederação Nacional das Congregações Marianas do Brasil consta, em sua matéria intitulada “O frei congregado que foi para o front na Segunda Guerra”, as seguintes informações: “O Patrono do SAREx foi enterrado no Cemitério Brasileiro Militar de Pistóia, com sua camisa verde-oliva embaixo do hábito”.<sup>549</sup> A referência deste trecho é a seguinte: “conforme declarou em discurso o Deputado Hilário Torloni (PRP-SP), na tribuna da Câmara

<sup>545</sup>Folheto anexado no dossiê 24-J-2 (pasta 2). Apesar de não ter uma codificação padrão de classificação, há um número anotado no campo superior direito do folheto: “99” *apud* DOTTA, *Op. Cit.*, p.213.

<sup>546</sup>DOTTA, *Op. Cit.*, p.214

<sup>547</sup>Grifo meu. Brasileiro! Você sabia...”. Folheto anexado no dossiê 24-J-2 (pasta 2). O número anotado no campo superior direito do folheto é 110 *apud* DOTTA, *Op. Cit.*, p.214.

<sup>548</sup>Como por exemplo: <http://historia-do-prp.blogspot.com/2013/02/homenagem-frei-orlando-heroi.html> Acesso em julho de 2023.

<sup>549</sup>Disponível em: <https://cncmb.org.br/frei-orlando-capelao.html?cn-reloaded=1&cn-reloaded=1> Acesso em julho de 2023.

de Deputados, publicado as palavras no Diário Oficial do dia 20 de agosto de 1955.”<sup>550</sup> Todavia, a publicação do Diário Oficial da data em questão não consta a seguinte informação.<sup>551</sup> A respeito do fato de Frei Orlando ser enterrado com a camisa-verde, seu biógrafo nada menciona. Também não existe menção de qualquer relação entre o biografado e o Integralismo. As biografias e relatórios dos capelães que prepararam o corpo de Frei Orlando para o sepultamento, e o relatório do Pelotão de Sepultamento que trata de seu enterro, nada mencionam a respeito da camisa verde. A versão apresentada por aqueles que prepararam Frei Orlando, bem como por seu biógrafo, menciona apenas que este fora vestido com seu hábito e capuz, conforme era o seu desejo.

Em abril de 2023, a Folha de São Paulo publicou uma matéria com o seguinte título: “Deputado integralista propõe homenagens a Enéas e frei que morreu na Segunda Guerra”. Na matéria em questão, de Guilherme Seto, encontra-se a informação de que, o deputado federal, Paulo Fernando Melo da Costa (DF), líder integralista filiado Republicanos, propôs homenagens a duas figuras: O primeiro projeto visava render tributo a Enéas Carneiro (1938-2007), reconhecido ícone da extrema direita. Já o segundo projeto propunha homenagear Frei Orlando, um capelão franciscano que faleceu após ser atingido por um tiro na Itália, em fevereiro de 1945, durante a Segunda Guerra Mundial.<sup>552</sup>

Por fim, é válido ressaltar os seguintes aspectos em relação a essa discussão sobre as figuras de Monsenhor Francisco Eloi de Oliveira e Frei Orlando: Enquanto a figura de Monsenhor Francisco Eloi de Oliveira buscou no pós-guerra a continuidade da memória, Frei Orlando encontra-se imerso em um contexto de disputa pelo passado. Porém, é importante destacar que o foco não está em determinar se Frei Orlando realizou milagres ou em estabelecer indícios diretos de sua ligação com o integralismo. Em vez disso, a questão central reside na forma como sua figura, notável pela sua morte em combate –visto que outros capelães da FEB não possuem com a mesma visibilidade- agora encontra-se envolvida em uma controvérsia

<sup>550</sup>Disponível em: <https://cncmb.org.br/frei-orlando-capelao.html?cn-reloaded=1&cn-reloaded=1> Acesso em julho de 2023.

<sup>551</sup>Acervo histórico do diário oficial da união disponível em: [http://biblioteca.in.gov.br/web/dou/dou/-/document\\_library/kcmautn6AnNs/view/455871?com\\_liferay\\_document\\_library\\_web\\_portlet\\_DLPortlet\\_INSTANCE\\_kcmautn6AnNs\\_navigation=home&com\\_liferay\\_document\\_library\\_web\\_portlet\\_DLPortlet\\_INSTANCE\\_kcmautn6AnNs\\_curFolder=&com\\_liferay\\_document\\_library\\_web\\_portlet\\_DLPortlet\\_INSTANCE\\_kcmautn6AnNs\\_deltaFolder=&com\\_liferay\\_document\\_library\\_web\\_portlet\\_DLPortlet\\_INSTANCE\\_kcmautn6AnNs\\_deltaEntry=75&com\\_liferay\\_document\\_library\\_web\\_portlet\\_DLPortlet\\_INSTANCE\\_kcmautn6AnNs\\_orderByCol=modifiedDate&com\\_liferay\\_document\\_library\\_web\\_portlet\\_DLPortlet\\_INSTANCE\\_kcmautn6AnNs\\_orderByType=asc&p\\_r\\_p\\_resetCur=false&com\\_liferay\\_document\\_library\\_web\\_portlet\\_DLPortlet\\_INSTANCE\\_kcmautn6AnNs\\_curEntry=3](http://biblioteca.in.gov.br/web/dou/dou/-/document_library/kcmautn6AnNs/view/455871?com_liferay_document_library_web_portlet_DLPortlet_INSTANCE_kcmautn6AnNs_navigation=home&com_liferay_document_library_web_portlet_DLPortlet_INSTANCE_kcmautn6AnNs_curFolder=&com_liferay_document_library_web_portlet_DLPortlet_INSTANCE_kcmautn6AnNs_deltaFolder=&com_liferay_document_library_web_portlet_DLPortlet_INSTANCE_kcmautn6AnNs_deltaEntry=75&com_liferay_document_library_web_portlet_DLPortlet_INSTANCE_kcmautn6AnNs_orderByCol=modifiedDate&com_liferay_document_library_web_portlet_DLPortlet_INSTANCE_kcmautn6AnNs_orderByType=asc&p_r_p_resetCur=false&com_liferay_document_library_web_portlet_DLPortlet_INSTANCE_kcmautn6AnNs_curEntry=3)

<sup>552</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2023/04/deputado-integralista-propoe-homenagens-a-eneas-e-frei-que-morreu-na-segunda-guerra.shtml>. Acesso em julho de 2023.

sobre seu passado. O capelão, cuja vida se extinguiu em meio a uma guerra, tem sua memória, passadas quase oito décadas desde sua morte, inserida em um campo de batalhas e disputas pelo passado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A relação profunda entre religião e guerra é evidenciada de maneira notável, especialmente quando se considera a crença na sobrevivência alimentada pela fé dos combatentes. Essa complexidade se desdobra em nuances reveladoras na análise de contextos históricos como a Segunda Guerra Mundial. No cenário brasileiro, a religião desempenhou um papel significativo em momentos de conflito, como a Guerra da Tríplice Aliança, também conhecida como Guerra do Paraguai (1864-1870), e durante a Segunda Guerra Mundial, entre 1944 e 1945. No entanto, entre esses conflitos, a provisão de serviços religiosos por capelães militares não se manteve constante. Após a Proclamação da República, o Serviço de Assistência Religiosa (SAR) foi extinto, e com ele, o corpo de capelães.

Com a declaração brasileira de guerra ao Eixo e a criação da FEB, o SAR ressurgiu, em 1944, com um propósito específico: oferecer acompanhamento e assistência religiosa aos soldados que se preparavam para o combate em solo italiano. Esse momento de revitalização do S.A.R. coincidiu com os preparativos para o envio dos primeiros escalões da FEB à Itália, revelando que a reintrodução do serviço em relação à FEB ocorreu de maneira tardia. Nesse sentido estes sacerdotes se viram diante de uma realidade que requeria uma adaptação rápida às suas novas obrigações.

A seleção e incorporação dos capelães que atuariam no SAR da FEB logo enfrentou alguns desafios: o treinamento dos capelães foi difícil (bem como o da FEB, de forma geral), e heterogêneo. Enquanto alguns sacerdotes tiveram meses de adaptação, outros partiram para o campo de batalha após alguns dias de treinamento. Muitos dos selecionados não possuíam qualquer experiência militar anterior, e os poucos dias de treinamento não eram suficientes para a adaptação tanto ao ambiente castrense quanto à própria função de capelão militares. A partir desses treinamentos, os capelães iniciaram suas atividades enquanto as tropas ainda estavam em fase de preparação no Brasil, dando início a um período de interação e convivência que perduraria até o término da Segunda Guerra.

A atuação dos capelães durante a campanha italiana revelou-se de fundamental evitar superlativos importância para o apoio emocional dos soldados. Com base nos relatórios dos próprios capelães e nos depoimentos dos combatentes, fica evidente que a figura do capelão era valorizada e ativamente procurada. A quantidade de missas celebradas e sacramentos administrados ilustra que as práticas religiosas não foram eclipsadas pelo contexto da guerra entre os soldados brasileiros, mas também aponta para um impulso constante em direção a essas práticas. Esse impulso, muitas vezes, era resultado da constante sombra da morte e do medo

que permeavam os momentos de combate, levando os soldados a buscar amparo religioso, quer fosse por meio de um capelão ou não.

Através da lente dos jogos de escala da micro-história, as trajetórias de Frei Orlando e do Padre Francisco Eloi de Oliveira oferecem detalhes reveladores. Estas trajetórias demonstram que outras tropas, como as britânicas analisadas por Michael Snape e as norte-americanas estudadas por Dorsett, compartilhavam características similares. Entre essas características, destaca-se o aumento da busca por sacramentos, especialmente a confissão, antes dos confrontos, assim como a íntima relação proporcional entre o medo da morte e a procura pelos capelães. Além disso, essas tropas aliadas também partilhavam outros aspectos, como o hábito de portar objetos religiosos, como talismãs de proteção. Através do uso desses objetos e da realização de práticas devocionais, os soldados buscavam atenuar os sentimentos de medo e a proximidade constante da morte.

No entanto, as análises dos relatórios dos capelães brasileiros também apontaram para problemas persistentes. Além da já mencionada questão da adaptação, do medo e da insegurança, que transparecem vividamente em seus relatórios, outros dilemas cruciais surgiram, e entre eles, destacou-se a complexa problemática do transporte. A falta de meios de locomoção adequados para os capelães da SAR constituía uma barreira significativa para a efetiva prestação de seus serviços religiosos aos soldados. A movimentação das tropas durante os meses de operações, caracterizada por avanços e recuos em um cenário instável e dinâmico, agravava ainda mais essa dificuldade. A escassez de recursos, incluindo veículos apropriados e condições de deslocamento confiáveis, limitava consideravelmente a mobilidade dos capelães, impactando diretamente a abrangência e a eficácia de suas ações religiosas junto aos soldados. Paralelamente a essa questão prática, os capelães enfrentavam o desafio de transmitir uma imagem de firmeza e resiliência para os soldados, ao mesmo tempo em que lutavam para se adaptar ao caótico cotidiano de um campo de batalhas na Segunda Guerra Mundial. Seus esforços para equilibrar sua própria fragilidade com a necessidade de ser uma fonte de apoio para os soldados ilustram a dinâmica única que permeava a relação entre os sacerdotes e as tropas.

Portanto, é importante ressaltar que, apesar das dificuldades, a Assistência Religiosa desempenhou um papel importante na manutenção do moral dos soldados brasileiros. Os capelães, por meio de ritos e práticas religiosas não apenas reforçaram o bem-estar físico e psicológico dos soldados, mas também contribuíram para o êxito das operações militares da FEB.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, o SAR foi novamente extinto. No entanto, no ano subsequente, em 1946, o Serviço de Assistência Religiosa foi oficialmente reestabelecido e permanece ativo até os dias atuais, com capelães atuando tanto em tempos de conflito quanto em tempos de paz. Esse renascimento do SAR simboliza a interseção entre a espiritualidade e o âmbito militar. Um caso notável nesse contexto é o do Capelão Frei Orlando, cuja morte no campo de batalha gerou uma complexa teia de memórias e reverências. Grupos diversos disputam sua memória, cada um atribuindo-lhe significados específicos e utilizando sua história como um veículo para propagar diferentes ideais e tradições. Esse culto a Frei Orlando influenciou a criação de tradições católicas dentro do exército, enriquecendo ainda mais a conexão entre religiosidade e serviço militar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A verdade sobre o Integralismo. Frente Integralista Brasileira, 2023. Disponível em: <https://integralismo.org.br/sintese-doutrinaria/a-verdade-sobre-o-integralismo/interpelacao-no-6/>. Acesso em junho de 2023.

ALMEIDA, Marcelo Coelho. **A religião na caserna: o papel do capelão militar**. Dissertação de Mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2006.

AQUINO, Tomás. **Suma Teológica**. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>. Acesso em: maio de 2022.

ATHAIDES, Rafael; Bertonha, João Fábio. O nazismo e as comunidades alemãs no exterior: o caso da América Latina: história, historiografia e guia de referências bibliográficas (1932-2020). **Maringá: Edições Diálogos**, 2021.

AVELAR, Alexandre De Sá. A retomada da biografia histórica: problemas e perspectivas. **Oralidades: Revista de História Oral**, São Paulo, Ano 1, n. p. 45-60, (jan./jun. 2007).

AZZI, Riolando. A Espiritualidade Popular no Brasil: um enfoque histórico, in; **Grande Sinal – Revista de Espiritualidade**, Ano XLVIII – 1994/3

BASTIDE, Roger. **Religion and the Church in Brazil**. New York: The Dryden Press, 1951

BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III, 4 vol. São Paulo: Difel, 1984.

*Blog* O resgate da Força Expedicionária Brasileira. Disponível em: <https://henriquempffeb.blogspot.com/>. Acesso em junho de 2022.

Bondade e religiosidade dos soldados brasileiros. Maux Home Page. Disponível em: <http://www.mauxhomepage.net/geraldomota/feb027.htm>. Acesso em julho de 2022.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da História Oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas: 2006.

BOYCE, Geoff. Models of Chaplaincy: Traditional, Professional, Surrogate, Multifaith. **Journal of the Tertiary Campus Ministry Association**, v. 2, n. 2, p. 38-46, 2005.

BRAGA, Ruben. **Crônicas de guerra na Itália**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**. Civilização Brasileira, 1968.

BRITO, Padre. **Eu fui capelão da FEB**. Rio Grande do Sul: Juventus Ltda, 1947.

BRITO, José Alberto Cerqueira. **O Exército e a política (1930-1945)**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1978.

CARVALHO, Mercês Guimarães et al. **Ex-combatentes do Brasil entre a História e a Memória (1945-2009)**. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

CASTRO, Celso. **A invenção do Exército brasileiro**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2002.

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1980.

Comunidade “A Antiga São João Del Rei”, Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/antigasjdr>

Congregação Para A Educação Católica. A Santa Sé. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_19981005\\_semin\\_proped\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19981005_semin_proped_po.html). Acesso em dezembro de 2022.

DA SILVA, Wilton Carlos Lima. Biografias: construção e reconstrução da memória. **FRONTEIRAS: Revista de História**, v. 11, n. 20, p. 151-166, 2009.

DE AZEVEDO, Thales. Catholicism in Brazil: a personal evaluation. **Thought: Fordham University Quarterly**, v. 28, n. 2, p. 253-274, 1953.

DE CARVALHO, Vinicius Mariano; FERRAZ, Francisco César Alves. Brazil at war: An unexpected, but necessary, ally. *In: The Routledge History of the Second World War*. Routledge: London, 2021.

DE CASTILHO, Maria Augusta. **História, identidade e memória local**. **Albuquerque: revista de história**, v. 1, n. 1, p. 77-104, 2009.

DE MENDONÇA, Carlos Vinícius Costa, et al. Luz, escuridão e penumbra: o Governo Vargas e a Igreja Católica. **Dimensões**, 2011.

DE QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Sociologia- O Catolicismo Rústico no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 5, p. 104-123, 1968.

Decreto-Lei nº 6.535, de 26 de maio de 1944. Diário Oficial da União - Seção 1 - 29/5/1944, Página 9593 (Publicação Original). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>. Acesso em junho de 2022.

DINIZ, Eli. Engenharia institucional e políticas públicas: dos conselhos técnicos às câmaras setoriais. *In Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999

DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DORSETT, Lyle W. **Serving god and country: United States military chaplains in World War II**. Penguin, 2012.

DOTTA, Renato Alencar. **Elementos verdes: os integralistas brasileiros investigados pelo DOPS-SP (1938-1981)**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2016.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. **A história esquecida da Guerra do Paraguai: fome, doenças e penalidades**. Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

Edição comemorativa ao centenário do nascimento de Frei Orlando. Disponível em: <https://en.calameo.com/exercito-brasileiro/read/00123820698cc1f7e0848>. Acesso em: set. 2021.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2ª edição, 2008.

FERRAZ, Francisco César Alves. “Todas as falhas e virtudes desse povo”: considerações sobre a composição racial da Força Expedicionária Brasileira. **Antíteses** 13.25 (2020): 242-277.

FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945 – 2000)**. Londrina: Eduel, 2012.

FERREIRA, Jorge Luiz. **Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)**. São Paulo, 1996.

FIGUEIRA, Jorge. **Homenagem a Frei Orlando, herói Integralista que participou da Segunda Guerra Mundial**. História do Partido de Representação Popular, 2013. Disponível em: <http://historia-do-prp.blogspot.com/2013/02/homenagem-frei-orlando-heroi.html>. Acesso em julho de 2023.

FLORES, Rodrigo Musto. Memória e espaço público: a construção da Memória da FEB em Juiz De Fora – MG. **Revista Latino-Americana de História**, vol. 9, nº. 23, jan./jul. de 2020.

GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. In: **O fio e os rastros; verdadeiro, falso e fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico. **A Micro-História e outros ensaios**. Tradução de António Narino. Lisboa: DIFEL, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes; o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONÇALVES, Leandro Pereira; NETO, Odilon Caldeira. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Editora FGV, 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HILTON, Stanley E. **Hitler's Secret War in South America, 1939–1945: German Military Espionage and Allied Counterespionage in Brazil**. LSU Press, 1999.

Histórico da Revista Verde-Oliva. Disponível em: <https://www.eb.mil.br/web/noticias-e-multimedia/revista-verde-oliva/historico>. Acesso em set. 2022.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (org). **A Invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

HOORNAERT, Eduardo et al. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: primeira época, Período colonial**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HOORNAERT, Eduardo. **A Igreja no Brasil-Colônia (1550-1800)**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800**. Petrópolis: Vozes, 1974.

HOUTART, François. Les conditions de la pastorale dans les grandes villes de l’Amérique Latine. **Social Compass**, Vol. V, nº 5-6. Haya, Holanda,

Imagens das manifestações disponíveis em <http://cpdoc.fgv.br>. Acesso em novembro de 2021.

ISAIA, Artur C. **Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd’hui. **Le Débat: Paris**, n. 54, mar/abr, 1989.

LEITE, Fábio Carvalho. O Laicismo e outros exageros sobre a Primeira República no Brasil. **Religião & Sociedade**, v. 31, p. 32-60, 2011

LIMA, Rogério de Carvalho. **Capelães da FEB: A participação histórica da capelania militar do Exército Brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial. (1944-1945)**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 2021.

LINS, M. L. F. **A Força Expedicionária Brasileira, uma tentativa de interpretação**. São Paulo: Editoras Unidas, 1975.

Livro Bíblico de Deuteronômio 20:2-4.

Livro Bíblico de Isaías, 13:4.

LUSTOSA, Oscar Figueiredo. A Igreja e o Integralismo no Brasil 1931-1939 (notas e indicações). **Revista de História**, v. 54, n. 108, p. 503-532, 1976.

MACEDO, Josué Campos. **Capelania evangélica militar no Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: [s.n], 1994.

MANCUSO, Amanda Pinheiro. A História Militar: notas sobre o desenvolvimento do campo e a contribuição da História Cultural. **Revista História em Reflexão**: Vol. 2 n. 4- UFGD, 2009.

MARCHI, Euclides. O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades. In: **História: Questões & Debates**, Editora UFPR: Curitiba, n. 43, 2005.

MARTINS, Alexandre, c. m. **O frei congregado que foi para o front na Segunda Guerra**. Confederação Nacional das Congregações Marianas do Brasil, 2020. Disponível em:

<https://cncmb.org.br/frei-orlando-capelao.html?cn-reloaded=1&cn-reloaded=1>. Acesso em julho de 2023.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **A Legião Brasileira de Assistência e a Assistência Religiosa na FEB (1942-1945)**. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. Grua, 2010.

MCCANN, Frank D. **Soldados da pátria: História do Exército Brasileiro (1889-1937)**. Biblioteca do Exército: Rio de Janeiro, 2009.

MORAES, J. B. Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. Rio de Janeiro: Imprensa no Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, 1960, 2ª edição.

MOTTA, Aricildes de Moraes. **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, v. 6, 2001a.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. 2000. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana**. Brasiliense, 1984.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 23 p. 261-279, 2008.

NETO, Anysio Henriques Neto. **A religião no exército brasileiro: memória e plausibilidade na identidade dos soldados da FEB a partir da experiência de guerra**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) –Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

NORA, Pierre; AUN KHOURY, Tradução: Yara. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 2012.

OLIVEIRA FILHO, Sergio Willian de Castro. Entre a cruz e a esquadra: Os capelães da Armada Imperial Brasileira na Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai. **Faces de Clio**, v. 7, n. 14, p. 160-188, 2021.

PALHARES, Gentil. **De São João del-Rei ao Vale do Pó**. Biblioteca do Exército, 1957

PALHARES, Gentil. **Frei Orlando: O capelão que não voltou**. Editoras Associadas do Brasil, 1969.

PANDOLFI, Dulce Chaves. **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PEGORARO, Celbi Vagner. O Cinema de Animação: Uma nova fronteira nos estudos da comunicação. **Revista ECO-Pós**, v. 15, n. 1, p. 147-157, 2012.

PEREIRA, José Carlos. **Devoções Marginais: interfaces do imaginário religioso**. Porto Alegre: Zouk, 2005.

PINHEIRO, Leticia. **A entrada do Brasil na segunda guerra mundial**. *Revista USP*, n. 26, p. 108-119, 1995.

PIOVEZAN, Adriane. **A Assistência Religiosa na Guerra: O serviço de capelania militar no Brasil**. Anais do IV Simpósio do GT História das Religiões e das Religiosidades da Associação Nacional de História Regional. **Religiões, religiosidades e patrimônio cultural**. Joinville, 2015a.

PIOVEZAN, Adriane. Literatura religiosa nas trincheiras: O Manual de Orações do Soldado Brasileiro. **História, histórias**, v. 2, n. 4, p. 102-118, 2014b.

PIOVEZAN, Adriane. **Morrer na guerra: instituições, ritos e devoções do Brasil (1944-1967)**. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014a.

POEL, Francisco Van der. **Dicionário da Religiosidade Popular**. Curitiba: 2013.

REMARQUE, Erich Maria. **Nada de Novo no Front**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

REVEL, Jaques. História ao rés-do-chão. In: LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista do Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

RODRIGUES, Fernando da Silva; PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes (Orgs.). **Uma tragédia americana: a Guerra do Paraguai sob novos olhares**. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

S. Margarida Maria Alacoque, virgem, da Ordem da visitação. Vatican News. Acesso em janeiro de 2022.

SÁEZ, Oscar Calavia. "O que os santos podem fazer pela antropologia?". **Revista Religião e Sociedade**, v.29, n.2, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/rmXN6Px4wVXD6zXSkvtFxZk/>.

SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas**. Editora Objetiva, 2007.

SANTOS, Magno Francisco. Entre raios de fogo e giros de sol: Videntes de aparições marianas e os escritos de mensagens anticomunistas (Brasil e Portugal). **Revista Cultura & Religião**, v. 11, n. 2, p. 150-171, 2017.

SCHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. **Anos 90**, v. 4, n. 6, p. 165-192, 1996.

SCHNEIDER, Jacob Emílio. **Vivência de um ex-capelão da FEB**. Edições Rosário, 1983

SETO, Guilherme. **Deputado integralista propõe homenagens a Enéas e frei que morreu na Segunda Guerra**. Folha de São Paulo, 2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2023/04/deputado-integralista-propoe-homenagens-a-eneas-e-frei-que-morreu-na-segunda-guerra.shtml>

SGANZELA, Alfredo. **A história do Frei Mariano de Bagnaia: o missionário do pantanal**. Campo Grande: FUCMT, 1992.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **Cruzes Brancas: Diário de um Pracinha**. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1963.

SOUZA, Túlio Campelo de. Instantâneos de um Tenente em Campanha in: **Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB**. São Paulo: IPE, 1949.

St. Martin of Tours. Catholic *Online*. Disponível em: [https://www.catholic.org/saints/saint.php?saint\\_id=81](https://www.catholic.org/saints/saint.php?saint_id=81). Acesso em junho de 2022.

Trecho da Canção do Expedicionário. Letra: Guilherme de Almeida Música: Spartaco Rossi, disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/>. Acesso em: dez. 2021.

Lista de Fontes Consultadas:

Arquivo Histórico do Exército – Rio de Janeiro (RJ)

- a) Arquivo da Seção Especial – Relatório do Serviço Religioso da FEB.
- b) Arquivo do Serviço Religioso 1ª DIE – Redações diversas
- c) Arquivo do Serviço Religioso 1ª DIE – Guias de Recolhimento
- d) Arquivo do Serviço Religioso 1ª DIE – Telegramas Recebidos
- e) Arquivo do Serviço Religioso 1ª DIE – Documentos recebidos diversos
- f) Arquivo do Serviço Religioso 1ª DIE- Documentos Recebidos dos 1, 6º, 11º Regimento de Infantaria, A.D., 1º, 2º 3º e 4º grupo.
- g) Arquivo do Serviço Religioso 1ª DIE Relatório dos capelães do 2º, 5º e 4º Grupo Art. 16 11º Regimento de Infantaria
- h) Arquivo do Serviço Religioso 1ª DIE - Relatório dos capelães.
- i) Arquivo do Serviço Religioso 1ª DIE - Documentos Expedidos
- j) Arquivo do Serviço Religioso 1ª DIE - Telegramas expedidos
- k) Arquivo do Serviço Religioso 1ª DIE – Relatório sobre o capelão
- l) Arquivo do Serviço Religioso 1ª DIE – Ficha de Capelães Militares
- m) Arquivo do Serviço Religioso 1ª DIE - Fichas alterações dos capelães militares
- n) Relatórios do Pelotão de Sepultamentos.

Memorial Santiaguense -Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago:

- a) Pasta Biografia Monsenhor Francisco Eloi de Oliveira- Patrono do IHGST.
- b) Acervo exposto
- c) fotografias